UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA

LEOPOLDO KATSUKI HIRAMA

ALGO PARA ALÉM DE TIRAR AS CRIANÇAS DA RUA:

a Pedagogia do Esporte em projetos sócioeducativos

Campinas
2008

LEOPOLDO KATSUKI HIRAMA

ALGO PARA ALÉM DE TIRAR AS CRIANÇAS DA RUA:

a Pedagogia do Esporte em projetos socioeducativos

Dissertação de Mestrado apresentada à Pós-Graduação da Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas para obtenção do título de Mestre em Educação Física.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Cesar Montagner

Campinas
2008

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA FEF - UNICAMP

H613a

Hirama, Leopoldo Katsuki.
Algo para além de tirar as crianças da rua: a Pedagogia do Esporte em projetos socioeducativos / Leopoldo Katsuki Hirama. -- Campinas, SP: [s.n], 2008.

Orientador: Paulo Cesar Montagner.
Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas.

1. Organizações não governamentais. 2. Movimentos sociais. 3. Esportes-Aspectos sociais. 4. Favelas. 5. Comunidade. 6. Educação. I. Montagner, Paulo Cesar. II. Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física. III. Título.

(dilsa/fef)

Título em inglês: Something besides to take away the children of the street: the Pedagogy of the sport in social-educational projects**.**
Palavras-chave em inglês (Keywords): Non-governmental organization; Social movements; Sports-Social aspects; Slums; Community; Education.
Área de Concentração: Ciência do Desporto.
Titulação: Mestrado em Educação Física.
Banca Examinadora: Olga de Morais von Simson. Jocimar Daolio.
Data da defesa: 17/09/2008.

3

LEOPOLDO KATSUKI HIRAMA

ALGO PARA ALÉM DE TIRAR AS CRIANÇAS DA RUA:

a Pedagogia do Esporte em projetos socioeducativos

Este exemplar corresponde à redação final da Dissertação de Mestrado defendida por Leopoldo Katsuki Hirama e aprovada pela Comissão julgadora em: 17/09/2008.

Prof. Dr. Paulo César Montagner
Orientador

Campinas
2008

4

COMISSÃO JULGADORA

Prof. Dr. Paulo César Montagner
Orientador

Profa. Dra. Olga de Moraes von Simson

Prof. Dr. Jocimar Daólio

Agradecimentos

Além de dedicar este estudo a DEUS, inicio meu agradecimento a ELE também, por acreditar que tudo me foi possível através de SUA vontade.

Sigo agradecendo aos meus mestres, começando pelo prof. Cesinha, pela coragem de me aceitar como orientando após tanto tempo afastado da academia, aos Professores Jocimar Daólio e Olga de Morais Von Simson pela disponibilidade, atenção e compartilhamento de seus conhecimentos e a Dulce Inês Leocádio dos Santos Augusto pela presença e ajuda constante.

Obrigado à comunidade de Heliópolis, especialmente a seus jovens, pelos corações tão generosos e amigos.

Agradeço aos meus filhos queridos, Felipe e Gregório por serem tão compreensivos e amorosos.

Aos meus pais amados, Mikio e Marlene, que forjaram os valores positivos que levo comigo.

A minha querida esposa Cássia, por ser minha incansável incentivadora e por seu Amor que ajuda a sustentar meus sonhos.

E por todos os amigos, irmãos de caminhos, que tenho a oportunidade de conviver e aprender.

Muito obrigado!

Fiquem com Deus!

Léo

HIRAMA. Leopoldo Katsuki. Algo para além de tirar as crianças da rua: a Pedagogia do Esporte em projetos socioeducativos. 2008. 365p. Dissertação (Mestrado em Educação Física)-Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.

RESUMO

O crescimento do número e intervenções das ONGs (organizações não-governamentais) no cenário nacional destaca uma outra área de desenvolvimento do esporte. Chamado esporte social ou educacional, ele é tratado como ferramenta que contribui para a formação do público foco, sejam crianças, adolescentes, adultos ou velhos em projetos sociais. Investigar qual o tratamento pedagógico indicado que este esporte pode sofrer e quais características a serem consideradas ao se planejar um programa social através do esporte foram os objetivos desta pesquisa. Orientando-se pela etnografia e utilizando-se da metodologia da história oral, foi foco do estudo o impacto sobre a vida de um grupo de jovens moradores da comunidade de Heliópolis que participaram de um projeto socioeducativo que utilizava o esporte como eixo norteador entre os anos de 2003 a 2005.

Palavras-chaves: Educador Social; Projeto Socioeducativo; Esporte Social; Comunidades Periféricas; Favela; Pedagogia do Esporte, História Oral, Terceiro Setor.

HIRAMA. Leopoldo Katsuki. Algo para além de tirar as crianças da rua: a Pedagogia do Esporte em projetos socioeducativos. 2008. 365 p. Dissertação (Mestrado em Educação Física)-Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.

ABSTRACT

The growth of NGOs (Non-Governmental Organizations) units and interventions, considering the Brazilian scenario, brings out another area of sports. Known as social or educational sport, it is regarded as an instrument that contributes to the development of its public – which can be children, teenagers, adults or old people – in social projects. Investigating which pedagogic treatment the sport should get and which characteristics should be considered in order to plan a social program through sport were the goals of this research. Oriented by ethnography and making use of oral history methodology, the focus of the study was the impact on the life of a young people group from Heliópolis community brought by their participation in a social-educational project that used sports as main basis between years 2003 and 2005.

Keywords: Social Educator; Social-educational Project; Social Sport; Peripheral Communities; Slum; Sports Pedagogy, Oral History, Third Sector.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 -	Vista aérea da “favela” de Heliópolis 1.	17
Figura 2 -	Vista aérea parte da “favela” de Heliópolis 2.	17
Figura 3 -	Vista aérea parte da “favela” de Heliópolis 3.	17
Figura 4 -	Jovens confeccionando redes.	89
Figura 5 -	Adaptação de materiais, regras e espaço: o apelidado Vôlei-Beco.	89

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

CEM	Centro de Estudos da Metrópole
CJ	Centro da Juventude
FEF	Faculdade de Educação Física
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
J	Jovem
JN	Jovem de nova geração
L	Liderança comunitária
M	Mãe
NSE	Núcleo Socioeducativo
P	Pesquisador
ED	Educador
UNAS	União dos Núcleos de Ação Social de Heliópolis
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
UNICAMP	Universidade Estadual de Campinas
UNICEF	Fundo das Nações Unidas para a Infância

SUMÁRIO

Apresentação..... 13
Introdução 15
Capítulo I: O terceiro setor: panorama, conceitos e concepções..... 21
1- Terceiro Setor e as Organizações Não-Governamentais..... 21
1.1 Origem..... 21
1.2 Características..... 23
1.3 Objetivos do terceiro setor..... 26
1.4 Os números do terceiro setor..... 27
2- Terceiro setor e a educação não-formal..... 28
3- Projeto social: divergências e controvérsias..... 31
Capítulo II: A pedagogia do esporte e projetos socioeducativos..... 37
1- Conceitos do esporte contemporâneo..... 37
2- Efeitos negativos do esporte..... 38
3- O conceito de pedagogia..... 41
4- O esporte a ser tratado: reflexões introdutórias..... 42
Capítulo III: Metodologia..... 53
1- A abordagem etnográfica..... 53
2- A história oral..... 57
3- Panorama dos entrevistados..... 61
3.1- Jovens participantes do projeto..... 61
3.2- Jovens de geração mais recente participantes do projeto..... 63
3.3- Mães dos jovens participantes do projeto..... 64
3.4- Professores do projeto..... 64
3.5- Liderança da comunidade..... 65
4- Perfil dos entrevistados..... 66
Capítulo IV: Minhas memórias..... 71
1- Crianças e jovens da "favela": quais problemas tratar..... 71
2- As lembranças mais significativas..... 74

2.1- Heliópolis..... 74
2.2- A chegada..... 75
2.3- Os adolescentes..... 76
2.4- A violência..... 77
2.5- A Educação Formal..... 79
2.6- O esporte e a formação..... 80
Capítulo V: A voz dos envolvidos: as vozes subterrâneas..... 93
1- Crescer em Heliópolis..... 93
1.1- Um breve perfil das moradias: a casa, vizinhança e suas influências no cotidiano 94
1.2- Convivendo com a violência 98
1.3- As mães contra a violência: o isolamento..... 99
1.4- A educação formal..... 102
1.5- O "coitadinho da favela"..... 103
1.6- Diferenças entre gêneros..... 104
2- Memórias do projeto esportivo..... 107
2.1- O ensino do esporte de forma continuada e profunda..... 108
2.2- Proximidade na relação Educador/educando..... 120
2.3- O Sentimento de Pertencimento..... 124
2.4- A situação atual do projeto..... 129
Considerações finais: buscando-se respostas ou mais questionamentos..... 135
Referências bibliográficas..... 139
Anexos 146
Anexo 1 146
Anexo 2 147
Anexo 3 349

Apresentação: motivações do autor

Após trabalhar com esporte competitivo como técnico de voleibol durante mais de uma década, percebi variadas possibilidades para contribuir com a formação pessoal dos jovens atletas. A seletividade nas modalidades competitivas, na busca por jovens com perfil considerado mais adequado às modalidades como, por exemplo, a estatura no voleibol, provoca a exclusão de muitos jovens que mesmo dispostos a se comprometerem com várias sessões de treinamento por semana, não conseguem espaço para seu desenvolvimento. Diante deste problema, montei junto com outros educadores[1] uma ONG (Organização Não-Governamental) que buscava oferecer oportunidades de aprendizado através do esporte, tendo como público principal jovens sem acesso aos clubes e escolas esportivas do município de Campinas.

Foi nesta instituição que vivi muitas experiências ricas que me proporcionaram conhecimento para ser convidado a trabalhar em um projeto social mais amplo na cidade de São Paulo, em uma grande comunidade periférica.

Em dezembro de 2002 fui contratado para aquela que seria minha maior viagem profissional. No mês seguinte, estava conhecendo a comunidade de Heliópolis, a maior "favela" [2] do estado de São Paulo.

Lá estavam cerca de 440 crianças e jovens de 7 a 15 anos, que há oito meses participavam do programa que tem o esporte como eixo norteador.

Apesar de ter crescido no mesmo município e também na periferia, os três anos que passei por lá, trabalhando e morando no bairro representaram momentos únicos, particulares daquele ambiente.

---

[1] Decidi utilizar a denominação educador e educando substituindo as palavras professor e aluno devido aos primeiros termos serem comumente utilizados no terceiro setor.

[2] A denominação "favela" aparece entre aspas, pois geralmente vem carregada de sentido pejorativo, o que não reflete a intenção de sua utilização neste estudo. Seu uso é justificado por ser uma palavra bastante conhecida, aparecendo inclusive em produções científicas e pelo fato da comunidade foco do estudo ser chamada comumente de *favela de Heliópolis*, inclusive por seus próprios moradores. Segundo o novo dicionário Aurélio, favela significa conjunto de habitações populares toscamente construídas e desprovidas de recursos higiênicos. No entanto, em Heliópolis, muitas construções apresentam fundações sólidas, algumas com vários andares e recursos higiênicos. No entanto, regiões com estas mesmas características mantêm a denominação de "favelas", provavelmente por suas origens.

Foram muitos os desafios para implantar um projeto educacional tendo como eixo o esporte. Entre as grandes dificuldades, adequar a pedagogia ao contexto social em que as crianças e jovens estavam inseridos foi destaque.

De que esporte tratar?

Quais as possibilidades de contribuição que poderíamos oferecer?

Quais as carências que poderíamos buscar minimizar?

De forma empírica, realizada principalmente a partir da sensibilidade dos profissionais do projeto, montou-se e aplicou-se um plano de ação que estava em constante movimento.

Desde a primeira oportunidade de trabalhar com jovens em situação de risco na ONG que montamos até hoje já se passaram mais de uma década de experiência. Neste período tive a oportunidade de perceber que não existe clareza nos objetivos a serem trabalhados através do eixo esportivo nos diversos projetos socioeducativos que conheci. Talvez exista um consenso quando se afirma que o esporte tem o poder de atrair as crianças e adolescentes. “Tirar das ruas!” é a afirmação mais utilizada. Mas o que fazer a partir deste ponto? O que trabalhar? Como? Por quê? Garcia (2005, p. 24) confirma a proposta de alguns projetos de oferecimento de atividades com o objetivo de “passar o tempo, ocupar a cabeça”.

Espero, através da investigação da intervenção e dos significados atribuídos pelos jovens participantes do projeto e posterior análise destes dados, relacionando-os com os referenciais teóricos, orientados pela metodologia científica adotada, caminhar na direção de respostas mais profundas e consistentes às questões anteriores.

Também espero contribuir para o processo de empoderamento da própria comunidade de Heliópolis, através das informações colhidas, analisadas e a ela devolvidas, a fim de que possam se utilizar da pesquisa para a constante luta de seus moradores por melhorias na qualidade de vida e serviços que lhes são oferecidos. Durante os anos em que trabalhei por lá, sempre foi dada atenção especial à autonomia dos jovens e à continuidade do projeto por eles próprios. No entanto, as divergências entre seus desejos e as orientações muitas vezes ditadas por pessoas que não conheciam e compreendiam as relações dentro da localidade, eram constantes e acredito sempre serão. Portanto espero que este estudo contribua para, como defende a metodologia escolhida e que será detalhada adiante, dar voz aos que em geral não são escutados, oferecendo-lhes instrumento que possa registrar e exprimir seus pensamentos, desejos e sentimentos.

Introdução: o projeto de pesquisa

A população jovem em situação de risco do Brasil se reflete em números significativos. Segundo a UNICEF[3] (Fundo das Nações Unidas para a Infância) são 62 milhões de jovens com menos de 18 anos, dos quais 27,6% é pobre. Entre 12 a 18 anos são 21 milhões de adolescentes dos quais apenas 59% terminam o ensino fundamental e 40% o ensino médio.

Tais números ajudam a ilustrar o universo de jovens que vivem alguma forma de exclusão ou dificuldade em sua formação, espaço no qual as instituições do terceiro setor, em geral, buscam atuar.

Apesar desta atenção dada aos projetos sociais, do aumento dos investimentos e ações no terceiro setor assim como a importância e responsabilidade atribuída aos programas nas ONGs, (com destaque aos que atuam tendo como eixo norteador o esporte) ao procurar referências teóricas, estudos científicos que pudessem balizar este estudo, percebeu-se que existe uma grande carência. O material encontrado sobre o tema, em sua maioria, versava sobre a descrição de programas realizados ou as bases fundamentais a serem seguidas, sempre de maneira generalizada.

Como este setor já se configura como um importante meio de intervenção na formação dos cidadãos brasileiros, já confirmada sua presença e ação, acredita-se ser necessário estudos nas especificidades de suas diferentes áreas de atuação em busca da melhoria da qualidade dos serviços prestados. Segundo dados do IBGE[4], em 2002 totalizavam 26.894 entidades sem fins lucrativos que se classificavam como atuantes na área de esporte e recreação no Brasil.

O fenômeno das ações das ONGs está a cada dia mais presente no cotidiano da população. Nos Jogos Panamericanos do Rio, em julho de 2007, houve grande divulgação sobre os trabalhos realizados por instituições sem fins lucrativos, principalmente os que são mantidos ou organizados por atletas ou ex-atletas de renome, como a Fundação Gol de Letra fundada pelos ex-jogadores de futebol Raí e Leonardo, o Instituto Guga Kuerten, do tenista de mesmo nome ou ainda o trabalho do judoca Flávio Canto com crianças e jovens das "favelas" do Rio de Janeiro.

---

[3] Informações retiradas do site: www.unicef.org.br

[4] IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). As fundações privadas e associações sem fins lucrativos no Brasil 2002/IBGE, Gerência do cadastro central de empresas. Rio de Janeiro, 2004.

A participação e o sucesso de atletas panamericanos que iniciaram a prática esportiva em ONGs também recebeu atenção da mídia. O primeiro medalhista de ouro brasileiro nesta edição do Jogos, o atleta Diogo Silva, do taekwondo, iniciou sua trajetória esportiva em um projeto social. Outro medalhista de ouro, o atleta Edson Isaías da Silva, da canoagem, também começou a praticar a modalidade em uma ONG.

Mesmo não sendo declarada a formação de atletas de alto rendimento como objetivo das ONGs, é fato que muitos talentos são iniciados pelo trabalho social. Segundo a própria Hortência, ex-jogadora de basquetebol, campeã mundial e vice-campeã olímpica, que durante os Jogos Panamericanos, defendia o incentivo fiscal para projetos socioeducativos que atuam com o esporte, afirmou em diversos meios de comunicação[5] que ela própria iniciou a prática esportiva em um projeto social.

Não somente os destaques esportivos em competições de alto-rendimento foram divulgados, como também exemplos de jovens que afirmam ter mudado os rumos de sua vida por causa da vivência esportiva nos projetos[6].

> Tudo começou em 2000, quando o projeto Educação Criança e Futuro foi inserido na comunidade. Eu comecei a participar do projeto como aluno e virei monitor. Em 2006, eu me tornei Professor e hoje eu estou dando aula em um novo pólo, na Ilha do Governador. (Rodrigo Borges, morador da "favela" da Rocinha, R.J., judoca do projeto organizado pelo atleta Flávio Canto)

> O esporte me deu o direito de estudar em colégios bons, vou poder estudar em uma faculdade. Além disso, me trouxe disciplina e me afastou de drogas e bebidas. (Aline Torres, atleta da Vila Olímpica da Mangueira)

Este estudo tem como público-alvo, jovens também participantes de um projeto socioeducativo que utilizava o voleibol como eixo norteador. Este projeto se localiza na favela de Heliópolis, que pelos seus números estatísticos podem oferecer uma representação de um universo ímpar.

[5] Extraído do site www.globo.com e www.diário.com.br
[6] Extraído do site www.globo.com/rjtv, na sessão globo comunidade.

A "favela" de Heliópolis pertence à zona sul da cidade de São Paulo, e está localizada no bairro do Sacomã. Originou-se a partir de uma desocupação, realizada pela prefeitura no bairro de Vila Prudente, no início da década de 70. Desde então a comunidade tem crescido acentuadamente, sendo considerada a maior do Estado de São Paulo em número de habitantes. Estima-se que atualmente vivem, em uma área de apenas 1 km² (demarcada na fig.1 em branco), cerca de 120 mil habitantes, o que representa uma das maiores densidades demográficas do continente.

Os participantes da pesquisa freqüentaram o núcleo socioeducativo do programa da Prefeitura de São Paulo que teve origem na década de 70 no Projeto Menor Trabalhador de Rua (1973), que na época buscava ser uma opção de não internação para crianças com desvios de

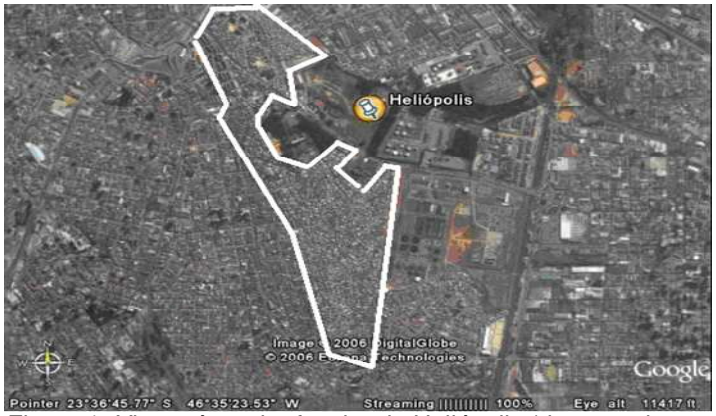


Figura 1- Vista aérea da "favela" de Heliópolis (demarcada em branco pelo pesquisador) Fonte: Na internet pelo programa google earth retirada em julho de 2006.

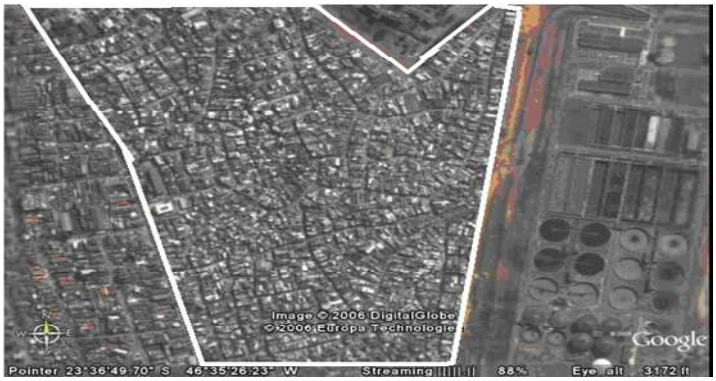


Figura 2- vista aérea parte da "favela" de Heliópolis. Do lado esquerdo, bairro e classe média e direito, estação de tratamento de água.(demarcado pelo pesquisador. Fonte: Na internet pelo programa google earth retirada em julho de 2006.



Figura 3- vista aérea parte da "favela" de Heliópolis. No destaque com contorno em branco indicado pela seta o Núcleo Socioeducativo estudado. Fonte: Na internet pelo programa google earth retirada em Janeiro de 2007

comportamento, pois havia grande pressão da população contra os maus tratos sofridos nas FEBEMs (Fundação Estadual para o Bem–Estar do Menor). Este projeto foi sofrendo adequações, passando a ser conhecido por designações diferentes como Atividade Menor Trabalhador de Rua (1975) e Projeto Orientação Sócio-Educativa ao Menor- OSEM (1977) adotando uma linha de prevenção em vez da internação e atendendo as crianças e adolescentes das camadas populares de forma a evitar seu abandono.

Em 1986 os núcleos passaram a se chamar Centros da Juventude - CJs, mantendo a linha anterior somando-se a intenção de proporcionar reforço escolar. Em 1999 mudou-se para Espaços Gente Jovem - EGJs e em 2004, Núcleos Socioeducativos - NSE. Tais alterações se relacionam principalmente com as mudanças de gestão municipal, pois internamente pouco se alterou desde os CJs. (SOUZA, 2002, p. 25)

Cada NSE pode e é estimulado a ser formado em parceria com organizações não-governamentais (ONGs) como associações de bairros e com a iniciativa privada. No núcleo Heliópolis a parceria acontece com a UNAS (União dos Núcleos de Ação Social de Heliópolis e São João Clímaco), Sociedade Amigos de Heliópolis e uma outra ONG dirigida por uma ex-atleta de voleibol e patrocinada por uma empresa privada . Este projeto específico com o esporte, no qual os jovens foco deste estudo participaram, tem atualmente uma abrangência que envolve diretamente três estados, Paraná, onde se originou, São Paulo e mais recentemente, Rio de Janeiro totalizando 45 núcleos.

Os trabalhos do núcleo Heliópolis iniciaram-se em 2002 com 200 educandos, entrando em expansão para um total de 440 com idades entre 7 a 15 anos a partir do 2º. ano de atividade. No início de 2004 foi aberto um núcleo broto (núcleo menor atrelado ao núcleo principal), em uma escola municipal situada no entorno somando-se mais 200 vagas.

Eram oferecidas aulas de voleibol duas vezes por semana, com duração de 1 hora cada, além de atividades extras como teatro, campanhas de solidariedade e de participação na comunidade.

O apoio da empresa privada foi fundamental na estruturação e manutenção das atividades. Iniciou-se com o investimento na construção de uma quadra coberta, onde originalmente existia um espaço conquistado pela Associação dos Moradores, que consistia em terreno de algumas moradias desocupadas e derrubadas. A quadra ocupou todo este espaço e continha uma quadra

com dimensões reduzidas de futsal e voleibol, dois vestiários, mezanino e pequeno depósito de materiais.

A compra de materiais esportivos, manutenção dos equipamentos, uniformes, salários de educadores, coordenadores e estagiários do projeto de voleibol eram provenientes da empresa privada e eram administrados pela ONG dirigida por uma ex-atleta profissional de voleibol. Obviamente a empresa esperava retorno deste investimento através do marketing, agregando valor de empresa socialmente responsável, ao divulgar seus trabalhos na comunidade.

O objetivo principal do projeto para a ONG, responsável pedagógico pelas ações, era a de contribuir para a formação cidadã dos jovens esperando ser capaz de transformar sua realidade e a da comunidade em que viviam, utilizando-se como eixo norteador o esporte, mais especificamente o voleibol. Como objetivos específicos, estavam a ampliação do universo cultural dos educandos, desenvolvimento de conhecimentos voltados para a manutenção da saúde, contribuir para a formação do jovem enquanto cidadão crítico, participante e transformador de sua realidade, oportunizar a formação profissional em áreas sociais, de educação e de saúde, desenvolver competências e habilidades psicomotoras, sócio-afetivas e cognitivas, promover a integração do programa com as comunidades local e escolar.

Até o período em que o pesquisador estava atuando no projeto aconteciam torneios competitivos que se realizavam em três etapas. A primeira dentro dos próprios, onde todos os educandos participavam. A segunda, em nível regional, reuniam-se os educandos classificados por qualidade técnica no esporte e merecimento alcançado pelo compromisso e esforço nas atividades propostas, em um torneio estadual. Por fim, os classificados representariam os núcleos e seu estado na etapa nacional, realizado na cidade de Curitiba.

O grupo foco da pesquisa foi formado por 30 adolescentes de 15 e 16 anos, que freqüentaram treinamentos da modalidade e participaram de muitas outras ações a partir do esporte, entre o início de 2003 até final de 2005. Estes jovens foram escolhidos por terem sido pioneiros em diversas ações através da proposta esportiva dentro e fora do espaço do projeto.

Apresentado o ambiente e personagens, segue-se para as bases metodológicas da pesquisa, orientando-se pela etnografia e utilizando-se da metodologia da história oral buscou-se reconstruir as memórias dos jovens, educadores, mães e lideranças, confrontando-as com a do próprio pesquisador que vivenciou o processo como educador do projeto. Relacionando-se tais dados com as referências teóricas levantadas, pretendeu-se alcançar como objetivos:

1- Através do estudo de caso, levantar características relevantes da comunidade em sua complexidade e também relacionadas à inserção do projeto socioeducativo na mesma.

2- Compreender as transformações vividas em seu cotidiano, pelos jovens que se integraram ao projeto, no período enfocado e na contemporaneidade.

3-Descobrir os significados da cultura local que permitam contribuir para a estruturação de projetos socioeducativos que possuam o esporte como eixo norteador.

Entende-se por significados a busca por uma interpretação da teia de relações ocorridas na comunidade estudada, levando-se em conta as motivações, tensões e emoções que dinamizam as ações do local.

Capítulo I - O terceiro setor: panorama, conceitos e concepções

Para melhor ilustrar o ambiente do estudo, decidiu-se por apresentar os conceitos e concepções do que é o terceiro setor. O objetivo central deste capítulo é oferecer um panorama geral partindo deste âmbito maior, seguindo para seus componentes, as ONGs, chegando à especificidade dos projetos socioeducativos que atuam com o esporte como eixo principal de intervenção.

Finaliza-se o capítulo com as características específicas da "favela" de Heliópolis, desde sua formação até os detalhes do grupo de jovens envolvidos na pesquisa.

1- Terceiro Setor e as Organizações Não-Governamentais

Na busca pela conceituação deste setor, encontrou-se diversas concepções, advindas, segundo a própria bibliografia, da juventude do fenômeno.

Desta forma busca-se neste capítulo a apresentação de aproximações de vários autores que versam sobre o terceiro setor.

1.1 Origem

Segundo Thompson (2005, p.43) o surgimento do terceiro setor aconteceu entre as décadas de 1960 e 1970 agindo em oposição ao autoritarismo:

> Haviam surgido em um contexto de regimes militares, como alternativa ao fechamento do sistema político e seu principal propósito era o de manter espaços de ação cidadã e de defesa de certos valores democráticos.

Também na mesma época surgiram organizações internacionais que buscavam promover projetos de desenvolvimento no Terceiro Mundo, incluindo o Brasil. (Fernandes, 2005)

Anteriormente, existiam apenas dois setores, o governo e a sociedade civil sendo que nesta última estava incluído o mercado. As lutas contra o militarismo e a pressão da produção e do lucro, característica do mercado, destacaram estas organizações civis contribuindo para a formação do Terceiro Setor.

Desta forma, atualmente se considera o Estado como Primeiro Setor, o mercado como Segundo Setor e as organizações não-governamentais com sentido público, como Terceiro Setor. (Gohn, 2001). Segunda a mesma autora, o terceiro setor surge em diversos paises com significados atrelados aos seus sentidos históricos diferenciados, mas em torno de ações como voluntariado, mecenato, caridade e filantropia.

Segundo Gohn (2001, p. 82), após a Segunda Guerra Mundial surgem as ONGs que se diversificaram em variados setores de atuação e se identificam como parte do terceiro setor:

> As ONGs estão mudando de nome para simplesmente terceiro setor. Para uns trata-se apenas de mais uma forma de exploração da força de trabalho, uma resposta das elites à organização e mobilização sindical e popular dos anos 80, bem assim como parte das estratégias neoliberais para desobrigar o Estado de atuar na área social. Para outros, o terceiro setor é algo realmente novo, pois o Estado não consegue mais penetrar nas microesferas da sociedade. Ele só saberia atuar no nível macro, e as políticas públicas necessitam de mediadores para serem efetivas. Quanto ao poder local, o terceiro setor estaria contribuindo para o desenvolvimento de novas formas de associativismo.

É possível concordar com a autora quando afirma que as ONGs conseguem penetrar nas microesferas da sociedade, identificando-se com o projeto foco deste estudo, pois a ação do Estado neste espaço foi sempre de parceiro, oferecendo algum apoio material e financeiro mas contando com a mediação das associações locais para o andamento dos serviços prestados.

1.2 Características

A bibliografia indica como sendo uma das características mais marcantes do Terceiro Setor o caráter voluntário, de ações filantrópicas e de senso comunitário, desde sua origem, permanecendo até a atualidade. Tendo tais características como norteadoras Fernandes (2005) descreve algumas razões que se manifestam nas organizações não-governamentais:

1-Fazem contraponto às ações do governo. Os serviços públicos como educação, saúde, tecnologia, não são atribuições somente do governo.

2-Fazem contraponto às ações do mercado. O mercado gera demandas que ele próprio não consegue satisfazer e que o terceiro setor está assumindo, como, por exemplo, a privatização da educação que eleva o custo pela qualidade de ensino, que o governo também não é capaz de suprir.

3-Empresta um sentido maior aos elementos que o compõem.

> [...] A participação cidadã passa a ser reconhecida como uma condição necessária à consolidação das instituições. Estimula o desenvolvimento da filantropia empresarial, para que obtenha maior valor na estrutura da empresa, enquanto investimento a longo prazo. De atividade marginal, fruto de idiossincrasias pessoais, passa a ser promovida como um indicador de qualidade empresarial. (FERNANDES, 2005, p.31)

4- Projeta uma visão integradora da vida pública. Tem ação complementar aos outros setores, público e privado.

Importante salientar que a característica inicial das ONGs de ação de contestação e crítica ao Estado e mercado passa atualmente para uma posição de parceria, tanto por motivos econômicos como estratégicos, como as possibilidades de atuação que estes dois setores demandam. Gohn (2001, p. 81) afirma:

> As políticas de desativação de atividades do Estado e transferência para setores da iniciativa privada encontraram em muitas ONGs interlocutores ávidos em implementar as novas orientações. Rapidamente o universo das ONGs alterou seu discurso, passando a enfatizar as políticas de parceria e cooperação com o Estado, destacando que estão em uma nova era, onde não se trata mais de dar as costas ao Estado ou apenas criticá-lo, mas de alargar o espaço público no interior da sociedade civil, democratizar o acesso dos cidadãos em políticas públicas e contribuir para a construção de uma nova realidade social, criando canais de inclusão dos excluídos do processo de trabalho.

Outra característica marcante das organizações não-governamentais está pautada na autonomia das ações que, em geral, não estão presas a formatos, regras pré-definidas e determinações que, vindas de um poder distanciado, podem não reconhecer as especificidades da comunidade em que atuam. Desta forma, o setor se transforma em uma oficina de idéias e intervenções que podem contribuir para a criação de estratégias ricas e eficazes para o combate dos problemas enfrentados nas diferentes áreas.

Cardoso (2005, p.10) afirma:

> A grande contribuição que está sendo dada pelo Terceiro Setor é a busca e experimentação, ainda que em escala pequena, de soluções inovadoras para os problemas que ele se propõe enfrentar. É essa construção de novas formas de agir na área social que distingue a atuação do Terceiro Setor da ação governamental. Organizações da sociedade civil ganharam uma competência no modo de se relacionar com e intervir junto a grupos sociais específicos, como, por exemplo, crianças em situação de risco.

Apesar da característica do voluntariado ainda bastante presente nas organizações não-governamentais, existe uma tendência também defendida por vários autores (Marcovitch, 2005; McCarthy, 2005; Salomon, 2005; Hassenpflug, 2004) sobre a necessidade de qualificação na formação dos chamados agentes do terceiro setor.

Esta qualificação caminha para a profissionalização e prevê alguns aspectos:

- Reconhecimento social: combater a visão, muitas vezes real, da provisoriedade e fragilidade das ações em busca de um outro patamar institucional no que se refere à qualidade e profundidade das intervenções, oferecendo às organizações legitimidade.
- Mercado de trabalho: contribuir para a abertura de novos postos de trabalho, em contraponto aos empregos que são extinguidos pela informatização e dinâmica social. Segundo Rifkin (2005), cerca de 10% da mão de obra remunerada nos EUA está no 3º. setor e o aumento destes índices está ocorrendo em todo o mundo.
- Oportunidades de formação: jovens egressos da universidade já podem vislumbrar oportunidades de uma trajetória profissional no terceiro setor.

Gohn (2001, p. 78) também reforça a tendência da qualificação e profissionalização dos agentes do terceiro setor:

> Outro resultado das mudanças da conjuntura sobre as ONGs foi a necessidade de qualificação de seus quadros. A palavra de ordem passou a ser a eficiência e produtividade na gestão de projetos sociais, para gerir recursos que garantam a sobrevivência das próprias entidades. Ter pessoal qualificado com competência para elaborar projetos com gabarito passou a ser a diretriz central, e não mais a militância ou o engajamento anterior à causa em ação.

A mesma autora elenca características do profissional que atua em projetos em espaços não-formais, evidenciando a necessidade da excelência em sua formação:

> O professor que atua na área da educação não-formal não prescinde da educação formal. Entretanto, a titulação não é suficiente para garantir um bom trabalho. A formação do professor deve vir acompanhada do desenvolvimento de uma consciência crítica da realidade onde ele vive e atua. O professor que teve uma formação com conhecimentos básicos sobre a realidade socioeconômica do país e sobre os direitos básicos dos seres humanos desenvolverá seu trabalho de maneira engajada e responsável, preocupando-se em conhecer a história de vida das pessoas com quem está trabalhando, assim como a história do lugar, articulando fragmentos dessas histórias com fatos e acontecimentos de um cenário mais amplo, de modo a auxiliar na construção da identidade do grupo. (GOHN, 2007, p. 28)

A profissionalização do setor também é impulsionado pelo interesse cada vez maior do segundo setor, o mercado, em realizar investimentos, muitas vezes altos, em ações sociais. São as chamadas empresas-cidadãs.

Muitos projetos socioeducativos contam como fonte principal de recursos o apoio de empresas. Embora não seja o foco deste estudo, considerou-se importante as considerações acerca do envolvimento do segundo setor, o mercado, no incentivo a projetos desenvolvidos nas ONGs, principalmente pelo fato de que os jovens participantes da pesquisa participaram de um programa com estas características e que seus relatos podem conter informações sobre esta parceria.

Segundo Martinelli (2005), diretor de um instituto formado por uma grande empresa do setor de moda, existem empresas em diferentes estágios:

> -Empresa somente como negócio: onde o lema principal é o lucro a qualquer custo. Desta forma, não há preocupação com investimentos sociais, a não ser que se configure em lucro certo para a empresa.
>
> -Empresa como organização social: entende-se como social toda a rede de relacionamento comercial como fornecedores, funcionários, governo, clientes e acionistas. Nestas empresas a sua relação com a rede de contatos dependerá dos

valores defendidos internamente, podendo se resumir apenas à procura por resolver conflitos, até aquelas que buscam otimizar as relações com todos.

- Empresa-cidadã: adota um compromisso ético com os parceiros, definindo políticas que são explicitadas à todos os envolvidos.

> A empresa-cidadã opera sob uma concepção estratégica e um compromisso ético, resultando na satisfação das expectativas e respeito aos direitos dos parceiros. Com esse procedimento, acaba por criar uma cadeia de eficácia, e o lucro nada mais é do que o prêmio da eficácia. (MARTINELLI,2005, p.83)

> [...]a empresa-cidadã adota posição pró-ativa de querer contribuir para encaminhar soluções para os problemas sociais. (MARTINELLI, 2005, p.84)

Tais conceitos ainda estão confusos e muitas empresas utilizam as ações sociais com claras intenções mercadológicas, o que muitos autores chamam de marketing social.

Martinelli (2005, p.85) continua defendendo a separação do mercado das ações sociais. O primeiro tem como objetivos o lucro da empresa. As segundas devem "proceder de livre determinação do acionista, de seu compromisso com a sociedade e não devem compor os custos dos produtos".

Retoma-se esta discussão quando discute-se as divergências e controvérsias do terceiro setor.

1.3 Objetivos do terceiro setor

Após percorrer a origem e as características do setor, buscou-se nos referenciais teóricos os objetivos das entidades e encontrou-se em Toro (2005, p. 35) a defesa de quatro teses para o terceiro setor:

1- Contribuir para um projeto de nação: é necessário que o setor atue no sentido de construir uma ordem de convivência democrática e que auxilie no aumento da produção sem pobreza interna.

2- Contribuir para a formação e o fortalecimento do comportamento de cidadão e da cultura democrática:

> É função do Terceiro Setor, no seu conjunto, construir formas de intervenção social democráticas, que convertam os atores em sujeitos sociais, ou seja, em cidadãos. (TORO, 2005, p.36)

3- Contribuir para a reinstitucionalização do âmbito público para aumentar a igualdade e fortalecer a governabilidade: entendendo como público aquilo que convém a todos de igual maneira para a sua dignidade e como governabilidade a capacidade que tem uma sociedade de resolver seus conflitos sem recorrer à violência, aplicando regras conhecidas publicamente.
4- Contribuir criando condições para tornar possível a democracia cultural:

> [...]é tornar possível a competência cultural, ou seja, criar condições para que as diferentes formas de ver, produzir e entender o mundo dos setores populares possam circular e competir em igualdade de condições, assim como circulam os sentidos e símbolos nos sistemas dominantes. Uma das características da pobreza é a exclusão simbólica nos sistemas de comunicação. (TORO, 2005, p. 39)

Toro (2005) finaliza utilizando o termo Estado Social de Direito, afirmando ser função do terceiro setor contribuir para a sua construção, colaborando assim para um projeto de nação no qual seja possível o exercício dos direitos humanos.

1.4 Os números do terceiro setor

Segundo o IBGE (2004, p.21) são ao todo 275.895 fundações privadas e associações sem fins lucrativos atuando no Brasil em levantamento realizado em 2002. Destas, 26.894 se classificam como atuantes na área de recreação e esporte, o que representa 9.75% do total.

Deste universo geral do terceiro setor, 62% foram criadas a partir de 1990, o que revela a juventude ainda da maioria das instituições. O ritmo de crescimento vem aumentando a cada década. Dos anos 70 aos 80 o crescimento foi de 88% no número de instituições. Dos anos 80 aos 90 foi de 124%. De 1996 a 2002 o crescimento foi de 157%.

Como já afirmado, o terceiro setor tem sua importância crescente também no oferecimento de postos de trabalho e consequentemente anseia por melhor formação profissional.

Segundo o IBGE, são ao todo 1.541.290 trabalhadores assalariados. Destes, 88.022 são trabalhadores das instituições que atuam no esporte e recreação. Logicamente, não estão incluídas as pessoas que atuam como voluntários, estagiários sem vínculo empregatício e trabalhadores não registrados.

Os dados apresentados permitem salientar a importância da realização de estudos na área. A relação sempre crescente de número de instituições X número de profissionais contratados X número de pessoas atendidas sugere a necessidade de estudos que também cresçam em quantidade, qualidade, profundidade nas questões do esporte e de ações sociais quanto à diversidade nas possibilidades de intervenção que possam servir de referência para suas atuações.

2- Terceiro setor e a educação não-formal

A fim de conceituar a ação realizada pelas ONGs no terceiro setor, entendeu-se como importante trazer algumas considerações a respeito da educação não-formal, visto a relação comumente encontrada na bibliografia referente ao tema.

Garcia (2007, p. 31) confirma esta relação afirmando:

> Desta forma, a educação não-formal, no Brasil, constitui-se dialogando com as ações de filantropia, assistência social, da educação popular, dos movimentos sociais e movimentos culturais, de atividades recreativas, da arte-educação, da educação para o trabalho, das ações voltadas para a recreação e utilização do tempo livre e, mais recentemente, já participando com características próprias, das ações vinculadas ao terceiro setor e ao voluntariado, da filantropia empresarial e da educação social.

Segundo Garcia (2007), o termo educação não-formal começou a ser utilizado a partir da década de 80, ganhando intensidade na década de 90. Seu surgimento é vinculado aos movimentos sociais de esquerda associado à crise educacional, o que lhe conferiu um caráter de complemento na formação do cidadão.

Atualmente os estudos apontam para a constituição de um campo próprio dentro da área educacional, como afirma Garcia (2007, p. 32):

> É possível identificarmos algumas áreas como base para o nascimento da educação não-formal no Brasil; é mais do que base, porque são práticas, concepções, que se

> entrelaçam, misturam-se e em outros momentos se contradizem. São ações que vieram se consolidando na maneira de pensar, fazer e olhar para a educação no Brasil. Do entrelaçamento destas ações e de sua reflexão, é perceptível observar o nascimento do campo da educação não-formal, que não é isolado e não está só, no processo de construção de sua estrutura.

A educação não-formal possui algumas características descritas por vários autores.

Segundo Gohn (1999), auxiliam para definir a educação não-formal:

- Em um processo com quatro campos ou dimensões:

  - Aprendizagem política dos direitos dos indivíduos enquanto cidadãos.

  - Capacitação dos indivíduos para o trabalho.

  - Solução de problemas coletivos cotidianos.

  - Aprendizagem dos conteúdos formais da escola em formas e espaços diferenciados.

Gohn (1999, p. 104) ainda afirma como característica:

> Cumpre destacar nas duas modalidades acima que a educação não-formal tem sempre um caráter coletivo, passa por um processo de ação grupal, é vivida como práxis concreta de um grupo, ainda que o resultado do que se aprende seja absorvido individualmente. O processo ocorre a partir de relações sociais, mediadas por agentes assessores, e é profundamente marcado por elementos de intersubjetividade à medida que os mediadores desempenham o papel de comunicadores.

Afonso (citado por VON SIMSON, PARK E FERNANDES 2007, p. 17) descreve as seguintes características da educação não-formal:

- Tem caráter voluntário.
- Promove a socialização.
- Promove a solidariedade.
- Visa ao desenvolvimento.
- Preocupa-se essencialmente com a mudança social.
- É pouco formalizada e pouco hierárquizada.
- Favorece a participação.
- Proporciona a investigação e projetos de desenvolvimento.
- Consiste, por natureza, de formas de participação descentralizadas.

Ao se defrontar com as características da educação não-formal citadas pelos autores, corre-se o risco de creditar valores que não necessariamente estão sendo criados nos espaços educacionais. Garcia (2007, p. 39) alerta para tal perigo:

> Por ser campo que ainda está se constituindo e por seus contornos ainda não estarem muito claros, a educação não-formal corre o risco de ser utilizada e compreendida exatamente como a responsável por salvar a escola. Corre o risco de ser encarada apologicamente, como algo que vem para dar uma nova "cara" ao sistema formal de ensino, servindo a um discurso e a uma intencionalidade que vem sendo difundidos pelo sistema neoliberal. O discurso apresenta a proposta como sendo algo novo e melhor que será construído com o auxílio e em parceria com a comunidade, sem, no entanto, discutir e aprofundar os problema sociais e as diversas maneira de compreender a diminuição no investimento do ensino formal ou sua má utilização.

E reforça:

> Fica evidente que a educação não-formal pode tanto envolver um caráter transformador, quando, por exemplo, é percebida no bojo dos movimentos sociais de esquerda, como os movimentos de alfabetização popular. Ou ser utilizado para a manutenção da ordem estabelecida ao ser apropriada por grupos e poderes com interesses na preservação da estrutura social vigente. A educação para o trabalho vem se utilizando intensamente das possibilidades da educação não-formal, servindo inclusive aos interesses econômicos da sociedade capitalista. (GARCIA 2007, p. 40)

A possível manipulação da educação não-formal por interesses mercadológicos e/ou políticos/ideológicos merece atenção neste estudo visto a presença, alertada por diversos estudiosos[7], de intenções travestidas de ações solidárias. O assistencialismo que não oferece ferramentas para mudanças, a idéia de reforço de uma educação formal antiquada e manipulada, o apoio de empresas ditas cidadãs que lucram com marketing social, a transferência de deveres do estado para as ONGs, fazem parte de um conjunto de situações que precisa ser considerado em um estudo que se propõe a investigar uma proposta educacional em projeto socioeducativo.

No capítulo seguinte retoma-se esta discussão na questão do marketing social, tema que também foi investigado nas entrevistas com a comunidade.

[7] Montaño (2002), Chinelli (1993), Muniz (2001).

3- Projeto socioeducativo: divergências e controvérsias

O terceiro setor possui divergências de vários aspectos. Uma acirrada discussão está na herança assistencialista que os projetos sociais ainda vivem, presentes em ações nas quais a comunidade espera ganhar, em lugar de conquistar. E em muitos casos continua ganhando, mesmo sendo possível perceber que em determinados casos não se trata de bens inacessíveis.

A intenção desta discussão é a de refletir sobre as conseqüências de se cultivar nos habitantes de comunidades periféricas um sentimento de direito a bens que muitas vezes poderiam adquirir por condições próprias.

Outro tema bastante polêmico é o da utilização de comunidades periféricas como ferramenta de marketing, o chamado marketing social. Na "favela" de Heliópolis, qualquer projeto, com ou sem apoio financeiro, é examinado pelos dirigentes da comunidade e muitos não são aceitos por entenderem que não representarão benefícios aos moradores. Esta triagem acontece porque, segundo a liderança da associação do local, já se implantaram muitos projetos que tinham como propósito principal a promoção da própria empresa. Foram projetos que se utilizavam da fama de maior favela do Estado para conseguir uma imagem inicial de credibilidade e se aproveitar da facilidade de divulgação, visto a popularidade da comunidade. Assim que atingido tal objetivo, a empresa finaliza seus investimentos, não dando continuidade ao projeto.

Como resultado, a empresa continua com a possibilidade de divulgar seu suspeito compromisso social, mesmo omitindo que tenha sido um projeto passado. Já na comunidade o sentimento de serem utilizados, manipulados permanece, tanto que provocou esta ação de triagem aos projetos. Outra possível conseqüência é o sentimento de não merecimento por projetos bons e duradouros, servindo, ao contrário de auxiliar, por afetar a auto-estima de seus moradores. Esta conseqüência também foi afirmada por um dirigente local.

Atualmente se destaca nos meios de comunicação a imagem da empresa que auxilia comunidades periféricas, e com isso, agrega valor positivo à sua imagem. No entanto, infelizmente existem casos em que este auxílio é divulgado de maneira a não representar a ação implantada de fato. Além disto, problemas como a pressão por número mínimo de atendidos, em detrimento da qualidade da intervenção, ações de maior impacto aplicadas sem atender às

características da comunidade, utilização da imagem da população em eventos e programas publicitários sem retorno adequado, são fatos que precisam ser refletidos e evitados nos programas dos projetos sociais. Muniz (2001, p.194), com relação a problema desta natureza enfrentado em um centro comunitário estudado, afirma:

> E, por necessidade de sobrevivência e por falta de clareza de suas diretrizes, os valores acabam sendo transformados. E muitas vezes a linguagem quantitativa, a visão de mercado, o tempo acelerado para apresentar resultados, sobrepunham-se aos objetivos humanitários, em que prevaleciam a qualidade, as inter-relações, a intersubjetividade, o tempo subjetivo, a diversidade, o conflito, a contradição, etc. Sendo assim, tornava-se necessário construir com os profissionais da instituição um espaço de resistência que permitisse driblar a lógica homogeneizante e embotadora da criatividade para que o centro comunitário pudesse crescer sem perder seus princípios e diretrizes.

Por outro lado, as empresas que se utilizam de ações sociais como ferramenta de marketing correm o risco de sofrer o que o autor chama de efeitos colaterais indesejáveis, pois a população pode identificar a possível chantagem emocional, rejeitando a partir deste ponto, seus produtos.

Como, em sua maioria, as ONGs não geram receitas próprias, é necessário a captação de recursos, que aliada à possibilidade de lucro das empresas do segundo setor, vem formando uma legião de profissionais atuantes neste área. (MONTAÑO 2002)

Esta nova possibilidade de ação tem provocado diversos efetivos negativos nas ONGs. Montaño (2002, p. 208) afirma: “Por outro lado, a atividade de “captação de recursos”, no “terceiro setor”, pode levar a uma perda de identidade, perda de rumo, descaracterização da “missão” da organização”.

Este mesmo autor cita uma matéria da revista Exame (Exame 2000:24) sobre captação de recursos com o título: “O melhor jeito de pedir”. E descreve o desvio da missão e modo de atuar das ONGs para a obtenção dos recursos, como a necessidade de adequar o projeto a ser “vendido” ao perfil da empresa e não do público com quem trabalha, ou sobre os benefícios da doação, relacionando-o com os possíveis ganhos da empresa e não com os da comunidade atendida e também discute a melhor época para abordar a empresa ignorando se existem necessidades mais destacadas pela sociedade atendida em determinadas épocas do ano. E finaliza afirmando:

> Desta forma, os recursos, que já não são "autogerados", também não são "autogeridos". Com isso, a perda de rumo, a descaracterização da "missão" organizacional, a submissão dos seus valores e filosofia aos interesses da agência "doadora" representam uma fortíssima tendência.
> Com essas características, uma atividade- a captação de recursos- que deveria ser funcional torna-se essencial, e, ainda mais, torna-se fundamento da "missão" organizacional. Assim, as organizações do "terceiro setor", como num frenesi, voltam-se para a captação de recursos. O que deveria ser atividade auxiliar torna-se atividade central, tamanha a dependência dessas organizações por esses recursos externos. (MONTAÑO 2002, p. 210)

O problema é tão atual e real que foi exposto na forma de filme[8] nacional, um drama ficcional, mas que pode retratar a realidade vivida em muitos duvidosos projetos sociais.

No entanto, parcerias com a iniciativa privada podem ser positivas. Chinelli (1993, p.55) descreve uma relação entre uma ONG e empresa privada na qual esta última não interviu na administração dos valores repassados e nem na missão e forma de trabalho da insitutição, desencadeando processos interessantes de gestão:

> Na verdade, trata-se de uma estratégia funcional tanto à Xerox quanto ao projeto comunitário. A Xerox, com essa postura liberal, não só ratifica sua imagem de empresa preocupada com a questão social, ao mesmo tempo comunitária no que diz respeito à administração dos recursos e a prestação de contas. E o "pessoal da Mangueira", com atitudes como esta, (prestavam contas mesmo sem a exigência da empresa- observação do autor) tem certamente sua credibilidade e legitimidade reforçada junto aos demais agentes envolvidos no projeto comunitário.

Outra discussão no terceiro setor é se a intervenção nos projetos socioeducativos devem seguir no sentido de auxiliar o ensino formal, ou não, trilhando através de diversas áreas sem a preocupação de complementaridade. Nesta mesma temática, há também controvérsias sobre a que nível se deve atuar nas estimulações sobre a área de atuação.

---

[8] O filme chama-se: Quanto vale ou é por quilo, de direção de Sergio Bianchi, distribuição Europa Filmes, 2005. Sinopse retirada do site 2001 o cinema está aqui, no dia 22 de janeiro de 2008*:*
Quanto Vale ou É Por Quilo? Desenha um painel de duas épocas aparentemente distintas, mas, no fundo, semelhantes na manutenção de uma perversa dinâmica sócio-econômica, embalada pela corrupção impune, pela violência e pelas enormes diferenças sociais. No século XVIII, época da escravidão explícita, os capitães do mato caçavam negros para vendê-los aos senhores de terra com um único objetivo: o lucro.
Nos dias atuais, o chamado Terceiro Setor explora a miséria, preenchendo a ausência do Estado em atividades assistenciais, que na verdade também são fontes de muito lucro.
Com humor afinado e um elenco poucas vezes reunido pelo cinema nacional, Quanto Vale ou É Por Quilo? mostra que o tempo passa e nada muda. O Brasil é um país em permanente crise de valores.

Von Simson, Park e Fernandes (2001), em estudo na região metropolitana de Campinas, que realizou uma sondagem em 28 instituições diversas que atuam com educação não-formal[9], apresentam que, de maneira geral, as intervenções não são realizadas de maneira sistemática, oferecendo um tipo de trabalho mais reformador, seguindo a orientação de "carência cultural" e de posturas assistencialistas, do que transformador, seguindo a orientação calcada na valorização e ressignificação das práticas culturais.

Caminhando para a área específica deste estudo, o esporte, o dilema está em como tratá-lo. Oferece-se o esporte como lazer, atividade exclusivamente lúdica, como forma de atrair as crianças e jovens ao projeto, ou planeja-se um programa de continuidade de desenvolvimento, no qual os jovens poderão conhecer a modalidade, gostar e continuar a se aprofundar? Sobre este tema, em geral, o discurso nos projetos socioeducativos que atuam com o esporte afirmam que o objetivo principal não é a detecção de talentos, mas que é possível oferecer estímulos para que, inclusive o jovem talentoso possa se desenvolver. Alega-se que a busca é por contribuir para a formação do cidadão.

No entanto, qual o meio mais eficaz para esta contribuição na formação do cidadão?

Alguns projetos optam por ações diversificadas, oferecendo aos jovens uma gama de atividades, mas em muitos casos, não conseguindo manter uma continuidade e aprofundamento. Encontrou-se em Zaluar (1994) relatos de que muitos participantes acabam abandonando o programa exatamente por, apesar de seus desejos, não perceberem a continuidade do aprendizado.

Por outro lado, existem projetos que atuam na estimulação específica de uma área escolhida. Em alguns casos, o objetivo é o alto rendimento, como por exemplo, a formação de músicos. Na própria "favela" de Heliópolis existe uma ONG que desenvolve um programa que atua com a música. A formação dos jovens consiste em canto e instrumentos de orquestra. Alguns jovens formados estão no exterior dando continuidade aos estudos, participando de outras orquestras. Neste caso há também quem critique a ação, alegando a exclusão dos que não tem gosto ou talento para a música. Por outro lado, não oferecer espaço de continuidade e formação adequada àqueles que têm vocação também não se constitui como uma exclusão? Por que,

[9] Denominação dada aos meios de intervenção educacional não pertencentes ao ensino escolar. Têm como características a não fixação de tempos e locais, a flexibilidade de conteúdos e métodos em adequação aos grupos trabalhados. Simson (2001, p. 9)

quando se trata de projetos socioeducativos, a idéia de que se deve oferecer apenas atividades onde todos possam participar é a que predomina?

Acredita-se que estes temas de discussão são importantes para este estudo, podendo servir de referência para a análise dos dados recolhidos com os jovens do projeto. Posteriormente, por outro lado, espera-se contribuir oferecendo subsídios para reflexões mais aprofundadas sobre estas controvérsias no terceiro setor.

Capítulo II - A pedagogia do esporte e projetos socioeducativos

Neste capítulo procura-se discutir a relação pedagogia do esporte e projetos socioeducativos através dos referenciais teóricos de cada área e também do reduzido número de trabalhos encontrados que versam especificamente sobre a relação destes dois universos. Inicia-se com discussões sobre o fenômeno esporte na contemporaneidade, seu contexto e influências, passando para a conceitualização de pedagogia do esporte e finalmente para as características do esporte a ser tratado em projetos socioeducativos.

1- Conceitos do esporte contemporâneo

O esporte é apresentado por diversos estudiosos como um grande fenômeno social que exerce influência em todos os setores da humanidade.

Na busca por conceitos que definam melhor as diferentes práticas do esporte, alguns autores classificaram o fenômeno separando-o por características específicas.

Bracht (2005) divide o esporte em duas categorias:

1. Esporte de alto rendimento ou espetáculo que tem como característica a aproximação do fenômeno como trabalho e intimamente relacionado à vitória e derrota.
2. Esporte enquanto atividade de lazer, que é uma derivação do esporte de alto nível, mas que tem como características sua prática como lazer, socialização e saúde nos momentos de não-trabalho.

Já Tubino (2001) inclui uma categoria, dividindo o fenômeno em 3 dimensões:

1. Esporte-educação que deve vincular-se obrigatoriamente a 3 áreas de atuação pedagógica: a integração social, garantindo a participação de todos, o desenvolvimento psicomotor atendendo às necessidades motoras e de auto-avaliação e oferecimento de atividades físicas educativas concretizando as aptidões em capacidades.
2. Esporte-participação que tem caráter comunitário e democrático, buscando a participação de todos e relacionado ao tempo livre e ao lazer.
3. Esporte-espetáculo ou performance que se caracteriza pela atuação dos talentos, ditados pela linguagem mercadológica.

Diante destas classificações, o esporte a ser desenvolvido em projeto socioeducativos sugere que se considere todas estas características. O esporte de rendimento ou esporte espetáculo/performance é conhecido pelos jovens através da mídia e provavelmente é o que lhes atrai a praticar uma modalidade. Como será visto, o sonho de se tornar jogador profissional está presente. O esporte educação é o mais defendido nas atividades do Terceiro Setor, com o objetivo de oferecer o desenvolvimento de aspectos que contribuirão para a formação cidadã. E finalmente o esporte participação ou lazer foi largamente utilizado como ferramenta para atrair as crianças e jovens para o projeto, o que originou inclusive a escolha do título desta pesquisa.

Discute-se no decorrer deste estudo a composição destas características e classificações na procura por oferecer desenvolvimento mais significativo na formação dos jovens.

2- Efeitos negativos do esporte

Como fenômeno que cresce aceleradamente na contemporaneidade e como já afirmado, se relaciona com diversos setores da vida humana, é de se esperar que possa exercer efeitos positivos e negativos nos diferentes ambientes em que se apresenta. Como afirma Tubino (2001), o esporte é condicionado e condicionante, portanto, ao mesmo tempo que influencia a sociedade, é influenciado pela dinâmica das relações sociais. Desta forma, se exemplos de situações negativas são comuns na atualidade, é de se entender que no esporte também o seja.

Uma característica do esporte apontada por Bracht (2005) é o processo de individualização de sua prática. Originalmente os interessados se organizavam coletivamente, em

geral nos clubes, para tornarem possível a realização da modalidade, ao que se dá o nome de associativismo. Atualmente os clubes estão terceirizando seus espaços para empresas que vendem o esporte como um produto já pronto em seu formato, horário, regras. Diminui a mobilização comunitária, tornando a prática cada vez mais individualizada e sem interferência do praticante na sua construção.

O exemplo deste fenômeno são as academias, que estimulam o culto à estética e criam diversas modalidades novas, muitas delas de curta duração, não oferecendo ao seu público a oportunidade da criação de vínculos de pertencimento ao grupo, contribuindo para tal processo de individualização.

Outra afirmação negativa encontrada a respeito do esporte, tendo seu auge nos tempos da Guerra Fria, é a de ser utilizado pelo estado como ferramenta político-ideológica. Tubino (2001, p.52) cita:

> Sob pretextos diferentes, onde o preferido era a necessidade de organização, os Estados apropriaram-se do esporte, passando a dirigi-lo e a tutelá-lo, inibindo as tentativas das diversas sociedades de usarem o esporte como um meio de seus fortalecimentos.

O mesmo autor afirma que por conta da relação cada vez mais acentuada do esporte com o mercado, esta ação do Estado vem diminuindo.

A relação mercado e esporte vem produzindo também efeitos negativos para a sociedade. Segundo Tubino (2001), para seguir a lógica do mercantilismo todo o cenário esportivo sofre mudanças, quer no formato de exposição de novas modalidades, quanto na decadência de outras que não proporcionam espetáculo para a televisão. Atletas são submetidos a esforços que ofendem sua integridade por causa de contratos comerciais ou pela sedução exercida pela ganância devido aos altos salários e prêmios em troca de conquistas e quebra de recordes. Os casos de doping seguem o mesmo drama.

As conseqüências da influência do mercado no esporte, segundo Bracht (2005, p. 117), diluíram o compromisso do atleta com sua nação, que se naturaliza em outro país conforme a conveniência financeira. Segundo o autor: "... a categoria de nação começa a ser substituída pela categoria do "cifrão"." Como exemplo, é possível citar atletas brasileiros da modalidade vôlei de praia que defenderam a Geórgia, nos Jogos Olímpicos de Pequim, em 2008.

Seguindo as afirmações de Bracht (2005), a população sofre um processo de certa mistificação dos atletas, no qual os meios de comunicação e de consumo os transformando em

heróis que realizam feitos inexplicáveis, induzindo as pessoas a viverem em um mundo com elementos reais e irreais.

> E na vida do ídolo a comunidade reconhece sua participação. A comunidade e os admiradores colocam no ídolo a expectativa da realização imaginária/fictícia do desejo de felicidade. Assim, se a prática do esporte de alto rendimento é fortemente influenciada pela racionalidade científica, sua recepção e consumo situam-se no plano da felicidade, no plano do imaginário. (BRACHT 2005, p. 120)

Betti (1997) afirma que a massificação e a comercialização do esporte têm sido apontadas como a origem de comportamentos desviantes no esporte como a violência, dopping, fraudes. Segundo a autor:

> A mídia forma uma nova hierarquia de valores, a qual determina em grande medida a atitude do consumidor e tem grande efeito na prática do esporte em si: os fins justificam os meios- se levar ao sucesso, a violência é permitida. (BETTI 1997, p. 31)

E para ilustrar a que ponto o mercado e a mídia tornam comportamentos desviantes como justificados destaca entrevista retirada de revista esportiva de grande distribuição nacional:

> Tudo estava definido. Se houvesse possibilidade de derrota, Chulapa e Cia. iriam para a briga. Mas nada tirou o brilho do artilheiro, autor do gol do título.
> "Nunca uma decisão de campeonato foi um jogo comum para mim. Naquela tarde de 2 de dezembro de 1984, no entanto, havia algo diferente. Algo capaz de tornar aquele Santos e Corinthians o maior jogo da minha vida. Sentia-se no ar o clima de final durante a semana inteira(...).
> Por isso, já chegamos ao Morumbi com a estratégia definida. Se sentíssemos qualquer risco de derrota no campo, o Santos iria melar a decisão. A primeira porrada seria dada por mim. O jogo acabaria ali e, em seu lugar, começaria uma grande pancadaria. Quando chegamos ao Morumbi, por volta das 14h30, porém, percebemos que nada daquilo seria necessário (...).
> A malandragem não parava por aí. Com o apito do juiz José de Assis Aragão, a espinha dorsal do time santista entrou em ação. Primeiro, o Mário Rossini pegou o João Paulo, ponta-esquerda deles. Em seguida, o Dema entrou duro no Arturzinho e Rodolfo Rodriguez deu um croque no centroavante Lima. Eu, para não perder o hábito, acertei o zagueiro Juninho. A equipe deles, que já estava tremendo, sumiu de vez (...)."Revista Placar, no. 1085, julho de 1993, p.28. (BETTI, 1997, p. 31)

Desta forma Betti (1997) afirma que quanto maiores as conseqüências econômicas maior a probabilidade das regras do esporte serem burladas.

Apesar desta característica mercantilista envolver principalmente o esporte-performance, segundo TUBINO (2001), a influência já afeta outras dimensões como o esporte-participação e esporte-educação. Um exemplo desta influência negativa, citado no capítulo anterior, é sobre a

manipulação das atividades do terceiro setor para o chamado marketing social, que em busca da divulgação de sua ação e vinculação da imagem da empresa a uma ação social responsável, desvirtua princípios de atuação das instituições, preferindo, não raramente, a quantidade em detrimento da qualidade.

Diante de tantas características negativas que o esporte agrega, será possível sua utilização como eixo principal em um projeto socioeducativo com objetivo de contribuir para a formação de crianças e jovens em situação de riscos?

Dumazedier (1980, p. 34), na década de 80, já defendia o esporte como via de formação social:

> Acreditamos, no entanto, na possibilidade duma formação social pelo desporto. Trata-se de descobrir o caminho que permite chegar até lá: de reencontrar no facto desportivo, quotidianamente realizado, os elementos culturais que franqueiam o acesso a uma formação social autêntica.

Serão discutidos na seqüência, as possíveis "pistas" para este caminho citado por Dumazedier.

A adequação do esporte a ser tratado em projetos socioeducativos necessita de estudos aprofundados, pois como descrito, este fenômeno sofre uma série de efeitos considerados negativos e portanto, sugere-se não serem reproduzidos e cultivados em um ambiente que procura ser educacional.

3- O conceito de pedagogia

Na busca por referenciais que exprimam o entendimento de Pedagogia adequado aos projetos socioeducativos em geral, procurou-se pela defesa por uma ação que dignifique o homem, que vise minimizar seus flagelos, caminhando no sentido de melhorar a qualidade das propostas. Enfim, partiu-se da investigação de uma Pedagogia que considere a situação atual da humanidade em suas relações globais.

Encontrou-se em Bento (1999, p. 22):

> A nossa consciência antropológica determina, pois, que coloquemo-nos a exigência de qualidade total à totalidade da educação. Que esta assuma a recuperação da consciência da dignidade como distintivo essencial da sociedade humana. Que a escola, que o sistema e todos os contextos educativos sejam locais e instrumentos de afirmação categórica e de concretização exemplar do imperativo de qualidade imanente ao Ser homem.

Ainda sobre a universalidade da Pedagogia o mesmo autor afirma:

> Toca na questão do aperfeiçoamento dos povos, dos cidadãos, da sociedade, da democracia. Salta a cerca da escola e espraia-se pela praça da cidade, convidando a aperfeiçoar e aprofundar a cidadania e a entender a democracia não como um estado, mas como uma actividade e um meio ao serviço daquele desígnio. Deste modo ainda o assunto da Pedagogia não se confina à criança e ao jovem, à escola e à universidade; abrange a educação e a formação do cidadão de todas as idades, a cidade e todas as instâncias que influenciam a realização da idéia do Homem. (BENTO 1999, p. 27)

Caminhando para a especificidade da Pedagogia do Esporte, mas sem perder de vista sua importância no contexto da realidade em que estão inseridos os educandos, encontrou-se em Santana (2005, p. 10) a afirmação:

> [...] Logo, aprender esporte, seja qual for, é bom quando os conteúdos propostos em uma aula (treino), independentemente do cenário (se escola ou clube), se generalizam para a vida.

Desta forma, no tópico seguinte continua-se a discussão sobre a pedagogia do esporte mas com um olhar mais aproximado ao contexto da pesquisa, ou seja, as intervenções em projetos socioeducativos e em comunidades periféricas.

4- O esporte a ser tratado: reflexões introdutórias

O esporte é um fenômeno sócio-cultural que tem crescido muito nas últimas décadas. Atualmente tem grande influência em todas as áreas da vida humana, sejam econômicas, sociais e políticas.

Como dar um tratamento pedagógico a este fenômeno de maneira que se aproveite suas múltiplas possibilidades em sua aplicação em comunidades periféricas? É possível adequar os

estímulos da pedagogia do esporte de maneira a contribuir para a minimização dos problemas e carências vividos por jovens moradores de “favelas”?

Devido à grande exposição que o esporte alcança atualmente na mídia, ele agrega valores a quem o comenta, pratica ou assiste.

Segundo Zaluar (1994), o esporte tem muita importância nas classes populares, pois permite a representação do social idealizado, onde todos seguem as mesmas regras, independentemente de classe social. Situações como o de quem é mais habilidoso deve jogar mais, remete a uma questão de justiça possível no esporte, o que é mais raro acontecer em diversas outros momentos dos jovens em situação de risco. Em Heliópolis, presenciou-se uma ação semelhante, quando indagados pelo educador sobre como deveria ser a escalação da equipe titular em jogos de campeonato, oferecendo-lhes duas opções, sendo a primeira onde todos jogam pelo menos em uma parte do jogo e outra em que se privilegiaria os mais habilidosos. A votação foi unânime para a segunda opção, alegando-se justiça e possibilidade maior de sucesso.

É freqüente nas crianças e jovens, o sonho de se tornar um grande astro do esporte. Sabe-se que esta é uma possibilidade pequena. É, portanto, necessário não alimentar este desejo? Por que não direcioná-lo à experiência de superação e evolução dentro das possibilidades e individualidades?

Zaluar (1994, p. 197) afirma ter encontrado, em núcleos de programas sociais através do esporte, problemas com adolescentes que não encontravam continuidade no desenvolvimento da modalidade. Ignorou-se o desejo dos jovens e também as possibilidades de formação profissional como atletas ou profissões afins. “Ainda no esporte, a idéia de que para pobre qualquer coisa serve predominou.”

A mesma autora cita os discursos de estagiários responsáveis pelas aulas:

> Qualquer modalidade motiva. Eu acho que eles não têm muito. Pouca coisa que você dá a eles já é bom. Eles não precisam muito... (ZALUAR, 1994, p. 85).
>
> Eu não cobro nada deles. Eles brigam comigo. “ Pô, você ! Gente, eu não posso cobrar isso aqui de vocês. Também não posso exigir demais, se a pessoa não quer fazer, não faz. Isto aqui não é um clube não, bicho”. Quando eu entrei para a Fundação me deram um toque que era nível recreativo. Como eu adoro bagunça, então vou dar minha aula de bagunça... (ZALUAR, 1994, p. 95)

Rodrigues (1999, p. 63) afirma que é necessário repensar a pedagogia que para substituir o emprego do esporte como ferramenta ideológica ou onde se privilegiava apenas os mais aptos

excluindo-se todos os outros, implantou-se uma espécie de ética indolor, com afrouxamento dos vínculos a compromissos e deveres e tudo que implique trabalho, esforço, disciplina, sacrifício, afinco, persistência e suor.

Desta maneira o esporte tratado neste estudo é aquele que sofre um tratamento pedagógico seguindo sempre a visão do fenômeno como possibilidade educacional, nos diferentes níveis e situações. Como afirma Santana (2005), não é possível escapar da educação ao se fazer, assistir ou planejar o esporte.

Mas qual tratamento pedagógico desenvolver? Educar para quê? Entende-se que o caminho a ser percorrido por uma proposta pedagógica em um projeto socioeducativo que utiliza o esporte como eixo sugere possibilidades de minimização ou resolução dos problemas identificados pela comunidade em questão. Antecipando algumas questões que serão analisadas posteriormente, são problemas a serem considerados a baixa auto-estima, a falta de pertencimento a um grupo que lhe dê expectativas de evolução e desenvolvimento, as poucas opções para o distanciamento do tráfico, a exclusão de ambientes culturais e educacionais de qualidade, a educação formal de má qualidade, entre diversos outros.

Desta forma, é aconselhado que o tratamento pedagógico a ser elaborado e posto em prática se adéqüe e procure auxiliar os jovens no combate a tais flagelos que enfrentam cotidianamente, permeados por valores que se distanciem desta lógica individualista da vantagem em detrimento do outro e sim da melhoria das condições de vida particular e em comunidade.

Assim acredita-se que é possível educar aprendendo o esporte, se aprimorando, atingindo bom nível de performance conforme possibilidades, admirando, sonhando, entendendo, pesquisando, ensinando aos outros. Freire (2003) defende que se ensine o esporte a todos, que se ensine bem a todos, que se ensine mais do que esporte a todos, e finalmente que se ensine a gostar do esporte.

Heliópolis, como qualquer comunidade, é o local onde acontecem e ganham significado relações sociais e os jovens aprendem a desempenhar papéis em sociedade (como filho, irmão, colega, educando, jovem trabalhador, provedor da família, entre outros). Uma proposta pedagógica sugere considerar esta complexidade de situações, buscando entender ao máximo as características específicas do local. Santana (2005, p.10) cita:

> [...] Talvez o primeiro procedimento para definir uma possível tarefa para a pedagogia do esporte seja reconhecer a complexidade do mundo em que vivemos. Para tanto, será

> necessário eleger uma nova maneira de pensar que desencadeie novas maneiras de se agir. Uma forma complexa de se pensar a realidade.

Também sobre a pluralidade das relações nos diferentes ambientes, Bento (1999, p.46) cita:

> [...] é preciso que a pedagogia do desporto seja capaz de reconhecer, levantar, descrever, entender e esclarecer os problemas emergentes da evolução social. Urge pois, apurar e lançar o olhar sobre a realidade envolvente.

Afirmar que uma ação em Pedagogia do Esporte pode solucionar todos os problemas vividos por jovens em situação de risco como os da comunidade estudada pode ser incoerente e irreal, pois são inúmeros fatores que envolvem tais situações e suas resoluções.

No entanto, acredita-se que é possível contribuir para a minimização das conseqüências dos flagelos sofridos, através de uma proposta de educação pelo esporte aplicada de maneira criteriosa, científica e pedagógica. Esta ação possui suas características de atuação mais profundas em determinados aspectos e este estudo propõe levantar hipóteses sobre as áreas possivelmente mais férteis, sempre alicerçadas por estudiosos do assunto específico.

Uma proposta pedagógica que se coloca a desafiar e combater os problemas enfrentados por jovens moradores de comunidades periféricas indica agir de maneira profunda, como são as dificuldades e carências que enfrentam. Segundo Bento (1999, p.23), "O que implica o desenvolvimento de um conceito de Pedagogia que não fique pela superfície e "epiderme" das coisas, sem atingir o seu coração".

Marcovitch (2005) afirma que o profissional do terceiro setor deve defender a cooperação, a solidariedade e a equidade, mas também precisa ter como valores que norteiam seu trabalho a responsabilidade, o rigor econômico e a competência, que se entende, não são possíveis alcançar sem deixar a superficialidade das ações em direção às origens dos problemas vividos pelos integrantes de um programa social.

Os caminhos da proposta de Pedagogia do Esporte a serem percorridos podem ser referenciados também pelos quatro pilares da educação, formulados pela UNESCO[10], através de um grupo de personalidades mundiais da educação, coordenado por Jacques Delors[11].

[10] Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
[11] Hassenpflug, 2004; Werthein , 2002.

Utilizado como referência em diversas ONGs os quatro pilares da educação buscam oferecer orientação aos educadores sobre o que se deve estimular no processo educacional de crianças e jovens.

Com uma visão global de formação, a proposta da UNESCO envolve em cada pilar:

1- Aprender a conhecer: ênfase nas competências cognitivas.
2- Aprender a fazer: competências produtivas.
3- Aprender a conviver: competências sociais.
4- Aprender a ser: competências pessoais.

É comum o esporte ser associado ao aprendizado de valores e atitudes positivas. Segundo Werthein (2002, p.33), na antiga Grécia se atribuía aos esportes um valor moral com a missão, entre outras, de desenvolver valores como paciência, tolerância, lealdade.

O mesmo autor explica que a UNESCO dá grande ênfase ao esporte como estratégia ímpar para o desenvolvimento da cultura da paz (termo utilizado para identificar a meta a ser atingida pelo conjunto de ações incentivadas pela instituição).

Vários autores da área da pedagogia do esporte[12] a relacionam com a grande possibilidade de desenvolvimento de valores e atitudes como superação, cooperação, respeito, reação às frustrações, motivação, solidariedade. Estes aspectos estão, segundo a proposta da UNESCO, inseridos nos pilares aprender a ser e a conviver.

Mas a pedagogia do esporte pode oferecer estímulos também nos outros dois pilares, aprender a conhecer e a fazer?

As propostas pedagógicas interacionistas[13], seguidas pelo próprio pesquisador enquanto educador em Heliópolis, tem como um dos eixos norteadores o estímulo à resolução de problemas e a busca por compreender as razões do fazer. Alguns profissionais da área esportiva vêm nomeando esta ação de desenvolvimento da inteligência para o jogo. São estratégias como construções de propostas de sistemas de ataque e defesa, desenhos que demonstram a técnica mais adequada, construção de regras de jogos por todos os grupos, elaboração do texto e sua

[12] Paes e Balbino (2005); Bento (1999); Cagigal (1972); Jabu (2000).
[13] Nista-Picollo (1999); Garganta (1995); Graça (1995); Bayer (1994); Griffin (1996); Oslin (1996).

compreensão ao ler as regras, pesquisas em livros sobre as modalidades esportivas, acompanhamento de eventos esportivos na imprensa escrita, confecção de painel, construção de manuais sobre o ensino de modalidades. É possível relacionar este eixo da proposta pedagógica ao pilar aprender a conhecer (competências cognitivas) e a fazer (competências produtivas).

A inserção de educandos das faixas etárias mais avançadas para auxiliarem nas aulas dos mais novos como monitores e também nos eventos esportivos, seja como orientadores, ou como árbitros, exige o maior entendimento das regras do jogo, conhecimento dos gestos e comportamentos dos árbitros e monitores, desenvolvimento de formas de comunicação e expressão, além da criação do vínculo emocional possível de se firmar entre educandos de diferentes idades. Segundo Balbino (2005), uma ação pedagógica em esportes coletivos pode estimular a compreensão de comunicação de diversas formas, habilidades na mediação de conflitos entre os companheiros de equipe, influência nas ações, o espírito coletivo e manutenção dos relacionamentos.

A competição esportiva tem importante papel no desenvolvimento de valores coletivos. Bento (1999, p.77) afirma:

> A competição é a base e pressuposto para a cooperação. Quem não sabe competir não sabe cooperar. Seja entre pessoas, seja entre instituições, cidades e países. Do que estamos carecidos é de uma sólida aprendizagem da competição susceptível de enraizar profundamente uma ética do jogo, do jogador e do competidor.

Desta forma, entende-se que a competição pode ser uma ferramenta de intervenção importante para o desenvolvimento dos quatro pilares da educação.

Com relação ao pilar aprender a ser, destaca-se a superação de desafios, a lidar com as frustrações da derrota, inevitável não somente nos jogos esportivos, a busca pelo próprio desenvolvimento, proporcionando inclusive melhor conhecimento de seus limites. Segundo Bento (1999, p.68), “todos nascemos para nos formarmos, buscando formas novas e superiores as anteriores”. Desta maneira, cabe à proposta esportiva oferecer oportunidades de alcance desta formação, desenvolvendo o prazer pela superação.

Também falando de superação e das possibilidades da competição esportiva, Cagigal (1972, p.73) cita: “La mejor herância que puede un padre a su hijo o un professor a su discípulo es la firmeza de aspirar al triunfo y la capacidad de asimilar la derrota.”

Balbino (2005) afirma que a inteligência intrapessoal pode ser desenvolvida através dos jogos desportivos coletivos, estimulando-se a motivação em realizar tarefas, compreensão de suas experiências internas, consciência e controle das emoções, expressão dos sentimentos e comportamentos éticos.

Logicamente esta competição sofre o já citado tratamento pedagógico, que defende a ênfase no processo de desenvolvimento de cada educando em detrimento do vencer a qualquer custo, da utilização dos jogos como forma de auto-avaliação individual e coletiva, buscando levantar as dificuldades e então traçar estratégias de melhorias. Também se estimula o entendimento da importância do outro, não somente da mesma equipe como da outra. Joga-se com e não contra, existirá um vencedor e um perdedor da partida, mas não juízo de valores, como se quem perde valesse menos. Marques (2000, p. 17) afirma:

> A competição não se opõe à solidariedade, não promove o afastamento. A competição tem um tempo de disputa e um tempo de celebração. Mesmo na derrota. Que tem um sentido de desporto. Daí o seu valor pedagógico e social. A aceitação da derrota, a nobreza na vitória é o código de conduta que preceitua as relações no desporto.

Com este tratamento espera-se retirar o foco do sucesso vinculado às vitórias e direcioná-lo para a consciência de melhoria do jogo em seus diversos aspectos. Por conseqüência, para que se alcance êxito nesta forma de atuar é necessário continuidade no processo. Castro (2001,p.486) destaca:

> A auto-estima seria parte de um processo não-linear e longo, o que colabora para que em muitos casos se estimule a permanência prolongada nas atividades, pois muitas vezes ganhos em auto-estima só seriam percebidos após alguns anos de convivência na experiência e, dependendo das violências exteriores, haveria o risco de retrocesso.
>
> É unânime entre professores/animadores, pais e mães e entre os próprios jovens a apreciação de que uma das mudanças mais notáveis que conseguem participando das experiências é o resgate da auto-estima, ressaltando que este se querer bem pode estar contribuindo para o afastamento de situações de risco, assim como o crime organizado, da violência e das drogas. Entretanto, o sentido de se querer bem vai além do imediato, do presente, é um se querer que se nutre da apreciação por outros, de forma positiva.

Além da possibilidade de desenvolvimento da auto-estima, relacionada ao pilar aprender a ser, destaca-se também outro fenômeno importante defendido por autores que tratam das ações em projetos socioeducativos: o sentimento de pertencimento. Segundo Gomes (2002 , p. 102):

> [...] o ser humano, para manter sua saúde mental, precisa se sentir "em casa", ou seja, pertencer a algo- ser reconhecido e reconhecer, ser identificado e identificar seus pares- e ter certa relação de ser parte de um todo maior, que o colhe e o protege. Pertencer a algo, além de nos descentrar de uma onipotência egocêntrica, acalenta um sentimento de prazer, de comunhão, já que o ser humano não pode responder sozinho pelas suas questões existenciais.

Ao se propor uma diversidade de estímulos, que ofereceram desafios, exijam ações em conjuntos, superação, apoio, cobrança mútua, os quais o esporte é capaz de estimular, é possível que se desenvolva este sentimento de pertencimento, de identidade de grupo. Muniz (2001, p.195) também cita o valor do pertencimento como forma de movimento contra a individualização que diminui as possibilidades de cada cidadão. Em grupo é possível "[...] sonhar com a possibilidade de termos outras formas de relação, em que a solidariedade e a compaixão estejam presentes."

Encontrou-se também em Castro (2001, p. 492) a importância deste sentimento:

> Sentimento de "pertence" é um construto valorizado no universo cognitivo das entidades e também o debate sobre o protagonismo juvenil. A idéia é estimular os jovens para que remodelem referências e valores, identificando-se com as práticas, princípios e produtos dos projetos, situando-se como parte deles, em um momento, e como parte de uma comunidade com responsabilidades sociais, em outro.

Muniz (2001, p.195) reforça o sentimento de pertencimento no trabalho contra as dificuldades diárias encontradas pelos jovens:

> O Contexto social em que vivemos não contribui para sonharmos. Não é fácil construir um sonho em que existe a violência, a miséria, a desconstrução dos movimentos coletivos, a falta de permanência nas relações que dificulta a construção do amor. Mas o "simples" fato de o grupo de artesanato ter construído laços de amizade e sentimento de pertencimento a um grupo nos dá o subsídio necessário para podermos sonhar com a

> possibilidade de termos outras formas de relação, em que a solidariedade e a compaixão estejam presentes.

Buscou-se neste capítulo discutir sobre a pedagogia do esporte e seu papel em comunidades periféricas em projetos socioeducativos. Salienta-se a necessidade de adequação das ações esportivas às características destas comunidades.

Para tanto indica-se a importância por não reproduzir os aspectos negativos do esporte, como a violência, o estímulo à individualidade, a objetivação e valorização única pela vitória, observando-se cotidianamente o comportamento dos educandos e propondo estratégias que desenvolvam aspectos contrários aos primeiros, como a cooperação, o respeito, a busca pela vitória pelo esforço individual e coletivo e a valorização da melhoria, que não se expressa apenas pelo vencer o jogo, mas superar as próprias limitações. Mas quais são os valores que devem nortear um projeto socioeducativo? Quais as características que devem ser levadas em consideração ao propor o ensino e o desenvolvimento de uma modalidade em uma comunidade periférica?

A qualidade no ensino é um dos eixos descritos neste capítulo. Ensinar bem o esporte, fugindo da lógica perversa de que para tais comunidades "qualquer coisa" serve. Desta forma, características como profundidade, continuidade e pertencimento podem fazer parte do cotidiano do projeto.

E cada uma destas características pressupõe outras tantas que podem ser estimuladas.

Ensinar bem o esporte sugere profundidade que por sua vez estimula o desejo por conhecer mais a modalidade, se aperfeiçoar, investigar, conhecer seus ídolos, admirá-los, verificar suas atitudes, imitá-los ou não, criando seus próprios valores.

Sem continuidade nada do que se sugere acontece. É necessário um projeto que ofereça aos jovens a possibilidade de sentir o caminho percorrido e enxergar onde quer chegar em seguida. Oportunizar tempo para que seja conquistado pelo prazer do esporte, para que se envolva em um plano de desenvolvimento e para finalmente contemplar o que foi vivido e repeti-lo se desejar.

E o sentimento de pertencer a um grupo que está envolvido no objetivo de se aprofundar em uma modalidade, tendo a certeza de que terá tempo e espaço para que ocorram as conquistas, pode oferecer a estes jovens outros valores como cooperação, superação de desafios, valorização de seus esforços e o tão famoso jargão: trabalho em equipe.

Como é de se esperar em qualquer comunidade periférica, muitos espaços e serviços, educacionais ou não, que são oferecidos aos jovens de Heliópolis não são caracterizados pela qualidade. Habituados a este nível, é bem provável que qualquer projeto maquiado com alguma melhoria do espaço, uniformes chamativos e alguns materiais novos, mesmo que com baixa qualidade de estímulo, possam iludir seus participantes que não criticarão nem reivindicarão seu direito a uma boa educação.

Portanto, é esperado que os educadores ofereçam ensino de qualidade, até mesmo para quem sabe, depois de vivenciarem um processo de aprendizagem com profundidade, continuidade e pertencimento, passem a exigir e colaborar para que o mesmo nível de ação aconteça nos demais espaços e serviços que participarem.

Capítulo III - Metodologia

As características do tema e ambiente de pesquisa, as possibilidades de levantamento dos dados, a busca por aproveitar a experiência vivida pelo pesquisador por longo tempo imerso na comunidade, o foco por tentar explicar as relações sociais deste grupo formam um conjunto de fatores que indicaram a abordagem e método empregado.

1- A abordagem etnográfica

Na busca por uma metodologia que nortiasse a pesquisa notou-se que o conjunto de características do estudo identifica-se com a Etnografia que segundo André (1995, p.27) é "[...] um esquema de pesquisa desenvolvido pelos antropólogos para estudar a cultura e a sociedade."

Segundo Laplantine (1988, p. 25):

> A etnografia é a coleta direta, e a mais minuciosa possível, dos fenômenos que observamos, por uma impregnação duradoura e contínua e um processo que se realiza por aproximações sucessivas. Esses fenômenos podem ser recolhidos tomando-se notas, mas também por gravação sonora, fotográfica ou cinematográfica.

O grupo pesquisado também se identifica com as características da etnografia, como confirma Durham (1986), que sempre demonstrou especial interesse no estudo de grupos marginais, fora do contexto do poder hegemônico o que também se apresenta com relação aos temas, em geral periféricos, como a família, religião, folclore e que Laplantine (1988, p.152) chama de "materiais residuais" que a atividade científica por muito tempo ignorou.

A experiência anterior do pesquisador como educador participante do processo estudado também faz da etnografia um método adequado visto que considera sua convivência na comunidade durante os anos em que atuou no projeto.

Mesmo não estando no período a que se refere o estudo, de fevereiro de 2003 a dezembro de 2005, na condição de pesquisador, suas lembranças, sentimentos e conclusões podem

contribuir à medida que confrontará sua memória à dos demais educandos entrevistados e ao referencial teórico e dados bibliográficos levantados sobre a comunidade.

Desta forma, aproveitou-se a situação que a etnografia defende da imersão ao ambiente e posterior afastamento, que proporciona maior clareza para a análise da experiência.

A imersão, ação descrita por vários autores, era vivida através da convivência por longo tempo, meses ou anos, em comunidades, em geral, mais isoladas do planeta. Assim foi praticada a ciência antropológica em sua essência.

Retornando ao tempo e situação atual, visto o formato, regras e prazos das pesquisas acadêmicas, impossibilitou-se este convívio mais profundo e duradouro. Por esta razão, reforçou-se a importância em aproveitar a experiência do pesquisador como educador que passou a morar na comunidade, imergindo naquela realidade durante três anos.

Laplantine (1988, p.150) cita:

> Assim, a etnografia é antes a experiência de uma imersão total, consistindo em uma verdadeira aculturação invertida, na qual, longe de compreender uma sociedade apenas em suas manifestações "exteriores" (Durkheim), devo interiorizá-la nas significações que os próprios indivíduos atribuem a seus comportamentos.

O capítulo seguinte descreve algumas situações vividas pelo pesquisador enquanto morador e educador da comunidade e suas interpretações. A intenção foi a de expor em texto as oportunidades vivenciadas, buscando o que DaMatta (1978) chama de transformar o exótico em familiar e posteriormente o familiar em exótico, o que significa entender as relações da comunidade estudada para buscar semelhanças ou não na própria realidade.

Também se considerou pertinente a utilização das memórias vividas do pesquisador por ser possível seguir o que DaMatta (1978, p.30) chama de "corpo de princípios guias" da etnografia, entre elas a da imersão no contexto e posterior afastamento, pois, segundo o autor, é necessário um desligamento emocional no segundo momento, visto que a apreensão inicial foi realizada menos via intelecto e mais via sentimentos: "do estômago para a cabeça".

Confirmou-se esta posição pelo agora pesquisador, que ao interessar-se pela possibilidade desta pesquisa, por estar ainda imerso no ambiente estudado, não era capaz de interpretar com mais segurança aspectos que atualmente, ao realizar a análise deste estudo, após dois anos de distanciamento, enxerga com mais clareza, sem a influência tão forte das emoções.

Ainda na busca por justificar as experiências vividas pelo próprio pesquisador, Garcia e Valla (1996, p. 11) ressaltam a distância dos saberes acadêmicos dos saberes e falas dos chamados grupos excluídos citando: "[...] o elemento popular "sente", mas nem sempre compreende ou sabe. O elemento intelectual "sabe" mas não compreende ou particularmente, "sente"."

Portanto, para uma maior aproximação entre o "sentir" e o "compreender" utilizou-se das memórias do próprio pesquisador que, embora "elemento intelectual", também viveu e sentiu as relações da comunidade.

Outro fator de adequação ao olhar científico escolhido diz respeito à especificidade do ambiente. A pesquisa é evidentemente um estudo de caso e a este respeito Laplantine (1988, p.153) afirma:

> É uma abordagem claramente microssociológica, que privilegia dessa vez o que é aparentemente secundário em nossos comportamentos sociais. Disso resulta um deslocamento radical dos centros de interesse tradicionais das ciências sociais, para o que chamarei de infinitamente pequeno e cotidiano.

Geertz (1989) afirma também que a descrição etnográfica é microscópica. Defendendo o propósito de um estudo de caso e utilizando-se do mesmo autor em sua citação à investigação local, esta pesquisa não será da comunidade de Heliópolis e sim na comunidade e em um recorte específico, a do grupo de adolescentes participantes do projeto esportivo entre 2003 e 2005.

Acredita-se que a descrição e interpretação pura e simples do verificado e coletado pelas entrevistas é pobre para levantar os significados, intenções e forças que agem na teia de relações das pessoas envolvidas neste microcosmo. A etnografia prevê a análise dos significados através da descrição densa das ações vivenciadas na busca do que Geertz (1989, p.17) chama de "estruturas significantes", isto é, o que está por trás dos gestos, falas, esquecimentos, ausências, omissões, emoções e sentimentos. Este saber oculto é considerado de grande importância para este estudo, acreditando-se que ao interpretá-lo, significados afloraram, oferecendo informações mais profundas e importantes para o conhecimento que se pretendeu construir.

Laplantine (1988, p. 156) afirma que a etnografia deve estudar o próprio contexto onde se inserem as pessoas, o que chama de "rede densa de interações" e citando Mauss, descreve que "o homem é indivisível" e "o estudo do concreto" é "o estudo do completo".

Considerando o ambiente com este conceito de totalidade, é necessário integrar o pesquisador no campo de observação. A presença do observador tem influência nas relações pesquisadas e este fato é previsto e aceito pela ciência escolhida.

Segundo Laplantine (1988, p.170):

> Aquilo que o pesquisador vive, em sua relação com os interlocutores (o que reprime ou sublima, o que detesta ou gosta), é parte integrante de sua pesquisa. Assim uma verdadeira antropologia científica deve sempre colocar o problema das motivações extracientíficas do observador e da natureza da interação em jogo. Pois a antropologia é também a ciência dos observadores capazes de observarem a si próprios, e visando a que uma situação de interação (sempre particular) se torne o mais consciente possível. Isso é realmente o mínimo que se possa exigir do antropólogo.

A subjetividade, desta forma, estará presente nas fases desta pesquisa. Ela é fator aceito, tanto pela ciência como na metodologia escolhida, a História Oral, que será detalhada posteriormente.

Geertz (1989) descreve um ensaio de Gilbert Ryle sobre uma situação na qual dois meninos piscam o olho direito. Um deles pisca por causa de um tique involuntário e outro para se comunicar através de um código pré-determinado. Inclui posteriormente um terceiro menino que pisca com a intenção de ridicularizar o primeiro, capaz ainda de ensaiar a ação em sua casa. Se descritas superficialmente, apenas levantando as características da ação motora, poucas serão as diferenças de um menino para outro.

No entanto, se o observador, através de seu olhar subjetivo, perceber as intenções por trás das ações, poderá realizar o que o autor chama de descrição densa, oferecendo ao estudo os significados das relações envolvidas.

Daolio (1992, p.27) afirma:

> Toda e qualquer observação que o pesquisador possa fazer ao analisar um grupo específico será mediada pelo seu referencial cultural, expresso na sua subjetividade. O que lhe agradará, o que lhe causará aversão, o que lhe parecerá justo, o que lhe parecerá desumano, enfim, o que se destacará para ele será em função de sua condição de sujeito, participante de uma cultura e será intermediado pela sua subjetividade.

Definida a etnografia que orientou o olhar da pesquisa, foi importante também delimitá-la como um estudo de caso, pois se tratou de reconstruir as memórias vividas por um grupo específico de adolescentes em um determinado projeto socioeducativo e durante um período em particular.

André (1995) afirma que se o pesquisador deseja entender um caso em particular levando-se em conta seu contexto e complexidade, a metodologia do estudo de caso é a ideal.

A mesma autora descreve algumas características do estudo de caso etnográfico que se identificam com esta pesquisa:

> Sintetizando idéias de vários autores, podemos dizer que o estudo de caso etnográfico deve ser usado: (1) quando se está interessado numa instância em particular, isto é, numa determinada instituição, numa pessoa ou num específico programa ou currículo, (2) quando se deseja conhecer profundamente uma instância em sua complexidade e em sua totalidade, (3) quando se estiver mais interessado naquilo que está ocorrendo e no como está ocorrendo do que nos seus resultados, (4) quando se busca descobrir novas hipóteses teórica, novas relações, novos conceitos sobre um determinado fenômeno, e (5) quando se quer retratar o dinamismo de uma situação de uma forma muito próxima do seu acontecer natural. (ANDRÉ 1995, p.51)

A definição por um estudo de caso etnográfico nesta pesquisa segue os requisitos defendidos por André (1995). Antes de tudo foi necessário seguir as determinações metodológicas da etnografia. E o que caracteriza o estudo de caso é a investigação de um grupo bem determinado, que no caso foram os jovens adolescentes que participaram do projeto socioeducativo na época já delimitada. Desta forma o interesse da pesquisa foi compreender este grupo como unidade, enfatizando-o em particular, sem impedir que se estivesse atento ao contexto mais amplo da associação onde ele se inseria.

2- A história oral

Para dar conta de realizar o estudo de caso definiu-se a utilização da história oral como metodologia para recuperar a memória do educador e dos educandos participantes do projeto, permitindo que muitas vozes fossem ouvidas a respeito dessa experiência, segundo a posição ético-política que informa esse tipo de fazer científico que tenta dar voz a todos os atores sociais participantes do fenômeno investigado.

Através deste instrumento pretendeu-se explorar as chamadas memórias subterrâneas ou marginais (VON SIMSON, 2003), referente ao passado de grupos dominados que terão suas

lembranças perdidas, caso não se busque reconstruí-las, para então, fazer parte dos lugares de memória, tradicionalmente ocupada pelas memórias das elites dominantes.

Embora esta reconstrução seja de um passado não muito distante, a metodologia foi adequada para levantar dados sobre as lembranças vividas no projeto socioeducativo, em especial as mais significativas, pois segundo Von Simson (2003), a memória depende do esquecimento, sendo impossível reter tudo o que vivemos, permanecendo, desta forma, apenas o que foi marcante e funcional para aquele que relembra. O processo de memorização é mediado pela capacidade de selecionar o que é significativo, do que não é. Tudo o que se separa como não significativo, se esquece, permanecendo o que identificou-se como importante, marcante, que pode ser utilizado futuramente. Desta forma, com a coleta dos depoimentos orais, buscou-se o levantamento dos fatos que foram significativos para os jovens, aqueles que mereceram destaque em suas vidas e foram selecionados para permanecerem na memória e também suas motivações para tanto.

Ainda sobre a reconstrução das memórias recentes, que segundo Bosi (2003) é chamada de história do tempo recente, a autora Fernandes (2007, p. 25), que também realizou pesquisa com jovens ex-participantes de um projeto socioeducativo afirma:

> Como a história que os depoentes reconstroem ao recontar rememorando fatos vividos aconteceu nesse período de tempo próximo e, portanto, como as memórias desse tempo vivido que cada sujeito carrega consigo estão fragmentadas e dispersas, ainda não escritas, a história oral entra na pesquisa como a metodologia mais adequada para a ocasião e a situação.

Queiróz (1988) cita o caso de uma pesquisadora que estudou as lembranças dos campos de concentração na 2ª Grande Guerra na qual ela própria foi prisioneira. A confrontação de suas memórias com a de outros prisioneiros demonstrou direções diferentes e até contraditórias. Foi necessário um levantamento mais detalhado, em outras fontes que não só o relato oral. Esta autora contribui para este capítulo quando confirma a possibilidade de utilização da memória do próprio pesquisador confrontado com os demais dados coletados, sejam eles relatos ou documentos.

Foram utilizadas duas modalidades de entrevista. A primeira, denominada roda de conversa, procurou reunir o maior número possível de jovens participantes do projeto para

rememorar as atividades vividas no sentido das memórias de um indivíduo detonarem processos de lembranças nos demais.

Também foi utilizada a modalidade de roda de conversa para a entrevista com dois grupos de jovens de 17 a 18 anos pertencentes a um grupo que se chamou geração mais nova, que seriam justamente os adolescentes que viriam a substituir o grupo foco deste estudo quando da sua saída do projeto, que também foram filmadas para posterior transcrição.

Roche (2002) afirma que as rodas de conversa ou entrevistas em grupo contribuem para se levantar os diversos pontos de vista das pessoas envolvidas podendo gerar novos "insights" sobre temas a serem abordados também nas entrevistas individuais. Com estes elementos é possível realizar um rico cruzamento de informações.

Uma característica da entrevista em grupo, segundo Flick (2002, p.126) é: "[...] a disponibilidade das correções pelo grupo no que se refere a visões que não estejam corretas- como um meio de validar enunciados e pontos de vista." Desta forma é possível que dados relevantes sejam abordados e coletados na forma mais fiel ao que seus integrantes vivenciaram.

O pesquisador procurou mediar as discussões de forma a possibilitar a participação de todos, incentivando a exposição da opinião dos mais introspectivos e não permitindo que os mais expansivos e com características de liderança monopolizassem a conversa.

Gatti (2005) chama de grupo focal um conjunto de pessoas selecionadas e reunidas para discutir e comentar um determinado tema, mediados por um ou mais pesquisadores. Assim entende-se que a roda de conversa realizada para esta pesquisa se adéqua à denominação de grupo focal como também as características que a autora descreve da técnica, destacando-se a não diretividade da entrevista pelo mediador, que não deve interferir com opiniões, conclusões ou outras formas de intervenção direta. No entanto, cabe ao mediador procurar manter as discussões no tema pretendido, buscar a opinião de membros mais retraídos e não permitir a monopolização do discurso a apenas alguns participantes. (FLICK 2002)

Gatti (2005, p. 9) afirma que a entrevista com grupos focais oferece ambiente particular para o surgimento de depoimentos importantes:

> [...] a pesquisa com grupos focais tem por objetivo captar, a partir das trocas realizadas no grupo, conceitos, sentimentos, atitudes, crenças, experiências e reações, de um modo que não seria possível com outros métodos, como, por exemplo, a observação, a entrevista ou questionários. O grupo focal permite fazer emergir uma multiplicidade de pontos de vista e processos emociaonais, pelo próprio contexto de interação criado,

> permitindo a captação de significados que, com outros meios poderiam ser difíceis de se manifestar.

No entanto Flick (2002) também afirma que o método apresenta aspectos negativos como o reduzido número de questões a serem abordadas e a dificuldade de registro pela fala de vários componentes, o que exige uma preparação cuidadosa definindo quais os temas fundamentais para a pesquisa que devem ser discutidos.

A segunda modalidade foi a do depoimento oral, modalidade de entrevista individual que previu uma participação menor do pesquisador em um primeiro momento, com perguntas mais abertas e posteriormente, na busca por dados mais específicos, uma intervenção maior, seguindo as necessidades de sua pesquisa.

Desta forma, inicialmente as informações levantadas individualmente foram na busca de dados gerais sobre como foi crescer na "favela" de Heliópolis e confrontá-los com as referências teóricas levantadas na busca de ilustrar o ambiente do estudo..

A entrevista de depoimento oral teve a mínima intervenção do pesquisador no que se refere às memórias gerais de sua existência fora do projeto socioeducativo. Esta posição permitiu ao entrevistado a exposição dos fatos mais marcantes por ele vividos. Segundo Queiróz (1988), as possíveis "falhas de memória" também podem trazer informações importantes ao pesquisador, portanto, pausas, silêncios, não-ditos, incompreensões, também foram considerados como dados relevantes.

No segundo momento a busca foi por informações sobre as memórias referentes ao período específico de vivência do esporte no projeto socioeducativo, que aconteceu entre os anos de 2003 e 2005.

Os registros foram armazenados em vídeo através de filmadora digital e salvos em cds. Todas as falas foram transcritas em sua íntegra e o mais breve possível, após a sua coleta para a possível detecção de temas ainda não pensados, a serem explorados nas entrevistas posteriores.

Após a transcrição os trechos foram separados e classificados em sub-temas para a comparação e análise cruzando com os dados referentes às memórias do próprio pesquisador e com a bibliografia.

3- Panorama dos entrevistados

Como forma de minimizar as possíveis influências da subjetividade implícita nas condições apresentadas especificamente neste estudo, ou seja, a utilização das memórias do próprio pesquisador quando professor do projeto, a relação de proximidade vivida com os jovens foco da pesquisa e as influências desta relação na realização das entrevistas, resolveu-se aumentar o número de pessoas entrevistadas que foram classificadas em grupos com características próprias. Também se optou por ampliar o universo de entrevistados na intenção de investigar as relações vividas no projeto, pela ótica de diferentes fontes e pontos de vista, oferecendo possibilidades de aprofundamento nas questões levantadas, através do cruzamento dos discursos, suas aproximações e distanciamentos.

Desta forma dividiram-se os entrevistados em cinco grupos:

3.1- Jovens participantes do projeto

Neste grupo ficaram os jovens que participaram do projeto na época em que se propõe investigar esta pesquisa. Foram realizadas duas modalidades de entrevistas, a roda de conversa e o depoimento individual.

Na roda de conversa participaram 11 dos 30 jovens que iniciaram as atividades em 2003. A roda de conversa teve a função de detonar as lembranças, estimulando os entrevistados a buscar os detalhes das ocasiões marcantes. Seu início foi através da exposição de fotos e materiais diversos reunidos por todos e referentes ao grupo e época específica. Em seguida o pesquisador, intervindo através de temas geradores, mediou a conversa.

Os temas geradores foram:

- As lembranças mais marcantes da época em que vivenciou o projeto.
- As maiores dificuldades encontradas.
- As maiores conquistas.

- O que foi essencial para que o processo vivido acontecesse da maneira que o vivenciou.
- Caso fossem consultados para um novo projeto socioeducativo, o que sugeririam como necessário?
- Detectam alguma contribuição do projeto em sua formação geral? Qual?

Nos depoimentos individuais foram entrevistados cinco mulheres e quatro homens, acreditando-se que esta quantidade configura-se em amostra qualitativa, mantendo-se a proporcionalidade com relação ao gênero, visto que do total de trinta participantes, dezesseis eram do sexo feminino e quatorze do masculino.

Como mencionado anteriormente, no primeiro momento desta entrevista buscou-se levantar informações sobre como é crescer na comunidade. A solicitação geradora central para este momento foi:

- Fale-me sobre como foi crescer em Heliópolis

Outras questões foram utilizadas para detalhamento das informações:

- Como é formada sua família?
- Como foi sua educação escolar?
- Como era(m) sua(s) casa(s) em sua infância?
- De que brincava?
- Quais as atividades que fazia?
- Alguma lembrança mais significativa que gostaria de relatar?

No segundo momento, buscando-se informações específicas das experiências vividas no projeto socioeducativo, utilizou-se como orientadores da entrevista as seguintes questões:

- Quais as lembranças mais marcantes que você tem do período vivido no projeto ?

- Como você vê a continuidade na busca por evolução no voleibol que vivenciamos?
- Você identifica alguma influência provenientes do projeto em sua vida atual ?
- Você teria alguma sugestão a dar para a execução de um projeto semelhante aquele vivido?
- Quais as características que um educador de projeto socioeducativo com esporte deve ter?
- Como está sua formação educacional e profissional? Quais os planos para tal no futuro?
- Muitos falaram sobre o desejo de fazer faculdade. Você tem este desejo? Qual a atual situação deste desejo? Você acha que o projeto te ajudou neste desejo? Acha que faltou algo?
- Você sabe como as crianças e jovens estão atualmente no projeto?

3.2- Jovens de geração mais recente participantes do projeto

Foram realizadas duas rodas de conversa com quatro jovens cada, sendo na primeira duas moças e dois rapazes e na segunda uma moça e três rapazes. É importante frisar que se decidiu por realizar estas entrevistas, após constatar em muitos depoimentos de outros grupos, a afirmação de que atualmente o projeto sofria com uma diminuição sensível do número de educandos e a não continuidade das atividades da mesma forma que fora realizada anteriormente. Entendeu-se que o levantamento das diferenças das atividades oferecidas pelo projeto nas diferentes épocas podia contribuir para a indicação de características importantes a serem consideradas em um projeto socioeducativo com esporte.

As questões norteadoras da roda de conversa para este grupo foram:

-Você ainda está jogando voleibol na sede?
-Como está o voleibol?

-Você sente que existe diferenças entre a sua geração e a do 1º grupo?

-Quais as diferenças ?

-Se você pudesse fazer reivindicações, quais seriam?

3.3- Mães dos jovens participantes do projeto

Foram ouvidas 2 mães de rapazes e 2 mães de moças pertencentes ao grupo foco deste estudo. A busca principal em seus depoimentos foi sobre informações a respeito de possíveis influências que as mães identificaram em seus filhos com a participação no projeto.

As questões que guiaram as entrevistas com as mães foram:

-Antes do seu filho participar do projeto, quais as atividades dele(a)?

-Como você agia com relação à violência da rua com seu filho?

-Houve alguma mudança de comportamento de seu filho durante sua participação no projeto?

-Você acha que ele aprendeu algo no projeto que ele carrega até os dias de hoje?

-Você teria alguma sugestão ou dica para dar aos projetos como o que seu filho viveu?

3.4- Educadores do projeto

Foram colhidos os depoimentos de três educadores, todos moradores da comunidade, sendo dois homens que já não estavam atuando no projeto e uma mulher, sub-coordenadora do núcleo.

As questões utilizadas nas entrevistas com os educadores foram:

-Quanto tempo participou do projeto?

-Você identificou alterações no comportamento dos adolescentes que participavam do projeto?

-Você como educador e morador da comunidade, identifica diferenças nos adolescentes do projeto e nos adolescentes que não estão no projeto?

-Porque você acha que os jovens eram tão compromissados com o projeto do vôlei?

-Quais as qualidades de um educador para projetos socioeducativos?

-Quais as características que devem ser observadas em um trabalho de esporte em comunidades periféricas?

-Você identifica algum aprendizado que o projeto pode ter oferecido que os jovens apresentam ainda hoje?

3.5- Liderança da comunidade

Foi entrevistada a líder da comunidade na época, que exercia o cargo de diretora da ONG local e era o principal contato da comunidade com a ONG responsável pelo projeto de voleibol. No momento da entrevista ela já não participava mais da relação citada.

As questões utilizadas nesta entrevista foram:

-Quanto tempo participou do projeto?

-Como acontece a aprovação de um projeto com iniciativa de fora da comunidade?

-Você identificou alterações no comportamento dos adolescentes que participavam do projeto?

-Você como liderança do projeto identifica diferenças nos adolescentes do projeto e nos adolescentes que não estão no projeto?

-Porque você acha que os jovens eram tão compromissados com o projeto do vôlei?

-Quais as qualidades de um educador para projetos socioeducativos?

-Quais as características que devem ser observadas em um trabalho de esporte em comunidades periféricas?

-Você identifica algum aprendizado que o projeto pode ter oferecido que os jovens apresentam ainda hoje?

4- Perfil dos entrevistados

Conforme compromisso firmado com o Comitê de Ética no qual este estudo foi submetido, não deve ser divulgada a identidade de nenhum dos entrevistados, procurando também evitar possíveis complicações na própria comunidade devido a afirmações que possam não agradar a determinados grupos ou pessoas. No entanto, julgou-se importante identificar cada participante através da descrição de algumas características de seu perfil que para a melhor ambientação do leitor no estudo. Para tanto se utilizou uma letra para indicar a qual grupo pertence e um número para diferenciá-lo dos demais.

As letras utilizadas e seus respectivos grupos que representam são:

- J (jovem do grupo foco do estudo)
- JN (jovem de geração mais recente)
- ED (Educador)
- M (mãe)
- L (liderança comunitária)

Desta forma segue-se a caracterização dos participantes das entrevistas:

- J 1- Sexo masculino, 19 anos, ensino médio completo, fez técnico em telecomunicações, nasceu e cresceu em Heliópolis.

- J 2- Sexo masculino, 20 anos, ensino médio completo, chegou a fazer 1 semestre de faculdade de educação física em instituição particular, nasceu e cresceu em Heliópolis, atuou como estagiário no projeto estudado.

- J 3- Sexo masculino, 20 anos, ensino médio completo, está cursando faculdade de logística, nasceu e cresceu em Heliópolis.

- J 4- Sexo masculino, 20 anos, ensino médio completo, faz curso técnico em manutenção de computadores, nasceu e cresceu em Heliópolis, é casado e tem uma filha.

- J 5- Sexo feminino, 19 anos, ensino médio completo, faz faculdade de Letras na USP, nasceu e cresceu em Heliópolis.

- J 6- Sexo feminino, 20 anos, ensino médio completo, faz faculdade de Jornalismo, nasceu em São Paulo, zona norte e foi para Heliópolis com 11 anos.

- J 7- Sexo feminino, 19 anos, ensino médio completo, faz faculdade de educação física em instituição particular, nasceu e cresceu em Heliópolis.

- J 8- Sexo feminino, 20 anos, ensino médio completo, trabalha em supermercado, nasceu e cresceu em Heliópolis, é casada e tem uma filha.

- J 9- Sexo feminino, 19 anos, ensino médio completo, faz faculdade de educação física , nasceu no Piauí e desde os 3 anos mora em Heliópolis.

- J 10- Sexo feminino, 20 anos, ensino médio completo, faz faculdade de Psicologia, nasceu e cresceu em Heliópolis.

- J 11- Sexo feminino, 19 anos, ensino médio completo, nasceu e cresceu em Heliópolis, trabalha em escritório de contabilidade.

- J 12- Sexo masculino, 20 anos, ensino médio completo, está cursando faculdade de engenharia de produção, nasceu e cresceu em Heliópolis.

- J 13- Sexo masculino, 20 anos, ensino médio completo, está cursando faculdade de engenharia de produção, nasceu e cresceu em Heliópolis.

- J 14- Sexo masculino, 20 anos, ensino médio completo, está cursando faculdade de logística, nasceu e cresceu em Heliópolis.

- JN 1- Sexo masculino, 18 anos, cursando o ensino médio, nasceu e cresceu em Heliópolis.

- JN 2- Sexo feminino, 17 anos, cursando o ensino médio, nasceu e cresceu em Heliópolis.

- JN 3- Sexo feminino, 18 anos, cursando o ensino médio, nasceu e cresceu em Heliópolis.

- JN 4- Sexo masculino, 18 anos, cursando o ensino médio, nasceu e cresceu em Heliópolis.

- JN 5- Sexo masculino, 18 anos, cursando o ensino médio, nasceu e cresceu em Heliópolis.

- JN 6- Sexo masculino, 19 anos, ensino médio completo, nasceu e cresceu em Heliópolis.

- JN 7- Sexo feminino, 17 anos, cursando o ensino médio, nasceu e cresceu em Heliópolis.

- JN 8- Sexo masculino, 17 anos, cursando o ensino médio, nasceu e cresceu em Heliópolis.

- ED 1- Sexo masculino, 24 anos, nasceu e cresceu em Heliópolis, formado em educação física em instituição particular, trabalhou no projeto por 5 anos.

- ED 2- Sexo masculino, 20 anos, nasceu e cresceu em Heliópolis, estudou durante 1 ano em faculdade de educação física particular, atuou como estagiário no projeto por quase 2 anos.

- ED 3- Sexo feminino, 31 anos, nasceu e cresceu em Heliópolis, formada em educação física em instituição particular, trabalha no projeto há 5 anos e ocupa cargo de educadora e sub-coordenação. Antes de trabalha na área de formação trabalhava com alfabetização de adultos na mesma comunidade. Também pode ser considerada líder comunitária, pois é responsável por projeto de atividade física envolvendo centenas de mulheres e é referência de muitos moradores quando querem reivindicar algo.

- M 1- Mãe de jovem do sexo masculino, sempre viveu na comunidade, é bastante participativa na rotina do núcleo estudado.

- M 2- Mãe de jovem do sexo masculino, sempre viveu na comunidade, trabalhou em outro projeto socioeducativo no entorno da comunidade, sempre foi bastante presente nas ações do núcleo.

- M 3- Mãe de jovem do sexo feminino, mora na comunidade há 10 anos, foi voluntária no projeto estudado, participa de projeto de ginástica no núcleo.

- M 4- Mãe de jovem do sexo masculino, nasceu e cresceu na comunidade, também sempre esteve próxima das ações do projeto.

- L 1- Liderança da comunidade na época, sexo feminino, nasceu, cresceu e ainda mora em Heliópolis, foi a articuladora entre as lideranças da comunidade e a direção da ONG responsável pelo projeto de voleibol, atualmente dirige uma creche também na comunidade.

Capítulo IV: Minhas memórias

Como explicitado no capítulo sobre metodologia, a descrição das memórias de pesquisador como educador que vivenciou o projeto social esportivo fazem parte dos dados que serão utilizados para as análises finais da pesquisa. São informações que serão confrontadas com as memórias recolhidas dos jovens e relacionadas com os referenciais teóricos.

No primeiro tópico deste capítulo estão descritas as informações encontradas em referências teóricas diversas sobre o ambiente de pesquisa relacionada às informações provenientes das lembranças do pesquisador, com o objetivo de melhor ilustrar o cenário estudado.

Posteriormente são descritas as memórias vividas no projeto socioeducativo em Heliópolis como educador e coordenador do núcleo. Estas memórias foram reconstruídas a partir de diversos meios: anotações aleatórias e cartas ou textos escritos como forma de registros de momentos marcantes feitas pelo pesquisador, conversas com colegas, fotos do projeto e lembranças relacionadas ao tema da pesquisa. Logicamente foram muitas as experiências, não sendo possível o registro de todas. Portanto estão expostas a seguir, as lembranças dos eventos mais significativos e que julgou-se mais relevantes para o estudo.

1- Crianças e jovens da "favela": quais problemas tratar

Entre as diversas dificuldades enfrentadas pela comunidade de Heliópolis, a exclusão indica ser a origem de vários destes problemas. Werthein (2002), em um trabalho publicado pela UNESCO sobre políticas públicas e juventude, afirma existir vários processos frutos da confluência entre mercado, Estado e sociedade que tendem a concentrar a pobreza entre os jovens moradores em comunidades periféricas, isolando-os de outras camadas sociais. Esses processos são: (i) a incapacidade do mercado de trabalho em absorver as pessoas com baixa qualificação profissional; (ii) dificuldade do Estado em reformar a educação, a ponto de poder formar melhor seus cidadãos; (iii) a família e vizinhança que reduziram suas competências para gerar estímulos

e confiança em crianças e jovens com relação à importância da educação e formação; (iv) emancipação precoce dos jovens com níveis educacionais baixos, associado às altas taxas de fecundidade contribuindo com que a pobreza se acentue nas primeiras etapas da vida familiar, fato que se liga intimamente ao item anterior; (v) segregação residencial, criando focos de moradias com alta densidade demográfica; (vi) dificuldade cada vez maior de intercâmbio entre pessoas de diferentes níveis sócio-econômicos em espaços públicos; e (vii) a segmentação dos serviços básicos, especialmente da educação.

É possível identificar estes processos no cotidiano dos moradores de Heliópolis: filhos de cidadãos com pouca ou nenhuma formação educacional, sofrem com o desemprego ou baixos salários dos pais.

As escolas do entorno são vistas como as mais perigosas e enfrentam a falta de educadores diariamente e como conseqüência oferecem um ensino de baixa qualidade. Serve como indicativo o fato de se encontrar muitos educandos na faixa de 11 e 12 anos analfabetos funcionais, sem conseguir ler e compreender ou se expressar através da escrita, mesmo não estando em defasagem na relação série escolar/idade.

Outro indicativo da qualidade do ensino foi a presença constante dos jovens no núcleo nos horários em que deveriam estar na escola. A alegação diária era a ausência dos educadores.

No ENEM[14] (Exame Nacional do Ensino Médio) de 2005, as escolas do entorno tiveram nota média de 46,84, bem distante da média do ensino particular do estado: 58,80 e também das melhores médias de escolas públicas do estado: 56,01 . Apesar deste índice alcançado ser maior que a média estadual: 40,33 e nacional: 39,89, é razoável interpretar que tais desempenhos trarão dificuldades aos jovens da região no acesso às universidades públicas levando-se em conta o número reduzido de vagas e grande número de candidatos, fato que vem reforçar o processo de baixo nível de formação, pois é importante frisar também a falta de condições de arcar com os custos de um curso universitário em instituição privada.

A violência também é forte presença, geralmente aliada ao tráfico de drogas, que acontece abertamente nas ruas da comunidade. E devido ao perigo constante, muitas crianças ficam literalmente presas dentro de suas casas, saindo apenas para ir à escola e outras atividades

[14] Dados retirados do site do INEP- Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. resultados do Exame Nacional do Ensino Médio 2005: www.inep.gov.br

consideradas como seguras pelos pais como, no caso, o projeto esportivo. Percebe-se que esta ação provoca grande isolamento, causando nos educandos distanciamento de ações culturais comuns nessa faixa etária, como convívio social além da escola, realizado em clubes, cinemas, ou no próprio bairro.

Esta hipótese do isolamento é reforçada quando, ao buscar referências sobre a violência em áreas carentes, foram encontradas citações de comportamentos entendidas como normais entre os jovens, mas não identificado nos educandos do núcleo. Santos (1999) cita alguns autores sobre o cotidiano de jovens moradores de "favelas":

> Todos os adolescentes entrevistados por mim nas várias pesquisas que realizei durante a década [de 80], e em inúmeras declarações a jornalistas, afirmaram a necessidade de furtar ou roubar para comprar roupa bonita, tênis de marca, shorts de griffe para ir ao baile. (ZALUAR citado por SANTOS,1999, p.37)

> Os adolescentes utilizavam-se da fama negativa da favela onde haviam morado para intimidar os outros em caso de briga ou até mesmo nos jogos, na pipa voada, na disputa de uma namorada. Quanto maior a periculosidade da favela de origem, melhor era para impor respeito, mas logo, logo, sabia-se que eram otários, malandros, vagabundos, trabalhadores, bandidos, viciados e considerados. (LINS citado por SANTOS, 1999, p.45)

Ao se tratar de "favelas", a relação com a violência, o tráfico de entorpecentes e o envolvimento de crianças e jovens vem logo à lembrança. Em Heliópolis não é diferente. Afirmar que o esporte pode afastá-las desta influência sugere ser a realidade vivida por muitos educandos que continuam no núcleo.

Santos (1999) afirma que a violência tem relação íntima com a pobreza sendo uma conseqüência da exclusão social, agindo em dois níveis, um macro, que restringe o acesso da população às conquistas da civilização e um micro, ao nível da comunidade e da família que podem privar suas crianças e adolescentes de uma identidade em torno de propostas produtivas e cooperativas.

Esta violência se expressa de duas maneiras anti-sociais: através da utilização de atitudes agressivas e grosseiras, como maneira de se impor e através de atitudes criminosas.

Segundo Ximenes (2001), a violência não acontece em uma única via, do delinqüente para com a sociedade e sim em mão dupla, pois os cidadãos sofrem diversos tipos de violência, como por exemplo, as posturas autoritárias e preconceituosas de muitos profissionais da educação. Uma aluna de 10 anos foi ridicularizada na frente da turma por querer ser médica. Sua educadora

afirmou que esta é uma profissão muito difícil e impossível de ser alcançada por moradores da "favela".

Uma outra característica forte e particular dos educandos é a baixa auto-estima. Com a preocupação de analisar as ações pedagógicas do projeto e levantar informações sobre o perfil dos educandos, foi contratada pela empresa patrocinadora o IDECA (Instituto de Desenvolvimento Educacional, Cultural e Ação Comunitária), que desenvolveu pesquisa inicial em 2002 sobre as características dos educandos e as atividades realizadas em aula. Um dos dados obtidos remete a baixa auto-estima geral.

A pesquisa mostra que em uma avaliação onde os educandos expressaram a importância em suas vida, da família, escola, amigos, núcleo e de si mesmo, 43% das meninas e 40% dos meninos afirmaram que o Eu é pouco importante, demonstrando a sua auto-imagem.

2- As lembranças mais significativas

Descrevi minhas memórias divididas em temas que julguei mais relevantes para o estudo, buscando oferecer tanto informações específicas relacionadas aos objetivos da pesquisa quanto posicionar o leitor no ambiente do projeto.

2.1- Heliópolis

O primeiro e constante desafio durante os três anos de minha experiência nesta comunidade foi o de buscar compreender melhor a cultura daquela sociedade. Desafio que continua e me motiva a este estudo.

Aluguei um apartamento dentro da "favela" que passou a ser minha nova moradia entre março de 2003 a dezembro de 2005. Este lar me permitiu viver várias situações que não seriam possíveis se precisasse retornar a uma casa fora do bairro.

Assumi aulas no núcleo nos três períodos, manhã, tarde e noite e coordenei o projeto durante 1 ano.

Embora não estivesse trabalhando como pesquisador, acredito ter realizado o que Laplantine (1988) chama de imersão total na busca de adequar minha prática às especificidades locais.

Ainda de acordo com o mesmo autor, colei-me o mais perto possível de seus moradores, algumas vezes até me achando um deles e atualmente, já distante vários meses desta comunidade, tenho certeza, não retornei ileso desta experiência.

Descreverei a seguir algumas das memórias vividas na intenção de caracterizar o ambiente do estudo, segundo a interpretação que fiz após este período de imersão.

2.2- A chegada

O primeiro impacto das crianças foi a de me olhar com fisionomia de dúvida. Você é do Japão, Professor?

A pergunta feita diversas vezes durante algumas semanas provavelmente se deve ao fato dos educandos terem pouco contato com descendentes de orientais. Não conseguiam compreender como podia ter nascido perto do bairro (nasci no Parque Dom Pedro, a cerca de 10 km) e ter fisionomia de oriental. Minhas explicações renderam dúvidas, mas a aceitação de todos.

A espontaneidade com que a maioria das crianças se aproximava perguntando e ouvindo a resposta denunciava a curiosidade pelas novidades. Fui recebido de forma carinhosa e aparentemente aberta por todos. Atualmente concluo que principalmente pelas crianças. Este fato denunciou também o isolamento vivido pelas crianças da comunidade, visto o estranhamento ao conhecer um descendente de oriental, mesmo dentro da cidade onde vive a maior colônia japonesa no Brasil.

Inicialmente o projeto estava voltado para crianças de 7 a 14 anos. No ano de minha chegada havia um primeiro grupo que excedia a idade máxima e que manifestava interesse em continuar as atividades.

Como não havia horário disponível na quadra do projeto durante o dia, foi necessário negociar horários à noite que eram destinados à comunidade em geral, mas utilizados apenas para a prática de futsal por indivíduos temidos pela sociedade local.

A concessão do espaço foi apenas por 2 dias por semana, durante 2 horas, conseguida através de diálogo entre as lideranças do tráfico e comunidade.

Mesmo feito o acordo, os primeiros meses foram tensos, com atividades de voleibol (modalidade do projeto) sendo ministradas sob as queixas dos antigos usuários destes horários. A tensão foi diminuindo com a persistência e continuidade das atividades e constantes conversas com as lideranças.

2.3- Os adolescentes

O grupo formado pelos jovens de 15 anos que estariam inicialmente fora do programa pelo limite máximo de idade representa grande parte das memórias que julgo mais marcantes deste estudo.

Nasci e cresci na cidade de São Paulo, em região de bolsões de pobreza. Após 12 anos morando em Campinas, interior do estado, pensei que seria melhor que eu relembrasse de meus tempos de jovem típico morador da metrópole, postura de malandro, linguagem recheada de gírias e sabedor “das coisas da periferia”.

Percebi logo que poucos me entendiam. Certa vez ao encerrar um treino, me referi aos meninos com a expressão moçada. Foi clara a demonstração de incômodo e um dos jovens me disse: “ Moçada não, Professor !” Depois de uma boa conversa descobri que eles achavam que eu os estava chamando de moças. Começava assim minha suspeita de que de pouco adiantava minha postura malandra revivida, pois esta não era a forma de comunicação com que estavam acostumados.

Esta situação também me levou a atentar a outro aspecto. Eu esperava encontrar jovens semelhantes ao que eu fui, talvez por pensar que conviviam com algumas características próximas da minha juventude. O que constatei no decorrer de nossa convivência foi bem ao

contrário desta situação. A grande maioria destes jovens mostrava-se de maneira ingênua, utilizando poucas gírias e sendo pouco maliciosos em suas brincadeiras e ações.

Na busca por entender esta característica, questionei-os sobre suas rotinas antes do projeto e a grande maioria me afirmou que freqüentavam a escola e depois ficavam dentro de casa, em geral assistindo a tv. Ao serem questionados sobre o motivo de ficarem dentro de casa, a resposta mais comum era a de que suas mães não deixavam que brincassem na rua com medo do tráfico. Esta era outra evidência de como o isolamento agia nas crianças e jovens. A imagem de que a juventude da "favela" é composta por malandros, daqueles difíceis de se enganar, conhecedores das artimanhas da vida não foi confirmada no grupo com o qual trabalhei.

Do grupo de 30 jovens que iniciaram esta nova turma, dois meninos que não se enquadravam nestas características deixaram o grupo, após um ano. Estes sim apresentavam-se com um vocabulário e comportamento malandro, recheado de gírias, muitas vezes ameaçador ou de gozação. Seus amigos afirmaram que estavam trabalhando para o tráfico.

2.4- A violência

Na maior "favela" do estado existem regras que indicam não serem desconsideradas. Uma delas é não enfrentar ninguém sem saber quem é exatamente. Quebrei esta regra uma vez, no treino no período noturno, já cansado e um tanto irritado. Estava conversando com o grupo feminino quando a quadra foi invadida por jovens que eu não conhecia. Entraram, colocaram um aparelho de som na tomada e começaram a tocar algo com um volume muito alto. Sem pensar, levantei-me, cheguei até o aparelho e puxei o fio da tomada. Imediatamente fui intimado, cercado por alguns jovens. Afirmei que havíamos feito um trato e que o horário estava sendo cumprido. Nós os estávamos respeitando e eles deveriam fazer o mesmo em relação a nós.

Quando voltei para o meu grupo percebi a fisionomia de assustadas das meninas e só então me dei conta de que devia ter feito uma grande bobagem.

Felizmente os jovens respeitaram o restante da aula embora sob alguns olhares ameaçadores. No dia seguinte, logo cedo, relatei o acontecido à liderança da comunidade que afirmou ser assim mesmo que se lidava com eles, ao contrário da maioria dos jovens, que me

disseram: “Você é doido! Não mexe com estes caras não, Professor!” Não houve nenhuma repercussão deste episódio e até hoje não sei se porque acabaram respeitando nosso espaço ou se houve intervenção dos líderes do espaço.

Outro episódio que retrata bem a violência da comunidade aconteceu também à noite, após o treino do grupo masculino. Eram cerca de 22hs (nesta época já havíamos conquistado maior espaço no período e as terças e quintas ficávamos até este horário) e conversávamos sobre o que havíamos trabalhado quando ouvimos tiros que soavam muito perto. Eu não tinha certeza se eram tiros mesmo, o que foi confirmado por todos imediatamente. Pedi então que fossem para suas casas. Fiquei por último, pois precisava guardar o material e trancar o núcleo. Ao sair na rua, que naquele horário estava sempre cheia de pessoas, não havia ninguém. Pensei em retornar e passar a noite trancado ali mesmo. Mas meu apartamento ficava a apenas 5 minutos de caminhada. Resolvi seguir. Saindo de dentro de uma casa, uma mulher passou a me acompanhar. Ao dobrarmos a esquina ela saiu correndo e tive um primeiro impulso de acompanhá-la, mas não o fiz. O que pensariam de um homem correndo a noite atrás de uma mulher? Resolvi seguir andando rápido, uniforme do projeto bem à mostra. Na outra esquina, alguns jovens estavam reunidos. Um deles falou: “É o Japa, Professor do projeto!”, o que interpretei como uma liberação de passagem. Poucos minutos depois estava em casa, tremendo todo e agradecendo por chegar bem.

No dia seguinte ficamos sabendo que houve uma chacina nos muros externos da quadra.

No ar um clima de desassossego, difícil de se explicar. O fato era comentado ao pé do ouvido, como algo proibido de se falar. A maneira como todos os jovens identificaram rapidamente os tiros entre tantos outros ruídos da “favela”, a retirada rápida e o silêncio e esvaziamento das ruas denunciavam como se age na comunidade em momentos como este.

Em conversas posteriores percebi um certo incômodo em todos mas que não chegava a provocar revolta ou outro sentimento mais explícito. A impressão foi a de que fatos como este eram corriqueiros e não alteravam muito a rotina do local. Na visão dos jovens era como se tudo fizesse parte da normalidade, do cotidiano. O importante era não fazer parte desta violência, procurando se colocar sempre como neutro, fora do círculo de traficantes.

No entanto, muitas vezes não era possível, para alguns, se distanciarem, como gostariam, da violência. Em uma manhã, estava tomando café no refeitório com alguns educandos, logo cedo, cerca de 7:30hs, quando chega mais um, todo choroso. Na época devia ter 9 ou 10 anos. No

início, ao perguntarmos para ele o que acontecera, não quis responder. Mas como sua feição não mudava, ele que era sempre muito alegre e brincalhão, insistimos, (uma educadora e eu) para sabermos o que havia acontecido. Então ele afirmou: “Mataram meu primo! Esta noite!”. E em seguida completou: “ Mas não tem nada não, quem fez isso vai morrer rapidinho!” Em outros ambientes, é normal recebermos crianças desta idade chorando por vários motivos, seja porque o colega o ofendeu, ou seus pais lhe negaram algo, ou ainda perderam algo, mas em Heliópolis outro motivo possível e não muito raro era a perda de entes queridos na guerra do tráfico.

No entanto, apesar das disputas constantes entre grupos rivais dentro e fora da comunidade, fato que nunca era claro, pelo menos para mim, sabia que o trabalho desenvolvido no projeto tinha o aval do poder dominante, representado pelo tráfico. Este poder buscava apoiar ações que beneficiassem a comunidade, o que demonstrava uma preocupação que creio original e real, com seus moradores. Era um poder paralelo que juntamente com as lideranças comunitárias ditavam as regras do local, todos em busca da melhoria do espaço e do convívio segundo seus conceitos e valores. Lembro-me de uma conversa com a líder comunitária que afirmava que o comando do tráfico acreditava estar realizando uma luta pela melhoria da comunidade. O tema da discussão me pareceu ser as formas e meios como cada grupo realiza sua luta. Ela afirmava algo semelhante a: ”Cada um luta conforme seus credos!”

Durante estes três anos de convivência nunca recebi nenhum tratamento intimidador ou fui ameaçado pelo trabalho executado no projeto. Muito pelo contrário, me sentia bastante seguro dentro da comunidade, mais do que quando estava fora. Sempre era cumprimentado por pessoas que eu não reconhecia, mas que seguramente, me conheciam. Havia um clima de pertencimento entre os moradores que penso, também vivi. Tal sentimento é difícil de se descrever, mas era bastante forte e presente.

2.5- A Educação Formal

A exclusão à educação de qualidade atinge praticamente todos os jovens do bairro. As escolas do entorno são as consideradas perigosas. Foi-me relatado por uma funcionária do núcleo

que na atribuição de aulas dos professores da rede estadual, tais escolas são as últimas a serem escolhidas.

É possível questionar a qualidade de ensino pelo fato de na maioria dos dias da semana os educandos aparecem no núcleo em seus respectivos horários escolares por que não havia Professores para as aulas. Este fato era evidente principalmente no ensino médio.

Muitos exemplos de descaso recebidos na escola foram relatados pelos jovens. Até mesmo uma simples visita dos coordenadores do projeto à instituição e conversa com a direção eram dificultadas.

É importante frisar que esta realidade não era a mesma em todas as escolas. Em duas unidades, uma municipal e outra estadual, o projeto pôde inclusive estender suas atividades para seus próprios educandos em suas dependências. Foram escolas onde principalmente a direção se colocou à disposição e interessada em oferecer maiores oportunidades para seus educandos.

Eram exatamente estes estabelecimentos que apresentavam os melhores conceitos da comunidade e que ofereciam as maiores opções de ações educacionais não-formais, dentro do possível, atreladas ao processo formal.

2.6- O esporte e a formação

A minha visão de esporte, ao chegar na comunidade, era a de que se o trabalhássemos de maneira profunda, diversos aspectos poderiam ser desenvolvidos em conjunto.

Não concordava com a idéia de que por se tratar de um projeto socioeducativo, o esporte deva ser encarado apenas como uma simples ferramenta. Muitos alegam que as aulas de esporte servem para “atrair” as crianças para outros projetos educativos, estes sim, considerados mais importantes.

Zaluar (1994) afirma que a falta de profundidade e continuidade no desenvolvimento do esporte, em projetos socioeducativos, provocam a evasão dos jovens deixando-se assim de estimular valores que podem contribuir para a formação de seu caráter e identidade social.

Contesta-se também o trabalho esportivo, na área social, alegando ser fonte de frustrações, visto que poucos conseguirão ser atletas profissionais, mesmo não sendo este o objetivo do

programa. Ora, se afirmo aos educandos que todos serão atletas e viverão suas glórias como os mais conhecidos, reconheço que a frustração poderá ocorrer. No entanto, se a proposta for a de desafiá-los a se desenvolverem, a jogar cada vez melhor, buscar sim a vitória e lidar positivamente com a derrota, então entendo a frustração como fenômeno natural e que pode impulsioná-los ao crescimento, ao prazer por evoluir, através de seus esforços individuais e coletivos.

Zaluar (1994, p 70) cita sobre a prática esportiva competitiva :

> Todas as crianças entrevistadas, depois de alguma hesitação diante da pergunta "o que é espírito esportivo?" disseram que haviam aprendido a perder "sem chorar" ou "sem desanimar" ou " sem revoltar" ou ainda "sem brigar". Mas nenhuma delas deixou de acrescentar que queria ganhar. Afinal esta é a finalidade do jogo. E o gosto pela medalha era generalizado: todos vibravam pela sua conquista - os colegas, os familiares, os vizinhos.

Bento (1999, p.63) também defende o trabalho profundo com o esporte afirmando ser possível combater uma "pedagogia indolor" que se caracteriza pelo "[...] afrouxamento dos vínculos a compromissos e deveres, a tudo o que implique trabalho, esforço, disciplina, sacrifício, afinco, persistência e suor."

Particularmente entendo como trabalho profundo a investigação dos problemas apresentados, suas origens, características e consequências, a formulação de estratégias para intervir, minimizando tais flagelos da forma mais eficaz possível. A profundidade da ação educacional citada prevê a busca pela compreensão das relações vividas pelos educandos para propor uma estratégia adequada ao contexto. Para ilustrar posso argumentar que as forças que a violência e a exclusão exercem sobre os adolescentes da comunidade são poderosas e profundas também, a ponto de "aprisionar" uma criança dentro de casa, como será descrito posteriormente. Desta forma, é um trabalho superficial aquele que não considera esta dinâmica e por conseqüência não questiona as reais necessidades dos educandos e, portanto, tem poucas chances de provocar mudanças nesta relação.

Entendo ainda como profundidade na ação aquela que, prevendo a influência permanente de problemas como o exemplo da exclusão, também se planeja de forma continuada, oferecendo estímulos de desenvolvimento gradativo em seu eixo norteador, no caso, o esporte. Para exemplificar, proponho que a modalidade esportiva seja explorada continuamente, que se ofereça aos jovens a possibilidade de jogar cada vez melhor, de conhecer e compreender sua dinâmica e

suas relações. Assim, a criança inicia aprendendo os primeiros passos do voleibol (modalidade adotada no projeto), compreende sua dinâmica básica, percebe que é necessário jogar com seus colegas. Gostando (e é preocupação do profissional procurar fazer com que goste), a criança terá desejo de jogar melhor, aprender técnicas mais apuradas, imitar com mais perfeição seus ídolos, conhecê-los, vê-los jogar ao vivo. Além disto, poderá entender o que acontece com seu corpo quando o submete ao treinamento, pode tomar consciência da importância de hábitos mais saudáveis, desenvolver suas relações intra e interpessoais, pois um jogo mais maduro pode exigir maior concentração, domínio da ansiedade, respeito aos colegas e cooperação no grupo. Refletir sobre sua maneira de jogar, criar estratégias individuais e em equipe, observar outras equipes, pesquisar, ler sobre o assunto, podem ser atividades prazerosas e com significado. É possível também conhecer as diversas atuações profissionais no esporte como as relacionadas à mídia, medicina, fisioterapia, psicologia, educação física, pedagogia e quem sabe se identificar com algumas delas. Oferecer um leque de possibilidades, que não se resume ao descrito acima, de maneira real e significativa, é o que entendo como trabalho profundo.

Estes conceitos balizaram minha prática educacional em Heliópolis. Os relatos a seguir são referentes às experiências vividas com o grupo de adolescentes, citado anteriormente, que passou por um processo de maior profundidade no esporte, através da construção de equipes representativas (feminina e masculina), grupo de monitores, arbitragem e outras ações que descreverei a seguir.

O grupo de jovens era constituído por 30 adolescentes de 15 anos, portanto todos excedentes na idade limite inicial do projeto que era de 14 anos. Fomos os pioneiros entre os mais de 20 núcleos do programa a desenvolver um plano de continuidade para jovens nesta faixa etária. Esta iniciativa se deu, principalmente, pela reivindicação dos próprios educandos.

Logo no primeiro dia de contato com este grupo perguntei-lhes o que desejavam fazer no projeto e as respostas apontavam claramente para a continuidade do desenvolvimento do grupo para a modalidade voleibol. Procurei deixar claro que existiam muitas possibilidades de aprendizado e que muito dependeria do esforço de todos.

Adotamos um lema, que, entendo, traduzia bem minha postura como mediador que buscava a estimulação de resolução de problemas, a criatividade, a curiosidade, a iniciativa e autonomia. A frase que se tornou nosso grito de guerra era: “O mundo gira e a gente se vira!”.

Aprendi esta frase em minha experiência no exército e empreguei-a por acaso no grupo. Logo foi adotada espontaneamente pelos jovens como grito de guerra nos jogos e utilizada para definir situações em que era necessária a ação dos participantes para resolver qualquer questão. Acredito que se tornou um verdadeiro lema que simbolizou a necessidade de esforço constante para as que as conquistas acontecessem e também a visão de que não deveriam se manter passivos aguardando que outros resolvessem seus problemas, seguindo em sentido contrário ao assistencialismo bastante impregnado na comunidade.

Para ilustrar esta situação posso citar o exemplo da organização da arbitragem para torneios internos para os educandos mais novos. O grupo de adolescentes se responsabilizava integralmente pela dinâmica de rodízio de árbitros, registro de equipes, montagem das chaves de jogos, resultados e premiação. Havia uma verba destinada a esta função, realizada nas primeiras versões por estagiários estudantes de educação física alheios à comunidade. Após a criação do grupo de arbitragem pelos jovens, todo o processo passou a ser de responsabilidade deles, assessorada, quando necessário, pelos educadores do projeto. A verba destinada passava a ser utilizada para os gastos com campeonatos principalmente.

Com relação a pedagogia da modalidade, utilizei um método conhecido como ensino de jogos pela compreensão, difundido principalmente nos Estados Unidos da América, que tem como pilares a resolução de problemas, a adaptação de regras, a estimulação por similaridades de ações e modalidades, a consideração pelo conhecimento dos jovens e o sentido de compreensão partindo do todo para as partes.

Todos os pilares foram de fato considerados com ênfase neste último. Abordamos o voleibol de maneira abrangente, considerando-o fenômeno cultural de grande expressão. Conhecemos a modalidade no alto nível, acompanhamos treinos e jogos de várias seleções, desde universitárias até nacionais. Discutimos a seleção de talentos e quão difícil é se tornar atleta profissional. Alguns jovens, inclusive, participaram de seletivas em equipes tradicionais nas categorias de base. Todos sem sucesso, mas experiências que renderam boas conversas.

Conhecemos métodos de treinamento e buscamos adaptações possíveis para nossa realidade.

Os treinos representaram momentos ricos, seja de relações entre os jovens, educador e educandos e cada um consigo mesmo. As atividades foram diversas, como também as respostas.

A inserção de problemas técnicos, táticos ou de relacionamento eram intencionalmente proposta nas sessões. Inicialmente reparei a grande dificuldade de todos em criarem estratégias para a resolução dos desafios. A solicitação da intervenção do educador era constante. À medida que iam percebendo que as respostas não viriam de outro lugar, senão deles mesmos, foram, aos poucos, se aventurando a tomar iniciativas. Era clara a falta de costume em assumir a responsabilidade de criar soluções.

Em outros momentos, inseri atitudes que podem, no primeiro momento, não se compatibilizar com uma pedagogia interacionista, mas que entendia ser adequada no contexto. Exemplo de tais atitudes eram os "castigos" aplicados quando um desafio não era superado. Pagar "castigo" era o nome dado aos exercícios físicos como piques na quadra, flexões de braço, corredores com colegas atacando bolas. Hoje, ao recordar destas atividades, me espanto, mas acredito que exerceram um papel mais profundo do que os possíveis constrangimentos que podiam surgir.

Justifico a ação por alguns motivos: a primeira por reconhecer que a resistência de todos aos acidentes corporais como quedas, batidas, encontrões era muito grande. Lembro me de um dia em que a quadra estava molhada pela chuva. A enxugamos e alertei aos educandos que descessem para a quadra devagar, o que não foi obedecido por alguns mais afoitos. Um deles escorregou a chegar na sua quadra, bateu a cabeça tão forte que todos escutaram. Sentou e começou a chorar. Antes que eu pudesse chegar ao seu lado ele já havia levantado, ainda chorando, falava ao amigo, com a mão na cabeça: "Vai, vai, saca logo!". Não adiantou nada solicitar que saísse. "Não é nada não, professor!" Desta forma, boladas, trombadas, quedas, eram ações normais nas aulas e treinos e, portanto, aplicáveis nos "castigos" sem riscos de qualquer tipo de trauma.

Outra justificativa era a de que ao propor problemas que representavam desafios reais, os adolescentes se sentiam valorizados. Algumas vezes me disseram que esta ação demonstrava que eu acreditava na capacidade do grupo e que este sentimento passava a ser compartilhado por todos. Exemplo desta ação se deu em um dia de treinamento em que propus uma atividade em que era necessário alcançar certo número de acertos envolvendo vários educandos que se revezavam na execução de alguns fundamentos seguindo a dinâmica do jogo. A cada insucesso, pagava-se um "castigo" como flexões de braço ou abdominais. Passamos a aula toda nesta mesma atividade inicial. Cheguei a provocá-los, perguntando-lhes se queriam desistir,

“mentindo” que achava que não eram capazes de conseguir superar o desafio. Todos afirmaram que não desistiriam. Após o término do treino combinamos que o desafio passaria para o próximo dia. E neste próximo treino recebi a visita de outra educadora de um outro núcleo pertencente ao mesmo projeto. Ao finalizar o treino do feminino, os jovens entraram na quadra e começaram a se organizar sem nem sequer falar comigo, pois estava conversando com a colega visitante. Com gritos de incentivo, se dividiram e reiniciaram a atividade. Uma gritaria enorme, contagem alta a cada acerto, apresentavam uma organização e vibração admirável. Em poucos minutos superaram o desafio, sem nenhum “castigo” e a comemoração foi ainda mais vibrante. A educadora visitante, que não sabia da história ficou muito impressionada e surpresa pelo que presenciou. A felicidade estava estampada nos rostos de todos os jovens, inclusive do grupo feminino, que participou das discussões de como os meninos fariam para cumprir o desafio, e após seu treino, ficaram todas para torcer. Minha impressão foi a de que havíamos dado um passo importante em direção à melhoria da auto-estima desenvolvendo o sentimento de capacidade em todos. Assim, concluí que os “castigos” tinham uma função motivacional muito forte, que dava maior valor às conquistas, o que por fim, afetava positivamente a auto-estima, pois não me lembro de nenhum desafio que não tenha sido superado.

Com relação aos jogos, participamos durante dois anos de um campeonato regional que nos rendeu várias derrotas e muita evolução. Buscamos a vitória sempre, mas antes de iniciarmos todos estavam conscientes de que enfrentaríamos equipes fortes, com atletas selecionados, espaço e apoio voltados para resultados. Desta forma, minha maior preocupação foi a de que nossos jovens pudessem utilizar a competição como meio de se auto-avaliar, buscando constantemente a melhoria da performance.

Após o primeiro ano, apliquei um questionário que definia claramente o desejo de participar do mesmo campeonato no ano seguinte e que esta oportunidade servia para se superarem, amadurecerem e dar maior sentido de união ao grupo.

Percebi que pertencer a um grupo adquiriu um valor muito forte para os jovens. O orgulho de andar vestindo o uniforme da equipe, o prazer por estarem juntos, a rapidez como apareciam no projeto, quando educadores da escola faltavam, a presença maciça e constante nos treinos e jogos, denunciavam a importância de fazer parte dessa turma.

Tenho convicção de que este valor se instalou porque havia uma direção a ser seguida, mediada por mim e resolvida por todos, o que tornava os caminhos escolhidos significativos e claros para todos.

Aproveitando este envolvimento procurei estabelecer condutas e valores que entendia como importantes para a formação dos adolescentes. Todos por lá viviam diariamente "ameaçados" por certas tentações como drogas, álcool, pequenas e grandes delinqüências. Tentações, com apelos fortes e profundos, que muitas vezes envolviam amigos e familiares.

Mais uma vez reforço a necessidade do trabalho profundo, que possa também exercer influência forte e significativa para que pudesse se contrapor às situações anteriores. Como o ambiente formado no grupo era propício, fui inserindo conceitos e valores como cuidados com a saúde, alimentação, responsabilidade, honestidade, cooperação.

Vou citar dois exemplos para ilustrar tais valores e conceitos.

O consumo de álcool é considerado normal entre os adolescentes de qualquer nível social e vem provocando sérios problemas na sociedade. Em uma reflexão sobre este tema, um dos jovens foi alvo de brincadeiras por ter sido flagrado algumas vezes embriagado em festas da comunidade. Ele tinha na época 15 anos. Entre as brincadeiras, fui alertando sobre os perigos do vício e terminamos a conversa em clima bastante alegre. No entanto, este jovem permaneceu ainda por algum tempo sendo alvo de chacotas sempre que o tema voltava a ser comentado.

Importante frisar que durante o período que estive por lá não tive notícias de que ele havia se embriagado novamente, ao contrário, tornou-se fiel a uma postura saudável, alterando seus hábitos alimentares, cuidando de seu preparo físico de maneira a se destacar dos demais.

Outro exemplo de desenvolvimento de valores foi em uma festa do doce, organizada pelo grupo no próprio núcleo, que tinha o objetivo de levantar fundos para algumas pequenas obras de melhoria.Os adolescentes ficaram responsáveis por confeccionar os vales-doces e vendê-los ao público. Duas jovens que participaram desta confecção guardaram alguns vales para si e os utilizaram na festa, distribuindo-os entre os familiares e amigas mais próximas. Outros jovens presenciaram o fato, que me foi relatado. Em conversa posterior, as alunas envolvidas não sabiam nem mesmo explicar porque atuaram desta forma. Houve um movimento dentro do núcleo a favor de sua exclusão.

Mediando a conversa com todos os jovens reunidos, discutimos o tema e como levar vantagens individuais mesmo que outros se prejudiquem está presente em vários setores de suas

vidas e suas conseqüências. Discutimos também como é comum tentar resolver os problemas excluindo-os, como as instituições prisionais, tanto para adultos como para adolescentes. Alguns afirmaram que conhecidos e amigos foram detidos por pequenos “vacilos” e não mais retornaram iguais destas instituições, em alguns casos reincidindo.

Por fim discutimos se a exclusão era a melhor postura e foi decidido que é necessário apoiar uns aos outros, buscando o caminho correto, que todos estão propensos a errar e cabe aos amigos estarem próximos para ajudar. As duas jovens continuaram com o grupo até minha saída. Nunca mais tive problemas desta ordem com nenhum do grupo.

Paralelamente aos treinos e jogos desenvolvemos outras atividades sempre relacionadas ao esporte. A monitoria foi uma delas e que posteriormente se tornou uma das ações mais importantes do projeto: o protagonismo juvenil.

No âmbito esportivo cita-se muito a importância da existência de uma equipe mais avançada alegando ser espelho para as crianças e jovens. No entanto, o que em geral existe é uma distância grande entre estes dois grupos. Os atletas de maior nível são desconhecidos dos mais jovens.

Em Heliópolis buscamos realizar um processo de aproximação deste grupo de adolescentes com todas as demais crianças do projeto inicialmente através da monitoria nas aulas. Havíamos elencado outros objetivos com esta ação:

- Maior entendimento pelos jovens monitores do processo de ensino do voleibol.
- Desenvolvimento de valores como respeito, responsabilidade e compromisso.
- Maior compreensão da dinâmica do núcleo, observando, sentindo e resolvendo problemas e situações diárias.
- Criar uma relação mútua de respeito e admiração entre os monitores e educandos mais novos.

Desta forma dividimos os jovens que podiam nos auxiliar em diferentes horários realizando rodízios periódicos para que o maior número de crianças tivesse acesso também ao maior número de monitores.

Um evento pode demonstrar como esta ação conseguiu atingir seus objetivos: tínhamos planos de confeccionarmos camisetas promocionais com o mesmo formato do uniforme de jogo dos

> adolescentes para serem distribuídas ou vendidas aos mais novos copiando o modelo do futebol profissional, com o número e respectivo nome dos ídolos estampados. Ao questionar um grupo de crianças de 7 a 9 anos sobre quem gostaria de ter uma camiseta destas, todos levantaram a mão eufóricos. Perguntei então referente a qual adolescente gostariam de ter e uma menina de pronto gritou um número que não me lembro qual. Questionei-a por que este número e ela me respondeu: " Por que é a do Jeremias! ". Questionei novamente por que do Jeremias que me respondeu: "Ele é muito legal e gosto muito dele !" Jeremias era sem dúvida o jovem com mais dificuldades para aprender o voleibol. Se esforçava muito, mas estava entre os piores, se não o pior. No entanto todos gostavam muito dele, era muito querido e nos jogos e treinos, qualquer ação que conseguia executar com sucesso era seguida de aplausos, gritos e comemoração.

Esta jovem demonstrou que sua relação com os monitores estava além da admiração como atletas e seus desempenhos.

Além de atuarem como monitores nas aulas foi criado um grupo de arbitragem que atuava em todos os eventos esportivos. Anualmente o projeto realiza um campeonato que possui fase local, no próprio núcleo, regional, reunindo os núcleos do estado de São Paulo e nacional, atualmente reunindo 3 estados, Paraná, São Paulo e Rio de Janeiro, na cidade de Curitiba.

Nas etapas locais e regionais o grupo atua realizando a arbitragem que possui características diferenciadas, sendo considerada uma extensão da sua atuação como monitores, auxiliando e orientando os educandos nos jogos.

Com este grupo de arbitragem os adolescentes viveram a oportunidade de conhecerem diferentes núcleos esportivos e diversos municípios. Muitos deles praticamente nunca haviam saído da cidade de São Paulo. Também viveram outras situações que nunca haviam experimentado.

Em Indaiatuba, fomos almoçar em um restaurante self-service, fato inédito para alguns. Uma das adolescentes, claramente vislumbrada com tanto alimento, encheu seu prato excessivamente, mas consumiu tudo, mesmo passando mal posteriormente. Em outra situação, em um rodízio de carnes, ao acabar um tipo de carne que estava junto ao buffet de saladas, alguns jovens me procuraram: "Ô loco, Professor, que churrascaria é esta? Não tem mais carne?" Estes acontecimentos oferecem indicativos do isolamento e exclusão que sofrem.

Com o sucesso da atuação dos monitores nas aulas e torneios, o grupo começou a assumir responsabilidades em diversas outras ações como festas beneficentes e manifestações.

Em um final de ano, ensinei-os a fazer redes de vôlei e criamos o vôlei-beco, com uma rede de tamanho ideal para ser fixadas nos becos e vielas. Confeccionaram 470 redes e com a ajuda da empresa patrocinadora, todos os educandos ganharam de Natal um kit "vôlei-beco" com uma rede e uma bola. Vários jovens já percorreram alguns estados brasileiros realizando oficinas de construção de rede participando de um programa de uma emissora de TV por assinatura que firmou parceria com o projeto.



Figura 4: jovens confeccionando redes.
Fonte: arquivo pessoal do pesquisador.


Figura5- Adaptação de materiais, regras e espaço: o apelidado Vôlei-Beco. Fonte: arquivo pessoal de pesquisador

A preocupação em contribuir com a formação destes jovens através de atividades significativas nos levou a realizar uma campanha permanente de leitura através de diversos livros com temas de seus interesses como esportes, juventude, violência e religiosidade. Este último é um tema bastante discutido entre a maioria, pois observei a busca por dogmas que lhes respondam as indagações e possam aliviar as tensões diárias.

Desta forma, os livros reunidos pelos educadores buscavam oferecer aos jovens diferentes olhares sobre os temas, sem nenhuma intenção de direcioná-los e sim de ampliar seus conhecimentos na intenção de criar um ambiente livre para suas próprias escolhas. Os volumes eram passados de mão em mão e discutidos e comentados livremente. Alguns jovens me afirmaram que passaram a gostar da leitura a partir desta ação. Outros me disseram que foram os primeiros livros de suas vidas. Muitas edições passavam pelos membros da família antes de retornarem ao grupo.

Em meu último ano no projeto o grupo de adolescentes estava estruturando um Grêmio que tinha por objetivo representar todos os educandos do núcleo.

Obtive informações de que a entidade está atuando criticamente. A última notícia foi a de uma greve de monitores reivindicando a continuidade do desenvolvimento do voleibol nas aulas e torneios. A coordenação do núcleo mudou a direção do projeto, considerando o esporte como mera ferramenta, voltando suas atenções para outros campos educacionais em detrimento da continuidade e aprofundamento da modalidade.

Procurei relatar algumas experiências que vivenciei na comunidade de Heliópolis. São as minhas memórias de praticamente três anos imerso e profundamente envolvido com a dinâmica deste universo.

Através das experiências e respostas que observei nos adolescentes acredito que o processo que vivemos contribuiu para a minimização de alguns problemas enfrentados por eles diariamente.

O isolamento, causado pela violência e pela discriminação, que descrevi em algumas situações, foi combatido. Desde o simples fato de conhecerem um restaurante até perceberem o quanto um livro pode transportá-los a outros saberes, foram experiências que pude mediar e por que não, sentir!

Entendo que estas ações produziram um valor maior e mais eficaz na luta contra o isolamento: o início do sentimento de que são capazes e merecedores de algo mais além, do que aquilo que a "favela" pode lhes oferecer.

Lembro-me de uma imagem que fiz para os jovens após uma derrota em um jogo. Disse que eu os enxergava dentro de uma muralha alta, presos e isolados de quase tudo que havia lá fora, que seria muito difícil derrubar tal parede, mas que era possível construirmos escadas para subirmos e descermos para fora. Após alguns dias um dos jovens me afirmou que gostaria muito de conhecer o que há lá fora e que faria de tudo para conseguir.

O fato de iniciarmos timidamente os jogos contra equipes muito fortes e finalizarmos a temporada jogando sem intimidação e em certa medida de igualdade foi marcante para todos, diminuindo o estigma de morador de "favela", que sempre foi marcante.

As ações como monitores, estimulando o conhecimento necessário para suas funções como regras, condutas, como se expressar, princípios de aprendizagem, treinamento, organização e realização de eventos, reuniões de grêmio, atas, eleições, estatuto, direção, responsabilidade,

compromisso e exemplo aos demais educandos do projeto entre outras tantos valores, serviram para elevar-lhes a auto-estima e dar-lhes uma outra possibilidade de visão de futuro além do engajamento ao tráfico ou aos empregos diversos, em geral muito mal pagos e pouco reconhecidos que seus pais enfrentavam. A profissão de educador de educação física passou a ser vista com olhos de admiração e de projeção. No ano seguinte ao meu desligamento do projeto, cinco jovens ingressaram em faculdade particular de educação física.

No entanto, é claro, para mim, que os problemas não foram todos resolvidos e talvez, bem poucos deles ou nenhum até. Talvez pudéssemos alcançar maiores conquistas se o trabalho tivesse maior duração. Se ao invés de encontrar com os jovens com 15 anos, pudéssemos vivenciar um processo quando ainda crianças, com 7 ou 8 anos.

Mas segundo minhas observações e interpretações desta experiência, arrisco-me a dizer que dar um tratamento pedagógico profundo ao esporte foi um caminho adequado, que nos rendeu grandes aprendizados. Reforçando este conceito, entendo por profundidade, conhecer bem a modalidade, permitir a continuidade de aprendizado e aperfeiçoamento, aprender a ensinar e a se responsabilizar.

Outro aspecto que interpreto como de muita importância para que todas as ações pudessem ser realizadas foi minha proximidade com os adolescentes e disponibilidade para as atividades. Lembro-me que ao iniciar os trabalhos em Heliópolis, minha principal preocupação foi a de procurar conhecer a comunidade. Por este motivo resolvi me mudar para lá e desta forma estar mais presente na rotina do projeto e da dinâmica deste universo. Identifiquei inicialmente certa desconfiança em tudo que sugeria. Mais tarde compreendi que esta atitude acontecia por que todos já haviam vivido repetidas vezes projetos que prometiam muito, mas concretizavam pouco. Entendi que foi necessário que todos realmente percebessem que eu estava de fato com eles nas propostas para que construíssemos uma relação de confiança. Estar com eles significou finais de semana em jogos, visitas a clubes e eventos diversos, organização de campeonatos, festas beneficentes, reuniões do grupo. Admito que foi necessário certo sacrifício, mas tenho certeza de que sem esta proximidade e disponibilidade, muito do que vivenciamos não seria possível.

Estas são algumas das minhas recordações mais marcantes vividas em Heliópolis. Logicamente minhas interpretações neste capítulo são subjetivas, carregadas ainda pela emoção

que cada situação produziu. No entanto, acredito, são reais e têm significado para mim e servem como parte dos dados para esta pesquisa. Laplantine (1988, p.150 e 151) afirma:

> Assim, a etnografia é antes a experiência de uma imersão total, consistindo em uma verdadeira *aculturação invertida*, na qual, longe de compreender uma sociedade apenas em suas manifestações "exteriores", devo interiorizá-las nas significações que os próprios indivíduos atribuem a seus comportamentos.
>
> [...]este se esforça, por razões metodológicas (e evidentemente afetivas), em colar-se o mais perto possível do que é vivido por homens de carne e osso, arriscando-se a perder em algum momento sua identidade e a não voltar totalmente ileso dessa experiência.

Estas informações foram confrontadas com as recolhidas nos depoimentos dos próprios jovens. Desta forma espero ter podido realizar uma interpretação que expresse da maneira mais real possível as relações vividas neste período.

Capítulo V - As vozes dos envolvidos deixando de ser subterrâneas

O título deste capítulo faz menção ao termo memórias subterrâneas utilizado por Von Simson (2003) para definir as memórias de grupos dominados que, em geral, não fazem parte da memória coletiva formada por fatos e aspectos julgados relevantes pela classe dominante. No entanto, é possível fazer com que estas memórias subterrâneas façam parte da memória coletiva. Uma das formas foi a empregada nesta pesquisa, através do registro e da posterior análise realizada justamente neste capítulo.

Como definido na metodologia, a análise também se divide em dois temas predominantes: (1) as características de crescer na comunidade e (2) as memórias marcantes sobre o projeto social esportivo.

Na primeira são abordados assuntos como a moradia, a violência, brincadeiras infantis e a formação escolar. Com relação ao projeto socioeducativo, são abordados os momentos mais significativos, os aprendizados, as características do esporte a serem tratados e seus profissionais.

A análise foi realizada principalmente com base nos conteúdos expressos nos depoimentos coletados e transcritos, que foram separados por assunto levantados a partir da maior incidência ou relevância.

1- Crescer em Heliópolis

O conjunto de características próprias da comunidade de Heliópolis, como por exemplo, ser uma das maiores densidades demográficas do continente, a maior favela do estado, uma das regiões mais violentas do país[15], entre outras particularidades, compõe uma densa rede de relações entre seus moradores, grupos e poderes. Portanto, na tentativa de melhor compreender esta complexidade, buscou-se explorar outros temas além do contexto do projeto socioeducativo.

[15] Segundo CEM (Centro de Estudos da Metrópole) (2004)

Desta forma, decidiu-se investigar a infância dos jovens na comunidade fora do projeto, oferecendo um panorama sobre a realidade vivida diariamente naquele ambiente. Compreendeu-se que esta investigação permitiu ampliar a nossa capacidade de análise das memórias coletadas com o projeto esportivo vivenciado, à medida que se tornou possível a visualização, embora geral, das dificuldades encontradas da trajetória de vida de cada integrante entrevistado.

Os temas levantados foram reunidos em itens, embora tenham relação entre si. O perfil da moradia e sua localização determinaram o acesso ou não às brincadeiras na rua, maior ou menor contato com amigos, vizinhos e também com o tráfico. O tema violência trata das pressões exercidas principalmente pelo tráfico e que se relaciona com o tema seguinte, o isolamento e a exclusão, causadas pelas ações de proteção das mães contra o apelo das drogas. A exclusão também se faz nos problemas de acesso ao serviços públicos como a escola de baixa qualidade. As diferenças de tratamento quanto ao gênero também é um fator evidenciado que se relaciona com o sentimento de "inferioridade" ou "incapacidade" que parece influenciar o comportamento dos moradores da comunidade

1.1- Um breve perfil das moradias: a casa, vizinhança e suas influências no cotidiano

O termo favela[16] remete a um conjunto de moradias em péssimas condições gerais, acarretando uma série de outros problemas como doenças causadas pela falta de saneamento e higiene, falta de privacidade, invasões.

Em Heliópolis, como verificado pessoalmente pelo pesquisador tanto nas entrevistas, quanto nas oportunidades de visitas aos educandos enquanto educador do projeto, a maioria das residências não sofre mais com estas situações de precariedade. As casas possuem sistema de saneamento básico e são feitas de alvenaria. Nas visitas realizadas verificou-se que os cômodos possuem piso cerâmico, paredes rebocadas e tudo sempre muito asseado e limpo. No entanto, a trajetória das moradias parece obedecer dois grupos diferentes: a dos moradores pioneiros na comunidade e as das famílias que chegam posteriormente.

[16] Segundo novo dicionário Aurélio.

O primeiro grupo possui diferenciações na moradia como maior espaço de construção conquistado com o decorrer dos anos, casas permanentes, evitando mudanças constantes de local. Quando perguntado se havia mudado de casas diversas vezes este jovem responde:

> Não, eu morei um bom tempo, uns 17 anos, numa casa que minha mãe construiu, sozinha, batalhando, carregando pedra, areia, material, tudo, construiu a casa para a gente e depois de uns 4 anos, nós ganhamos um apartamento e estou morando neste apartamento. E meu vô mudou para uma outra casa. Jovem 1

Algumas áreas da comunidade estão sendo verticalizadas através de projetos municipais e estaduais. Seus moradores saem de suas moradias originais e ocupam os apartamentos que possuem dois ou três quartos. Retornando à casa em que cresceu, o jovem foi perguntado como ela era:

> Ah, era grande, tinha garagem uns 2 carros, sala, quartos tinham uns 3, banheiro, tanto em baixo como em cima também, suíte, não é? Jovem 1

Outro jovem afirma ter vivido na mesma casa desde que nasceu. Atualmente tem 7 cômodos para cinco pessoas, mas lembra do tempo em que viviam em apenas 3 cômodos:

> Fomos construindo mesmo. Tinha só dois cômodos. 3 com o banheiro, telhado, pingueira atrás de pingueira, aqui do lado era barranco. Jovem 3

Em outro grupo, as características são de provisoriedade em diversas moradias, com muitas mudanças, até conquistarem uma casa fixa. O pesquisador recorda de uma conversa com uma das jovens que viveu durante alguns anos em um dos alojamentos da comunidade. Tais locais surgiram quando a prefeitura desocupou outras áreas e transferiu as famílias provisoriamente para estes espaços. Segundo relatos estas ações tiveram início na década de 70, quando a comunidade começou a ser formada. Estas "moradias" que deveriam ser provisórias continuam até hoje, recebendo novos moradores, na medida em que as antigas famílias conseguem ser transferidas para os prédios dos projetos de verticalização da favela. Foi exatamente o percurso que esta jovem do grupo estudado percorreu. No alojamento, existe apenas um cômodo dormitório. A cozinha e banheiros são comunitários e sempre disputados pelo grande número de moradores.

Encontraram-se alguns depoimentos que demonstram a precariedade e as dificuldades na moradia em sua infância.

> Porque ela era de alvenaria e a primeira semana que a gente estava aqui, choveu muito forte e choveu mais dentro de casa do que lá fora. Foi a primeira semana que a gente chegou aqui nesta casa e aí ficou por conta da minha mãe trabalhar bastante e construir tudo do jeito que está hoje. Jovem 16

> Foram só duas. A primeira era horrível, a gente morava num barraco e aí minha mãe começou a construir, primeiro a gente começou num barraquinho onde tinha 3 cômodos só, era quarto, sala, cozinha e o banheiro era ali na cozinha, era uma coisa meio estranha assim. Daí ela construiu, daí ficou 2 quartos mais o barraco, e aí tinha o corredor, parecia um beco, uma viela para você passar para o quarto. Aí hoje eu moro no apartamento da prefeitura (Cingapura) e as condições são melhores. Jovem 2

Além da precariedade, para aqueles jovens cuja família buscava fixar moradia em Heliópolis, a mudança de casas era normal:

> Olha, eu já morei em 4. Esta é a quarta casa. Primeiro a gente veio, foi morar com um tio, daí a gente ficou um tempinho morando de aluguel, depois a gente foi morar lá para cima, teve uma invasão e a gente acabou indo para lá, só que era pequenininho, era um barraquinho e tal, aí meu pai conseguiu, vendeu a televisão, trocou algumas coisas e trocou por um barraquinho aqui mesmo, aí a gente continuou morando, a gente morou bastante tempo nesta terceira vez que a gente mudou. A gente conseguiu construir e tal e agora que eles começaram a urbanizar, eles tiraram a nossa casa e a gente veio para cá, para o apartamento. Jovem 19

As condições das casas se tornavam um complicador para a prevenção contra a violência. A falta de privacidade, as construções com pouca estrutura para garantir alguma segurança produzia tensão na vida de seus moradores:

> Na minha infância a violência em Heliópolis era muito maior, eu lembro que eu e minha mãe, a gente sofria muito porque ela começou a construir a casa ela fez a laje, aí muitas noites, madrugadas a gente ficava acordado, tinha que dormir debaixo da cama porque os bandidos ficavam em cima da laje e era aberto, era uma portinha que qualquer soco abria, enfim, e a gente ficava preocupado, dormindo no chão debaixo da cama com medo dos bandidos invadirem e eles ficavam a noite toda usando drogas, fazendo aquela roleta russa, eu nunca entendo aquilo ali, a gente ficava muito preocupado. Jovem 2

> Teve bastante morte, teve uma vez até que a gente morava em baixo e tinha uma laje do lado, e aconteceu, um cara lá, acabou sendo morto e ele ia caindo em cima da nossa telha, da outra laje, ou seja, ia cair em cima da cama que a gente estava dormindo. Mas tinha bastante morte, estas coisas. Jovem 9

Embora todos os entrevistados tenham crescido na mesma comunidade, os locais de suas moradias proporcionaram diferentes possibilidades. Para alguns, era possível brincar com certa tranqüilidade na rua, com os vizinhos e amigos:

> Minha mãe sempre me deu muita liberdade, brincar aqui na frente, de divertir, mas sempre com certa cautela, porque era muito perigoso antigamente. Mas minha mãe sempre deixou brincar, meus amigos moravam aqui próximo, tudo mundo se interagia legal, os vizinhos. Jovem 3

> Foi legal, foi uma infância legal, eu me lembro até hoje, eu brincava na rua, a gente não podia ficar até muito tarde assim, teve uma época que aqui era perigoso, mas a gente brincava na rua, tinha uma turminha, o V., a gente brincava normal como qualquer criança. Foi uma infância boa. Jovem 1

Em outros locais, o isolamento era maior. Quando perguntado a uma jovem se podia brincar na rua, ela responde:

> Brincar na rua não. Porque minha mãe não deixava. A gente ficava lá em baixo quando minha mãe estava, a gente ficava um pouquinho brincando com os outros vizinhos mas a gente tinha um quintal, então a gente brincava no quintal. Meu irmão, às vezes vinham os amiguinhos da gente. Jovem 9

> Porque teve uma época aqui que era muito perigoso, então a gente era criança e não podia ficar na rua assim, eles pediam, os bandidos lá, pediam para deixar as portas abertas, os portões, para caso acontecesse alguma coisa eles pudessem fugir, entrar dentro de alguma casa, então a gente não podia, não é? Jovem 1

> Acho que minha infância eu tive vários momentos, um momento em que eu nem podia sair de casa por causa da violência e tudo mais, era só da casa para escola, da escola para o projeto e para casa. Jovem 7

O local da moradia está intimamente relacionado com a ação do tráfico no local e nos diferentes períodos. Esta relação tem influências diretas nas atividades vivenciadas quando criança.

Percebe-se que existiu grande diversidade entre a realidade vivida por cada jovem na questão da moradia e suas relações com a vizinhança. Portanto, não é possível caracterizar todas as moradias em apenas um grupo, desmentindo a imagem de moradores de comunidades periféricas residindo em condições precárias.

1.2- Convivendo com a violência

A violência urbana é assunto largamente tratado por diversos meios, seja em estudos científicos, obras literárias, divulgação pela mídia, entre outros. Como é de se esperar, na maior favela do estado ela também está presente, dita o comportamento de seus habitantes e portanto, tornam-se importantes as descrições de situações capazes de ilustrar esta influência no cotidiano e na formação dos jovens participantes do projeto estudado.

O tráfico é citado como grande responsável pela violência na comunidade e em alguns casos ele está muito próximo da criança e do jovem:

> Eu tive influências familiares. A família do meu pai teve 3 familiares do meu pai que eles morreram a tiro. Para falar a verdade, eu tinha tudo para estar numa influência negativa, mas eu acho que a educação que meus pais me deram foi enorme para que eu não entrasse nesta área. Eu tenho conhecidos que são do movimento (tráfico), tenho conhecidos que também não são, mas graças a Deus que eu não sou desta área. Jovem 4

Dentro da família ou invadindo a casa de diferentes maneiras:

> Ah sim, tinha que deixar, e teve até uma vez que um deles entrou. Eu saí de manhã, eu vinha para o CJ (núcleo sócio-educativo), estudava à tarde, e eu tranquei a porta e fechei o portão, só que o portão era difícil de fechar e aí, como eu era pequeno eu fui para o CJ. Aí um deles passou, não sei o que tinha acontecido no dia, aí entrou dentro da minha casa, aí estava a minha mãe, a minha irmã, e umas visitas que não moravam aqui. Aí eles entraram com arma mostrando, agarraram minha mãe, falaram que iam matar minha irmã, colocaram a arma na boca dela, mas tudo se resolveu, o pessoal, tinha um deles que era evangélico, viu a bíblia em casa, viu coisas da igreja, daí ele falou, não, não, ele está drogado, pediu para ele ir embora, mas falou para gente que tinha que deixar o portão e as porta abertas. Jovem 1

> Uma vez eu vi uma pessoa com uma arma, não tinha costume, levei um baita susto, cheguei em casa roxa, de medo e lógico, drogas também, sempre tem. A gente sentia o cheiro dentro de casa e os pais ficam preocupados em proteger as crianças. Jovem 5

1.3- As mães lutando contra a violência: o isolamento como conseqüência

Para minimizar o contato e o risco com o tráfico percebe-se que a família é essencial, em especial a mãe, que além de impor limites, regras de convivência e de permanência em determinados locais, indica ser uma referência forte quando é lembrada constantemente das orientações e conversas:

> No meu caso foi teoricamente tranqüilo, eu sempre tive meus pais, na minha infância, eu estava sempre com a família, passeava bastante, fazia bastante coisa que se espera que as crianças façam, brincava, ia ao parque, eu andei de bicicleta, eu joguei bola, quebrei coisa em cãs, mas o que tinha de negativo, obvio, a gente não tinha liberdade, de quem mora no interior fala, de sair, até meia noite, sair com os amigos, em casa não tinha isto, obvio. Eu poderia ficar na rua até no máximo as 21:30 e depois ficava dentro, fechada no quintal que tinha e lógico, a gente via pessoas armadas de vez em quando. Jovem 5

> Bem, na verdade, eu acho que não era feita, ela era mostrada, porque estas 3 pessoas eram muito próximas de mim e elas morreram. E eu acho que quando eu vi que estas 3 pessoas não estavam mais aqui, porque que elas morreram, caiu um pouco a ficha, tipo, agora eu sei que entrar nesta área, ou você vai preso ou você morre. Então, meus pais... Meu pai é evangélico e ele sempre conversava comigo, sobre isso, minha mãe também falava sobre isso, sempre dava estes exemplos para mim, além de tios e primos eu também tive amigos que também foram mortos por causa disso. Então eu acho que eu tive várias lições. Jovem 4

> Eu moro aqui no Heliópolis há 38 anos. Eu tenho 40 anos. Desde quando o S. nasceu eu sempre o influenciei para não deixar ele se envolver. Nós somos em 4 irmãos e meu pai sempre deixou bem claro que mesmo a gente morando neste lugar não era para a gente se envolver com todo mundo aqui. É um bom dia, boa tarde para não parecer que é o tal, mas assim, para o S. desde os 7 anos, eu sempre falei para ele não se envolver, mesmo a gente morando, eu sempre pensei, eu não queria morar aqui para sempre, eu falei para ele, não quero isto aqui para sempre, mas eu sempre mostrei para ele que não era para ele se envolver com muita gente daqui, se passasse, oi, bom dia, boa tarde e só. Sempre falei para ele ter boas amizades, saber com quem está tendo as influências, com quem ele está se envolvendo. É isso, a violência aqui é demais, e é aquilo, mesmo que você não é do meio, mas se você se envolver com pessoas que não tem nada a ver com vc, você termina levando, se você está numa galera de 5 ou 6 que não servem e você é realmente uma boa companhia, amanhã ou depois vão falar: "ele está se envolvendo, também faz parte!" Mãe 4

> Então eu cresci nesta situação, mas minha mãe sempre me cuidou muito e me privou de tentar ver estas coisas entendeu? Ela não queria que eu fizesse parte desta realidade, ela tentava colocar um muro, um bloqueio querendo me proteger de toda forma, não é? Jovem 2

Ao ser perguntada como tratava o filho para mantê-lo distante da violência, uma das mães respondeu:

> Sufoquei, teve um tempo que eu sufoquei. Não teve liberdade porque eu não deixava, não empinou pipa, não ficava na rua porque eu não deixava, quem cuidava era a minha irmã, eu trabalhava muito na época, quando ele era pequeno, eu quase, ficava pouco tempo com ele, e não deixava, né? Ele não saia para lugar nenhum, na época não tinha projeto, não, ele era pequeno e não podia entrar. E não saía, eu não deixava, eu morria de medo, ficava o tempo todo dizendo, explicando, e abri mão um pouco da minha vida para ficar ali com ele o tempo todo.
> Então, quer dizer que isto de ficar brincando na rua não dava? (Pergunta do pesquisador)
> Não, o V.(jovem 2) não teve disso! Isto de correr na rua, não teve. Não jogava bola, eu não deixava. Às vezes eu achava que eu sufocava. Mãe 1

A figura da mãe, como é possível perceber, é muito presente na formação da criança. Alguns indicadores que reforçam este fato é a de que muitas famílias são criadas e sustentadas pelas mães. Dos 14 jovens entrevistados do grupo foco do estudo, apenas 4 possuem a referência paterna presente e atuante em suas vidas. Na convivência com a comunidade foi verificado que existe um grande respeito pela figura materna, inclusive pelo tráfico e consequentemente lhes é conferida a responsabilidade de defesa dos filhos.

Uma das alternativas para tentar afastar os filhos da delinqüência foi não permitir que saíssem na rua, proporcionando uma situação de isolamento, resumindo as atividades das crianças, quando não estão na escola, a brincar com outros amigos dentro de casa, a tarefas domésticas e como afirmado por muitos, assistir a televisão. As respostas à pergunta sobre como brincavam foram:

> Dentro de casa era com os primos, com minhas irmãs. Só dentro de casa. Televisão, nem vídeo game tinha na época. Mas era mais com minha irmã.
> Mãe 1

> Não, eu sempre fui criada dentro de casa. Então, se for brincar, vai para a casa da amiguinha, entre e brinca dentro de casa. Então sai, vai onde você tem que ir e volta para casa. Tem horário e tudo. Agora, possibilidade de brincar na rua, uma porque não é nem tanto, aí já não é o caso da violência, mas também pode acontecer, a gente nunca sabe, mas é o fato de que eles fica andando de moto o tempo todo, é perigoso deixar uma criança na rua, solta. Jovem 6

> Não na rua assim porque minha mãe sempre teve cuidado, não é? Quando eu morei nesta rua era muito movimentada, de carro, na minha segunda (casa) só tinha a área onde eu brincava com as minhas primas, eu brincava muito, mas dentro de casa. [...] Jogava vídeo game, assistia televisão e ajudava minha mãe. Jovem 7

> [...] E aí, com relação à diversão, minha diversão era assistir televisão, eu ficava acho que mais de 5h na frente da televisão, aquele conteúdo bacana que a televisão tem. Jovem 2

Segundo o pesquisador em suas memórias reconstruídas, percebe-se uma certa ingenuidade apresentada pelos adolescentes. Sugere-se que esta ação de defesa contra a violência existente causa certo isolamento a ponto de não desenvolver características de maior "malandragem", imagem que em geral se faz do jovem morador de uma favela.

O projeto socioeducativo representou para muitos a possibilidade de ampliar seus espaços de convivência e aprendizado. Para as mães, uma opção de formação com segurança e para as crianças e jovens, de novos relacionamentos além do familiar e escolar.

> Nós morávamos na zona norte. Nós viemos para cá ela tinha 11 anos. Eu conheci o C.J. através de pessoas que falavam do projeto e eu vim para cá saindo de uma situação muito difícil, eu tinha me separado, estava difícil para mim, o começo, então um lugar para eu colocar eles foi importante, e eu coloquei ela lá ela tinha 11 anos, quase 12. [...] E quando veio o voleibol para o projeto, para mim foi Deus que colocou, porque assim, ela se envolveu muito, e gostava, "Mãe, hoje eu não vou para o CJ mas eu vou para o voleibol!" Mãe 3

> Era um muro de proteção, um muro para tentar me isolar totalmente daquela realidade que eu vivia, eu não podia sair de casa, era de casa para a escola, da escola para a casa e depois para o projeto também, não é? Jovem 2

1.4- A educação formal

Dentro do objetivo de caracterizar o período da infância em Heliópolis definiu-se como importante o levantamento de dados sobre a educação formal oferecida aos jovens da comunidade, pois, além de lhe ser atribuída a função de formação escolar, foi, como constatado, antes da participação no projeto socioeducativo, o único ambiente de maior interação social fora de casa para muitos dos entrevistados.

Foram descritos anteriormente os resultados médios do ENEM (exame nacional do ensino médio) das escolas do entorno, que estavam em um patamar bem abaixo da média das melhores escolas públicas do estado. Esta situação pode oferecer um indicativo de sua qualidade, bem como as descrições das memórias do pesquisador com relação à atribuição de aula dos educadores, tendo estas escolas como as últimas em se tratando de preferência de escolha e também os relatos de experiências negativas por parte de seus educandos.

Nos depoimentos encontrou-se uma diversidade de posicionamentos, com qualificações positivas e negativas conforme os anos escolares ou as diferentes escolas:

> O A. (uma das escolas do entorno) é. Tanto a escola quanto os Professores. Já é tudo mais organizado.
> Mas o M. (outra escola do entorno) é uma escola legal, não? Ela tem um conceito bom, não é? (Pergunta do pesquisador)
> Ela não é ruim, mas poderia ser melhor em qualidade de ensino. Jovem 6

> No D. (outra escola do entorno), no tempo em que eu cheguei a estudar ela era boa, mas havia um probleminha, no intervalo, todo mundo junto, aí os grandes sempre queriam dar uma de bons nos pequenininhos, teve um campeonato, foi muito engraçado, aluno da 1ª jogando contra os da 4ª. Dava cada pau feio, porque 4ª série, repetente, tinha gente de até 15 anos. Tinha uma sala onde os repetentes ficavam todos juntos e os pequenos tinham medo deles.
> No G. (outra escola do entorno) foi melhor. Era tudo dividido. Como o Gualter era uma referência, tinha muito conhecido lá. Jovem 3

Também com relação aos educadores, as opiniões foram diversificadas:

> Minha escola não tinha laboratório de informática, de ciências, os Professores entravam na sala e eles não vinham motivados, com ânimo. Eu só tive uns Professores, os melhores assim, no 2º, 3º ano, que eram Professores mais novos. Jovem 1

> Uma professora que era chata demais, não tinha paciência com ninguém, muito ignorante. Você ia conversar com ela e ela só dava patada. Na segunda série, isto. Todo mundo ficava com medo. Jovem 3

> Quando eu estava na 6ª série eu tive uma Professora de matemática que foi Professora da minha mãe, que eu acho que foi uma das melhores Professoras que eu já tive na vida. Ela tinha um método de ensino muito diferente dos outros, não era só tome cálculo na lousa, tome cálculo na lousa, não, ela ensinava de um jeito diferente, ela foi uma das Professoras mais marcantes que eu tive, positivamente. Negativamente teve um Professor do 3º ano, de geografia, que teve até um dia que ele simplesmente entrou na sala, escolheu uma menina para passar a lição na lousa, deu o livro para ela, se vai passar isso, isso e isso, sentou na mesa dele, abaixou a cabeça e dormiu. Jovem 4

> De bom tinha a Professora de português, a Elizete, que hoje ela leciona lá no Gusmão, tinha o Professor de história, o Eloir, ele é muito bom. E de mal Professor, não teria mal, o problema é que a escola, não sei, só sei que na oitava e na sétima séria eu não tive matemática. O ano inteiro, só enrolavam. Ah, o Professor não veio hoje. Jovem 6

A lembrança pontual de apenas alguns educadores tidos como bons, aliada à imagem de muitos desmotivados e descompromissados parecia ser a síntese do conceito de docentes que os jovens possuíam. Acrescentando-se a falta de materiais, as instalações com mal aspecto, a violência e as transgressões, é possível acreditar que a escola não representava um espaço confortável, acolhedor ou atraente para os jovens. Quando perguntada sobre lembranças marcantes relacionadas à escola, uma jovem responde:

> Tenho várias, mas uma que me veio agora foi um dia que na verdade eu não estavam na escola neste dia, mas quando me falaram... Quebraram as carteiras e janelas da escola, a

> polícia foi chamada. No outro dia saiu um caminhão cheio de carteiras quebradas da escola. Era praticamente uma prisão, os muros pichados, um lugar escuro, mal cuidado, com drogas, jogaram bombinha na privada e explodiu, então não é uma coisa que a gente espera de uma escola. E aula vaga sempre, o dia que tivesse aula com uma coisa bem feita e organizada seria uma ótima lembrança, mas eu não poderia contribuir com isso. Jovem 5

A ausência dos Professores é confirmada pelos depoimentos, reforçando as lembranças do pesquisador quando afirmava receber os jovens constantemente no núcleo no horário que seria o escolar.

No total de 14 jovens entrevistados apenas um freqüentou o ensino médio em instituição particular de ensino através de bolsa gratuita. É esta jovem que conseguiu passar no vestibular para universidade pública.

1.5- O "coitadinho da favela"

Os jovens descrevem uma situação que chamam de coitadinho da favela, como sendo um comportamento presente em suas vidas e muitas vezes influenciando suas atitudes. Esta expressão nasceu do educador que afirmava ser necessário abandonarem esta postura de incapacidade e de inferioridade que muitas vezes sentia que incorporavam. Perguntados se esta situação realmente existia, as respostas foram:

> Acho que ainda existe. Acho que é ser cômodo, que alguém ajude também, é aquela pessoa que não pode alcançar seus objetivos, a pessoa que quer só receber, não acredita em si mesmo, que pode alcançar algo, vive naquela vida monótona. Acho que muitas vezes as pessoas , pelos pais muitas vezes terem vindo, são nordestinos, e eles terem se fechado aqui na favela, uma cidade realmente, ficou um local muito fechado, onde as vivências eram somente da minha casa para a casa de um amigo, não saía deste mundinho, acabaram tendo uma, ficou cômodo, achando que este era o mundo deles e que não podiam alcançar mais nada. Os pais conseguiam um trabalho e a exigência deles para os filhos é um trabalho, não tinham a experiência de uma faculdade, de algo mais. Então a pressão deles e que eles tivessem um trabalho só. E os amigos também não conhecem o mundo de fora, só o trabalho só. E o que vinha de fora eles não reconheciam, e muitas vezes, só com ajuda mesmo, do pessoal de fora, mostrasse para eles: " toma isto para vocês!" E como as histórias de comprar votos. Para eles é sempre bom receber, mas eu não vou correr atrás. Não quero algo que seja cansativo, muitas vezes, não vou me esforçar, eu sei que pode vir, vai vir sempre alguém para nos ajudar. Jovem 3

> Ah é, é que o pessoal daqui não tem, não é nem expectativa de vida, como eu posso explicar, eles não têm um horizonte para eles, eles acham que eles são favelados, eles vão continuar sendo favelados, eles são coitadinhos porque eles não tem condições nunca, e também fica nesta vida, "ah, eu vou ganhar uma bolsa-família, um renda-mínima, um consigás, e aí eu não vou procurar emprego porque eu já tenho isso porque eu vou querer mais?" Jovem 6

Este comportamento parece estar ligado ao assistencialismo, muito comum na comunidade, como é possível perceber nos discursos anteriores. No entanto, esta situação não é criada apenas pela assistência sem considerar as reais necessidades de seus moradores. Também é reforçada por pressões da sociedade como um todo:

> Porque além de você morar aqui, numa comunidade que é visto por outras pessoas que é a favela, tem uma imagem ruim, assim, lá fora, que várias pessoas podem até dizer, ah, a maioria deles o pai não está presente, eles vão ter certas dificuldades na vida. Então eu acho que isto vai trazendo pequenos pesos assim para a cabeça da pessoa que ele acaba entrando nesta paranóia mesmo, e se você não pára para pensar que você é capaz também, por exemplo, se você quiser comprar a sua casa fora daqui, comprar seu carro fora daqui, também você é capaz. Jovem 1

Perguntado se já presenciou esta discriminação por outras pessoas um jovem respondeu:

> Sim, aquela esnobação, zombando, não? Até porque Heliópolis, bando de favelado! Eles julgam sem cultura, sem nada, não tem trabalho, ficam jogados na rua, eles ficam julgando. Aqueles meninos, aqueles coitados que tiveram a oportunidade de entrar no campeonato, se divertir, tentar algo, mas que não tem a sabedoria suficiente para disputar... Jovem 3

1.6- Diferenças entre gêneros

Foram encontrados em alguns discursos referências sobre as diferenças entre o adolescente masculino e o feminino. São características que influenciam no comportamento dos jovens no cotidiano do projeto, determinando muitas vezes o tempo disponível para a dedicação às atividades:

> Desde meus nove anos que eu cuido da casa, dos meus irmãos. Meus irmãos foram criados por mim também, eu levava no dentista, no médico. Jovem 8

> Para os meninos era mais fácil. As meninas era difícil. Ah, quando a gente ia fazer isto, "Ah tenho que fazer isto para minha mãe! Tenho que fazer isto aqui!" Então o feminino sempre teve mais dificuldade. Jovem 11

> Tem esta questão do tempo também, acho que potencial não falta, em nenhum de nós, mas acho que faltou este tempo para que o grupo criasse consistência, para que a gente conseguisse atingir outros níveis, conseguisse crescer mais enquanto grupo. Mas eu não desvalorizo de maneira nenhuma a experiência que a gente teve lá como em outros projetos, essa questão que vocês falaram de unir mais as meninas e meninos, a aproximação ajudou mais. Então estas coisas eu lembro com certeza. Eu acho que a questão desta diferença era o ritmo mesmo, e não simplesmente por uma questão de potencial, é a nossa experiência de vida, é a diferença, isto reflete a sociedade que a gente está, então é o modo de vida, o que a J. (J11) falou agora, não é das responsabilidades. É lógico que não é simplesmente uma culpa de quem estava aqui, de quem estava lá, é do mundo, então quem é que, quando a gente fala de uma família, geralmente quem é que fica em casa cozinhando e lavando, a idéia que a gente tem não é? Geralmente são as mulheres, não é? Geralmente quando a mãe vai trabalhar quem é que fica cuidando dos irmãos mais novos, quem é que vai arrumar as coisas, geralmente esta responsabilidade cai mais para as meninas. Os meninos tem isto mas o modo de viver é diferente, não é? Jovem 5

> Às vezes, pelo fato de ser menina tinha uma cobrança maior. Eu mesmo, no último sítio que a gente foi, não era para eu estar lá. Eu fui escondida do meu pai. Daí quando eu cheguei eu me ferrei né, ai que vergonha. Aí quando eu estava no sítio ele me ligou e falou que eu ia apanhar quando eu chegar. Minha mãe também ligou e falou que eu ia apanhar. Jovem 11

Encontraram-se também referências sobre diferenças no comportamento entre os meninos e meninas afirmadas por ambos:

> E o que eu via no masculino que no feminino não tinha é que assim, o C. (jovem do grupo) assim, ele ficava no A e no B, não é? Titular e no que não era, não é? E eu via que os meninos que eram titulares, vocês davam força para ele. De correr atrás para ele também ficar. E no feminino não tinha isto, entendeu, eu mesmo, eu jogava com vocês no titular e também ficava na reserva, então era assim, não é, balanceado, então eu via que quando eu jogava no reserva não tinha aquela força tanto, " Vai J., tenta para você voltar pra cá!" E eu não vou falar que eu gostava de ficar na reserva porque eu não gostava, só que quando eu ia para o time mais fraco era bem melhor, entendeu, o apoio era maior, quando as meninas erravam elas falavam, gritavam, muitas vezes as meninas não gostavam de jogar comigo porque eu gritava, xingava, que eu sou bocuda. É, eu via que no masculino não tinha isto, e já era diferente com as meninas. Jovem 11

> Eu não sei, eu acho que as meninas não conseguiam confiar nas colegas. Muitas vezes, por exemplo, num trio, um jogo com trio de cada lado. Um trio ganhava e comemoravam, as outras não entendiam que era uma comemoração, achava que era um insulto isto. E muitas vezes não conseguia... Com a outra, "Ah não, esta pessoa é maior folgada!" Não conseguia ver isto, acho que este é um dos problemas do feminino. Jovem 3

> E tinha, tipo o feminino sempre tinha problema que era fora, entendeu, as meninas costumavam levar para dentro da quadra e isto influenciava muito no jogo. Porque eu

> vou tacar nela porque ela é folgada. Não vou levantar para ela, mesmo que a outra errava. Jovem 11
>
> Tinha muito este negócio de amiguinha, não é? Ah, minha amiga, eu vou levantar só para ela! Vou passar só para ela, porque é minha amiga, então. Ai ficava lá, enquanto uma atacava a outra ficava lá, desprezada. Jovem 8
>
> Este negócio de amiga, não é, uma dava uma mancada daí nunca mais para o resto do treino, do campeonato, nunca mais levantava para ela. Jovem 3
>
> É, este foi um dos problemas, separar a amizade com o que acontece ali dentro de quadra. Eu acho que isto atrapalhou e muito não é? E eu acho que qualquer jogador tem muito disso, chegar em quadra e limpar a mente, deixar tudo o que está lá fora. Jovem 5

Apesar das diferenças ressaltadas pelos jovens, a realização e organização de eventos envolvendo a todos, foram capazes de romper com a visão de equipes isoladas e antagônicas. A idéia de pertencer a um grupo maior foi a que prevaleceu:

> Eu acho que a idéia do uniforme foi quando uniu mais o grupo. O masculino e o feminino. Toda aquela correria para fazer o bazar, fazer festa, foi quando uniu o grupo. É isto, a união. Jovem 7
>
> Acho que um dos motivos mesmo que acabou unindo todo mundo. As festas que agente fez, o bazar, porque existe mesmo esta quebra, masculino e feminino, a gente até não gostava muito de ficar com as meninas, tinha aquela rivalidade entre menina e menino, teve um amistoso que a gente fez, daí depois daquele 1º bazar que a gente fez, aí que foi unindo o grupo, daí foi fazendo a festa do doce, a do salgado, 2º bazar, aí foi... Jovem 4
>
> Daí foi dando um valor para o outro. Vendo que um precisava do outro de qualquer jeito. Jovem 10

Abordar esta situação, assim como os demais temas, moradia e vizinhanças, violência, tráfico, escola, auto-estima teve como objetivo oferecer uma visão panorâmica da comunidade estudada, na tentativa por proporcionar ao leitor uma aproximação no ambiente, levantando algumas das dificuldades vividas diariamente por seus moradores.

2- Memórias do projeto esportivo

Após realizar a análise dos dados relativos às características gerais sobre a infância dos jovens em Heliópolis, passa-se a discutir sobre as memórias específicas vividas no período do projeto socioeducativo com esporte.

Segue-se o mesmo formato de descrição, dividindo-se em temas elencados a partir dos discursos colhidos, considerados mais significativos, seja pela repetição na fala de diferentes pessoas ou por reforçar ou elucidar determinadas questões discutidas nos capítulos anteriores.

Destacaram-se primeiramente o desejo, a importância e os aprendizados atribuídos pelos jovens ao aprofundamento e a continuidade no esporte. Aprender cada vez mais e colocar em prova seus desempenhos foi afirmado como fator motivacional e de comprometimento às ações do projeto.

Em seguida foram destacados a relação do educador com o educando e a exigência dos jovens por um profissional que procure entender a comunidade, compreender sua dinâmica, conhecer seus educandos e se comprometer com as transformações que pode mediar.

O terceiro tema tratado diz respeito ao sentimento de pertencimento muito valorizado e destacado por todos os grupos entrevistados, tanto os jovens participantes do projeto como as mães, educadores e liderança. Fazer parte de um grupo que é consciente de seus objetivos, é desafiado a melhorar, se esforça em conjunto e por isso é valorizado pela comunidade, é ressaltado através de lembranças consideradas marcantes.

O último tema a ser analisado reúne os depoimentos sobre as ações oferecidas no projeto na atualidade. A partir de diversos apontamentos sobre problemas atuais e a falta de estímulos valorizados no passado, decidiu-se investigar mais detalhadamente esta situação e relacioná-la às discussões anteriores como forma de reforçar ou não os temas elencados.

2.1- O ensino do esporte de forma continuada e profunda

A continuidade dos ensinamentos no esporte está presente em muitos discursos, nos diferentes grupos entrevistados.

Uma questão inicial que aborda este tema é o controle da liderança com relação à permissão de implantação de um projeto na comunidade. Como Heliópolis é considerada a maior favela do estado[17], tem grande visibilidade, muitas empresas tentaram se aproveitar realizando falsos projetos, pontuais, explorando a imagem de que estaria colaborando com a comunidade e em seguida se retirando, deixando poucos benefícios. Com relação a estas empresas, a liderança entrevistada afirma:

> Não tinha a ver, era só... Porque às vezes eles vinham com a cabeça de que era um zoológico, vamos lá olhar os bichinhos, vamos fazer uma coisinha ali e tudo bem. A proposta não era essa. Liderança 1

Desta forma, tanto na implantação como durante a execução dos projetos existe um acompanhamento e controle da comunidade, que preza pela continuidade dos trabalhos em benefício de seus moradores:

> Nossa, vinha muita gente. Teve várias pessoas. Porque Heliópolis tem uma história, por exemplo, o Cingapura daqui é diferente, por quê? Porque Heliópolis é diferente. Tem comércio, 3 quartos, porque quando vinham e diziam vai ser assim a gente dizia não, vamos conversar. Então esta forma de se organizar, o povo quando passa a ter consciência da força que ele tem, eu acho que ele muda. Liderança 1

Com relação ao ensino do esporte, fica bastante claro o desejo dos educandos por dar continuidade ao aprendizado, não permanecendo nas atividades essencialmente recreativas e com características de iniciação da modalidade, que no caso deste projeto, era o voleibol.

Quando perguntados sobre a continuidade no processo que vivenciaram, buscando aprofundamento na modalidade, percebe-se que este caminho está ligado ao desejo de melhorar, de evoluir:

---

[17] Segundo sites: www.**unas**.org.br ou www.pt.wikipedia.org/wiki/**heliópolis**

> Nossa, isto foi muito bom, porque vários adolescentes aqui não tinham muita coisa para fazer. Quer dizer, ia para a escola, fazer um curso, quem tivesse condições, quem não tivesse ficava em casa na rua, fazendo o que não devia. Então eu acho que isto foi uma ótima iniciativa, não é? Porque vai dando prioridade para alguns adolescentes de conhecer outros lugares, outras pessoas, eu acho que teria que continuar. Porque tudo que é bom a gente tem que continuar e melhorar cada vez mais, não é? Jovem 8

> Eu acho essencial, porque acaba sendo uma razão de ser, não quer dizer que as pessoas que estão no grupo de treinamento sejam superiores, mas é um grau que todo mundo quer atingir, a gente chegar lá e estar com as pessoas que estão jogando bem, que estão participando de outras coisas, porque assim como os treinamentos são mais intensas, as experiências acabam sendo, eu acredito. Eu acho que é importante sim e acaba impulsionando o próprio projeto, acaba motivando os alunos para que eles cheguem até lá e quem já está lá que continue melhorando sempre. Jovem 5

Também se afirma que existe uma relação entre o aprendizado do esporte e o aprendizado para ser aplicado em outras situações da vida:

> Por mais que pareça exigir demais querer desenvolver um projeto que tenha um foco maior no voleibol, numa coisa de aprender um pouco mais, acho que não seria ruim desenvolver um projeto assim no sentido de que as pessoas têm capacidade de querer fazer algo mais, e eu acho que o mais importante, que por mais que a gente talvez não seja, por mais que não se forme jogadores profissionais, a gente é capaz de refletir essa busca na vida. Eu posso não ter conseguido isso, mas eu vou correr atrás de outras coisas, e vou dar o meu máximo, sempre! Jovem 2

> E estes dois anos de competição me mostrou que a gente precisa ter uma tranqüilidade tanto dentro da quadra como na nossa vida. Por exemplo, quando uma criança, no caso a minha filha está chorando bastante e a gente não sabe o que vai fazer, é, acredito que se eu não tivesse esta tranqüilidade hoje em dia, eu no mínimo estaria batendo nela, fazendo ela gritar mais ainda, mas eu procuro ter uma visão de jogo melhor, ou seja, uma situação da vida melhor. Tanto com um problema básico de uma criança chorando como um problema maior que é o desemprego: " calma aí, estou desempregado, mas vamos por o pé no chão, deixa eu ver o que está acontecendo, calma aí, eu não posso fazer dívida porque eu estou desempregado, eu não vou poder pagar." Então eu acredito que tanto esta visão de jogo :" o cara está atacando uma ali, outra aqui, ou o cara só está atacando na diagonal, na diagonal...", tanto esta visão de jogo como esta visão da situação, para mim foi muito bem contemplada na minha vida. E a tranqüilidade também, acho que a tranqüilidade é essencial, principalmente a gente que mora aqui, é barulho para todo lado, se não tiver uma tranqüilidade é capaz de fazer qualquer coisa a qualquer hora e pode ser uma coisa muito feia, não é? Jovem 4

> Dizem muito que, quem perde pode ficar frustrado e esta frustração é negativa. O que você acha disso? (Pergunta do pesquisador)
> Lógico, frustração é uma coisa que você fica magoado, chateado, mas eu vejo assim, tudo que a gente faz a vida é assim, não adianta falar que você nunca vai ficar chateado, magoado, que você está mentindo, para alcançar um objetivo, um emprego, um trabalho, na escola, você vai ter que fazer sacrifícios, às vezes você não será recompensado por seus sacrifícios, muitas vezes você não vai conseguir alcançar, vai tomar várias patadas, vai ser prejudicado, outras pessoas vão querer te prejudicar, vão acontecer diversos obstáculos na vida. Se toda vez que você for tentar alcançar algo, e na sua frente tiver um pedra e você não conseguir retirar e voltar e ficar triste e não

> tentar passar dela nunca mais, você estará sendo muito fraco, você não vai poder alcançar nada na sua vida. Jovem 3

> Eu sou totalmente a favor do esporte e da questão da competição no esporte. E a gente vive numa sociedade competitiva. Infelizmente, a gente tem que estar o tempo todo competindo por alguma coisa. Eu acho que o esporte habilita ela a enfrentar estas situações e desafios que a vida vai trazer. O que eu falo dos meninos, eu acho que se eles não tivessem passado pela competição dentro do nosso processo eu acho, tenho certeza de que a maioria do que entraram na faculdade agora não estariam na faculdade. Acho que eles aprenderam, infelizmente no mundo em que a gente vive, você correr atrás de algumas coisas, você se especializar, procurar ter uma profissão, procurar ser o melhor nesta profissão, e eu acho que com a nossa vivência a gente passou isto para eles. Professor 1

No capítulo sobre a pedagogia do esporte deste estudo, defende-se um tratamento pedagógico específico onde se consideram as individualidades, a realidade dos educandos, ensinando bem a modalidade e além dela. Foi encontrada em alguns depoimentos a forma de estimulação capaz de "seduzi-los" para o desejo de continuar a se desenvolver:

> Ah, sempre aquela coisa, aquela pontinha... Por exemplo, tinha aula na segunda, aí no final da aula o Professor deixava meio aquela coisa: "Ah, na próxima aula a gente vai aprender posicionamento!" e a gente ficava todo ansioso para a outra aula. Tinha os amigos também da turma e mesmo que a gente fosse tomar bolada, mesmo que a gente não conseguisse cumprir a proposta da aula, a gente sempre ficava ansioso para completar aquilo na próxima aula. E nunca era um ciclo que se encerrava. Era contínuo sempre, e a gente sempre ficava na expectativa para a próxima aula, ver o que a gente podia aprender, para campeonatos também, a gente ia se preparando o ano inteiro e eu acho que era isto que criava esta expectativa na gente. Jovem Nova Geração 7

> É importante não perder a questão do desafio, que o que pega as crianças é o desafio, não simplesmente brincar ali, fazer uma recreação para distrair a cabeça e ir para a casa. Tem que ter algo mais, tem que despertar a cobrança e a reflexão, tem que, não precisa ser uma filosofia de vida, mas a criança perceber as relações de mundo, de interação com os outros, de é, eu não posso falar muita coisa do voleibol porque eu não tenho muito assunto, mas o que eu posso dizer assim, aprender o básico, que era um desafio para gente, dar uma manchete legal, isso já era um desafio grande, ainda mais dentro de quadra, que a gente tinha que lidar com os desafios do adversário, de dialogar com quem está dentro de quadra, das emoções que estão na hora, de esquecer o que está lá fora, acho que trabalhar este pontos são importantes sim, porque, para mim pelo menos, a melhor coisa que tem dentro é o desafio, aquela coisa de ter que aprender, aquela emoção que vem na hora, isso é gostoso e é isso que talvez é um cutucão nas crianças, porque a gente consegue diferenciar o que é recreação, aquela coisa de me distrair com os amigos, outro que é uma estrutura diferente, alguém que está lá, observando, a gente sabe, de conhecer mais a fundo o mundo das crianças, ter um contato diferente, porque não é simplesmente um técnico que está lá analisando a anatomia e como o jogador está lá, mas a pessoa também, o que está se passando na cabeça desta criança, qual é o mundo dela dentro daquilo ali, não é? Jovem 5

A continuidade também é importante no processo de comprometimento dos jovens com o projeto. Esta ação é construída em médio prazo e desta forma, se não for garantida a permanência dos estímulos, os vínculos não acontecerão:

> Então, no começo não, eu acho que no começo não, até porque eles não tinham este costume de ter este compromisso. Mas isto foi criado com o tempo. Eles se comprometeram depois. Claramente eu vejo que da metade do processo até o final, eles se comprometeram. Do começo até a metade eles estavam iniciando, eles estavam num processo de comprometimento. E eu acho que a ações que foram feitas durante o processo fizeram com que eles se comprometessem. Professor 1

A competição é um fator presente quando se objetiva a continuidade em uma modalidade esportiva. A discussão na Educação Física sobre os possíveis problemas que a competição acarreta são discutidos pelos entrevistados.

Como exposto nas memórias do pesquisador, os jovens participaram de um campeonato regional e perderam a maioria dos jogos. Acreditando ser possível o oferecimento de situações positivas com a competição os jovens enfrentaram equipes com maior estrutura e tempo de preparo. Ao serem perguntados se tais experiências produziram alguma espécie de trauma, eles respondem:

> Olha, em mim não. Mas depois que a gente... Eu encontro alguns que começam a falar daquele tempo, a lembrar, e eles começam a falar umas coisas que às vezes ficaram marcadas, mas eu acho, é, por ter ficado marcado e porque foi relevante, não é? Mas eu acho que também foi necessário para a gente conseguir caminhar naquela competição.
> [...] Pessoal, claro, ficavam tristes porque tinham perdido, não iam ficar alegres, mas eu acho que motivava, motivava, claro. A gente sabia que foi trabalhado também que o mais importante não era ganhar tudo, quer dizer, o mais importante era você competir, lutar para ganhar o jogo, fazer o time todo voltado para aquilo, todo mundo trabalhando focado no objetivo, acho que foi muito importante. E apesar de a gente ter perdido foi enriquecedor também. Jovem 1

> Eu vejo assim, não vou falar que eu não ficava decepcionado por perder quase todos os jogos, mas assim, eu tentava levar tipo como um desafio para a vida. Porque assim, a gente treinava, treinava e chegava na hora não dava certo. Porque será, ficava pensando. Chamava o pessoal para se esforçar cada vez mais mas não dava. Então eu procurava, tipo, depois de um certo tempo, a refletir a respeito da vida também, porque se a gente levar para nossa vida, realmente para nós há esta dificuldade, chegar a um certo nível, chegar onde você quer chegar, alcançar sua meta, seu objetivo, é realmente difícil. Tem vários obstáculos, várias dificuldades e isto ocorreu muito. Hoje eu procuro levar para minha vida pessoal, porque dificuldade eu vejo direto e então eu fico procurando abraçar as oportunidades para chegar num objetivo maior que eu quero. Jovem 3

É possível perceber que existe uma visão de que a competição ofereceu a oportunidade de aprendizados diversos. Interessante frisar a diferenciação de estímulos afirmada entre as poucas vitórias e as derrotas. Quando perguntado sobre a sua lembrança mais marcante durante sua participação no projeto, um dos jovens responde:

> Eu acho que a mais marcante que a gente teve foi a nossa vitória no pré-olímpico. Eu acho que esta foi a mais marcante, acho que todo mundo lembra dos mínimos detalhes do jogo, dos mínimos detalhes da nossa comemoração. Jovem 4

No entanto, ao ser questionado posteriormente sobre as derrotas e a lógica do "coitadinho da favela", o mesmo jovem afirma:

> Eu acho que foi uma quebra desta história. Eu acho que a coisa mais importante, fazendo um resumo destas duas temporadas no pré-olímpico, foram as nossas derrotas. Eu acho que a gente cresceu muito mais com as derrotas do que com as vitórias, as nossas 2 vitórias. Que foram aceitas muito bem, mostrou nossa superação, só que a gente cresceu demais, a gente crescia muito por causa das nossas derrotas. Jovem 4

No discurso de outro jovem encontrou-se referência semelhante com relação às vitórias e derrotas:

> Eu queria falar um pouquinho. Essa participação nossa no pré-olimpico. Foram quantos jogos? Só sei que o número de derrotas foi muito maior que o de derrotas. A gente só teve 2 vitórias. E aí eu pensando muito eu acho que se o nosso grupo tivesse ganhado muito mais que perdido seria um pouco mais difícil ser o grupo que foi. É claro que a vitória une, o grupo ficava feliz e motivado, enfim, mas eu via, todo final dos jogos, da perda dos jogos, eu via quanto o grupo ficava ainda mais forte. E o grupo não pensava assim, não o próximo a gente ganha, mas o grupo tentava encontrar um monte de estratégias para tentar melhorar pelo menos um pouco dentro de quadra. Daí sempre nos finais dos jogos, eu lembro num dia em especial que a gente perdeu e a gente foi para o núcleo e ficou naquela antiga biblioteca e ficamos horas conversando, o L. saiu conversando com as meninas e ficou a gente, conversando durante horas procurando saber onde a gente errou, procurando levantar os problemas do jogo, daí não sei quem falou: pára, não temos que ficar preocupados com o que a gente acertou, com o que a gente errou, não importa se a gente acertou ou não a manchete, importa o que a gente não tinha dentro de quadra. E começamos a levantar uma série de valores que eu acho que aquela reunião foi uma das melhores, conseguimos levantar um monte de valores que a gente não tinha colocado em quadra e ai os meninos falaram um monte de valores importantes para se ter dentro de uma equipe, começaram a falar de motivação de garra de determinação, e aí, partindo daquela conversa foi onde o time conseguiu ter mais confiança, foi onde o grupo ficou totalmente motivado para os próximos treinos. Eu fiquei, aquela para mim foi uma das principais e melhores conversas que a gente teve, até porque teve pouca da sua intervenção (Professor) naquele momento, e foi um momento nosso, porque foi um momento onde focou os 12 jogadores ali e os 12 preocupados em saber onde a gente errou, quais foram as atitudes teve e não teve dentro

> de quadra, e ai foi uma das reuniões que me deixou mais contentes. E que ajudou a gente nos outros jogos. A gente continuou perdendo e sei lá, a gente continuou perdendo mas eu penso que o que a gente conquistou com as nossas derrotas foi muito maior do que com as vitórias, assim. As vitórias ajudaram. Foram um gás mas eu penso que as derrotas foram mais significativas. Jovem 2

A continuidade no processo de aprendizagem no voleibol, na busca por aprofundamentos táticos e técnicos, oferecendo no percurso, estímulos em uma competição de bom nível regional, tinha por objetivo estimular aprendizados que pudessem contribuir para a formação dos jovens e procurar minimizar as pressões características desta comunidade.

Retomando a questão do "coitadinho da favela", houve jovem que afirmou que o esporte não chegou a proporcionar mudanças significativas neste sentimento:

> O pessoal não chegou a ver que poderia ser superior, poderia superar o que todos achavam deles, Sobressair sobre esta característica que julgavam eles. [...] Acho que não. Mudava muitas vezes quando o time conseguia se sobressair, conseguia mostrar que estava lá para jogar. Um exemplo foi o jogo contra Jundiaí, o time começou a ficar com medo, o nosso começou a se sobressair, passar deles, jogar muito bem, daí não começaram as risadinhas, começaram a perceber, ficaram assustados, um pouco.
> Jovem 3

No entanto, outros enxergaram mudanças no comportamento através da competição:

> Bom, para gente eu acho que isto diminuiu, porque a gente vê que nós somos importantes! Não somos insignificantes como as pessoas do outro lado vêem! Para eles eu acho que somos coitadinhos não é? Mas vai de cada um fazer aquilo que a gente realmente é. Se você quer ter potencial, você vai ter potencial. Agora se você não quiser, quiser ser um coitado, um fraco, você vai ser. Jovem 9

> Ô, bastante. E muitos, acredito, que mudou o pensamento. A gente não sabe por que a gente não continuou convivendo. As pessoas que eu encontro são raras e eu só falo um oi, não tenho mais aquela amizade que tinha antes, aquele apego. Mas a maioria, acho que o I., você, serviu para acordar o pessoal. Acho que é por isso que quando você saiu foi para isto. Para você vir e fazer todo mundo acordar. Acho que se não tivesse surgido, estou sendo até um pouco radical, mas ele não teriam este pensamento então eles estariam na mesma. Eles estariam na mesma vida, na mesma fase, na mesmice. Jovem 6

> Sim, eu acredito que sim. Porque eu acho que o esporte acaba estimulando este desejo de superar, porque a gente começa a ver o adversário do outro lado da quadra, mas às vezes o adversário não é o grande problema, às vezes o problema está na gente, é o nosso próprio adversário. Você olha para a pessoa e começa a impor os seus limites em você. Às vezes o adversário, o cara nunca te viu na vida, como você vai falar: "É o meu adversário! Vou lá para jogar contra, contra os nossos inimigos!" Jovem 5

> Olha, depois de muita derrota que a gente teve, acho que significou uma superação, significou que não é só porque a gente é o time de Heliópolis, que sinceramente era

> assim que a gente era visto entre os outros times, "É, o time de Heliópolis deve ser facinho!" Por a gente ser de Heliópolis mostrou uma lição para gente mesmo, foi uma superação incrível que a gente teve, enquanto os outros grupos, as outras equipes tinham até 5 treinamentos por semana, a gente tinha 2, e poucos horários, então, mostrou uma superação, uma força de vontade de estar ganhando, mostrou que o grupo estava bastante unido, o grupo já era unido e focou mais unido ainda depois dessa nossa vitória. Jovem 4

Vivenciar o aprendizado do esporte em busca de aprofundamento constante proporcionou, segundo relatos, uma oportunidade, que em primeira análise, pode parecer simplória, mas que surge no discurso de muitos jovens como algo marcante e que indica romper com o isolamento que viviam, romper com a lógica "da casa para escola, da escola para a casa":

> Sempre foi um aprendizado para a gente conhecer mais o time, porque era um time grande, num set você ficava com um time, no outro você ficava com outro. Mas foi aprendizado mesmo, para a gente conhecer mesmo o ambiente onde a gente estava pisando. E não é só jogar voleibol no núcleo, tinha um outro mundo maior aí fora que a gente tinha que se habituar. Jovem 1

> Poder conhecer lugares diferentes e poder conhecer outro nível de pessoas, de voleibol, a possibilidade de sair daqui de dentro, a experiência de competir, disputar algo importante para mim, um desafio. Jovem 3

> Depois eu também consigo olhar que eles começaram a ver a importância, porque eles começaram a sair desta comunidade, deste mundinho, foram viver outras experiências, conhecer outras pessoas e começaram a ver que o mundo não é só Heliópolis. Que não é só essa realidade. E que ele poderia estar lá como estar aqui, mas ele precisava construir algumas coisas. Liderança 1

> Eu penso também o tanto que vôlei me propiciou, não é? Foi muito legal, não é? As viagens, eu acredito que se eu não tivesse entrado no vôlei estaria na favela fazendo nada não é? Até hoje! Jovem 3

Como descrito, o simples fato de poder sair da comunidade para jogos ou arbitragens transformaram-se em fatos marcantes. Nestas oportunidades alguns jovens viveram algumas situações pela primeira vez, como almoçar em um restaurante ou viajar para outras cidades e estado. Quando perguntados na roda de conversa sobre lembranças mais marcantes, alguns jovens responderam:

> A de cara eu tenho 3: Indaiatuba, Sesc e Centro olímpico. Centro olímpico porque era a última chance da gente ir para Curitiba. A gente já tinha ganho do time que fomos para a final e a gente perdeu. O Sesc porque boa parte dos jogos que fizemos foi lá. Não sei, aquela parte da tensão, e da pressão do time foi legal, no Sesc, apesar das perdas que a gente teve. E Indaiatuba porque foi a primeira viagem que eu fiz assim, porque eu ainda não tinha ido para Curitiba, eu achei interessante, foi diferente. Jovem 5

> Fui pro Paraná, já!!! Que chique, jogar vôlei!!! Jovem 11
>
> Indaiatuba, outros lugares, foi muito legal isto! Jovem 3
>
> Os passeios, eram ótimos!!! A gente sente uma falta dos passeios. Todo mundo reunido, comendo junto, brincando junto, isto foi muito bom. Jovem 8

Outra afirmação encontrada em diversos relatos diz respeito aos "castigos" enfrentados nos treinamentos e como se transformavam em valores adquiridos como esforço, persistência e superação

> Olha, na época a gente achava, era chato, mas vendo assim, agora, era um estímulo para a gente pode estar indo atrás daquilo que a gente queria, que era a perfeição no voleibol, porque a gente tinha campeonato. Eu acho que era um modo de estimular os nossos treinos. Jovem 9
>
> Mas assim, eu acho que para mim pessoalmente, acho que valeu sim. Por que nada na vida é fácil, não é? É como a gente pensa, vamos fazer assim e assim e pronto, ta feito! Não é assim, a gente tem que vencer nossos obstáculos. Para mim, isso fez muito que eu visse uma situação e tentasse resolver. Não ver e ah! Deixa pra lá! Jovem 8
>
> Eu não tenho más lembranças, no sentido de "não acredito que eu fui obrigada a fazer isso!". Lógico que eu odiava pagar marinheiro. O que me dava raiva de pagar estes castigos era o fato de eu não ter conseguido cumprir aquilo, porque às vezes você fica com a sensação de "que droga!". Então a gente é capaz de fazer isso, mas parece que bloqueia, a gente não consegue, fica se sentindo menor, de vez em quando, mas eu penso que foi importante sim, porque a gente acaba aprendendo a lidar um pouco com estas coisas de limites, talvez, e de aprender a avaliar até onde a gente vai. Eu acho que naqueles momentos a gente poderia até ter ido além, mas na hora o grupo não conseguiu cumprir determinada tarefa que eu imagino fosse capaz e a gente acabou, acho que o castigo nem era o grande problema, o problema era não cumprir o que a gente queria. Então se quem quer que fosse que estivesse treinando a gente, falasse: "Olha, você não precisa pagar castigo, vocês não cumpriram, tudo bem, vamos fazer uma coisa mais fácil!" Se a pessoa falasse isso teria sido pior, porque a gente ia se sentir pior ainda. A gente ia se sentir: "Pô, se a gente não conseguiu fazer isso, vamos fazer uma coisa mais fácil, que qualquer pessoa possa fazer!" Jovem 5

Como forma de se manter o foco da atuação centrado no eixo esporte e aprofundar os conhecimentos e vivências, os jovens puderam exercer a função de monitores, como auxiliares nas aulas dos educandos mais novos e árbitros em torneios, tanto internos como entre outros núcleos do projeto. Os jovens atribuem a estas ações muitos aprendizados:

> Com aquele jeito de árbitro amigo, a gente podia visualizar melhor as dificuldades que cada um tinha. Poder conversar mais com ela, auxiliar nas dificuldades que elas tinham, ter aquele contato mais pessoal. Jovem 3

> Ah, me sentia uma Professora! Era ótimo, porque você está ensinando uma coisa que você aprendeu. Ensinando uma coisa que você já sabe para uma pessoa que não sabe ainda. Ou que sabe que você esta ajudando aquela pessoa a melhorar. É uma sensação muito boa! Jovem 8

> Era uma coisa assim, que além de a gente estar trabalhando com o voleibol, a gente estava se expandindo para outras coisas, conhecendo outras áreas do esporte que não é só o voleibol, a arbitragem, a monitoria, e a gente, ajudando nas aulas a gente estava por dentro com as crianças, se envolvendo um pouco mais além dos treinos de voleibol. Jovem 9

> Outro ponto importante para mim foi entrar na monitoria, eu lembro que entrar na monitoria, no primeiro momento foi um desafio. A primeira vez que me atribuíram a responsabilidade: "Olha, você vai ser monitor, e você tem essa, essa e essa função!" Eu falei: "Caramba, será que eu vou dar conta?" E eu vi o quanto aquilo ali serviu de mais aprendizado, trabalhar com outro Professor, formado, que já tinha objetivos com aquelas crianças foi uma troca bacana e exatamente naquele momento que eu senti a ação multiplicadora que cada um tinha porque a gente aprendia um pouco enquanto aluno nas atividades de voleibol e aí tentava socializar aquilo com os novos alunos. Jovem 2

Outra característica comum relacionada ao processo de aprofundamento no esporte foi a de estimular os sonhos nos jovens, no sentido de ampliar as expectativas de formação e constituição na vida. Quando perguntado sobre as diferenças entre os jovens do projeto e jovens que não participam de nenhum projeto, um dos educadores confirmou as desigualdades nas expectativas:

> E as diferenças, a gente mora no Heliópolis e a gente observa grupos, existem vários grupos de jovens dentro de Heliópolis. Este grupo é um grupo diferenciado mesmo porque muitos grupos aqui no Heliópolis, a gente percebe que os meninos adolescentes e as meninas também, eles não buscam uma melhora de vida, eles ficam naquele círculo vicioso. Não procuram fazer uma faculdade, muitos, principalmente as meninas, não procuram um trabalho legal, se contentam com o pouco. E a gente conseguiu despertar nestes meninos este desejo de buscar melhorar, buscar ter uma vida melhor. Buscar futuramente de ter condições de constituir uma família e dar condições melhores para esta família. Eu não vejo em outros grupos este desejo de querer melhorar, fazer uma faculdade, melhorar financeiramente, de sair do Heliópolis, eles pensam que a vida deles vai ser aqui sempre. Vão crescer, assim como já cresceram, e vão morrer aqui. Professor 1

Retornando aos jovens e a questão dos sonhos, eles se colocam da seguinte maneira:

> Ah, como a J. (J11) falou eu acho que a gente aprendeu mesmo o que é sonhar, porque acho que a gente não tinha este sonho, eu até sabia, mas não exatamente, que nem você falou uma vez que existia um muro assim e que a gente tinha que olhar por cima dele. A gente tinha que chegar até ele e olhar por cima. Eu acho que o projeto mostrou isto, a

> olhar o que tem por fora, porque antes a gente só tinha aquele mundinho, era só aquele e já era. Jovem 10

> Nosso mundo era só isso, terminar o ensino médio, trabalhar vai de faxineira, (Risos)... Mas é, acho uma vergonha, minha irmã, ela é nova, acabou os estudos e podia procurar algo melhor e ela não, é faxineira. 22 anos. Porque, porque eu acho que ela não teve a mesma oportunidade de a gente tivemos. Eu também. Antes de eu entrar no projeto eu pensava, qual vai ser meu futuro. Meu futuro é eu casar, ter 3,4 filhos, e trabalhar num serviço de merda, para ganhar uma merda, entendeu? Agora não, antes no projeto eu queria ser jogadora ou Professora de vôlei, mas agora não, eu comecei a trabalhar numa área diferente e eu penso outra coisa, já. Então eu não posso falar eu quero ser administrador de empresa, porque pode mudar daqui a dois anos. No projeto eu aprendi a correr atrás, porque viver é difícil, no meu trabalho às vezes eu faço muito esforço e ninguém reconhece, porque minha patroa saiu de férias e eu fiquei com a responsabilidade toda dela e às vezes eu fico chateada porque ela não reconhece, ai eu penso hoje não mas amanhã com certeza ela vai reconhecer, porque um dia se eu sair de lá ela vai sentir muita falta, então com o projeto eu aprendi correr atrás das coisas que eu quero. Jovem 11

> Acredito que sim, porque eu me lembro que até eu ter esta experiência com o voleibol, com o esporte, eu não fazia mais nada, não me incomodava com nada, pensava em ter um trabalho, está bom, não me preocupava com o que eu queria com minha vida profissionalmente, um sonho, quase nada. Acredito que com o voleibol, começar a ter esta experiência de disputar, de querer ganhar algo, muitas derrotas, esta perseverança de tentar conseguir algo novo, chegar no nosso objetivo, ajudou muito. Porque eu vejo assim, as oportunidades estão aparecendo, talvez sempre apareceram, mas eu não conseguia ver realmente estas oportunidades. Agora, quando aparece uma oportunidade, eu analiso, vejo realmente se vai ser benéfico para mim, eu procuro abraçar da melhor forma possível. Jovem 3

Em se tratando de trabalho com crianças e jovens em situação de risco, muito se discute sobre o perigo de se estimular sonhos e desejos distantes das suas realidades. Como o projeto estudado desenvolvia a modalidade voleibol, foi natural que muitos sonhassem em se tornar jogadores profissionais como seus ídolos (incluindo a presidente da ONG responsável pelo projeto de esportivo, que foi uma grande jogadora em nível mundial da modalidade, e com quem todos tinham contato constante).

É sabido que nenhum dos jovens participantes deste grupo foco do estudo se tornou jogador profissional. Nenhum deles sequer se mantém em treinamento, no entanto, suas afirmações com relação à possível frustração por não alcançarem o sonho de ser jogador foram:

> Eu acho que você pelo menos tem que tentar, para realmente saber se isto vai acontecer. Se você tentar e não acontecer, tudo bem, vou fazer outra coisa, entendeu? Pelo menos tem que tentar, não ter vergonha porque você tentou, pelo menos você tentou. Jovem nova geração 3

> Eu concordo com os sonhos, porque a frustração faz parte. Quer dizer que se você frustrar a primeira vez você vai desistir do seu sonho? Se é um sonho de verdade, por mais que eu tenho frustrações, doa a quem doer, eu vou continuar com meus sonhos. Eu acho que sonho não se planta, você vai muitas vezes mostrar caminhos e esta pessoa vai terminar o dela. Jovem nova geração 7

> Não, eu acredito que na vida, se você tiver um sonho, você vai querer alcançar de qualquer jeito, não? Mas ao não alcançá-lo, com as outras pessoas eu não sei, mas comigo, eu não fiquei triste. Eu sei que é um sonho, não impossível, mas um sonho extremamente difícil, mas eu sei que não poderia ter desistido. Mas das conseqüências que foram acontecendo eu comecei a desviar meu sonho, talvez aquele poderia ser meio supérfluo. Procurei imaginar um sonho mais próximo da minha realidade, um sonho que talvez seria significante para mim, algo com a minha cara, meu estilo, uma perspectiva melhor. Jovem 3[18]

Partindo deste último depoimento, outros jovens relacionam a possibilidade e o exercício de sonhar a partir das vivências do projeto com a reformulação destes desejos. O que foi anteriormente a vontade de ser atleta profissional, atualmente é a formação profissional, com destaque ao ensino superior, o sonho a ser perseguido, e, aliás, já sendo executado por alguns:

> Bastante. O fato de toda vez eu tinha que falar alguma coisa na reunião. Ah, meu Deus, eu não agüento mais falar. Falava e eu nunca tinha percebido que eu tinha esta vontade de querer ser o que eu estou seguindo hoje, na minha carreira (jornalista). Eu pensei, sei lá, sabia que eu ia ser alguma coisa. E aí no voleibol, a gente ficava promovendo festa, vai dali, vem de cá, eu comecei a gostar da história de falar sempre. E aí eu trago isto até hoje, esta bagagem inteira e o fato de eu correr atrás dos meus sonhos não só pelo incentivo da minha família, mas do voleibol, de certa forma. Jovem 6

> Não era diretamente relacionado na quadra, mas a gente viu o resultado fora. Era com a família onde a gente estava mais focado. Tinha depoimentos de família que chorou quando o filho falou: "Mãe, eu quero fazer uma universidade!" Não o fato dele querer fazer uma universidade, mas o fato dele conseguir sonhar ! Porque antes isto também não tinha. Liderança 1

> Para mim me ajudou em escolher o que eu queria fazer com relação à minha profissão, depois que eu comecei a fazer monitoria eu vi que era aquilo que eu queria, fazer Educação Física . Me ajudou a escolher minha profissão[19]. Jovem 9

> No vôlei eu também vou falar o mesmo que o P. (Jovem 3) e o M. (Jovem 13), eu não sabia o que era universidade, nos primeiros dias de emprego do L. (pesquisador) ele perguntou quem aqui gostaria de fazer uma faculdade, e se eu não me engano duas pessoas levantaram a mão, o V. (Jovem 2) e o J. (Jovem 1). Ué, para que que eu vou fazer uma faculdade? E agora eu quero seguir uma profissão, quero ser técnico de vôlei. Jovem 4

[18] - Atualmente este jovem está cursando faculdade de Logística na rede particular através de convênio com uma ONG local.

2- Atualmente esta jovem está cursando faculdade de Educação Física na rede particular através de convênio com uma ONG local.

Uma das jovens do grupo passou no vestibular em duas universidades públicas de São Paulo, fato bastante raro na comunidade. Quando questionada se seu desejo por trilhar este caminho tem relação com as experiências do projeto, ela responde:

> Sim. Foi uma coisa muito simultânea, foi concomitante. Na hora que eu estava começando o ensino médio, então foi uma coisa... Eu já, pelo apoio da minha mãe e pelo meu comportamento na escola, eu sempre tive vontade de fazer uma coisa bacana, de ter um trabalho legal, não sei se eu tinha a intenção de conquistar independência, mas o meu futuro é este mesmo. Mas acho que participar do projeto me deu mais garra para correr atrás disto. E acho que mais importante, aliou a vontade que eu tinha de ter algo mais à noção do mundo onde eu estava, onde eu estou, das pessoas com quem eu convivo, das diferenças entre elas, e do que significaria conquistar isso. Eu acho que isto foi importante, porque nem sempre a gente tem essa visão: "puxa, olha o que eu estou para fazer!" Acho que me deu mais força ainda, me motivou mais ainda e me deu a importância e o esforço que eu teria que fazer. Jovem 5

Sem entrar nas questões sempre polêmicas sobre o acesso restrito às universidades públicas para os jovens de classe social mais baixa, é fato, segundo um dos educadores, que o trabalho no projeto socioeducativo aliado a exemplos de sucesso como o de uma das jovens do grupo, podem servir de incentivo para que outros tentem romper pelo menos a própria crença de incapacidade:

> Então eu acho que, hoje em dia é visível, é notável, os meninos conseguiram ampliar seus horizontes. A gente tem um exemplo claro, e eu fiquei muito feliz com isso, de uma experiência que a gente trabalhou que foi a V. (jovem 5), eu lembro muito bem, que a gente fez aquela experiência de um ou dois anos do livro, que a gente tinha a questão da leitura e a gente queria que ele pegasse gosto pela leitura e a gente trabalhava a questão de que era possível de que ele entrasse na USP (Universidade de São Paulo), porque no Heliópolis, isto está no discurso de mais de noventa por cento da população de Heliópolis, que uma pessoa daqui nunca vai conseguir entrar numa universidade pública.E a gente trabalhava o contrário, falava que se ele se esforçasse, se ele corresse atrás, ele conseguiria, não é? Até porque a gente tinha exemplo de dentro de Heliópolis que conseguiram. E a V. foi um exemplo, que neste ano de 2008 ela entrou na faculdade, na USP e na Unicamp. Eu tenho certeza absoluta de que foi um fruto daquele trabalho que a gente fez. O fato da V. estar na USP hoje, dela estar fazendo o curso de letras, o trabalho que foi feito lá, com o voleibol, com aquelas experiências que a gente teve, contribuiu e muito! Para que o V. (Jovem 2) tivesse fazendo cursinho vestibular. Mesmo que ele não tenha passado, que ele tivesse motivação para este ano continuar tentando. Professor 1

2.2- Proximidade na relação educador/educando

Uma das questões orientadoras para a realização das entrevistas procurava investigar quais as características que um educador deveria apresentar para trabalhar em um projeto socioeducativo com esporte. Este questionamento teve o objetivo de levantar indicativos sobre a importância deste profissional no ambiente e como os entrevistados achavam que ele devia se comportar, quais qualidades e conhecimentos devia ter e demonstrar.

É neste tema que se encontrou o maior número de depoimentos convergentes, indicando que os diferentes grupos entrevistados possuíam visão semelhante quando o assunto é o profissional trabalhador de um projeto socioeducativo.

Praticamente unanimidade nos depoimentos, uma das características elencadas se trata da necessidade do educador conhecer a comunidade na qual vai trabalhar. Não se exige que ele seja morador do local, mas que busque entendê-la nas suas relações particulares:

> Além de dar a aula ele tem que conhecer os alunos, os moradores, muitas vezes o tráfico, e dependendo da realidade, isto é importante, ele tem que conhecer o contexto em que ele está inserido, ele tem que fazer parte do contexto, ele tem que, na verdade, viver no contexto. As pessoas precisam conhecê-lo. Eu acho que a transformação vai vir daí. A partir do momento que o Professor é reconhecido dentro da comunidade como uma pessoa que não é da comunidade, e as pessoas percebem que ele está lá para ajudar e ele está conseguindo realizar mudanças na realidade que ele está inserido, através de vida dele, eu acho que o trabalho consegue ter frutos a partir daí. Professor 1
>
> Tem a questão da amizade, de você conhecer seu aluno, se preocupar com ele, e eu acho que quando a gente conhece realmente o aluno, sua realidade, quando a gente dá a oportunidade para ele falar simplesmente da vida dele, eu vejo que o aluno se sente confiante, o aluno fala: caramba, nele eu posso confiar! Ele não é um estranho! Acho que é isto: a gente não pode ser um estranho para o aluno! Professor 2
>
> A princípio precisa de um Professor que compreenda um pouco da realidade da comunidade, o perfil dos alunos e em cima disso começar trabalhar em cima dessas necessidades, mas que também... eu acho que o perfil da aula seria em cima do diagnóstico do grupo que você está trabalhando, não trazer coisas aleatórias, coisas amplas que talvez estejam fora da realidade deles. Tem que começar pela realidade deles, do grupo. Educador 3
>
> Acredito que não só uma habilidade, porque muitas vezes quando um treinador vai ser contratado testam mais a habilidade dele. Eu acho que hoje não se resume só a isso, a habilidade física, eu acho que deve ser uma habilidade mental, qual a habilidade que ele tem para lidar com as crianças? Qual a habilidade que ele tem para lidar com os jovens? Essa habilidade seria uma pessoa que tivesse a capacidade de mostrar coisas novas, de identificar naquele jovem: “Opa, aquele jovem está tendo algum problema em casa!

> Porque será que ele está tendo este problema? Vamos conversar com ele, vamos saber o que se passa, vamos passar o que eu acho de certo ou errado para ele!" Jovem 6
>
> Eu acho que tinha que ser um projeto que tinha que conhecer a criança e a família, tinha que envolver a família, tinha que cuidar da família, o lado da família, porque muitas vezes a mãe não tem um olhar, tem mães que aceitam o filho ficar na boca, o dinheiro vem rápido, tem aquela ilusão de que vai crescer, enriquecer e não é isso. Amanhã vai ver o filho esticado lá no chão. Então, para mim, o projeto tem que ser assim, tem que ter pessoas sensíveis para o lado social, tipo assim um L.(ex-educador do projeto), entendeu? Porque o L. ele via isso. A K. (jovem 6) falava que o L. perguntava, queria saber e se preocupava. Mãe 3
>
> O Professor ideal, uma das coisas, não vou dizer que é a mais importante porque tem muita coisa, mas eu acho que sensibilidade é importante, eu acho que a pessoa tem que perceber onde ela esta trabalhando, qual é o objetivo, com que tipo de pessoas, porque em cada lugar onde este projeto estiver as pessoas vão ser diferentes, a realidade vai ser diferente. Jovem 5

Outra característica atribuída ao educador ideal faz referência à vocação, ao gostar do que faz, se deixar envolver pela causa do projeto. Segundo relatos, assim ele terá maiores chances de provocar mudanças reais na comunidade:

> Olha, tem que gostar mesmo, viu! Gostar daquilo que faz. Acho que é importante em qualquer profissão, tem que gostar mesmo, se sentir parte daquilo que o manda chuva está te falando. Se sentir parte e amar, eu acho que é o principal. É você amar aquilo que você está fazendo. Só a chance deste Professor poder...vai trabalhar com crianças , não é? Com todas as faixas de idade, e pode trazer muitos benefícios para estas crianças. Eu acho que o principal é ter que gostar mesmo. Jovem 1
>
> Ele tem que gostar de estar ensinando, gostar do que ele está fazendo. Jovem nova geração 2
>
> Porque a gente sabe, toda área tem o Professor e o Professor, entendeu? Porque cada um prega algumas coisas, acredita e não está errado porque acredita no a ou b, mas desde que você vá fazer algo que você queira, tem que ser desde aquela parte que você também acredita. Porque aí você vai fazer melhor, vai se envolver mais, vai ter o retorno, vai ser gratificante, é o que eu falei no início, se o jovem se via como sujeito e valorizado, ele rende muito mais, num curto espaço de tempo. Então o profissional, se ele está numa área, é prazerosa, é gratificante, é aquilo que ele acredita, às vezes o financeiro não é tudo, às vezes o financeiro é o mínimo. Ele também tem seu conhecimento, seu crescimento, que é muito mais além. Então é isso que eu acho, quando eu falo de compromisso, é este perfil de compromisso. Não é o compromisso de estar lá no horário, sabe? Não é esta regrinha... Não, é o compromisso da pessoa, do ser humano, do indivíduo e dos valores que ele trás. Liderança 1

Como visto anteriormente, espera-se que o projeto esportivo tenha continuidade e profundidade. Portanto também é desejado que o profissional tenha uma boa formação na modalidade:

> Primeiro o Professor tem que manjar muito do esporte que ele está trabalhando. Por exemplo, se você está no voleibol, você tem que entender do voleibol. Educador 1
>
> É lógico, importante conhecer do que a pessoa tem que conhecer do que ela esta falando. Não vai falar de voleibol e chegar lá falando de chuchu! Tem que ter uma base, uma formação legal. Jovem 5

A figura do educador como um exemplo a ser admirado é fato descrito pelos jovens e afirmado como relação importante no cotidiano do projeto:

> Acho que ser for um projeto social, tem que ter uma preocupação cem formar pessoas, em ser exemplo, é inevitável, os alunos vão olhar para esta pessoa e vão dizer: " puxa, quando eu crescer eu quero ser assim, eu quero fazer isso!", então de qualquer forma ele tem que ter consciência de que ele vai ser um modelo, então ele tem que ter um comportamento que de certa forma seja exemplar. Jovem 5
>
> E acho que ele tem que ser alegre. Não demonstrar que ele está triste porque o Professor é o espelho do aluno, então o aluno reflete nele, quando o Professor está triste ele fica triste, quando o Professor fica alegre. Jovem nova geração 1
>
> Foi importante, na época em que eu era aluno eu precisei muito, foi de referência, eu vi o A., a C., o L. (Professores do projeto), como uma referência para mim, uma referência que eu não tinha, uma referência de Professor, de professor que se preocupavam realmente com meus sentimentos, respeitavam meu limite, acho que este é um fator importante, fidedigno que você conquista o aluno. Você, além de ser o Professor dele, você é o amigo dele, você consegue escutar, você consegue expor sua opinião para ele e ele para você: "Ah, Professor, vem aqui que eu preciso contar uma coisa para você que eu estou precisando!" Eu acho que esta aproximação Professor/aluno é realmente fundamental. Jovem 2

Além do exemplo, muitos entrevistados fizeram referência à relação de proximidade e amizade do educador com os educandos. Não basta conhecer a comunidade, ter uma conduta correta, cumprir com as obrigações. Exige-se maior envolvimento:

> O Professor também tem que, isto acontece muito, eu tenho visto, se o Professor vem para uma comunidade, e ele vem apenas para dar aula, a aula dele, não que isto seja um pecado, mas eu acho que isto não serve. Porque o Professor tem que querer transformar, ele tem que querer fazer parte desta transformação também, Ele tem que ter este desejo de, aquelas crianças que ele tiver na mão, dele tentar fazer com que aquelas crianças se tornem pessoas que queiram transformar a comunidade. Porque a gente vê muito Professor que não é da comunidade que vem trabalhar no projeto social mas que você não vê isto nele. Ele tem que ter preocupação também pela criança, ele tem que ter este olhar esta visão. Educador 1
>
> Ah, uma pessoa que entenda as dificuldades, não é? Que tenha paciência. Porque assim: as pessoas não são iguais, cada um tem seu jeito, que tenha paciência com o jeito de cada um, que tenha um lugar adequado, um lugar que precise, arrumar parcerias também. E ir cultivando. Para os adolescentes verem que o que eles estão fazendo é o melhor para eles. È que nem uma escola. Que nem, tem as escolas, mas o pessoal fala

> que as escolas não prestam. Mas porque que as escolas não prestam? Porque o Professor entra na sala, não fala um bom dia, já vai escrevendo, na hora que vai embora já apaga, vai embora, não dá um tchau, então é assim, se você cultiva, a pessoa vai se apegar, vai ter carinho, e quando você precisar daquela pessoa ela não vai te dizer um não! Se você souber lidar com ela. Eu acho que independente do lugar, ou do dinheiro, de qualquer coisa, independente de tudo isso, é a cultivação entre as pessoas, porque se você tratar uma pessoa bem, você pode treinar na rua. Jovem 8
>
> Primeira coisa ele tem que ter aquela coisa, eu não sei dizer o nome, sabe aquela coisa para cativar os alunos, além de ser o Professor, ser amigo também. Primeiro de tudo ele tem que ser amigo dos seus alunos depois vem o Professor. Acho que é o mais importante. Jovem 9
>
> Mas o primeiro foco foi mesmo a questão da carência, sabe. De ter alguém mesmo que olhasse. Eles chegaram lá, uns chegaram tão desengonçados, tão sem nada, e de repente você viu um homem, virou um homem, sabe, de cabeça, de atitudes, então eu acho que isto contribuiu. Liderança 1

Para ilustrar ainda mais esta posição de necessidade de proximidade do educador com seus educandos, muitos depoimentos criticam o profissional que supostamente se preocupa mais com sua ascensão do que com a comunidade:

> Colocar Professores que tenham o mesmo tipo de pensamento, o mesmo tipo de força de vontade, que você tinha com a gente. De fazer a gente quere crescer, e não crescer em cima da gente. Jovem 9
>
> Eu acredito que a humildade, principalmente em uma comunidade carente, assim, não... Eu acho que tem que ter ambição profissional, tem que acompanhar, tem que andar junto, mas andar só ela, a qualquer custo ser o age, o exemplo de Professor mundial, e aí eu não estou nem aí para a qualidade de aula, sei lá. Educador 3
>
> Mas tem eles que só vem para cá pelo dinheiro.. Eu vou lá para aquela favela, não é? Fazer o quê? É o que eu posso fazer! Ir para lá porque o salário é bom! Não se preocupa com a família, como é a família dela, como é a situação que ela passa, porque assim, é muito fácil a gente criticar. Mãe 3

Uma das ações que eram praticadas para realizar esta aproximação educador e comunidade era a visita nas residências dos educandos. Nestes contatos, o maior conhecimento da realidade vivida e a satisfação por perceber a preocupação dos profissionais aumentavam os laços de amizade e respeito mútuos:

> Ah, tem. Foi quando você foi atrás de mim, na minha casa, falar com minha mãe. Foi você, foi a S. (liderança da comunidade). Isso é uma característica que está faltando no nosso projeto agora. O Professor dava mais importância ao aluno e não a si próprio. Jovem 9

> Porque é o que eu falei, é você ter o diagnóstico do seu aluno, você entender porque que seu aluno chega de chinelo, com a camisa rasgada, ou que ele chega machucado, ou porque ele está de mal humor, ou porque ele chega e não está cheirando bem, esta realidade, se você vai à casa do aluno, você vai entender o que ... Tinha situações que a gente queria resolver dentro do projeto, quando nós saímos para fora, falamos, meu, tem que trabalhar lá! Não adianta nada eu fazer qualquer coisa com a criança aqui que eu estou massacrando ela, porque quando ela volta para lá a situação é outra, então eu tenho que ter um outro caminho, então eu tenho que trabalhar em conjunto, a família com a criança e o profissional, porque se ele conhece melhor a família, a realidade, se aproxima dos pais. O pai, às vezes, precisa de um momento para conversar. Tem pai que vem falar de coisas...olha ta vendo, eu acho que tenho que fazer psicologia, eu não tenho que fazer pedagogia, porque ele quer ouvir, desabafar, falar de casos... e você , nossa, essa família tem essa situação? Teve Professor que tiveram esta resistência, aqui, sendo morador, a porque que eu tenho que ir lá na casa, a mãe já esteve aqui, fez inscrição? Vamos lá, vamos visitar... E aí quando vem, nossa, S. , olha isso, olha aquilo! Então olha o olhar que este Professor vai, e isto também é importante, ele ter o entendimento de qual o olhar ele vai, não vai lá para olhar se a casa está limpa, não, não é este foco. Qual é esta relação com esta criança, como ela é vista dentro deste contexto da família. Que nem, que a gente teve lá no projeto que a menina era abusada pelo irmão, quando você chama a família para conversar a mãe também tinha sido, e lá atrás nunca resolveu. Você entendeu, como é importante você está junto da família para conseguir construir e às vezes a família não tem esta oportunidade. E a gente pode proporcionar. Liderança 1

2.3- O Sentimento de Pertencimento

A terceira característica detectada nos depoimentos é relacionada ao valor atribuído ao grupo e os sentimentos por fazer parte dele. É afirmado que para a constituição e manutenção do grupo é necessário que os objetivos sejam bastante claros, permitindo que os jovens optem por participarem ou não do projeto:

> Mas eu acho que é isto, já que você está ali, você tem que saber quais são as regras verdadeiras, e aí você vai estar fortalecendo seu grupo, porque ele está tendo entendimento do todo, se você trabalha o indivíduo picado, o rendimento dele é picado. E você não pode cobrar um rendimento integral. [...] Então eu acho que tem que trabalhar tendo claro qual é o objetivo que você quer com seu esporte, com este grupo qual é o foco que eu quero atingir, também deixe claro para ele, e aí ele vai ter esta opção, é isto mesmo que eu quero, é desta forma que eu quero trabalhar, e ele vai render muito mais. Liderança 1

Uma das educadoras afirma que conhece outros grupos que, por falta de um objetivo definidos, de direção, apresentam outra característica:

> Então, eu conheço outros jovens que participam de outros projetos, aqui dentro de Heliópolis, e comparando com este grupo, eu acredito que estes outros jovens eles não tem uma organização como eu enxerguei neste grupo. Que até hoje, eu acho que eles são ainda organizados, não é? Eu acho meio desorganizados os jovens dos outros projetos, não tem uma direção, é aleatório. Educador 3

Quando perguntado se enxergava alterações no comportamento dos jovens no decorrer do projeto, outro educador que acompanhou o grupo de jovens de maneira bem próxima atenta para a falta de perspectivas e objetivos no início dos trabalhos:

> Eu me lembro que no começo, os meninos, era como se você pegasse uma pessoa sem nada na cabeça. E aí, durante este tempo a gente foi tendo vivências, a gente foi amadurecendo como grupo, e estes adolescentes foram crescendo, porque eles estavam dentro de um ambiente, que é o Heliópolis e parece que eles só conseguiam ver o Heliópolis. Não conseguiam ver além do Heliópolis. Eu acho que a experiência, estes anos de convívio com os adolescentes ajudaram-nos nisso. A criar uma expectativa que eles não tinham. Eles achavam que eles tinham que ficar no Heliópolis, passar a vida, muitos falavam isso, passar a vida toda no Heliópolis, e não tinham, não tinham objetivos, não tinham metas a alcançar. Educador 1

E atribui à ação do projeto o interesse nos jovens por se desenvolver:

> Eu acho que tem várias coisas que contribuem. Tem a questão do desemprego, que muitos se acomodam por isso. Eu acho que tem a questão de falta de estímulo dos pais desses jovens, muitos pais, não estou falando que são todos, mas muitos pais não estimulam, não pressionam este jovem para que ele se interesse em outras coisas. E eu acho que fez a diferença foi que nós suprimos esta falta dos pais dos jovens que tiveram esta experiência. Eu acho que a gente contribuiu nisso. A gente fez o que muitas famílias não estavam conseguindo fazer. Que era dar este estímulo. Educador 1

Uma das formas de estímulo afirmadas pelo educador era a de delegar e dividir responsabilidades com o grupo. A monitoria, momento em que os jovens ajudavam os educadores nas aulas dos mais novos, recebendo a função de orientar, de organizar as turmas, auxiliar na dinâmica das atividades, passando a ser uma referência para todos, proporcionou o sentimento de pertencimento:

> Porque a gente via a figura do Professor fazendo assim então eu vou tentar fazer como ele, mas era uma criação, a gente criava muito como monitor, eu me sentia mais valorizado, mais pertencente ao projeto. Falava: “Caramba, eles acreditam em mim e eu posso contribuir de alguma forma no aprendizado destas novas crianças, não é?”
> Jovem 2

Um dos objetivos construídos com os jovens foi o de montar a equipe de voleibol, tanto feminina como masculina e dar continuidade no processo de evolução no nível de performance e conhecimento da modalidade. Esta busca também é lembrada como fator de união e fortalecimento do grupo:

> Eu gostava bastante dos campeonatos, porque eu acho que os campeonatos juntava muito o time feminino, o time feminino era muito afastado, por intrigas... Então, eu acho que a quando a gente se juntava mesmo para jogar a gente se unia. A gente esquecia as diferenças, não é? Então a gente se apegava, via que aquele abraço que a gente tava dando era uma abraço verdadeiro, não aquele abraço que você dá, "Hã, oi!..."(fisionomia de desagrado) , sem graça, era um abraço que tinha algo a ver com o grupo. Jovem 8

> Porque quando eu estava lá dentro eu jogava, eu jogava com garra, eu jogava para que ? Para quando eu chegar no campeonato, a nossa equipe, o nosso time mostrar que e gente era forte, mostrar que a gente era unida, aí eu gostava de estar lá por isso. Jovem nova geração 2

O grupo indica ter sido construído através da influência de diversos aspectos. Como já colocado anteriormente, as responsabilidades atribuídas aos jovens, o objetivo a ser alcançado, a formação das equipes e a mediação dos educadores estão presentes neste depoimento, como uma síntese das análises deste tema:

> A gente fala até hoje que o que fez com que o grupo ficasse reunido é que a gente queria treinar vôlei, daí veio o Professor, e aí o Professor junto com os adolescentes que fizeram que a gente quisesse estar aqui, que fizessem a gente se tornar autônomos, que a gente corresse atrás dos nossos objetivos, coisa que com os jovens desta segunda fase (chamados neste estudo como a nova geração) que a gente fala, não está acontecendo. Mas aí eu não sei se é por causa do Professor ou por causa do interesse dos jovens, porque naquela época tinha os dois lados, a gente tinha o Professor que era, como posso explicar, acho que o nosso suporte, que nos segurava era ele, qualquer problema que a gente tinha a gente recorria a ele, e ele sempre ajudava a fortalecer o grupo e até a gente mesmo em questões pessoais, até. Acho que foi isto que fortaleceu o grupo. Acho que pela confiança do resto dos Professores também, a amizade que todo mundo tinha pelo outro, responsabilidades que a gente tinha contribuiu bastante. Jovem 7

A relação de amizade formada entre os jovens é uma das afirmações mais presentes e valorizadas quando o assunto é o pertencimento do grupo. A permanência desta amizade após o término da equipe de voleibol é relatada por vários jovens e educadores:

> Outro ponto que ficou muito forte e isto é até hoje assim, o quanto todos nós, o grupo que se formou, de 40, hoje eu digo que são 20, ele é muito forte. E já passou o que? Já passou 2 anos que a gente não está mais no projeto, não está mais envolvido com as atividades, mas independentemente de tudo isso a gente ainda está junto, a gente ainda

> está unido, a gente pensa em estratégias para estar junto um do outro, seja comprar batata no Assis, seja, ontem nós fomos comemorar o aniversário do W. (jovem do projeto) no rodízio, seja vir aqui no Sesc, enfim, a gente está sempre junto. Jovem 2
>
> Não sei se a equipe, eu acho que eles mantêm a equipe. Eu acho que esta equipe que existia naquela época ainda existe. Não a equipe em jogo, mas a amizade, o cuidado entre eles. O grupo ainda existe. Não existe aquilo: " Ah, enquanto o L. (educador do projeto) estava aqui o grupo rolou, agora não existe mais!" Eu pelo menos, só encontro eles aos bandos, parecem umas maritacas! Outro dia eu estava no salão de cabeleireiros e um gritando: " E. ! E.!" E quando olhei estava o P., o V., o W. (jovens do projeto), quer dizer, eu nunca encontrei eles sozinhos. Semana passada eles estavam subindo os dois gêmeos, o C.... Sempre os mesmos, um com o outro, eu acho que eles conseguiram, até hoje existe essa amizade. Educador 3
>
> Com relação ao time, nós fechamos um grupo muito legal, até mesmo depois do treino nós nos reuníamos, a gente conversava fora tanto de voleibol como de diversos assuntos, a gente tinha aquele laço de amizade. Na hora da dificuldade procurar saber, montar uma estratégia para sobressair da dificuldade. Acho que este laço de amizade que acabou ficando, de conversar, durou muito tempo. No outro dia a gente se reunia para conversar, discutir sobre voleibol, acho que este é um ponto legal. Jovem 3

A maneira como o grupo agia com cada integrante pode indicar os motivos desta relação forte de amizade:

> E aí tem outra coisa, como é que é: toda ação gera reação, não é? Era isso que eu penso que tinha, quando a gente via que tinha uma pessoa que não estava respeitando muito o grupo, ou então não estava se adequando legal ao grupo, a gente não fazia com que aquele menino: "Não, sai fora!" Vamos ver porque você não está se adequando, porque você não está feliz com o grupo, vamos pensar nisto junto. Então acho que as estratégias, a intenção e a pessoa que estava com a gente contribuiu muito para isso, para que a gente fosse este grupo forte e coeso até hoje. E aí, este grupo ficou tão forte, tão unido, e aí a gente vê que a gente era dono daquilo ali, e você foi o mediador, hoje você não está mais lá com a gente mas o grupo ainda está forte e unido. Se a gente marca uma reunião, está todo mundo, porque aquilo foi muito significativo para a gente, aquilo foi importante, era relevante, a gente se sentia bem, não era uma coisa, eu vou lá, vou bater uma bola e vou vir embora. Não, eu vou lá, vou bater uma bola, vou aprender além do esporte, vou ter outras funções, vou ter minhas responsabilidades, vou ter meus direitos e meus deveres, enfim, muito mais coisas envolvidas e isso é até hoje, parece que é uma empresa, cada um sabe qual é a sua função dentro do grupo assim, eu vejo a função do Devanir, a função do Devanir é quando a gt está lá embaixo o moleque vai lá e levanta a gente! Falando as besteiras dele. Eu vejo quando o grupo se sente fraco, tem o Silas, da maneira dele: "Não! Tem que ser diferente! Aí anima, não é?" Então eu vejo que é uma empresa, cada um tem sua função, e utiliza bem delas, é legal. Jovem 2
>
> Por... Eu era travado, mas todo mundo, você vê, o trabalho que foi feito foi tão bom, mas tão bom, eu acho que eu não estou viajando na maionese, foi tão bom, porque se eu fosse jogar na minha escola, voleibol com os meus colegas, eu ia ouvir um monte de... Não é, besteira: "Ah, você não sabe jogar!" Não iam nem me deixar jogar, não ia nem entrar na quadra. Mas aqui o pessoal procurava ajudar, era trabalhado com a gente: "Procura ajudar seu colega!" E o pessoa ajudava mesmo. E eu era travado mesmo, não conseguia mas ninguém se cansava de falar para mim como eu deveria fazer, e eu tentava fazer mas ... Jovem 1

Este último jovem, quando questionado se achava que fazia parte do grupo, responde:

> Me sentia, me sentia sim. Eu não tinha, claro, o mesmo desempenho que o P., o V. mas me sentia, eles me incluíam no grupo. Apesar de ser travado eles me incluíam! Jovem 1

A afirmação de alguns jovens alegando que o projeto simbolizava a sua segunda casa pode indicar a maneira como se sentiam pertencentes aquele espaço:

> Eu escutei da boca do I .(jovem de uma geração mais nova) que a 2ª casa dele era a sede, porque ele amava as aulas de voleibol, porque ele tinha prazer. Eu acredito que era por causa da aula. Através das aulas que eles amavam eles acabavam se comprometendo com as outras coisas porque tinha algo que lhes dava muito prazer. Educador 3
>
> Com certeza. A gente chamava ali de segunda casa. A gente se sentia bem lá dentro. Jovem nova geração 1
>
> Às vezes até a primeira! Jovem nova geração 2
>
> Às vezes até a primeira porque a gente passava lá maior parte tempo lá do que em casa. Jovem nova geração 1

Agir em grupo é aumentar as possibilidades de atuação, principalmente na comunidade de Heliópolis, como afirma a liderança entrevistada:

> Têm jovens que na mudança enquanto pessoa, de se cuidar, também isto teve. Ele se tornou mais questionador, mais amigo do outro. Eles se fortaleceram enquanto grupo. Eu acho que isso foi bacana, eles traziam coisas enquanto grupo. Não falavam no individual. E para esta comunidade acho que é isto que é importante, não é? Porque se você começa a trabalhar no individual, você se perde, e eles vieram com uma força enquanto o grupo. Liderança 1

O sentimento de pertencimento e suas características como os laços de amizade, a busca por objetivos comuns, as responsabilidades assumidas, o apoio e cooperação entre os jovens, a aquisição de maior força de representação na comunidade e a permanência de algumas destas relações mesmo após dois anos de encerramento das atividades com o projeto indicam que o fato de pertencer ao grupo foi relevante no processo vivenciado.

2.4- A situação atual do projeto

Devido aos diversos depoimentos dos entrevistados iniciais que utilizavam a comparação do tipo "antes e depois", como forma de reforçar a importância dos vários temas abordados, resolveu-se buscar mais dados que pudessem ou não referendar os tópicos descritos anteriormente. Para tanto se realizaram duas rodas de conversa com jovens de geração mais nova que viveram ou ainda vivem a situação do projeto após o grupo de jovens foco do estudo terem largado as atividades. Ainda acrescentou-se a seguinte pergunta geradora para os jovens, educadores, responsáveis e liderança que não haviam sido entrevistados: Você tem conhecimento de como está o projeto atualmente?

Os dados recolhidos permitem, de fato, uma relação com os temas abordados relativos às experiências vividas anteriormente.

Com relação à profundidade dos estímulos no aprendizado do esporte foram muitas as afirmações que enfatizam o desagrado pela não continuidade das ações relativas ao voleibol:

> Olha, ele é bem desestimulado. Vou para o treino, vou nada, hoje nem vai ter... Tipo assim, os meninos do treino, se hoje não vai ter voleibol, eu não vou! Porque parece que não significa mais tanto como a gente. Nossa, a gente podia passar o dia inteiro lá dentro, mas a gente estava sempre com a vontade de sempre ir, sempre ir, já as pessoas que vieram depois da gente não. Se não tem voleibol eu não vou. Não tem mais aquele estímulo que a gente tinha. Não sei o que falta. Falta alguma coisa, entendeu? Jovem 9

> Quando eu entrei, tinha aquela coisa, eu tinha começado a jogar na escola e aí eu entrei na sede porque minha irmã entrou também. E as aulas eram maravilhosas, e gente ficava jogando, às vezes a gente sentia falta do voleibol, o pessoal ficava reclamando que se falava de mais, mas é aquela coisa, a gente ainda tinha o voleibol, que eu acredito que é um instrumento muito forte que traz muito daquela coisa da superação, da força de vontade. Eu acho que o voleibol me fez ser uma pessoa muito determinada, também, me trouxe muitas conquistas, muitas alegrias, mas, por exemplo, eu tenho um primo que está no voleibol, à tarde, e eu outro dia fui falar com ele: "Ah, o que você está achando do voleibol?" E ele: "Ah, a gente não aprende nada, porque no voleibol, o Professor é muito chato, a gente não faz nada, fica só jogando futebol!" E aí eu fiquei pensando na diferença da época que eu entrei para a que ele está agora, não? Ele é uma criança um pouco rebelde, mas ele falou de uma maneira, assim, eu para falar mal do voleibol, nunca, nunca faltava, podia estar chovendo, sabia que ia estar tudo alagado, mas eu ia lá. E agora meu primo não, ele fala que para não faz tanta diferença, pelo que eu percebi do que ele falou. Acho que está é uma das diferenças da época que eu fazia aula para agora. Jovem nova geração 7

> Persistência. Acho que faltou persistência da gente de correr atrás. Mas eu acho que a gente não teve esta persistência porque o projeto não estava mais nos apoiando, e

> também não tinha mais aquela estrutura, porque no começo, a pessoa que entrava no projeto tinha uma formação no voleibol, eles ensinavam a gente a gostar e a jogar voleibol. Ai, depois de uma época isto acabou. Eu acho que por isso também que teve esta transformação de gente que sai , gente que entre, porque não tinha mais nada que ligasse tanto a gente quanto tinha no começo! Jovem 2

> Eu já saí porque para mim não estava mais valendo à pena. Eu acho que tinha ficado um pouco longe do voleibol, tinha ido para outros lugares. Quando eu entrei lá dentro foi para jogar voleibol, não foi para ficar fazendo outras coisas, aí eu saí porque para mim não estava mais valendo à pena. Jovem nova geração 2

> Os objetivos. Antes era formar cidadãos críticos, só que tinha um instrumento que eu vejo, muito forte que era o voleibol, só que hoje em dia este instrumento não é tão ativo, não é utilizado. É utilizado, só que de outras formas, formas que não satisfazem, como eu vejo, quer dizer, a gente vê coisas que, como eu fazia monitoria na época, de alunos mais novos, eu veria facilmente 50 alunos na turma de voleibol. Hoje em dia a gente não vê. Pela mudança de objetivos e formas que eles usam para chegar nas crianças. Jovem nova geração 6

> Por isso que a visão das pessoas hoje está ruim. Não se trata apenas que hoje está ruim, se trata disso, que antes tinha a competição e hoje eles não querem mais a competição. Até no amistoso que teve na quarta-feira. Teve um amistoso e o Professor falou que aquilo não valia nada para ele. Eu cheguei a discutir com ele mas... para mim um amistoso vale muita coisa, não é apenas um jogo, mas um jogo que não vale nada para ele, para mim eu aprendo muitas coisas além do voleibol. Jovem nova geração 5

Como colocado anteriormente, a continuidade no aprendizado do voleibol, as oportunidades de vivenciar a competição, os desafios de superação e persistência, comprometimento e responsabilidade, formavam ingredientes que marcaram a vida dos jovens. A ausência destas situações e o oferecimento de atividades pouco desafiadoras e que oportunizem novos conhecimentos são levantadas nas falas referentes à atualidade do projeto:

> Eu acho que as aulas davam mais certo. Principalmente eu que tenho uma dificuldade tremenda com as turminhas menores, porque você precisa ficar toda hora mudando... E naquela época eu acredito que a gente fazia um jogo e a aula fluía, porque o aluno tinha que entender, tinha toda aquela história da compreensão, de saber o que eu estou fazendo. Agora não, você vai lá, dá um jogo e é como se fosse brincar na rua! Uma queimada. Eu organizo um jogo de queimada e aí todo mundo já sabe o que vai acontecer, já sabe os resultados e aí eu vou jogar, mas aí algumas crianças se acomodam, porque elas acham assim: "Ah, vamos jogar queimada porque é fácil, eu já sei!" E aí a gente acaba deixando de fazer com que eles pensem, que eles entendem. Como o J.(educando dos grupos mais novos), vou citar ele de novo, aquele que gosta de fazer a manchete. Talvez ele não saiba para quê serve a manchete, porque ele está fazendo, é uma coisa meio que... Não é decoreba, é como se fosse brincar na rua. Eu acho que nem tinha muita necessidade de deixar 3 ou 4 Professores na quadra, porque o aluno já sabe o jogo, eu dou lá um gol a gol gigante, ele já está sabendo o que vai acontecer, ele já sabe todas as regras. O que dá para fazer é: "Vamos lá, o que vocês

> acham que dá para mudar, acrescentar ou tirar?" Mas eles já sabem que o objetivo do jogo é este. Não sei se avança. Educador 3
>
> De evoluir. Porque a gente não ia lá só pelo voleibol, a gente tinha outras coisas, tinha arbitragem, a monitoria. Hoje em dia a gente não vê ninguém fazendo monitoria, nenhum dos meninos mais velhos. Jovem 9
>
> Eu acho que está acontecendo porque antes eles buscavam isto, eles faziam eventos, patrocínios para uniforme. E hoje? O que a maioria que está faz? Quer que tudo caia do céu, que o I. (ONG responsável pelo projeto do voleibol) dê tudo e eles não esperavam isto. Por isso que o I. tratavam eles como se fossem ídolos. Porque uma comunidade carente como Heliópolis ter jovens que corram atrás de seus objetivos é muito difícil ter isso e hoje não, até mesmo a gente, a gente vai para lá e espera que eles dêem algo para gente. A gente não vai em busca de nada. E antes não, eles não ganhavam nada do I., Pré-Olímpico (campeonato regional), quem pagava eram eles, com o que? Com o esforço deles, com as festas que eles produziam. E hoje? Hoje a gente tem o Circuito (campeonato entre os núcleos do projeto) e o que a gente faz para ganhar o Circuito? Nada! E é sempre isto que as pessoas estão em busca, sempre ganhar, sempre ganhar, mas em que a gente ganha em troca? Nada! Jovem nova geração 5
>
> Má orientação deles, como disse o E.(JN5), e também por que a maioria que está lá não querem nada com nada. Acham que a vida é uma brincadeira, que nunca vão sair dali, que sempre vão ser adolescentes, que vão ser criança, que nunca vão precisar trabalhar, correr atrás de um emprego, mas não é assim, a partir do momento que ele sai dali e vai para o mercado de trabalho tudo muda, ele vai ter que correr atrás dos objetivos dele, do curso dele, porque se você não tiver um curso, uma faculdade no seu currículo, você não é nada no mercado de trabalho, qualquer um vai entrar na sua frente, ninguém vai te dar nada se você não correr atrás dos seus objetivos. Jovem nova geração 6
>
> Eu vejo na maioria das pessoas um comodismo e um descaso também. Como eles falaram, sempre receberam na mão, o Circuito estava pago, a viagem estava paga, o que a gente fazia: ia lá jogar, ser feliz, depois voltava para casa para depois ter outra viagem no outro mês. Mas agora que não tem mais isto, que a gente teria que correr atrás disso, tem muitas meninas que: "Ah, se tiver que correr atrás de alguma coisa, tudo bem, eu saio do projeto! Não vai fazer diferença! Ah, minhas opções são, ou eu venho para cá ou eu fico em casa assistindo televisão ou então eu vou dormir." Então eu vejo isso como, se não for de uma maneira mais fácil não vai ser de maneira nenhuma, porque não vai fazer diferença, porque não tem mais aquela atração toda: "Ah, o projeto, o voleibol!" É que nem o E. (JN6). falou, se fosse o voleibol pelo voleibol, qualquer lugar a gente podia achar, então para alguns não faz a menor diferença. Jovem nova geração 7

Segundo o depoimento de um dos educadores, o excesso de trabalho documental, como relatórios e planejamentos, ocupam muito o tempo de trabalho em detrimento à uma maior proximidade com os educandos e de continuidade nos aprendizados. Alegam que tais documentos não refletem a realidade das atividades realizadas. Nas possíveis avaliações entre os próprios educadores e com os coordenadores, existe também uma situação construída que não é a do cotidiano do projeto:

> Mas o problema maior que eu enxergo é a rotatividade, porque a gente trabalha em cima de um currículo, e esse currículo ele é feito para o aluno que entra com 6 anos e sai com 15 anos. E aí o que acontece, como eu falei, a gente passa 50% do tempo planejando o currículo, as unidades didáticas, aí o aluno entra hoje, daí a 2 meses ele sai, aí entra outro.
> E quando tem uma observação também, por exemplo, tem um Professor que está dando uma aula, e aí vem um outro que vem observar. Aí eu dou a aula do jeito que aquele Professor quer observar. Tem os nossos coordenadores, por exemplo, o X. que vem observar, isto é muito claro para mim, quando o Professor Y. está dando aula, a Z. desce um pouquinho para a quadra, eu estou lá com ele. A aula muda, da água para o vinho, então eu estou dando aula para o coordenador, não estou nem aí para os alunos. O coordenador chegou, a aula fica maravilhosa. O coordenador saiu, fica lá... Isto para mim, eu não tenho problema nenhum em falar isso, eu falaria até no I.(ONG responsável pelo projeto do voleibol), sei que pediriam até minha cabeça, mas isso é bem real. [...] Já me falaram isso, quando eu era estagiária, o Professor H., ele me dava altas dicas, não, e umas das dicas foi essa que ele me deu: "Olha, você tem que dar a sua aula, mas se você viu que a M.(Presidente da ONG responsável pelo projeto de voleibol) está aqui, meu, arrepia na aula!" Então quer dizer, eu não tenho a mínima preocupação em fazer uma aula boa para a M. e nem para os coordenadores, não. Eu não sei se é porque eu sou da comunidade, ma a minha preocupação maior é entender a comunidade, ver o que está sendo bacana, o que elas podem aprender com isso, porque em relação a coordenador eu não faço questão de fazer uma boa aula para eles verem não! Educador 3

Esta visão de preocupação em documentar uma condição que não é a realidade também é percebida pelos jovens:

> Transparência entre o pessoal da coordenação, os Professores e os alunos. Acho que é o principal. Acho que tudo o que estiver acontecendo, estar entrando numa discussão para buscar algo positivo para todo mundo, não só uma coisa: "Pô, vai ficar bonitinho no papel, então a gente passa para as crianças, o que eles vão aprender? Ah, não sei, mas está bonito, deixa no papel!" Aí quando alguém vier aqui fala: "Ó, a gente está ensinando isso, isso e isso!" E o pessoal vai pensar,: "Pô, que coisa linda, maravilhosa!", mas só está no papel. Jovem 4

> Porque falar é fácil, colocar no papel aquelas palavras lindas e maravilhosas que ninguém entende nada é mais fácil ainda, mas colocar em prática que é difícil, acho que é isso, saber o que colocar, mas saber o que fazer também. Jovem 10

Após este conjunto de características citadas, encontraram-se afirmações de suas conseqüências no cotidiano do projeto. Quando questionados quanto ao número de vagas no voleibol encontra-se como resposta:

> Tem, bastante. É que assim, o C.J. (núcleo onde acontece o projeto) foi abandonado e uma coisa era ligada à outra. Eu coloquei meus outros dois filhos no CJ Imperador para eles fazer voleibol na escola. A A.(educanda) saiu porque não vai ter mais voleibol. Saiu do projeto. Mãe 3

> Agora, é que nem os dois falaram, qualquer pessoa entra, se quiser treinar, então pode vir aí! Daí você começa a treinar. Antes também, era, tinha até lista para poder entrar lá,

> nossa, ficava gente de fora, não tinha vaga. Hoje em dia não, você passa lá em frente está lá, vagas para crianças de não sei quanto para jogar. Jovem nova geração 6

> E hoje é assim, no voleibol, a gente brigava, tem mães que vem aqui. Antes vocês brigavam porque um por família (regra de inclusão no projeto, uma criança por família, devido ao grande número de interessados), hoje eles oferecem para a família toda e ninguém quer. Então isto eu acho que ficou muito marcante. Liderança 1

A falta de prazer e compromisso nos jovens de nova geração é claramente notada nestes depoimentos:

> Hoje mudou muito o voleibol. Sei lá, antigamente eu ia com mais gosto para jogar, porque eu pensava assim, nossa eu vou com gosto mesmo, que nem você sempre fala, que a gente tinha sempre que se espelhar em alguém, que a gente tem sempre que querer ser não igual aquela pessoa, mas melhor que aquela pessoa, hoje eu não tenho mais este pensamento lá! Hoje eu falo: "Ah, não tenho nada para fazer, então eu vou lá mesmo, não é?" Mas antigamente, quando eu ficava doente eu falava: "Não, eu tenho que treinar!" E minha mãe falava: "Não, você está doente! Não mãe, eu tenho que treinar!". Hoje não, se eu estiver doente eu fico em casa, cuidar da minha saúde, não quero saber mais. Antigamente era bem melhor que agora. Jovem nova geração 6

> Hoje se surge uma oportunidade o pessoal fala: "Ah, nós vamos? Ah, vamos aí!" Quando surgiu o Circuito, foi até quando eu quebrei o braço, eu falei: " Nossa, eu nem vou mais jogar voleibol!" Eu desanimei. Mas agora o Professor às vezes me chama para treinar mas não tem a mesma química. Antes quando faltava dos alguém dos mais velhos, eu perguntava: " Eu! Posso jogar?" Catava bola, ficava assim (sorrindo para ver se permitiam jogar), é agora! E o L.: "Então, vai pegando a bola para mim!" E eu todo alegre, pulando, pegando bola, "Toma aqui!", corria, dava maior gás, só para ficar ali no treino, vendo pelo menos um pouco, aprendendo, e agora você não tem isso daí, não tem nem as crianças pequenas tentando ver, não tem mais isso. Jovem nova geração 8

> "Ah, o que eu vou fazer? Não tem nada para fazer, então eu vou para a sede!", aí chega lá, tem aquela aulinha meia boca, jogar um vôlei meio rápido, brincando, sai de lá, vai para casa, dorme, beleza. Antes não, antes a pessoa: "Ah não, vou jogar, vou aprender, vou tentar, porque eu vou para Curitiba, eu vou para Indaiatuba!" Jovem nova geração 5

A referência do grupo mais avançado como um espaço a ser conquistado era fator motivacional. O esforço por alcançar uma vaga no "grupo da noite" (Equipes de treinamento) era bastante valorizado, mas que não existe mais:

> Esta questão da dificuldade, eu tive muita dificuldade para entrar à noite, tive estímulo do C. e do W. (Jovens participantes do grupo foco do estudo), mas assim, foi difícil, e foi ótimo, porque foi tão difícil que eu me interessei mais, "Eu quero aprender com isso, então eu vou insistir!" E é esta coisa, dificuldade a gente vai enfrentar sempre na vida. Se tiver tudo na mão não vale a pena. O que é fácil demais não vale a pena. Para ser bom tem que ser difícil! Jovem nova geração 1

> Eu não sei, é... Por exemplo, quando a gente entrou lá, tinham os campeonatos, tinham as aulas divididas, aí, que nem o I. (JN 1) falou, a gente, para entrar a noite a gente precisava lutar para conseguir, a gente precisava mostrar que a gente merecia, aí na época que eu saí já estava esta coisa desorganizada, é, eu não mereço, mas está faltando gente, então eu vou entrar, não tinha mais esta seleção. Aí para mim já estava, o que, quem queria ser monitor, ia ser, quem não queria, também o projeto... Para mim não estava mais indo para frente com a força que estava antes. Jovem nova geração 2

Esta falta de valorização do grupo afetou o sentimento de orgulho, de pertencimento, valores exaltados com o grupo que viveu o projeto anteriormente:

> Não, eu acho que agora é só você entrar no projeto e falar: "Eu tenho 16 anos, queria jogar, o que eu faço? Ah tá, 16 anos... Vai para noite!" Agora é assim. Antes, nossa, eu principalmente, "Tenho 13 anos, imagine quando o L.(Educador) me chamar para jogar à noite, com aquele, nossa, tem até para P. e o S. (J 2 e J 4) que moram perto de casa! Eles jogam bem pra caramba!" Jovem nova geração 8

> E eu até acho curioso isso que o X.(JN 8) falou, nesse um mês que eu voltei, no primeiro dia eu fui só para dar um oi assim para o pessoal, só que eu achei estranho, eu estava de calça jeans, fui ver o pessoal, e quando cheguei fui jogar um pouquinho, estavam as quadras pequeno montadas e eu fui jogar. Aí o Professor chegou, olhou para mim e falou: "Ah, prazer, meu nome é F.!" As meninas falaram que eu treinava antes aí o Professor perguntou se eu ia voltar a treinar e eu falei que não sabia e as meninas falaram que eu ia voltar sim. Aí o Professor falou: "Então se você aparecer aí, depois você passa seu nome e pronto!" E eu achei tão... Cheguei em casa até meio, não sei, horrorizada, porque eu lembro que quando a minha irmã entrou à noite eu ia lá e ficava olhando com aqueles olhões assim, eu ficava pegando bola e entregando, dava até brilho nos olhos, a bola para a L., para a R. (garotas do grupo estudado). E agora, eu olho assim e penso como pode mudar tanto assim? Não só pelas pessoas terem mudado, mas eu acho que teve uma decadência um pouco disso, porque desvalorizou muito, bastante mesmo. Jovem nova geração 7

Neste capítulo procurou-se levantar os pontos destacados através da repetição na fala de diferentes pessoas que possam contribuir para alcançar os objetivos deste estudo.

Além do levantamento dos temas mais relevantes, ainda foi feita uma comparação das memórias referentes ao projeto vivido entre os anos de 2003 a 2005 com a visão de projeto na época da realização das entrevistas realizadas no ano de 2008, na busca da possibilidade de reforçar ou desmentir os aspectos elencados.

Considerações Finais - Buscando-se respostas ou novos questionamentos

Considerações finais ou iniciais? Finais, se relativas a esta pesquisa em particular. Contudo, no universo de relações envolvidas no conjunto dos ambientes em que se propôs investigar, ou seja, jovens de comunidades periféricas, projetos socioeducativos e pedagogia do esporte, exige desdobramentos. Esperamos que se façam destas conclusões o estopim para muitas outras investigações, transformando nossas conclusões em pontos de partida para novos estudos. Afinal de contas, o crescimento do terceiro setor é uma realidade e o otimismo atribuído às ações dos projetos requer ser tratado com respeito, atentando-se para a qualidade das propostas.

Apesar da complexidade do tema deste estudo, ousa-se concluir que para fazer frente aos dramas enfrentados diariamente por jovens moradores de comunidades periféricas como a favela de Heliópolis, é preciso que se planejem intervenções intensas e profundas.

O tratamento pedagógico afirmado neste estudo sugere que se considere uma série de requisitos que tornem um projeto capaz de estimular transformações na vida de seus educandos e familiares:

1. Requisito da profundidade e a continuidade no aprendizado a que se propõe, levando-se em conta o desejo dos jovens por continuar a se desenvolver, aprender mais profundamente o esporte, sentir o prazer de ser desafiado e valorizado, pois oferecer continuidade é acreditar que podem seguir evoluindo.
2. Exigência do educador comprometido com a missão de estimular a transformação dos jovens. Para tanto, conhecer seus educandos, sua família e comunidade, estar disponível, ser exemplo de conduta, enfim, estabelecer uma relação de proximidade com aqueles com quem vai trabalhar, são requisitos do profissional no projeto socioeducativo.
3. Construir um ambiente que desenvolva o sentimento de pertencimento a um grupo com ideais claros, capazes de promover a ruptura dos limites da comunidade. Estimular a compreensão nos jovens de que além de fazer parte, eles são co-proprietários do espaço do projeto e como tal, também co-responsáveis por sua

existência, cientes de que podem usufruir do momento passageiro para sua emancipação e formação e garantir sua permanência aos mais novos que virão.

4. Considerar a dinâmica da comunidade onde está inserido o projeto. É possível afirmar que os requisitos descritos anteriormente terão sua ação minimizada se não houver um esforço para se compreender minimamente as relações construídas entre os moradores, seus grupos, seus poderes e influências.

Estes requisitos se relacionam com aspectos elencados na análise e que merecem atenção no caminho das reflexões finais.

Um destes aspectos diz respeito à necessidade de uma atenção diferenciada às meninas e moças, que por suas obrigações diferenciadas dos meninos, acabam tendo a participação limitada no projeto. Planejar ações paralelas onde as jovens pudessem trazer seus irmãos mais novos e desta forma, enquanto participam de suas atividades, os menores também fazem parte de outro programa socioeducativo. Considerar os horários das atividades deste grupo também pode auxiliar na permanência e disponibilidade ao projeto, visto que um bom número de jovens não possuíam permissão para estar no projeto no período da noite.

Ainda com relação às diferenças de gênero, o estudo sugere que se atente a questão da auto-estima e da desvalorização da adolescente e jovem mulher na comunidade. Estratégias planejadas no sentido de reverter esta lógica podem ser bem recebidas.

Aproximar a família do projeto também se configura como uma ação importante, procurando oferecer aos pais o entendimento das ações que seus filhos vivenciam. Oportunizar atividades também aos pais pode representar maior disponibilidade aos jovens visto que seus responsáveis estão no mesmo espaço, minimizando o problema de restrição com horários, principalmente relativo às meninas. E o grupo de mães que freqüentam o projeto, com todo o respeito e referência que a comunidade lhe atribui, como analisado, pode conferir grande força política, segurança e estabilidade nas ações do espaço.

Outro fator a ser salientado é a busca por colaborar para formação de seus jovens, oferecendo-lhes meios de ampliação de suas oportunidades e conseqüentemente, contribuir para que o vivido se traduza em possibilidades reais de melhoria das condições de vida.

Dos quatorze jovens que participaram das entrevistas, no momento da defesa deste estudo, dez estavam cursando faculdade, o que representa número significativo, bem acima da média

nacional da faixa etária e econômica na qual estão inseridos. Logicamente, não é possível atribuir unicamente ao projeto socioeducativo o fato do ingresso no ensino superior, mas como foi por alguns deles afirmado, o desejo por continuar a sua formação foi também estimulado pelas experiências vividas no núcleo. Um dos jovens confirmou que a ação de sonhar em ser jogador da seleção brasileira de voleibol atribuído ao projeto, migrou com o passar do tempo para o sonho de uma carreira através do curso universitário.

Um dos educadores entrevistados afirma que aqueles que não estão cursando a faculdade estão trabalhando em ocupações formais, e salienta os desejos e os planos futuros, expostos em conversas informais, sobre casamento, filhos, casa própria, entre outros. Este fato sugere que o desejo por evoluir, se desenvolver e superar limites, apresentado por todos nos anos vividos no projeto, ainda se mantém em sua essência, agora é claro, com outros objetivos.

Portanto, é possível concluir que o esporte, se tratado de forma adequada pode se vincular a outras dimensões da vida dos jovens participantes de projetos socioeducativos de forma a colaborar efetivamente para minimizar as pressões exercidas pela exclusão vivida por todos os moradores de comunidade periféricas. No entanto é imperativo refletir nas nuances desta intervenção. A teia de relações que cada grupo vive é bastante complexa e buscar conhecê-la poderá fazer da ação socioeducativa uma ponte para novos caminhos até então escondidos ou invisíveis aos olhos de seus moradores.

Conhecer, entender e adequar os detalhes nas relações vividas com requisitos como os que foram levantados neste estudo é o que se acredita dar tratamento pedagógico às ações. Tais requisitos sugerem a necessidade de repensar projetos que por medo de excluir seus jovens, atuam de maneira descontinuada, descontextualizada, sem cobranças e, desta forma, diminuem suas possibilidades de romperem com as barreiras da favela. Parece pouco possível pensar em formação eficaz para jovens em situação de risco sem oferecer-lhes estímulos e aprendizados que de fato possam contribuir para a batalha diária contra a exclusão. Estes aprendizados poderão ser mais facilmente adquiridos através do esforço, dedicação, perseverança, superação, o que pode significar que nem todos aceitarão o desafio, uns por não se atraírem pelo eixo da proposta, outros por não se sentirem no momento de se comprometerem, outros...

No entanto, o medo de frustrar é partir do pressuposto de que não são capazes, de que são fracos para tanto. Mas provavelmente estes jovens moradores de comunidades periféricas sejam os mais habituados a lidar com a frustração, pois a enfrentam cotidianamente. Portanto, acredita-

se que é aconselhável ter como eixo norteador para uma proposta de educação não-formal em uma comunidade periférica, a idéia de que os jovens são capazes de superar os limites impostos pelo meio em que vivem, acreditando que ter baixas expectativas para com eles se traduz em uma ofensa ou até mesmo um crime para todos.

Desta forma, o foco e alvo das ações no projeto socioeducativo indica ser o de oferecer possibilidades capazes de provocar transformações para que os problemas deixem de ser suportados para passarem a ser, de fato, superados!

Referências bibliográficas

ABIB, P. R. J. Os velhos capoeiras ensinam pegando na mão. Caderno CEDES, Campinas, vol. 26, n. 68, p. 86-98, jan./abr. 2006

ANDRÉ, M. E. D. A. Etnografia da prática escolar. Campinas, ed. Papirus, 1995.

BALBINO, H.F.; PAES, R.R. Pedagogia do esporte e os jogos desportivos coletivos na ótica das inteligências múltiplas. In: PAES, R.R.; BALBINO, H.F. Pedagogia do esporte: contextos e perspectivas. Campinas: Guanabara Koogan, 2005.

BAYER, C. O ensino dos desportos colectivos. Lisboa, Dinalivros, 1994.

BENTO, J. O. Contextos da pedagogia do desporto: perspectivas e problemáticas. Ed. Horizonte, Lisboa, 1999.

BETTI, M. Violência em campo: dinheiro, mídia e transgressão às regras no futebol espetáculo. Ijuí, Ed. Unijuí, 1997.

BRACHT, V. Sociologia crítica do esporte: uma introdução. Ijuí, Ed. Unijuí, 2005.

CAGIGAL, J. M. Deporte, pulso de nuestro tiempo. Madrid: Nacional , 1972.

CARDOSO, R. Fortalecimento da sociedade civil. In: IOSCHPE, E. 3º Setor: desenvolvimento social sustentado. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2005.

CASTRO, M. Cultivando vidas, desarmando violências: experiências em educação, cultura, lazer, esporte e cidadania com jovens em situações de pobreza. Brasília: UNESCO, 2001.

CEM (Centro de Estudos da Metrópole). Mapa da vulnerabilidade da população da cidade de São Paulo, São Paulo, SAS-PMSP, 2004.

CHINELLI, F. O projeto pedagógico das escolas de samba e o acesso à cidadania. Caderno Cedes, Campinas, n. 33, p. 43 a 73, 1993.

DA MATA, R. O ofício do etnólogo, ou como ter " antrhopological blues. In: NUNES, E.O. (org.) A aventura sociológica. Rio de Janeiro, Zahar, 1978.

DAOLIO, J. A representação do trabalho do Professor de educação física na escola: do corpo matéria-prima ao corpo cidadão. 1992. 99f. Dissertação (mestrado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, USP, São Paulo.

DUMAZEDIER, J. Olhares novos sobre o desporto. Lisboa, Ed. Compendium, 1980.

DURHAM, E. R. A pesquisa antropológica com populações urbanas: problemas e perspectivas. In: CARDOSO, R. L. A aventura antropológica. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

FERNANDES, R. C. O que é o terceiro setor? In: IOSCHPE, E. 3º Setor: desenvolvimento social sustentado. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

FERNANDES, R. S. Educação Não-Formal: memória de jovens e história oral. Campinas, UNICAMP/CMU Publicações; ed. Arte Escrita, 2007.

FLICK, U. Uma introdução a pesquisa qualitativa. Porto Alegre, Ed. Bookman, 2004

FREIRE, J.B.. Pedagogia do futebol. Campinas, ed. Autores Associados, 2003.

GALDINO, L. M. Pedagogia do esporte e competência motora. In: PAES, R.R.; BALBINO, H.F. Pedagogia do esporte: contextos e perspectivas. Campinas: Guanabara Koogan, 2005.

GARCIA, R. L. e VALLA, V. V. A fala dos excluídos. Caderno Cedes, Campinas, nº 38, p. 9 a 17, agosto de 1996.

GARCIA, V. A. Um sobrevôo: o conceito de educação não-formal. In: PARK, M. B. e FERNANDES, R.S. Educação não-formal: contextos, percursos e sujeitos. Campinas, educação. Unicamp/CMU; Holambra, ed. Setembro, 2005.

GARCIA, V. A. Educação não-formal: um mosaico. In: PARK, M. B.; FERNANDES, R. S.; CARNICEL, A. Palavras-chave em educação não-formal. Campinas, ed. Unicamp/CMU, 2007.

GARGANTA, J. Para uma teoria dos jogos desportivos colectivos. In: GRAÇA, A.O. J. (Org.). O ensino dos Jogos desportivos. 2 ed. Porto: Univ do Porto, 1995.

GATTI, B. A. Grupo focal na pesquisa em Ciências Sociais e Humanas. Brasília, ed. Líber Livro, 2005.

GEERTZ, C. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro, ed. Guanabara Koogan, 1989.

GOHN, M.G. Movimentos sociais e educação. São Paulo, ed. Cortez, 1999.

_____. Educação não-formal e cultura política. São Paulo, ed. Cortez, 2001.

_____. O perfil do professor. In: VON SIMSON, O.M.V; GOHN, M. G.; PARK, R.S. Não-fronteiras: universos da educação não-formal. São Paulo, Itaú Cultural, 2007.

GOMES, C .M. A. Feuerstein e a construção mediada do conhecimento. Porto Alegre: Artmed, 2002.

GRAÇA, A.O. J. (Org.). O ensino dos Jogos desportivos. 2 ed. Porto: Univ do Porto, 1995.

GRIFFIN, L. L. Tactical Approaches to Teaching Games– Improving Net/Wall Game Performance. JOPERD – The Journal of Physical Education, Recreation & Dance, USA, vol. 67, nº. 2, p. 34-37, feb.,1996.

HASSENFLUG, W. Educação para o desenvolvimento humano pelo esporte. São Paulo: Saraiva, 2004.

IBGE. As fundações privadas e associações sem fins lucrativos no Brasil 2002/IBGE, Gerência do Cadastro Central de Empresas. Rio de Janeiro, 2004.

INEP. Resultados do Exame Nacional do Ensino Médio 2005. Disponível em: www.inep.gov.br. Acesso em 10 setembro de 2006.

JABU, M. B. S. ONG e esportes: a cidadania entrando em campo. São Paulo: CENPEC, 2000.

LANG, A. B. S. G. História oral e pesquisa sociológica: a experiência do ceru. São Paulo: Humanitas, 1998.

LAPLANTINE, F. Aprender antropologia, São Paulo: Brasiliense, 1988

MARCOVITCH, J. Da exclusão à coesão social: profissionalização do terceiro setor. In: IOSCHPE, E. B. 3º Setor: desenvolvimento nacional sustentado. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

MARQUES, A. Desporto e futuro: o futuro do desporto. In: GARGANTA J. – editor- Horizontes e Órbitas no treino dos jogos desportivos. Universidade do Porto, Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física, 2000.

MARTINELLI, A. C. Empresa-cidadã: uma visão inovadora para uma ação transformadora. In: IOSCHPE, E. 3º Setor: desenvolvimento social sustentado. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

MCCARTHY, K. D. Educando os futuros administradores e líderes do setor de filantropia. In: IOSCHPE, E. 3º Setor:desenvolvimento social sustentado. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

MONTAÑO, C. Terceiro setor e questão social: crítica ao padrão emergente de intervenção social. São Paulo, ed. Cortez, 2002.

MUNIZ, T. M. Trajetória de vida: a inter-relação educador-educando.In: VON SIMSON, O. M.; PARK, M. B., FERNANDES, R. S. (Org.). Educação não-formal: cenários da criação. Campinas: ed. da Unicamp, 2001.

NISTA-PICCOLO, V. L. Pedagogia dos esportes. Campinas: Papirus, 1999.

OSLIN, Judith L. Tactical Approaches to Teaching Games: "Are we going to play a game today?". JOPERD - The Journal of Physical Education, Recreation & Dance, USA, vol. 67, nº. 1, p. 27, JAN., 1996.

PAES R.R e BALBINO, H. F. Pedagogia do esporte: contextos e perspectivas. Campinas: Guanabara Koogan, 2005.

QUEIROZ, M. I. P. O pesquisador, o problema da pesquisa. A escolha de técnicas: algumas reflexões. In: LANG,A. (org.). Reflexões sobre a pesquisa sociológica. São Paulo: Ceru, 1992.

_____. M. I. P. Relatos orais: do indizível ao dizível. In: SIMSOM. O. M. V. (org.). Experimentos com história de vida. São Paulo: Vértice, 1988.

RIFKIN, J. Identidade e natureza do terceiro setor. In: IOSCHPE, E. 3º Setor: desenvolvimento social sustentado. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

ROCHE, C. Avaliação de impacto dos trabalhos de ONGs: aprendendo a valorizar as mudanças. São Paulo: Cortez, 2002.

RODRIGUES, U. T. Do sentido do desporto. In: BENTO, J. O. Desporto: discurso e substância. Porto: Campo das Letras e Universidade do Porto, 1999.

SALOMON, L. Estratégias para o fortalecimento do terceiro setor. In: IOSCHPE, E. 3º Setor: desenvolvimento social sustentado. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

SANTANA, W. Pedagogia do esporte na infância e complexidade. In: PAES R. R.; BALBINO, H. F. Pedagogia do esporte: contextos e perspectivas. Campinas: Guanabara Koogan, 2005.

SANTOS, M. L. Juventude, exclusão e violência: o futebol como uma nova dimensão socializadora no universo da "favela". 1999. 229 f. Dissertação (Mestrado). Instituto de Psicologia, USP, São Paulo.

SOUZA, A. J. Ensinando e desenvolvendo o esporte na escola: o caso do voleibol. Campinas, S.P: Unicamp, monografia, 1996.

SOUZA, B. P. Educação não-formal e aquisição da educação básica: o Espaço Gente Jovem. 2002. 199 f. Dissertação (mestrado em psicologia escolar)- Faculdade de Psicologia, USP, São Paulo.

THOMPSON, A.A. Do compromisso à eficiência? Os caminhos do terceiro setor na América Latina. IOSCHPE, E. 3º Setor: desenvolvimento social sustentado. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

TORO, J. B. O papel do terceiro setor em sociedades de baixa participação. IOSCHPE, E. 3º Setor: desenvolvimento social sustentado. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

TUBINO, M. J. G. Dimensões sociais do esporte. São Paulo, ed. Cortez, 2001.

VON SIMSON, O. M. Memória, cultura e poder na sociedade do esquecimento. Augusto Guzzo Revista Acadêmica/ Fac Integradas Campos Salles, São Paulo, n. 6, p. 14, maio de 2003.

VON SIMSON, O. M.; PARK, M. B.; FERNANDES, R. S. (org.). Educação não-formal: cenários de criação. Campinas: Unicamp/Centro de Memória, 2001.

XIMENES, T. M. Educação e violência: a produção da demanda para a educação não-formal. In: VON SIMSON, O. M. ; PARK, M. B. ; FERNANDES, R. S. (org.). Educação não-formal: cenários de criação. Campinas: Unicamp/Centro de Memória, 2001.

ZALUAR, A. Cidadãos não vão ao paraíso: juventude e política social. Campinas:ed. da Unicamp , 1994.

WERTHEIN, J. Construção e identidade: as idéias da UNESCO no Brasil. Brasília: UNESCO, 2002.

Anexos

Anexo 1

Projeto aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Ciências Médicas da UNICAMP - Parecer CEP no. 434/2007 CAAE: 0329.0.146.000-07

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Leopoldo Katsuki Hirama
Av. Alexandre Casellato, 2689, casa 9 B, Betel, Paulínia, SP.
Telefones pessoais: 19 3888-2407 / 19 9172-5962
E-mail: leopoldohirama@yahoo.com.br

Comitê de Ética – FCM/UNICAMP
Rua Tessália Vieira de Camargo, 126
Barão Geraldo – Campinas/SP
Tel: 37888936
E-mail: cep@fcm.unicamp.br

Eu, _____ portador da carteira de identidade nº_____, concordo em participar de entrevista individual e em grupo para a pesquisa sobre o projeto socioeducativo e esportivo vivido no núcleo Heliópolis entre os anos de 2003 a 2005.

Afirmo que estou ciente do objetivo de, a partir da reconstrução das minhas memórias e a dos meus colegas de mesma turma, buscar melhor caracterizar as necessidades de um projeto nesta área. Também estou ciente da possibilidade de desistir de participar a qualquer momento da pesquisa ou proibir a utilização de meus depoimentos, sem que isto acarrete nenhuma implicação ou ônus para mim.

Afirmo ser sabedor que não receberei nenhum benefício e que a realização da entrevista não oferecerá riscos ou desconfortos de qualquer espécie.

Concordo com a utilização dos dados de meu depoimento para fins científicos, desde que preservado o sigilo quanto à minha identidade.

_____, _____ de _____ de 2007.

_____

Assinatura

Anexo 2

Transcrições dos depoimentos

As transcrições estão digitadas na íntegra e na seqüência dos grupos:

1- Roda de conversa com jovens do grupo foco do estudo realizada em julho de 2007.

2- Depoimentos individuais dos jovens do grupo foco do estudo, realizados entre agosto de 2007 a abril de 2008.

3- Depoimentos dos educadores do projeto, realizados entre janeiro a abril de 2007.

4- Depoimentos das mães dos jovens foco do estudo, realizados entre janeiro a abril de 2007.

5- Primeira roda de conversa com nova geração, realizada em janeiro de 2008.

6- Segunda roda de conversa com nova geração, realizada em abril de 2008.

7- Depoimento com liderança comunitária realizada em março de 2008.

Transcrição da roda de conversa realizada dia 14 de julho de 2007

Local: Ipiranga, São Paulo.

Presentes: 11 adolescentes

Assistente de filmagem: Cássia dos Santos Joaquim

Mediador: Leopoldo Katsuki Hirama

Exposição das fotos da época.
Ao se expor foto do vôlei beco:

P- Ainda rola jogos destes?

J11- Rola!!! Lá na frente de nossa Casa (F.)

Fotos de jogo

J11- Tomamos um pau! Olha o posicionamento!

J11- Certinho!

Acampamento

J11- Hoje fazem 2 anos!

P- Hoje ?

J11- Sim, dia 14 a gente chegou!

Cinema

J11- Na bilheteria: vocês tem certeza de que é este o filme : Maria , mãe do filho de Deus.

P- Quem tinha ido pela 1ª. vez. Vocês lembram? O Devanir eu tenho certeza.
J 2- O C..

Pedra/boca

J11-: Lembra aquele menino que ficava tacando pedra? Lembra L.?

P- O W..?

J11-: É, ele trabalha lá perto de casa, na boca.

P- E o W.., Ratinho ?

J 3- Ele está com os mano.

P- E o J., heim?

J 8- Eu encontrei um dia desses. Ele ta fazendo curso técnico.

Início da roda propriamente dita, após a projeção das fotos. Explicação do pesquisador sobre as perguntas geradoras e a pouca intervenção para não influenciar as respostas.

P- Quais foram as experiências mais marcantes na época do projeto?

J 3- Vôlei. O vôlei em específico, né. Todo mundo ficava pensando em jogar bola naquele tempo. Daí o vôlei chegou e a gente se apaixonou.

J 8- Esqueceu, né? (do futebol)

J 3- Esqueceu totalmente. O vôlei foi uma coisa marcante na nossa vida.

J 10- O 1º. dia de treino, aquele monte de gente junta, aquelas bolas.

J 3- Da moçada, né?

J 10- É!

P- Fala da moçada!

J 4- Ah, não sei, era o 1º. treino e a gente bateu uma bolinha, aí no final do treino a gente sentou, e começamos a conversar e o Professor falou: Chega aí, moçada! Daí a gente: "Pô, Professor, moçada??? Ué, não é moçada não? Não é rapaziada!"

J11- Eu comecei depois, no campeonato de férias. Os meninos do meu time brigaram e o L. tirou eles, fiquei com tanta raiva daquele dia. Ai era o ultimo dia, né? Não eu vou jogar, vou jogar e joguei. Acabei ganhando sozinha. Daí o L. me chamou para treinar à noite neste dia, eu fiquei muito feliz.

J11- Um dia que eu achei muito triste foi o dia que falaram quem ia para o Paraná e eu acabei não sendo chamada. Achei muito injusto, porque eu me esforcei ao máximo que podia.

J 8- Lembra da S. desmaiando?

J 7- A 1ª. vez ela foi.(Curitiba) Na 2ª. ela não foi e desmaiou.

J 4- O médico tampou o nariz e a boca dela e ela acordou!

J 8- Ela caiu de cabeça no chão, né?

J 7- Ai B., vou desmaiar, vou desmair! Ela sentou primeiro.

P- E esta história dos vales, o que vocês lembram disto?

J 3- Algumas estavam passando vales sem carimbo, na festa junina.

J 11- As fichinhas tinham que ter um carimbo e usaram uma parte...

J 7- Foram usando daí descobriram, descobriram quem era.

J 11- Daí chegaram na sala falando que todos iam pagar. Daí todo mundo acho injusto. Por que pagar?

J 14- Teve até uma viagem que foi cancelada por causa disto.

J 3- Estava tudo certo praticamente.

P- Vocês acham que as envolvidas aí. Teve alguma repercussão? Ajudou ou não?

J 3- Acho que naquele período ajudou.

J 2- Naquele momento aprendeu.

J 4- E o legal que a gente até se reuniu, teve um debate, tava até o Alan Leão, eu acho, que a gente tava querendo tirar a S. por que ela tinha feito isto.Nossa, eu me lembro, eu matei a pau a S., lá! (Fisionomia de arrependimento) Ela estava lá e ficava quieta. Tinha mais gente envolvida. A irmã dela. A gente queria tirar elas (expulsar)

J 7- Ela (S.) tinha ficado toda empolgada porque no internúcleos o time dela tinha sido campeã.E ai tava certo que era aquele time que ia para Curitiba, ai a hora que falou que ela não tava...

J 11- Quem era o time?

J 7- Você...

J 11- Não era ...era eu a E., a C. e a D.. Ah, e a S., íamos em 5.

J 3- Eu acho que falando da S., ela mudou muito, ela , a D. (outra envolvida no caos das fichas), ficaram mais envolvidas no que a gente fazia, bazar esses negócios. Direto, pois antigamente elas não tavam nem aí!

J 11- A D. mudou mais que a S.. Depois que S. teve filho ela mudou muito.

J 7- E que ela saiu, né.

P- P., você falou do vôlei, né, a primeira coisa que você falou, e vocês, o que vocês me dizem do vôlei. Vejam as fotos, né. Nas fotos a gente vê muita coisa, fotos de voleibol mesmo é a minoria. O que vocês tem de lembrança ?

J 5- A de cara eu tenho 3: Indaiatuba, Sesc e Centro olímpico. Centro olímpico porque era a última chance da gente ir para Curitiba. A gente já tinha ganho do time que fomos para a final e a gente perdeu. O Sesc porque boa parte dos jogos que fizemos foi lá. Não sei, aquela parte da tensão, e da pressão do time foi legal, no Sesc, apesar das perdas que a gente teve. E Indaiatuba porque foi a primeira viagem que eu fiz assim, porque eu ainda não tinha ido para Curitiba, eu achei interessante, foi diferente.

J 10- Tinha uma música também, não tinha...

J 4- Tinha uma música que a pessoal dançava.

J 3- Eu penso também o tanto que vôlei me propiciou, né, foi muito legal, né, as viagens, eu acredito que se eu não tivesse entrado no vôlei estaria na favela fazendo nada né, até hoje!

J 11- Fui pro Paraná, já!!! Que chique, jogar vôlei!!!

J 3- Indaiatuba, outros lugares, foi muito legal isto! Também a rede e os eventos que fizemos!

J 7- Acho que os eventos, foi o principal, por que com o dinheiro que a gente teve uniforme, o 2º uniforme, a vitória dupla.

J 4- Eu nunca vou esquecer, a 1ª bola que eu fui buscar eu rasguei meu shorts. Uniforme novinho, quando eu olhei me deu uma raiva, deve ser por isso que a gente ganhou, por isso que eu defendi.

J 11- As meninas ficaram contentes por que o shorts não era mais aquele, era curtinho, porque no 1º precisava dar umas 10 voltas!!!

J 2- Era shorts de basquete, né?

J 11- Era...

P- B., você falou do dinheiro arrecadado para comprar uniforme, é isto? Qual o sentimento, o que vocês acham que significou esta ação?

J 7- Eu acho que a idéia do uniforme foi quando uniu mais o grupo. O masculino e o feminino. Toda aquela correria para fazer o bazar, fazer festa, foi quando uniu o grupo. É isto, a união.

J 4- Acho que um dos motivos mesmo que acabou unindo todo mundo. As festas que agente fez, o bazar, porque existe mesmo esta quebra, masculino e feminino, a gente até não gostava muito de ficar com as meninas, tinha aquela rivalidade entre menina e menino, teve um amistoso que a

gente fez, daí depois daquele 1º.bazar que a gente fez, aí que foi unindo o grupo, daí foi fazendo a festa do doce, a do salgado, 2º bazar, aí foi...

J 10- Daí foi dando um valor para o outro. Vendo que um precisava do outro de qualquer jeito.

P- E essa história da vitória dupla?

J 10- Foi aonde ?

J 2- No sesc. Meninos contra MESC e as meninas contra um time do litoral.

P- Esta história de vitórias e derrotas. Quais são os sentimentos com relação a isto?

J 2- Eu queria falar um pouquinho. Essa participação nossa no pré-olimpico. Foram quantos jogos? Só sei que o número de derrotas foi muito maior que o derrotas. A gente só teve 2 vitórias. E aí eu pensando muito eu acho que se o nosso grupo tivesse ganhado muito mais que perdido seria um pouco mais difícil ser o grupo que foi. É claro que a vitória une, o grupo ficava feliz e motivado, enfim, mas eu via, todo final dos jogos, da perda dos jogos, eu via quanto o grupo ficava ainda mais forte. E o grupo não pensava assim, não o próximo a gente ganha, mas o grupo tentava encontrar um monte de estratégias para tentar melhorar pelo menos um pouco dentro de quadra. Daí sempre nos finais dos jogos, eu lembro num dia em especial que a gente perdeu e a gente foi para o núcleo e ficou naquela antiga biblioteca e ficamos horas conversando, o L. saiu conversando com as meninas e ficou a gente, conversando durante horas procurando saber onde a gente errou, procurando levantar os problemas do jogo, daí não sei quem falou: pára, não temos que ficar preocupados com o que a gente acertou, com o que a gente errou, não importa se a gente acertou ou não a manchete, importa o que a gente não tinha dentro de quadra. E começamos a levantar uma série de valores que eu acho que aquela reunião foi uma das melhores, conseguimos levantar um monte de valores que a gente não tinha colocado em quadra e ai os meninos falaram um monte de valores importantes para se ter dentro de uma equipe, começaram a falar de motivação de garra de determinação, e aí, partindo daquela conversa foi onde o time conseguiu ter mais confiança, foi onde o grupo ficou totalmente motivado para os próximos treinos. Eu

fiquei, aquela para mim foi uma das principais e melhores conversas que a gente teve, até porque teve pouca da sua intervenção (Professor) naquele momento, e foi um momento nosso, porque foi um momento onde focou os 12 jogadores ali e os 12 preocupados em saber onde a gente errou, quais foram as atitudes teve e não teve dentro de quadra, e ai foi uma das reuniões que me deixou mais contentes. E que ajudou a gente nos outros jogos. A gente continuou perdendo e sei lá, a gente continuou perdendo mas eu penso que o que a gente conquistou com as nossas derrotas foi muito maior do que com as vitórias, assim. As vitórias ajudaram. Foram um gás mas eu penso que as derrotas foram mais significativas.

J 13- Nossa equipe não era ruim também, a gente jogava bem, bastante até.

J 11- Ah, jogava sim vai!

J 13- No último ano ainda, no campeonato, a gente tava, vixe! A cada jogo parecia que a gente tava cada vez melhor, e o L. dizia, as outras equipes tinham academia, treinavam 5 dias e nós 2. Tinha uma diferença grande e a gente jogava pau a pau com eles.

J 4- E quando saiu a proposta de treinarmos de madrugada. 5 h da manhã.

J 3- Era treinar, tomar banho e ir para a escola.

J 2- E o pessoal tava todo empolgado.

J 4- Isso era o mais interessante. Todo mundo ficou empolgado. Putz acordar 5 h da manhã! Que bom, né?

J 3- Nossa equipe procurava meios para crescer cada vez mais.

J 11- Para os meninos era mais fácil. As meninas era difícil. Ah, Quando a gente ia fazer isto, ah tenho que fazer isto para minha mãe.Tenho que fazer isto aqui. Então o feminino. Sempre teve mais dificuldade.

J 5- Para gente é lógico serviu também para refletir um pouco. Tem é claro aquela parte da frustração, poxa, mas na hora que eu treinei para isso quando chegou a hora não consegui fazer. Mas faltou estas condições para que as meninas também pudessem criar um grupo mais consistente. De conseguir se unir mais. Tem esta questão do tempo também, acho que potencial não falta, em nenhum de nós, mas acho que faltou este tempo para que o grupo criasse consistência, para que a gente conseguisse atingir outros níveis, conseguisse crescer mais enquanto grupo. Mas eu não desvalorizo de maneira nenhuma a experiência que a gente teve lá como em outros projetos, essa questão que vocês falaram de unir mais as meninas e meninos, a aproximação ajudou mais.

J 2- Eu também tenho um ponto muito marcante , foi quando eu tava no núcleo e ia começar o treino do feminino, ai eu encontro o L., ai ele fala assim: Ó, eu gosto de dar treino para as meninas, mas o que você acha de pegar para dar o treino? Eu nunca fiquei tão assustado na minha vida quando alguém me deu uma chance assim. O que você acha de treinar as meninas. (fisionomia de susto). Ai eu comecei: não sei, sei lá, acho que eu consigo, sei lá! Ai o L. falou: Faz uma experiência, procura uma pessoa que você confia para te ajudar, eu chamei o P., e aquele momento, eu não digo que foi um momento de grande responsabilidade mas um momento que eu me senti extremamente útil. Eu me senti totalmente valorizado pelo treinador, totalmente útil com as meninas, já tinha um relacionamento bom com o feminino, e ai ficou ainda melhor. Com algumas ficou pior, né, porque eu fazia a Leila sair chorando todos os treinos. A Leila falou que até hoje, o problema que ela tem no joelha a culpa foi minha.Eu não gosto de conversar com você, você não tem paciência, eu gosto de conversar com o P..

Perdido vários falas ao mesmo tempo por ruído externo.

J 7- E o L. era o contrário: você tem tantos minutos para cortar tantas bolas dentro da quadra, se não fizer vai pagar marinheiro. Me lembro nos jogos da cidade, o jogo ia ser no sábado e ai na quinta a gente treinou e ai foi bolada do masculino.

J 10- E no sábado ganhamos.

J 12- Eu me lembro, a gente tava se alongando lá em cima, o masculino, a gente ficava só na expectativa, esperando as meninas errarem, ai quando o L. chamava a gente ia,

J 11- Eu lembro quando o L. mandou molhar a camiseta e se arrastar no chão. Eu pensei, como eu vou embora nessa situação.

J 7- A J. para se salvar das boladas passava por trás dos postes e daí teve que ir sozinha.

J 2- O treino começava as 19:45 e a gente chegava as seis e meia só esperando o L. chamar. Ele só olhava e a gente já se preparava. Mas os meninos também tinham este problema. A gente não tomava bolada, a gente tinha o corredor, né. Corredor do que? Corredor de soco.

J 2- Mas eu penso que aquele momento em que eu pude ser treinador eu me senti muito lisonjeado, muito feliz com a oportunidade. Acho que também esta oportunidade pode ter me ajudado a escolher minha profissão. Por que meu, cara, que fascinante, eu achava que, por que trabalhar com menina é difícil, né, pisa no pé da outra é motivo de briga... você é ruim... já é motivo de porrada. Ai eu lembro que eu e o P. sofríamos muito, eu dizia, P., senta aqui, meu essas meninas não param, a gente não consegue conversar com elas. Eu não consigo entender isto, só pisar no pé já é motivo de briga. E aí foi muito bacana nosso processo de construção com elas. A gente falava assim, vamos colocar a J. por que ela é baixinha e ela não vai conseguir atacar, daí vamos colocar para ser levantadora. Não, mas a J., o toque dela, não, não, não!!! E aí a gente tentando marcar os esquemas táticos assim,

J 3- E no treino né, a não vamos montar isto aqui. Ah não, ta muito fácil, elas tem que se arrastar! Mudava lá, e agora tá bom. Ah não ainda não. Vamos fazer elas sofrer mais um pouco.Foi bacana, né?

J 2- Foi importante este momento.

J 11- E o que eu via no masculino que no feminino não tinha é que assim, o C. assim, ele ficava no A e no B, né, titular e no que não era, né? E eu via que os meninos que eram titular, vocês davam força para ele. De correr atrás para ele também ficar. E no feminino não tinha isto, entendeu, eu mesmo, eu jogava com vocês no titular e também ficava na reserva, então era assim, né, balanceado, então eu via que quando eu jogava no reserva não tinha aquela força tanto, " Vai, J., tenta para você voltar pra cá!" e eu não vou falar que eu gostava de ficar na reserva porque eu não gostava, só que quando eu ia para o time mais fraco era bem melhor, entendeu, o apoio era maior, quando as meninas erravam elas falavam, gritavam, muitas vezes as meninas não gostavam de jogar comigo porque eu gritava, xingava, que eu sou bocuda, é eu via que no masculino não tinha isto, e já era diferente com as meninas.

J 4- Um dia que eu achei super legal foi num dia que foi treinar com a gente 3 alunos não sei se da idade de 11 e 12 anos que eles estavam se achando o tal na aula e então o L. colocou eles para treinar com a gente. O L. até tinha comentado com eles: "Ó, os moleques lá (adolescentes) falam mesmo, se vocês errarem eles brigam, são sangue nos zóio!" Aí eles foram e erravam, mas o legal é que a gente ajudava eles, a gente não era aquele sangue nos zóio que o L. tinha falado, né. Pô, os caras vão brigar com vocês. Vocês vão ver como é bom vocês se acharem os bons aqui na aula e lá vocês tomarem bronca. E o pior é que eles não tomaram bronca, a gente ajudou eles pra caramba. Daí o L. falou: ó este aqui é o grupo, vocês erraram e eles não reclamaram, tentem passar isto para a aula de vocês. Aquele dia foi legal pra caramba!

P- Deixa eu fazer uma pergunta com relação esta diferença de masculino e feminino. Vocês meninas, acham que faltou, ou era necessário alguma outra atenção, alguma coisa que pudesse ser feita para mudar esta postura que vocês acabaram de falar e tentar fazer com que o grupo fosse mais unido, vocês acham que tinha que ter mais alguma atividade, sentiram falta de alguma coisa?

J 5- Eu vou falar por mim. Eu acredito que não. Na verdade esta diferença que tinha era de níveis assim, os meninos já tinham um grupo que estava um pouco mais desenvolvido, mas na verdade a gente não pode esquecer que a gente está dentro de uma sociedade, mesmo estando dentro de uma quadra de vôlei, tem um mundo em volta, então isto não acontecia por a gente estava dentro

da quadra, é porque o mundo muitas vezes é assim, né? De atividade não me vem nada na cabeça, mas eu acho que a gente estava num crescer sim, num ritmo e nível diferente, mas estava, porque eu lembro quando eu entrei também, eu lembro que quem me ajudou a sacra foi a B., quem me ajudou a dar as passadas foi a Flávia, quem falava comigo na hora do jogo era a Rai e a J. Então estas coisas eu lembro com certeza. Eu acho que a questão desta diferença era o ritmo mesmo, e não simplesmente por uma questão de potencial, é a nossa experiência de vida, é a diferença, isto reflete a sociedade que a gente está, então é o modo de vida, o que a J. falou agora, né, das responsabilidades. É lógico que não é simplesmente uma culpa de quem estava aqui, de quem estava lá, é do mundo, então quem é que, quando a gente fala de uma família, geralmente quem é que fica em casa cozinhando e lavando, a idéia que a gente tem né? Geralmente são as mulheres, né? Geralmente quando a mãe vai trabalhar quem é que fica cuidando dos irmãos mais novos, quem é que vai arrumar as coisas, geralmente esta responsabilidade cai mais para as meninas. Os meninos tem isto mas o modo de viver é diferente, né?

P- Vocês acham que esta falta de possibilidade de estarem mais juntas trás esta evolução menos acelerada?

J 5- Tem a ver com isto também, mas não é só isso. Porque mesmos com estas coisas a gente tinha tempo de se reunir, a gente tinha o próprio treino mesmo.

J 7- Ah, mas o masculino. Se encontrava de final de semana, já o feminino. Não.

P- E porque acontecia isto?

J 7- A algumas pessoas tinham dificuldade para sair na rua, a noite, sei lá.

J 5- Por uma questão de prioridades também. Eu não sei se ... Neste grupo em específico as vezes é uma questão de prioridade, né? Quem tava lá e porque queria aquilo. Tava lutando para estar lá. Quem não estava é porque estava fazendo outras coisas, as vezes era cuidar da família, as vezes tinha que fazer outra coisa.

J 11- Às vezes, pelo fato de ser menina tinha uma cobrança maior. Eu mesmo, no último sítio que a gente foi, não era para eu estar lá. Eu fui escondida do meu pai. Daí quando eu cheguei eu me ferrei né, ai que vergonha. Aí quando eu estava no sítio ele me ligou e falou que eu ia apanhar quando eu chegar. Minha mãe também ligou e falou que eu ia apanhar.

J 8- Você não falou nem para sua mãe?

J 11- Não minha mãe sabia, ele falou assim, é que meu pai é do tempo do ronco, sabe, ele falou que se fosse um monte de menino eu não podia ir, se fosse só mulher eu iria. Ai eu liguei para ele, não pai vai só o time feminino, o masculino não vai. Ai ele falou, então tá bom, então vai. Ai eu cheguei em casa, ó pra você ver, eu esqueci tudo, toalha, shampoo, só a roupa e fui embora. Ai eu cheguei em casa e falei que o pai deixou e que pessoal já está saindo já. Minha mãe falou, não quero saber, não me responsabilizo por nada. Daí peguei aquelas bolsinha verde enfiei minhas roupas dentro e fui. Só que depois minha mãe ligou para meu pai: ó a J. falou que você deixou e tal tal, aí ele falou: ó ela falou para mim que ia só o time feminino,o masculino não! E ela : não, vai todo mundo. Aí ele foi lá ver, mas ele ficou escondido né, e ai ele viu e falou para minha mãe que eu ia ficar um ano sem sair para a rua, mas eu não me arrependo de ter mentido para ele, sabe porque, se eu não tivesse feito isto eu não ia ter vivido aquilo que eu vivi naqueles dias, que eu gostei pra caramba. E eu fale para ele, você tá com a vida ganha, eu não. Se eu não correr atrás das coisas que eu quero, você não vai correr para mim! mas eu fiquei um bom tempo sem ganhar nada dele.

J 2- Teve que trabalhar para ter as coisas.

J 11- Eu trabalho.

J 8- Uma coisa que foi especial para mim foi nosso 1ºjogo, que o L. me chamou e falou, Flávia você sabe o que é isto (sinal com a mão no ombro indicando a capitã da equipe) daí eu tava assim meio aérea e eu: não! Ai ele: você é a capitã. Ai eu: ah, não acredito. Ai eu fiquei toda feliz, meio ainda sem saber . Ai depois daquele dia eu acho que eu me desenvolvi melhor. Eu falava melhor com as meninas eu cobrava mais, acho que foi um grande avanço para mim naquele dia.

J 3- É realmente... Você precisa ser o imparcial no grupo né? Entender todos os lados e tentar de uma maneira, seja como for, unir o grupo, não deixar dispersar.

J 8- Depois disso eu comecei a cobrar mais, as meninas acho até que ficaram cheias de tanto eu falar.

J 8- Ai, uma coisa chata que aconteceu, eu nem quis comentar, né, que eu sabia quem foi a pessoa mas eu não vou contar, que foi assim, meu pai tinha sofrido um acidente, um cisto, e daí ele tirou, então ele raspou o cabelo e tava aberto, aí ele me pediu para comprar um chapéu para ele e tava, nesse dia que a gente estreou o uniforme. Daí eu estava com R$ 10,00 na bolsa e depois do jogo, eu ia passar na loja e ia comprar o chapéu, e eu tava com a bolsa nova e falaram assim: ah Flávia, deixa eu ver sua bolsa? E eu falei assim: Deixo! Só que eu confiei, né. Aí tá bom, quando eu saí que fui pegar o $ para ir na loja, cadê o $? Aí não estava mais lá. Eu fiquei muito triste neste dia! No outro dia eu fiquei tão, sabe, que eu não tive coragem de falar para a pessoa sabe, pô, de novo aconteceu isto e foi muito chato!

P- Vocês acham que estas relações de confiança e lealdade, entre o grupo foi aumentada, a gente chegou no final de um tempo confiando mais nas pessoas ?

J 7- Acho que com aquelas pessoas que por algum motivo passaram desconfiança, eu acho que não! Que é difícil a pessoa aprontar e a gente confiar nela de novo. Mas eu acho que, naquele grupo, nas titulares, tinha sim uma confiança.

J 11- Em geral, acho que tinha confiança sim!

J 3- Eu não sei, eu acho que as meninas não conseguiam confiar nas colegas. Muitas vezes, por exemplo, num trio, um jogo com trio de cada lado. Um trio ganhava e comemoravam, as outras não entendiam que era uma comemoração, achava que era um insulto isto. E muitas vezes não conseguia ...com a outra, ah, não esta pessoa é maior folgada, não conseguia ver isto, acho que este é um dos problemas do feminino.

J 10- Não separava.

J 11- E tinha, tipo o feminino sempre tinha problema que era fora, entendeu, as meninas costumavam levar para dentro da quadra e isto influenciava muito no jogo. Porque eu vou tacar nela porque ela é folgada. Não vou levantar para ela, mesmo que a outra errava.

J 8- Tinha muito este negócio de amiguinha, ne? Ah, minha amiga, eu vou levantar só para ela! Vou passar só para ela, porque é minha amiga, então. Ai ficava lá, enquanto uma atacava 4 a outra ficava lá, desprezada.

J 3- Este negócio de amiga, né, uma dava uma mancada daí nunca mais para o resto do treino, do campeonato, nunca mais levantava para ela.

J 5- É este foi um dos problemas, separar né a amizade com o que acontece ali dentro de quadra. Eu acho que isto atrapalhou e muito né e eu acho que qualquer jogador tem muito disso, chegar em quadra e limpar a mente, deixar tudo o que está lá fora. Eu lembro que uma vez o L. contou uma história de uma jogadora ficou olhando para a outra, bateu o sinal para todo mundo sair e as duas ficaram uma olhando para a outra achando que o jogo ainda ia rolar, né? E eu acho que não é só lá dentro de caso, este tipo de situação é a nossa vida, a gente conseguir no trabalho ou na escola ou onde quer que a gente esteja de separa as coisas, de não misturar o que é problema pessoal, o que é nossa vida e o que a gente tá fazendo no momento, concentrar, né?

P- Quais foram as maiores dificuldades de uma maneira geral?

J 14- Teve uma que a gente perdia treino por causa de jogarem pedra.

J 8- Os dias que chovia e a gente secava a quadra e o L. falava, não vai ter treino.

J 11- A gente chegava até com o rodinho lá e não tinha treino. Parecia um multirão, um monte de gente.

P- O que vocês sentiam com estas dificuldades?

J 4- Nossa, e os mano fumando do lado da quadra, putz, a gente saía doido de lá. Eu posso falar que eu já usei droga de tabela. Era umas das dificuldades que eu achei mais desagradável.

J 12- Tinha o desrespeito da comunidade. A gente tinha aquela roda de conversa no final do treino e o pessoal da comunidade chegou e colocou o som e ligava no meio da nossa conversa, daí você chegou lá e desligou.

J 7- Existia o desrespeito com os meninos lá, aqueles que não jogavam vôlei.

J 2- Ah com nossa turma... hoje eles respeitam muito mais, eles conhecem, sabem quem é a gente, alguns até param para conversar, e aí como ta lá o projeto.

J 4- Uns até compraram nossas camisetas.

J 2- Mais ainda existe. Acho que a confiança foi conquistada aos poucos. Mas eu acho que foi importante a gente ter conquistado, por que senão a gente estaria frustrado até hoje, não eles são os frutinhas da favela...

Perda da linha da conversa para instalação de fio de bateria.

J 2- Até teve um caso, que eu estava com meus alunos, é por isso que eles (traficantes)
Querem a camiseta também, eu tava com meus alunos, eu e mais 4 alunos, no Meireles (escola onde há um núcleo do projeto) e aí a polícia passou e eu tava uniformizado e a polícia passou e falou assim:vocês todos vão para o paredão e você pode sair. Daí eu: porque eu posso sair? Não, porque você é do Projeto, pode sair e eles ficam. Não mas eles são meus alunos. Ah, são seus alunos? Ai vai eu explicar toda a história. Ah, então beleza! Mas é impressionante, por isso que eu acho que eles pedem todo dia, não, dá uma camiseta aí!

J 8- Que nem o Silas, ele ia várias vezes lá na minha casa e eles nunca pararam, quando eu morava com minha mãe e eles nunca pararam.

J 4- Ah é eu desço para lá só com a camiseta do vôlei.

J 8- Só uma vez que ele tava descendo para lá e pediram para ele levantar a camisa, né?

J 4- Foi, eu tava com a camiseta da Caravana e os caras (policiais) estavam todos lá armados e ai eles olharam para mim e falaram: levanta a camisa aí. Aí eu levantei o braço! Levanta a camisa! Ai eu levantei. Pode passar, vai!

J 2- Voltando ao fato, falando por mim mas pelo que eu converso com todos, o fator família, você ter que ajudar dentro de casa, você ter que ajudar financeiramente, né, acho que prejudicava muito a gente, quantas vezes minha mãe, acho que umas duas vezes foi até o núcleo falar que não dá mais que meu filho não vai participar mais porque não tá dando, as condições em casa está assim, eu não vou conseguir, ele também não, a gente tá morando longe, tem condução que tem que pagar, é que a gente tava morando no Bristol, e eu detestava, não queria nem ouvir falar que eu morava no Bristol, eu saía da escola e ia para o núcleo, até porque parece que aquele lugar chama, e eu não saia de lá e minha mãe ficava nervosa, falava: caramba, saí daí, este lugar não vai te dar futuro, você já está com 18 anos, você precisa começar a trabalhar! Enfim, este foi um fator de grande dificuldade e que eu agradeço muito à minha mãe ter tido paciência para agüentar, eu completar 18 anos, estudar 1º terminar o ensino médio para depois começar a trabalhar, e que não é a realidade de Heliópolis, que é com 15 anos você precisa trabalhar porque a mãe precisa, ou até menos, precisa estar ajudando, porque tem famílias muito grandes, com muitos irmãos , enfim eu agradeço minha mãe por ter me mantido até 18 anos fazendo atividades que não eram remuneradas.

J 13- A família destas pessoas, no meu ponto de vista, eles devem achar que o projeto social não adianta em nada, não resolve nada, só é perda de tempo, só, talvez até porque eles não tenham vivenciado isso, né?

J 4- Há pouco tempo eu comentei com o V. que aconteceu no Parceiros (outro núcleo) chegou uma mãe falando: é, você é obrigado a cuidar do meu filho, né, porque se você não cuidar dele eu vou cuidar de você. Daí a professora saiu chorando e depois ela veio conversar comigo: pô, a gente tá aqui porquê? As mães não conseguem controlar os filhos e jogam a responsabilidade para gente e é essa a minha visão de projeto, hoje, dentro de Heliópolis, não tô generalizando tudo mas a maioria, a maioria das mães ou o filho tá sozinho em casa ou o filho é uma peste, né, tem que ficar enchendo o saco dos outros, isso é que eu falo nas minhas oficinas: ó, se for para encher o saco sai fora, porque eu tô aqui para passar meu conteúdo e se você tá me atrapalhando, ó, tchau. Eu acho que hoje em dia esta é uma das visões de projeto social.

J 10- Acho que não é de hoje, não. Só colocam lá por causa disso só. Só pensam em receber.

J 11- Eu mesmo, tive que sair do projeto para ficar com minha irmã, porque ela queria por na creche, mas não conseguiu e a única solução foi eu sair do projeto para ficar com ela. Daí ficou só o vôlei, né (noite) mas daí um tempo tive que parar também para trabalhar. Aí hoje eu sento lá né, até dá vontade de chorar, porque eu sinto muito falta. Não só do CJ mas do vôlei também, porque por mim eu continuaria até hoje. Mas tenho que ir trabalhar. Porque eu entro as 9h e eu levanta as 6h, porque eu tenho que trocar meus 2 irmãos, levá-los para a escola, aí eu chego 7:30h é o horário para eu tomar café, tomar banho e ir trabalhar, daí eu tenho que sair 4h em ponto exatamente para pegar minha irmã na creche,para18:30 minha mãe chegar e eu me trocar para eu ir para a escola as 19hs. Igual ao V., ele teve sorte, filho único. Agora lê em casa não foi questão de paciência assim, pelo fato que minha mãe teve realmente necessidade né.
, precisou de mim, como precisa até hoje, entendeu, e pela parte do meu pai não, ele não queria mesmo que eu jogasse vôlei, que eu ficasse no projeto.para ele eu tinha que ficar onde só tinha mulher.Ele queria eu para ele e não para o mundo, minha mãe que fala, Joaquim, nós criamos nossa filha para o mundo, não para você! As vezes é falta de oportunidade.

P- Vocês sentiam diferenças entre o apoio de mãe e pai ?

J 8- Ah, meu pai não se importava muito não, principalmente quando eu chegava ai, ganhei! Aí ele gostava. Daí ai pai, perdi. E ele, ah filha, de novo? Daí no outro dia: perdi! De novo? Era assim .
J 4- seu pai que zoava com agente né J 3- chegava assim, vocês perderam de novo, porra vocês são ruim, heim?

J 12- Já meus pais eu chegava em casa e eles a aí ganharam ou perderam? Perdemos! Caramba, perderam de novo? Mas não desiste não. Davam aquele apoio a mais sabe. Dava um ânimo a mais para o próximo jogo.

J 7- Minha mãe chegava e falava: ah seu eu fosse o L. nem colocava mais vocês em campeonato. Você chega aqui de joelho rachado e ainda chega para falar que perdeu? Sai dessa vida!

J 11- Único jogo que eu consegui levar meu pai e minha mãe junto eu não joguei, foi nos jogos da Cidade, meu pai falando eu não venho em jogo nenhum, com raiva. Nunca veio né, quando eu venho você não joga! Eu fiquei arrasada.

J 7- Minha mãe tinha época . Era assim né sempre o problema era com meu irmão, quando ela achava que meu irmão tava melhorando ela achava que eu tinha que continuar no projeto, mas quando meu irmão piorava: ah que você tem que sair do projeto, que você tem que fazer isto e aquilo. Agora com meu pai não, ele nunca foi de pegar no meu pé, pegando agora que eu tô namorando sério mesmo, quanto ao vôlei não. A minha vó sempre deu apoio, ela queria que o lugar onde ela trabalhava fizesse nosso uniforme, mas parecia uniforme de escola. Minha tia se orgulhava, ah minha sobrinha joga vôlei, parecia que era estrela, né?

J 2- E quando saía na tv, quando dava entrevista então!

J 8- Só de sair naquele jornalzinho dos jogos da Cidade, nossa !

J 4- Com relação a família, ela sempre apoiou só que ,eu cobro isso sempre da minha mãe, quando eu sei que uma pessoa importante tá me vendo jogar eu acho que já dá um gás a mais, é

uma coisa que eu sempre cobro, pô mãe a senhora nunca foi me assistir. Ela sempre valorizava: oh, meu filho, joga vôlei, no projeto da A.M. (diretora da ONG), mas sempre faltou este apoio na hora do vamo vê. Eu sempre falava, a mãe vai ter um amistoso lá na sede, ela aparecia para tirar foto e tal só que ela aparecia no último set né, e não tinha mais graça assim, e com relação ao meu pai ele sempre foi aquele não fede nem cheira, sabe, ele também foi de uma família além de bandido infelizmente, também foi de uma família de atleta, atleta de pelada, mas ele sempre me apoio mas faltou o apoio na hora do vamos ver.

J 3- Minha mãe era de lua. Quando ela tava boa ela falava: ah, vai melhorar! Quando ela tava ruim ela falava: sai daquela merda! Meu pai perguntava: você não vai trabalhar não? Daí eu explicava para ele, eu gostava pra caramba dali, né. E se eu não tivesse trabalhando e se não tivesse no projeto, seria muito monótono, não fazendo nada, e ali eu aprendia muita coisa, e pedia para meus pais terem paciência para continuar e que quando chegasse a hora eu mesmo decidisse parar para trabalhar.

J 5- O que pesava era o amontoado de coisas para fazer. Minha mãe me apoiava mas ela se preocupava com tanta coisa para fazer e eu me machucar.

J 2- Eu também. Apesar da demanda da minha mãe de insistir em que eu de trabalhar ela sempre me apoiou, porque sempre foi eu e minha mãe em tudo, meu pai mora bem longe então a única coisa que ele sabia que o filho dele jogava vôlei.das vezes que eu ligava, meu irmão falava, e ai, ta disputando campeonato, eu te vi na tv. Eu falava: mentira!meus jogos não passam na tv!Minha mãe sempre me apoio apesar desta demanda. Eu voltava dos nossos jogos e eu nem falava nada.

P- Vocês conseguem enxergar alguma contribuição do projeto vivido do vôlei em geral com as ações paralelas de monitoria, arbitragem, festas, na vida de vocês atualmente? Quais ?

J 3- Nós sabemos fazer tal coisa, nós temos capacidade para fazer, contribuição também que se não tivesse fazendo nada eu não saberia hoje o que é uma universidade, pelo menos eu não sabia nem o que era isto. Não tinha nenhum objetivo, não tinha nada, e fazer as atividades, receber mais responsabilidades serviu para isto, formar um objetivo na nossa vida para alcançar algo.

J 8- No meu caso acho que foi , eu era uma menina muito isolada, muito na minha, e eu sou assim , eu sou brincalhona com as pessoas que eu tenho intimidade, quando eu não tenho eu sou isolada: ih, Flavia o que aconteceu? Porque as pessoas não estão acostumadas a me ver do jeito que eu sou na verdade, é acostumada a me ver como uma pessoa séria, meu rosto né, se eu estou normal ; você tá com raiva? O que você tem ? Porque você tá assim? Aí depois que eu fui fazendo teatro e entrei no vôlei fui perdendo o medo de falar pessoal, acho que eu melhorei.

J 11- Ah, no meu caso eu era muito estressada, eu xingava, não queria nem saber, explodia, hoje em dia eu sou bem mais calma mesmo, bem mais madura, antes eu pensava, vou acabar o ensino e já era. Agora, não eu sonho em fazer uma faculdade, eu sonho que eles falam você está sendo efetivada, aumentou o salário, porque eu falei para minha mãe, porque lá onde eu estou é estágio de 2 anos, já faz 1 ano que eu estou lá, e se eu não tivesse participado do projeto eu não acho que era capaz de entrar numa firma como a que eu estou, tendo a responsabilidade que eu tenho lá. Porque os eventos que a gente fez sempre teve alguma parte para cada um fazer, então com isto eu me senti mais madura e capaz de fazer. Se não tivesse entrado no projeto acho que não seria capaz não. Eu era muito insegura, qualquer coisa eu xingava, ah, vai...para aquele lugar e hoje não, se alguém faça merda para mim, eu falo não tá bom, eu evito e na quadra eu vivia brigando, né?Na escola também.

J 10- Ah, como a J. falou eu acho que a gente aprendeu mesmo o que é sonhar, porque acho que a gente não tinha este sonho, eu até sabia, mas não exatamente, que nem você falou uma vez que existia um muro assim e que a gente tinha que olhar por cima dele. A gente tinha que chegar até ele e olhar por cima. Eu acho que o projeto mostrou isto, a olhar o que tem por fora, porque antes a gente só tinha aquele mundinho, era só aquele e já era.

J 11- Nosso mundo era só isso, terminar o ensino médio, trabalhar vai de faxineira, (Risos) ...mas é, acho uma vergonha, minha irmã, ela é nova, acabou os estudos e podia procurar algo melhor e ela não, é faxineira. 22 anos. Porque, porque eu acho que ela não teve a mesma oportunidade de a gente tivemos. Eu também. Antes de eu entrar no projeto eu pensava, qual vai ser meu futuro. Meu futuro é eu casar, ter 3,4 filhos, e trabalhar num serviço de merda, para ganhar uma merda,

entendeu? Agora não, antes no projeto eu queria ser jogadora ou Professora de vôlei, mas agora não, eu comecei a trabalhar numa área diferente e eu penso outra coisa, já. Então eu não posso falar eu quero ser administrador de empresa, porque pode mudar daqui a dois anos. No projeto eu aprendi a correr atrás, porque viver é difícil, no meu trabalho as vezes eu faço muito esforço e ninguém reconhece, porque minha patroa saiu de férias e eu fiquei com a responsabilidade toda dela e as vezes eu fico chateada porque ela não reconhece, ai eu penso hoje não mas amanhã com certeza ela vai reconhecer, porque um dia se eu sair de lá ela vai sentir muita falta, então com o projeto eu aprendi correr atrás das coisas que eu quero.

J 10- Saber que estava na nossa mão, sabia que a gente podia mudar nossa vida, né?

J 5- Engraçado né, a Fla falou que aprendeu a relaxar um pouco mais, eu aprendi a ser mais encrenqueira, porque sabe que eu percebi que o problema era que eu era passível demais, tava uma merda, mas ta bom, né? Mas às vezes em coisas básicas, estar na fila da cantina da escola e chega uma criançadinha e passa na frente, estes dias eu briguei com um, falei não, você não tá vendo que eu estou na frente? Sabe aquelas coisas, aprecem idiotas, mas é diferente, a gente começa a ver as coisas diferentes, para algumas pessoas pode parecer estúpida, o cara furando a fila, falam não faz isto, mas não tem nada de mais, mas para mim foi porque não é simplesmente a fila, são outras coisas, é o grupo né, dá um chacoalhão na gente.

J 2- Eu na época aprendi a importância de cada um assim, eu nas atividade era sempre participativo, tinha essa liderança muito forte, e aí por ser extremamente participativo eu achava que ia conseguir fazer tudo sozinho, ah, os meninos não vão fazer nada então eu vou fazer, daí eu comecei a perceber como era importante a participação das outras pessoas, pelo menos naquela época. Hoje eu tenho isso mais ainda, o quanto é importante ter outra pessoa ao meu lado ou ter muitas pessoas ao meu lado, para fazer junto comigo, e não só eu lá, o pomposo sozinho, só eu consigo fazer. E aí tem uma outra coisinha, a gente se acomoda com a s coisas, acomoda com a s coisas que tem em Heliópolis, o lixo que tem lá, a maneira das pessoas se tratarem lá dentro, e eu ficava sempre muito chateado com isto, sabia que nossa comunidade era sempre muito suja, as pessoas de desrespeitavam umas as outras, eu sempre soube disso mas nunca quis fazer nada para mudar. Daí foi importante ter alguma pessoa que mostrasse para gente que podíamos fazer

alguma coisa, não vou mudar Heliópolis inteiro mas pelo menos o meu redor eu consigo mudar, e ai dar como exemplo estes dias, minha mãe não acreditou assim, eu criei um hábito, eu tinha isto, jogava as coisas no chão, mas agora eu não consigo, minha mãe vai lavar roupa, minha calça cheia de papel, enfim, tava uma mulher comendo cachorro-quente e ele jogou o negócio no chão, aí eu peguei, fui até a mulher e falei: você deixou cair! Ai ela: tá bom, obrigada! Minha mãe: você não fez isso! Ela sujou, mãe. Não mas, o que você tem a ver com isso? Ai lá vai eu fazer aquela ladainha toda, mas se fosse naquela época eu não iria ligar por que ela jogou o pacote de hotdog no chão e aí, são nas pequenas coisas que a gente consegue mudar.

J 13- O L. contou uma história meio assim, tinha um cara que foi passear na areia da praia e ai ele viu um sujeito lá pegando os caranguejos e jogando uma por uma de volta no mar, ai este cara chegou nele e perguntou: porque você está fazendo isto? Você acha que você vai fazer alguma diferença, limpar toda esta praia cheia de caranguejo? Ai aquele cara que estava pegando os caranguejos falou: ó, para aquele caranguejo eu fiz toda a diferença. Acho que o projeto ajudou muito a gente nisto também.

P- Mais alguma coisa, alguém quer falar mais alguma coisa sobre as contribuições do projeto?
J 13- Eu também, antes de entrar no projeto não tinha idéia do que era uma universidade, eu sempre quis fazer mas eu não tinha idéia do que eu tinha que fazer para entrar numa faculdade, ai o projeto me ajudou bastante, eu nunca imaginaria que eu ia dar aula, eu maior tímido, não gostava de me expor assim em público, em rodas de conversa, até quando o Silas começou a treinar o B, eu acho que ele fez isto até de propósito que ele tava me falando que ele não queria me chamar, ele tava esperando que eu fosse atrás dele e pedisse para ajudar ele. E eu pedi, tanto que no ano seguinte eu estava até treinando as meninas, o pessoal até pedia para ser mais duro, mas eu não consigo, é o meu jeito né, falaram que eu dava muito mole para elas, mas no meu ver eu não estava assim e no meu ver elas não me traziam tanto problema assim para eu ficar dando dura essa bronca toda, as vezes eu pedia a ajuda do V., e sabe né, para dar duro é com ele. Ele me ajudou bastante nisso mas eu não consigo. Eu soube levar elas desse jeito, tanto que elas quase foram campeãs. Foram 2ºlugar no circuito. E acho que isto me ajudou bastante para minha escolha profissional, ser Professor de educação física.

J 3- É bom se falar nisso. Muitas vezes nós não precisamos mudar para alcançar nossos objetivos, né?

J 4- Eu juntava duas coisas que são da comunidade com a imaturidade. Eu sempre tive esse jeito meu comunicativo, falar o que penso, mas cada momento que eu passei dentro do projeto , cada um teve um significado diferente para mim. O teatro por exemplo, me ajudou a me expressar melhor. Expressar é uma coisa, eu tô me expressando, mas eu me expressar melhor é falar de uma maneira diferente. O Heliópolis dos sonhos ajudou a fazer a gente correr atrás do que a gente quer, o grupo do vôlei foi a família que eu nunca tive, porque assim, você ser filho único, o V. pode falar isso, é complicado, né , então eu falo que hoje eu tenho uma família, meus amigos que eu conheci dentro do vôlei. Então foi juntando vários fatores que foi fazendo que eu fique mais maduros. Tenho minhas imaturidades, lógico, pq... No vôlei eu também vou falar o mesmo que o P. e o M., eu não sabia o que era universidade, nos primeiros dias de emprego do L. ele perguntou quem aqui gostaria de fazer uma faculdade, e se eu não me engano duas pessoas levantaram a mão, o V. e o J.. Ué, para que que eu vou fazer uma faculdade? E agora eu quero seguir uma profissão, quero ser técnico de vôlei, e o fator principal que fez com que eu ficasse mais maduro que eu corresse atrás do meu sonho foi quando eu descobri que a Flávia tava grávida, que até então eu, acho que o L. foi um dos primeiros. A saber, o grupo também fez com que eu conhecesse minha futura esposa, então são lances diferentes que trazem lições diferentes, mas que tava tudo dentro do mesmo espaço.

P- Caminhando para finalizar, gostaria de fazer mais uma questão: se vocês fosse questionados por alguém sobre como montar um projeto social com esporte, o que vocês sugeririam?

J 4- Clareza nos objetivos.

P- Porquê?

J 4- Eu acho que você jogar como objetivo uma coisa e acabar não fazendo, ou você finge que ta fazendo mas não tá fazendo nada! Eu acho que quando a gente tava pensando em fazer o esporte cidadão, é isso que a gente tava querendo fazer, ter clareza nos objetivos. Mas como a gente vai trabalhar, como é mesmo, porque a gente vai trabalhar os atitudinais? Os valores? Ou como ? Sei

lá, eu tô dando o vôlei e passo uma atividade que não tem nada a ver com o atitudinal, não tô sabendo explicar, mas o principal é ter claro os objetivos. Não adianta fazer só por cima, ah, sei lá, é isso!

J 10- Porque falar é fácil, colocar no papel aquelas palavras lindas e maravilhosas que ninguém entende nada é mais fácil ainda, mas colocar em prática que é difícil, acho que é isso, saber o que colocar mas saber o que fazer também

J 3- Importante é colocar projetos que sejam viáveis. Não adianta nada colocar objetivos que não vão ser alcançados.

P- Como é que a gente chega a saber o que é viável? Quais as coisas que são necessárias?

J 8- Acho que ver um pouco das dificuldades do lugar.
J 2- Eu sou muito chato nisto. Tem que ter a participação de quem está inserido no projeto. É claro, tem as minhas vontades, mas eu não vou planejar antes de saber o que meu público quer. Igual se chegasse lá no Heliópolis e a idéia seria o ballet. Seria totalmente fora da cultura. Que não é como o Baccarelli fez. O Baccarelli (projeto social que ensina música) conhecia totalmente a comunidade, procurou ouvir seu público inteiro, procurou saber se o público-alvo gostaria de ter aquilo, gostaria de participar, fez uma pesquisa mesmo. Eu penso isso mesmo, tem que ter alguém do público-alvo, da comunidade para o momento do planejamento, para levar um pouco dos seus desejos, seus conhecimentos. Eu, estamos construindo a unidade didática e sempre pedem para que a gente construa estas unidades didáticas, mas eu não construo a minha unidade didática se não tiver alguém da minha turma. Então eu uso a minha meia hora para tentar fazer um diagnóstico, porque senão eu vou por tudo o que eu quero e pode ser que meus desejos não sejam iguais dos alunos. E me criticam por isso. Por achar que eles não sabem o que querem! E isso é o que me deixa mais puto. Como eles não sabem o que eles querem? Não sabem muita coisa, mais um pouquinho ali, putz, é impossível eles não saberem o que querem. Então eu acho muito importante o envolvimento do público-alvo e de alguém da comunidade e que não seja esta coisa verticalizada, a hierarquia, eu mando e você tem que executar isto aqui. Sem conhecer a realidade, sem conhecer quem vai colocar em prática, quem vai receber tudo aquilo.

J 10- Afinal de contas você não ta fazendo para você né? Está fazendo para outras pessoas!

J 2- E no meu caso fica muito mais difícil, né? Eu sofro porque eu sou da comunidade, sofro quando vem aquele negócio lá (gesto indicando a verticalização, de cima para baixo), eu sofro!

P- E aí, o que vocês acham. O que mais é importante para um projeto? Isto é o suficiente, ter clareza, traçar os objetivos, levar em consideração a comunidade?

J 11- Não! eu fico pensando que as vezes as coisas não dão certo porque a gente se acomoda, ah, eu vou fazer porque ele tá fazendo, entendeu? Se você quer começar uma coisa, você temqueir com a cara e com a coragem, precisa de vontade realmente, e tem muitas vezes que o projeto não vai para frente por causa disto, não é que não tem vontade de continuar.

J 5- Acho que a parte mais difícil é que os envolvidos no projeto, o público-alvo queira este projeto, como foi com a gente né? Este projeto não foi do L., não foi do Rexona, foi de todos nós, a gente quis isto, afinal a gente era voluntário, como vocês falaram, nos bazares, festas, jogos, isto tudo começou a partir de uma vontade nossa, acho que esta é uma parte difícil, que nem, quando chegou o vôlei lá, ah, o vôlei não sei que lá, depois de um tempo todo mundo quis isto né, acho isso importante.

J 11- O projeto cultivou todo mundo a descobrir o que era o vôlei, eu mesmo, eu achava que para jogar vôlei tinha que ter altura, então para mim, o que é isto? Mas depois eu entendi, o projeto é que me mostrou que não era assim, então tem que ter um alvo, para que o público tenha vontade de agarrar

J 3- Não pode perder também a característica, o foco do trabalho que no nosso caso era o voleibol, saí do voleibol. Não pode sair do voleibol para outras coisas. Assimilar o voleibol com outras coisas sim, mas não sair do voleibol para outras coisas e pára o voleibol. Sair sempre da comunidade, né. Não adianta nada por causa do nível hierárquico, uma necessidade do exterior para implantar na comunidade, tem que ser uma necessidade da comunidade

P- Tenta explicar melhor esta história de não sair do voleibol.

J 3- Não, porque é assim, do voleibol saiu os projetos sociais, o grêmio, tudo, mas foram coisas que vieram junto do voleibol, não estavam alheias do voleibol, estavam ali, nós conseguimos ver uma necessidade que estávamos precisando, mas, daí o voleibol, como eu vou falar, se identificou(íntima relação do voleibol e outros projetos periféricos), a partir do voleibol a gente conseguiu ver, ter um olhar mais amplo das coisas que estavam acontecendo em volta, mas foi do voleibol, não foi assim, passaram o voleibol no começo, só para ganhar o pessoal, e depois vamos por outra coisa, vamos por o... ballet para alcançarmos nossos objetivos. Um pouco disso.

J 4- Ou seja, o vôlei foi o eixo, foi o lastro que foi segurando tudo.

J 5- Talvez seja secundário, mas trabalhar com a família também, porque a gente fala muito aqui, de idade, porque tem isso ou aquilo na família, as vezes a mãe não sabe o que se passa lá, o que está acontecendo com a família, acho importante que os projetos aproximem a família.

J 11- Porque eu acho que o apoio maior que cada um tem é de casa.muitas vezes o filho se desvia, vai para o caminho errado por falta de diálogo dentro de casa. Não porque tá neste mundo por que quer, muitas vezes é sim, mas as vezes é por falta... eu tenho até uma menina perto de casa que é assim,
J 4- Às vezes teve a oportunidade mas não enxergou, né? Quantas pessoas que eram do nosso grupo no começo que escolheram um caminho diferente.

J 2- Porque escolheu, né?

J 4- Também, né

J 2- Eu gosto disso que o P. fala. Não sei se é errado falar assim, mas é descaracterizar a ferramenta, né, descaracterizar o que o publico vem atrás. Eu costumo dizer e mais uma vez eu fui punido, porque no início eu ficava responsável por fazer as fichas de inscrição. E a última

pergunta era o que você espera das aulas de vôlei ? E aí, o aluno, quando vem fazer a inscrição ele não vem atrás de se tornar um jovem cidadão crítico, ele vem atrás da modalidade, nem sabe que tem outras atividades culturais, vem atrás da modalidade, da marca, ninguém conhece aquilo ali como centro Rexona de futebol, enfim, é vôlei, então eu tenho muito medo quando o aluno vem com uma expectativa muito grande, de vivenciar certa atividade e aí ao longo da trajetória ele vê que não é isso. E aí eu acho que fica tão difícil para o aluno quanto para quem está dando a prática, né, porque é sempre assim, é igual a um jogo, está ficando legal, está começando a ficar gostoso, daí não, pára, troca, não é isso mais, tem que ser isso agora. Isso me deixa preocupado. A pessoa que está ali fazendo a prática não sabe mais o que fazer. Os objetivos não ficam claros, as estratégias não ficam muito bacana, a vontade não é mais a mesma, enfim.

P- Então, nessa fala de vocês, de descaracterizar, o contrário, para caracterizar, como é que deve ser tratado, por exemplo, o voleibol em um projeto social?

J 5- Bom, a gente tem a consciência de que no projeto social não vamos formar atletas, eventualmente alguém se destaca, mas é difícil, não é o foco principal, mas ao mesmo tempo, os meninos já falaram, é importante não perder a questão do desafio, que o que pega as crianças é o desafio, não simplesmente brincar ali, fazer uma recreação para distrair a cabeça e ir para a casa. Tem que ter algo mais, tem que despertar a cobrança e a reflexão, tem que, não precisa ser uma filosofia de vida, mas a criança perceber as relações de mundo, de interação com os outros, de é, eu não posso falar muita coisa do voleibol porque eu não tenho muito assunto, mas o que eu posso dizer assim, aprender o básico, que era um desafio para gente, dar uma manchete legal, isso já era um desafio grande, ainda mais dentro de quadra, que a gente tinha que lidar com os desafios do adversário, de dialogar com quem está dentro de quadra, das emoções que estão na hora, de esquecer o que está lá fora, acho que trabalhar este pontos são importantes sim, porque, para mim pelo menos, a melhor coisa que tem dentro é o desafio, aquela coisa de ter que aprender, aquela emoção que vem na hora, isso é gostoso e é isso que talvez é um cutucão nas crianças, porque a gente consegue diferenciar o que é recreação, aquela coisa de me distrair com os amigos, outro que é uma estrutura diferente, alguém que está lá, observando, a gente sabe, de conhecer mais a fundo o mundo das crianças, ter um contato diferente, porque não é simplesmente um técnico que está lá analisando a anatomia e como o jogador está lá, mas a

pessoa também, o que está se passando na cabeça desta criança, qual é o mundo dela dentro daquilo ali, né?

J 2- Eu penso como a Vivi, mas tem uma outra coisa que eu acho que é importante. Eu penso, quando eu treinava, fazia as aulas regularmente, é tentar transferir aquilo que ele está aprendendo para o cotidiano lá fora. Eu sei que isto é difícil e totalmente a longo prazo, fazer com que uma criança vá aprendendo a ter respeito e lá fora ela vá respeitar também, a gente não sabe se ela vai respeitar também, mas é o ideal, aquilo que ele ta aprendendo lá dentro ela leve para fora, e que é claro que não é fácil, mas enfim, acho que este é um dos pontos importantes também.

J 3- Eu também acho que ele transferir não só para a quadra, mas transferir para outros lugares, para que ele compreenda que existem outros lugares, outros níveis, outras pessoas, assimilar as diferenças da atividade que ele faça com a dos outros também, e assimilar isto com a pessoal dele, a dificuldade em querer melhor e a dificuldade em alcançar algo,

J 2- Foi importante, na época em que eu era aluno eu precisei muito, foi de referência, eu vi o Alan Leão, a Celiane, o L., como uma referência para mim, uma referência que eu não tinha, uma referência de professor, de professor que se preocupavam realmente com meus sentimentos, respeitavam meu limite, acho que este é um fator importante, fidedigno que você conquista o aluno. Você, além de ser o professor dele, você é o amigo dele, você consegue escutar, você consegue expor sua opinião para ele e ele para você, ah, professor, vem aqui que eu preciso contar uma coisa para você que eu tô precisando, eu acho que esta aproximação professor/aluno é realmente fundamental.

J 2- Eu entendo de que pode sim trabalhar uma determinada modalidade, você pode sim ensinar ele fazer um bom chute, um bom passe, eu acredito que pode, acho que não tem problema o aluno fazer perfeitamente a manchete, perfeitamente um toque, um saque, um ataque, ele pode fazer tudo aquilo, qual o problema dele conseguir jogar bem, tem alguma restrição? Ele está num projeto onde trabalha o esporte, é educacional, tudo bem, mas não significa que não podemos trabalhar o esporte educacional ensinando bem a modalidade, isso é que eu não consigo entender, porque tem que se trabalhar através de outra coisa, ou através de uma brincadeira para ensinar a

manchete, uma brincadeira para ensinar o toque, posso ensinar de diversas maneiras que não seja uma brincadeira mas que seja de uma forma lúdica, motivante, desafiadora, enfim, e que não seja uma brincadeira. Eu trabalharia assim, pode sim trabalhar o gesto motor sim, eu tenho essa cosnciência de que eu vou trabalhar assim a modalidade muito bem, mas eu não vou esquecer de maneira alguma o educacional, os valores, que o aluno precisa ter, eu não consigo fazer esta separação ainda e nem quero aprender, porque eu acho que não existe esta separação.

J 3- Acho que entra um pouco no que o Silas falou sobre clareza nos objetivos. Porque eu acredito que o público-alvo que está envolvido ele quer aprender o voleibol, quer aprender o gesto motor do voleibol, e ter cortado isto, acho que é isto que faz o público-alvo se disperso, saia do projeto, porque ele vai na nossa aula e não é realizado aquilo.

P- E com relação ao professor/aluno, como vocês acham que ele deve ser?

J 13- Eu acho que ele deve estar super preparado porque ele vai, muitas das vezes, ele vai chegar no projeto onde há várias pessoas, pessoas que ele nunca tenha visto, de personalidades diferentes, ele vai ter que saber lidar com isso, e sem usar, eu não acredito nisso, sem usar método arrogante para chegar a uma educação digna, sabe, então eu acho que ele deve saber lidar com isso tudo usando um método mais dinâmico, que motive as pessoas, a estarem trabalhando junto com ele para chegar a um objetivo, sabe? Não, ah, ele vê aquele monte de criança, tal, aí uns bagunceiros, outros mais quietinhos, através disso é que saem as panelas, né? Ele vai ter que saber controlar aquilo tudo sem usar a arrogância, acho que ele tem que estar super preparado para este tipo de desafio.

J 3- Acho que tem que ter um equilíbrio. Não é só ser compreensivo, muitas vezes é necessário ser firme, mostrar para o aluno o que o professor quer passar, seu objetivo.

J 4- Acredito que o professor as vezes ele tem que fazer uma investigação do porque que a criança é bagunceira. Eu tenho um aluno que é bagunceiro. Ele é uma peste! Fizeram uma investigação, onde eu trabalho, eles fazem,não uma investigação, eles visitam a casa e o que descobriram. Descobriram que o pai é drogado e está preso, que a tia também é drogada, que a

mãe está no CHARCO. Então são vários motivos claros que falam porque que a criança é desse jeito, porque a criança é injuriada, peste da vida, só que não é por causa disso que eu vou ter dó dele, ai meu Deus, eu vou ser mais um que vou brigar com ele, ou tadinho dele, e ficar passando a mão nele, é aí que tem que entrar aquele negócio de professor amigo, tentar conversar com ele de uma maneira não arrogante, não começar a xingar ele lá na frente, ah, sua peste! Então, para mim, o que eu acho super interessante é que o professor tenha um certo esquema para estar, não sei se investigando a vida do aluno, mas estar dentro do que está acontecendo no mundo do aluno.

J 11- Ele vai se sentir confiante também, porque, com o diálogo maior com o aluno, ai o aluno vai se sentir firme e confiante de se abrir para o professor também.

J 4- Daí fica em aberto também a mudança. Ele pode mudar radicalmente depois da conversa.

P- Esta confiança que vocês falam. O que vocês acham que o professor precisa fazer para conseguir esta confiança nos alunos?

J 10- Acho que com o tempo, depende dele, das pessoas, de como ele dá a aula.

P- Mas assim, vocês pensariam em alguma característica mais global?

J 2- A única coisa que me vem a mente de imediato e que é uma característica muito forte nossa. Acho que é escutar mesmo. É de parar e entender porque ele está passando por aquele problema, ou então, mesmo que ele não esteja passando por problema ele fala, professor porque você acha que eu estou errando esta manchete? Enfim, a gente parar e dizer: não, vem aqui, eu quero te escutar, você é importante para mim, é demonstrar isto né? É demonstrar que você está realmente preocupado com a pessoa, com os problemas dele lá fora, com os próprios problemas internos,

J 13- É. Você ouvindo um por um você vai chegar num tempo em que você vai conseguir separar, tipo, o maior problema, pode ser que alguns tenham o mesmo problema, aí em cima disso você pode trabalhar pelo bem mútuo,

J 8- E isso vai fazer ele se sentir unido ao professor, porque eu tenho assim, algumas amigas adolescentes , 13, 14 anos, que elas chegam em mim para fazer cada pergunta que eu fico... e elas falam assim: ah, eu estou comentando com você porque eu não tenho coragem para falar com a minha mãe. Aí eu dou o conselho e falo que ela deve falar com a mãe porque que mãe é a melhor fonte para você estar resgatando, ela vai ter as melhores respostas para resolver suas perguntas. Mesmo que ela te der uma bronca ela vai fazer o melhor para você.

J 11- mas eu acho que vai muito pelo gênio também, por exemplo, tem amiga minha que não se abre para mãe, porque, a mãe vive brigando, berrando, falando palavrão o dia inteiro, e as vezes não é tudo aquilo que a gente imagina, e comigo também era assim, não contava nada para minha mãe, e hoje, a única pessoa que eu confio para contar minhas coisas é minha mãe, minha mãe é como se fosse uma amiga, hoje em dia, então é a mesma coisa o professor em quadra, se toda hora, o aluno errar e ele pô, você faz isso e aquilo!(bronca) Vai pelo gênio também, se ele falar, não faz isso e aquilo (auxiliando), entendeu, vai passar uma confiança maior, entendeu, vai pelo gênio da pessoa também.

J 4- Mas uma coisa que o professor/aluno deve estar separando um pouquinho é esta questão da confiança é uma coisa, amizade é outra, é, eu como estou no meu 1º ano como professor, eu passei por uma dificuldade dessa aí, os meus alunos eles estavam começando a ter algumas atitudes que eu não estava gostando, estavam misturando a confiança com a amizade, eu sou bem assim, do jeito que eu converso com as pessoas eu converso com meus alunos também, aí chegava a aí professor? Tinha uns que dava tapa na cabeça, começavam com mais liberdade, aí que me chamaram a atenção e eu falei assim: ó, é o seguinte, aqui dentro eu sou seu professor, lá fora eu posso ser seu amigo e a gente pode brincar, e houve uma mudança totalmente. Eu na minha sala eu sou outro, sou professor, tem que ter respeito comigo, agora da sala lá para fora começa a brincar. Tinha uma coisa interessante quando abriram um broto (outro núcleo), as meninas só estavam lá por causa do Vinícius, e com a atitude de professor ele conseguiu mudar esta liberdade das meninas.

J 5- Acho que esta disponibilidade é importante, estar atento, saber o que se passa com a criança, mas é lógico, se você sendo professor, tendo um grupo de 50 alunos, você sabe que nem com todos os 50 você vai ter a mesma relação, como é normal em nossa vida, você conhece umas 100 pessoas, quantas você diz seus segredos, né, não são todos, o que eu acho que escutar, talvez o professor não consiga com todos, tem sempre o aluno que é mais reservado, mas a parte da conversa é importante, a gente senta em círculo, faz um balanço, ver como estão as coisas, acho que é um momento importante, porque aí é, acabou o treino, hora de respirar, como foi hoje? Como é que estão as coisas? Como é que estamos caminhando, como o grupo está indo?Acho importante inclusive para o grupo mesmo. Sentar um pouco em um momento diferente, esquecendo a quadra,

Transcrições dos jovens foco do estudo

ENTREVISTA JOVEM 1

P—Com quanto anos você está?

J 1- tenho 19 anos.

P—Você nasceu aqui mesmo em Heliópolis?

J 1- Nasci na maternidade no Ipiranga. Cresci aqui.

P—Você morou em várias casas?

J 1- Não, eu morei um bom tempo, uns 17 anos, numa casa que minha mãe construiu, sozinha, batalhando, carregando pedra , areia, material, tudo, construiu a casa para a gente e depois de uns 4 anos, nós ganhamos um apartamento e estou morando neste apartamento. E meu vô mudou para uma outra casa.

P—O apartamento do CDHU?

J 1- É.

P—E esta casa em que você cresceu, como era?

J 1- Ah, era grande, tinha garagem uns 2 carros, sala, quartos tinham uns 3, banheiro, tanto em baixo como em cima também, suíte, né?

P—E agora vocês saíram da casa?

J 1- Nós saímos, a casa foi demolida, eles construíram os prédios, e nós mudamos para os prédios.

P- E como é sua família?

J 1- No início era minha mãe, minha irmã, meu irmão e eu. Aí depois minha irmã casou, teve uma filha, e agora somos só minha mãe, meu irmão e eu.

P- E teu pai?

J 1- Meu pai está bem distante.

P- Ele participa da formação de vocês?

J 1- Não, não. Não tenho contato nenhum. Só minha mãe mesmo que foi o pai e mãe juntos.

P- Como foi sua infância aqui? Brincadeiras, o que você fazia?

J 1- Não, foi legal, foi uma infância legal, eu me lembro até hoje, eu brincava na rua, a gente não podia ficar até muito tarde assim, teve uma época que aqui era perigoso, mas a gente brincava na rua, tinha uma turminha, o V., a gente brincava normal como qualquer criança. Foi uma infância boa.

P- E além das brincadeiras na rua tinha mais alguma atividade?

J 1- Não, só a escola, e quando chegava em casa, minha mãe trabalhava, minha irmã cuidava da gente, dava banho e comida, e aí a gente ia brincar na rua, só não ficava até tarde, voltava para casa, ficava em casa brincando.

P- Esta coisa de ficar em casa, porque acontecia muito?

J 1- Porque teve uma época aqui que era muito perigoso, então a gente era criança e não podia ficar na rua assim, eles pediam, os bandidos lá, pediam para deixar as portas abertas, os portões,

para caso acontecesse alguma coisa eles pudessem fugir, entrar dentro de alguma casa, então a gente não podia, né? A gente não morava num bairro, que mesmo assim não tem segurança, mas aqui era mais fácil de acontecer alguma coisa.

P- E vocês deixavam mesmo portão e porta aberta?

J 1- Ah sim, tinha que deixar, e teve até uma vez que um deles entrou, eu saí que de manhã eu vinha para o CJ, estudava à tarde, e eu tranquei a porta e fechei o portão, só que o portão era difícil de fechar e aí, como eu era pequeno eu fui para o CJ, aí um deles passou, não sei o que tinha acontecido no dia, aí entrou dentro da minha casa, aí estava a minha mãe, a minha irmã, e umas visitas que não moravam aqui. Aí eles entraram com arma mostrando, agarraram minha mãe, falaram que iam matar minha irmã, colocaram a arma na boca dela, mas tudo se resolveu, o pessoal, tinha um deles que era evangélico, viu a bíblia em casa, viu coisas da igreja, daí ele falou, não,não, ele está drogado, pediu para ele ir embora, mas falou para gente que tinha que deixar o portão e as porta abertas.

P- E sua escola, como foi?

J 1- Ah, minha escola era uma escola boa, só que eu acho que poderia ter sido melhor, se tivesse mais recursos, se os professores tivessem mais motivação, aquela alegria de ensinar, mas graça a Deus eu sempre me empenhei na escola, minha mãe sempre falou que a gente tinha que estudar, tanto é que ela permitiu que a gente não tivesse que trabalhar tão cedo para estudar, que era muito importante para gente.

P- Você falou que a escola poderia ser melhor, qual eram os maiores problemas?

J 1- Minha escola não tinha laboratório de informática, de ciências, os professores entravam na sala e eles não vinham motivados, com ânimo. Eu só tive uns professores, os melhores assim, no 2º, 3º ano, que eram professores mais novos.

P- No CJ você entrou com quantos anos?

J 1- Eu entrei com 9, 8 anos.

P- Tem alguma outra lembrança que você acha mais marcante da infância?

J 1- Acho que quando construiu a quadra, que eu já estava aqui, no início em uma quadra, não era coberta, não tinha muita proteção, aí tinha até umas crianças que se machucavam, aí eles construíram, foi uma festa, comemoração, foi legal.20:26.

P- Quais são as lembranças mais marcantes específicas da época do voleibol que participou?

J 1- Olha, no voleibol foi muito legal as coisas que a gente fez. Eu lembro muito das palavras que você dizia que é quase impossível um de vocês se torne um atleta olímpico. Puxa, mas se a gente não está aqui para ser um atleta olímpico para que é? E depois a gente vai amadurecendo e vai entendendo um pouco que o objetivo mesmo não era tornar ninguém atleta olímpico mas trabalhar algumas , alguns valores, eu acho que é isto, né? Trabalhar alguns valores com a gente, tudo. Quando nós éramos árbitros cobravam muito isso. Tínhamos uma responsabilidade, tínhamos que ser honestos, não podíamos ser desigual com ninguém, com nenhum time. E acho que foi a melhor parte do voleibol, até porque eu era perna de pau, mão de pau, travado, não tinha como, então, única coisa que eu gostava mesmo além de jogar era ser árbitro.

P- E a monitoria? Você chegou a fazer?

J 1- Cheguei.Era legal também. Tinha aquele monte de criancinhas, ficávamos ajudando os professores, mas não só porque era status, nossa, estou ajudando os professores, mas ver que a gente podia ajudar também aqui, né? Que a gente estava junto com os professores, plantando mais aquelas sementes, trabalhando mais com as crianças estes valores, né?

P- Não sei se você lembra de uma menina, que eu estava conversando com o pessoalzinho mais novo com relação à idéia de fazer um uniforme com o nome de vocês para que os mais novos pudessem até comprar com os nomes. Você lembra?

J 1- Lembro, lembro, você falou...

P- Você chegou a conhecer a menina?

J 1- Não, não.

P- O que você lembra disso?

J 1- Eu lembro que você chegou para mim e falou que, quer dizer, não só para mim, a gente estava reunindo, falando sobre os uniformes, a gente tinha terminado o treino e aí você falou que tinha uma menina que queria a minha camisa. Eu falei: "nossa, vai querer a minha camisa!Eu não jogo tão bem assim, né? " Aí eu, puxa vida, eu não estou aqui só pelo jogo, outras coisas também, né? É como se fosse um espelho para os pequenos. Foi muito...fiquei muito feliz, lógico!

P- O que você acha que esta menina e outras também viam em você, já que como você mesmo disse, era um braço de pau? O que você acha que, mesmo assim, dentro de todos os outros ela escolheu você e queria a sua camiseta? Que espelho era este? O que ela via em você?

J 1- Eu acho que era, eu era sempre dedicado. Estava sempre pronto para fazer o que me pedissem, para ajudar eu gostava daquilo, quando montávamos os campeonatos, quando a gente sentava para discutir alguma coisa eu sempre, se eu tinha alguma idéia, eu opinava, eu acho que era por causa disto.

P- Você tem mais alguma lembrança mais marcante?

J 1- Lembro, lembro das festas que nós fazíamos aqui, que a gente trazia os doces, fazia aquela arrecadação, lembro de uma vez que a gente pisou um pouco na bola, que nós, eu não me lembro muito bem, mas que nós acabamos fazendo uma arrecadação em dinheiro, foi até no grupo, não os iniciantes, os que começaram o projeto, foi uma segunda geração, mas a gente acabou pisando na bola porque a gente fez uma arrecadação em dinheiro, podia ter corrido atrás, ir nas lojas,

recolhido tudo isso, buscar algum patrocínio, mas a gente simplesmente cada um deu o dinheiro, deu uma quantia e que podia ter feito muito mais.

P- Qual você acha que é a diferença destas duas, umas tirar dinheiro do bolso ou pedir para o pai ou mão dar e de vocês correrem atrás em campanhas assim?

J 1- Ah, é muito diferente, porque uma eu vou atrás daquilo, e outra simplesmente eu tiro do meu bolso e dou. Sem pensar sem nada. Ah, precisa então vai. E eu acho que é significativo, né? Além de eu estar falando o que é o projeto, estar sensibilizando aquela pessoa, falando para ela o que é aquilo, trazendo para a comunidade, fazendo eles entenderem um pouco que aqui não tem só coisa ruim, que tem outras coisas boas também, isso é o mais importante, né? Eu acho que este também era o objetivo destas feiras que nós fazíamos era quebrar um pouco essa visão que o pessoal tem daqui da comunidade.

P- Já que você falou de visão da comunidade, deixa eu pegar um gancho. Você lembra daquela história que a gente discutiu bastante da história do coitadinho da favela? O que você acha disso? Existia um sentimento de coitadinho da favela?

J 1- Eu acho que existia sim! De que tudo tinha que, a gente esperar, que tudo era de graça, e na verdade não é. A gente tem que batalhar, correr atrás. Até eu lembro de quando você falou de quando o V. foi se candidatar a estagiário daqui no núcleo, você falou que não escolheu ele porque ele era amiguinho, porque ele tinha começado aqui com a gente. Escolheu porque ele era capaz daquele trabalho e era isso mesmo, ficava bem visível, e depois que você pára para pensar e começa a crescer mais e amadurecer, nossa, tenho sessenta anos já!!! Mas você vê, começa a pensar e ver que era isso mesmo, que você não pode se deixar levar por uma idéia assim, tem que esperar por tudo e tudo é de graça. Só porque você mora numa comunidade você... Não, você tem que batalhar para conseguir o que você quer.

P- Porque você acha que é criado esta história de eu sou o coitadinho da favela?

J 1- Porque além de você morar aqui, numa comunidade que é visto por outras pessoas que é a favela, tem uma imagem ruim, assim, lá fora, que várias pessoas podem até dizer, ah, a maioria deles o pai não está presente, eles vão ter certas dificuldades na vida. Então eu acho que isto vai trazendo pequenos pesos assim para a cabeça da pessoa que ele acaba entrando nesta paranóia mesmo, e se você não para para pensar que você é capaz também, por exemplo, se você quiser comprar a sua casa fora daqui, comprar seu carro fora daqui, também você é capaz.

P- Você acha que o projeto que você viveu contribuiu para ir contra esta história do coitadinho da favela?

J 1- Contribuiu! Contribuiu sim, porque eu vejo até os colegas, os meus amigos daqui, hoje eles estão tudo trabalhando, eles não ficaram acomodados, ah, tenho 18 anos, o que vai acontecer agora! Estão indo atrás de faculdade, estudando, se preparando aí para o mercado de trabalho. E eu acredito que tem uma grande porcentagem aqui que pensa que, eu não estou sendo preconceituoso, nada, porque eu moro aqui também, que pensa que o estudo não dá em nada, né? Mas muda a pessoa também, a forma de pensar.

P- Você acha que o projeto ajudou neste aspecto?

J 1- Ajudou. Ajudou, depois que estes valores foram trabalhados com a gente, ajudou muito, depois que a gente começou a crescer, a pensar, desde pequeno, o que foi feito, ajudou sim.

P- E com você, especificamente, como você acha que o projeto influenciou você, também para sua formação?

J 1- Não é... Eu lembro também de uma vez que você chegou, acho que foi no primeiro dia que você começou a dar aula, aí você perguntou, chamou alguns de nós, e falou assim: o que você quer ser? Aí, uns não sabia ainda, aí eu falei o que eu queria ser, eu queria ser pintor, mas foi até para conhecer mais o ambiente que você ia trabalhar. Mas me ajudou sim, porque além dos valores que minha mãe passava para a gente, que a gente tinha que ser honesto, que a gente tinha que batalhar para conseguir aquilo que a gente queria, foi como uma revisão. Aqui a gente fazia

as coisas e nem percebia que estava fazendo, e depois que a gente começa a pensar que a gente tinha uma responsabilidade, a gente tinha que vir aqui na, eu não estou falando a gente tinha que vir, porque a gente vinha obrigado, não, a gente gostava mesmo. Daquele tempo que nós ajudávamos os professores, mas aquela responsabilidade que os pais muitas vezes cobram muito da gente, tem que ser responsável, tem que ser empenhado naquilo que você quer para sua vida, então foi muito importante sim. E depois você se dá conta de que você estava fazendo aquilo mesmo.

P- Me fala de novo o que você está, hoje, buscando de formação.

J 1- Eu terminei o curso técnico de telecomunicações, e prestei uma outra prova, passei, aí eu vou fazer mais um curso técnico em eletrônica. Aí antes de ir para a faculdade eu vou tentar um emprego público, ver se eu consigo, para ir para a faculdade.

P- E o curso de línguas?

J 1- Eu fiz o italiano e agora eu tenho que fazer o inglês também, que cobram muito e eu preciso dirigir também, né?

P- E você acha sinceramente que existe uma relação com o que você viveu aqui com este desejo de formação seu?

J 1- Claro, acho que tem sim. O que a gente viveu com os professores, Ah, eu sou o melhor professor que vocês têm! Era verdade, era verdade, não era mentira, porque não sei como era o ambiente dos atletas da seleção, aqui era diferente, com os pequenos, eu lembro muito das suas palavras, estas palavras que eu falei para você e ajudou muito, né? Nesta busca por motivação, a gente tinha que ser motivado para buscar uma formação.

P- Você falou que você se considerava um braço de pau. Como você se sentia dentro da equipe? Como o grupo reagia com você?

J 1- Por... Eu era travado, mas todo mundo, você vê, o trabalho que foi feito foi tão bom, mas tão bom, eu acho que eu não estou viajando na maionese, foi tão bom, porque se eu fosse jogar na minha escola, voleibol com os meus colegas, eu ia ouvir um monte de... né, besteira, ah, você não sabe jogar, não iam nem me deixar jogar, não ia nem entrar na quadra. Mas aqui o pessoal procurava ajudar, era trabalhado com a gente, procura ajudar seu colega! E o pessoa ajudava mesmo. E eu era travado mesmo, não conseguia mas ninguém se cansava de falar para mim como eu deveria fazer, e eu tentava fazer mas ...

P- Você se sentia parte do grupo?

J 1- Me sentia, me sentia sim. Eu não tinha, claro, o mesmo desempenho que o P., o V. mas me sentia, eles me incluíam no grupo. Apesar de ser travado eles me incluíam!

P- Como você acha que deve ser tratado o esporte em projeto social? Você acha que deve ir buscando a evolução sempre ou como é um projeto social, você acha que deve ser tratado como lazer, atrair as crianças?

J 1- Eu acho que o voleibol ser um projeto de lazer, ocupar as crianças, mas também, como eu vi aqui, é trabalhar tudo isso, né? Porque às vezes não está tão evidente assim aquela criança ou adolescente aqueles valores que ele está tendo em casa. E aqui no voleibol eu acho que vai despertar mais, eu acho até que aconteceu isto comigo. Ah, é isto mesmo. Eu acho que é uma boa idéia sim, quem for montar um projeto como este, utilizar o voleibol para atingir outros objetivos, além destas competições, jogos, muito importante. Só que o que eu percebi assim e que acabou a nossa geração, entrou uma outra geração, só que entrou uma outra geração diferente. Também nós estávamos, a maioria, desde o princípio, desde o começo, e entrou uma geração com...parece que se perdeu algumas coisas, também saiu o professor daqui. Mas eu não sei o que aconteceu, eu acho que também tinha que ter esta atenção para a outra geração, sempre teve aqui, como eu falei, as crianças, tudo, tinha nós, os monitores, que era como um espelho, mas eu não sei o que aconteceu. Eu acho que quando eu assim, eu vou falar com algum deles, eu sinto uma diferença.

P- Você não consegue identificar por quê ?

J 1- Não, não sei.

P- Eu queria voltar um pouco no tempo e conversar a respeito daquelas muitas derrotas que a gente teve. O que significou para você esta coisa da gente treinar, treinar, treinar, e perder a grande maioria, ganhar poucos jogos?

J 1- Sempre foi um aprendizado para a gente conhecer mais o time, porque era um time grande, num set você ficava com um time, no outro você ficava com outro. Mas foi aprendizado mesmo, para a gente conhecer mesmo o ambiente onde a gente estava pisando. E não é só jogar voleibol no núcleo, tinha um outro mundo maior aí fora que a gente tinha que se habituar. E a primeira folha que a gente ganhou, cor de rosa (súmula), mas foi legal, mas foi um aprendizado, né?

P- Você acha que estas derrotas marcaram negativamente, deixaram mágoa, frustração?

J 1- Olha, em mim não. Mas depois que a gente... eu encontro alguns que começam a falar daquele tempo, a lembrar, e eles começam a falar umas coisas que as vezes ficaram marcadas, mas eu acho, é, por ter ficado marcado e porque foi relevante, né? Mas eu acho que também foi necessário para a gente conseguir caminhar naquela competição.

P- O que você acha que as derrotas acarretavam em vocês?

J 1- Pessoal, claro, ficavam tristes porque tinham perdido, não iam ficar alegres, mas eu acho que motivava, motivava, claro. A gente sabia que, foi trabalhado também que o mais importante não era ganhar tudo, quer dizer, o mais importante era você competir, lutar para ganhar o jogo, fazer o time todo voltado para aquilo, todo mundo trabalhando focado no objetivo, acho que foi muito importante. E apesar de a gente ter perdido foi enriquecedor também.

P- Então você acha que este é um caminho legal para se fazer no projeto social?

J 1- Claro, claro.

P- Se você fosse dirigir um projeto social, você buscaria esta linha de evolução, buscaria participar de campeonatos?

J 1- Buscaria, buscaria, mas eu também ia me preocupar ainda mais com esta parte das gerações, para continuar aquela mesma essência do seu objetivo, para que não se perca.

P- Você acha que não houve continuidade neste processo?

J 1- Não, eu acho que, é tão corrido, você termina uma fase aqui, você começa a estudar, tem outras obrigações que fica até difícil você comparecer como antes. Ma você sempre conversa com seus colegas e eles falam algumas atitudes assim, do pessoal, que você fala, puxa vida, na nossa época não era assim, era diferente, porque está acontecendo isso? Às vezes, se eu mesmo viesse e observasse mais, eu poderia ver porque está acontecendo isso.

P- Quais são as características de um professor para trabalhar em um projeto social com esporte?

J 1- Olha, tem que gostar mesmo, viu! Gostar daquilo que faz. Acho que é importante em qualquer profissão, tem que gostar mesmo, se sentir parte daquilo que o manda chuva está te falando. Se sentir parte e amar, eu acho que é o principal. É você amar aquilo que você está fazendo. Só a chance deste professor poder...Vai trabalhar com crianças, né, com todas as faixas de idade, e pode trazer muitos benefícios para estas crianças. Eu acho que o principal é ter que gostar mesmo. Responsabilidade, tudo isso, já tem,

P-Você acha que tem outra característica marcante no Professor?

J 1- Eu acho que, por exemplo, na minha turma, eu acho que ele tem que fazer a gente correr atrás! Tem que fazer... Exigir mesmo, ó, tem que fazer isto, mas também não de uma forma bruta, olha, você tem que fazer isto, porque isso, isso e isso. Suas crianças estão vendo você como espelho, você tem que fazer algo pelo local onde você mora, não só jogar pedra no vizinho, aí fora. Mas eu tenho que fazer alguma coisa significativa aqui dentro.

P- Você pensa em mais alguma característica do Professor?

J 1- Professor eu acho que é uma síntese de quase tudo, né? O Professor é amigo, está ali para te ajudar, porque a gente vê o Professor aqui como amigo, é importante o Professor não ficar só naquele pedestal, né? E ser amigo mesmo, ainda mais no voleibol, né?

P- E para um projeto social com esporte em geral, qual é a dica que você me dá para eu montar um? O que você gostaria de ver em um projeto?

J 1- Eu acho que este projeto foi um bom projeto. Porque ele trabalhou com alguém que podia mudar a comunidade, que era quem? As crianças, os adolescentes. Foi também muito importante, mas eu acho que seria mais importante incluir as mães neste trabalho, eu acho que deveria ser mais abrangente com os pais. As crianças continuarem com os mesmos trabalhos mas também os pais.

P- Você diz uma atividade para os pais?

J 1- É, uma atividade dirigida para os pais, para que eles se tornem parte do espaço, que também isto daqui não é de alguém, isto daqui é nosso e a gente tem que se empoderar, porque isto aqui é nosso. Então tem que fazer parte daquilo que está acontecendo.

P- Você teria mais alguma sugestão?

J 1- No momento não.

Entrevista Jovem 2

P- Você nasceu e cresceu em Heliópolis?

J 2- Sim, nasci e cresci em Heliópolis. Minha mãe também e minha avó, minha família inteira é paulista.

P- Como é a estrutura de sua família que mora em Heliópolis?

J 2- Eu sou filho único, eu só moro com a minha mãe, ela é separado de meu pai, ele mora distante daqui, mas só sou eu e minha mãe.

P- Você tem contato com teu pai, ele colabora com tua formação?

J 2- Ele já ajudou muito mais, hoje ele ajuda pouco pelas condições que vive, ele é o único que trabalha, a mulher dele é desempregada e dona de casa. Então fica difícil ele colaborar, mas sempre que eu solicito ele tenta da maneira dele contribuir.

P- Como foram as casas ou a casa que você morou?

J 2- Foram só duas. A 1ª. era horrível, a gente morava num barraco e aí minha mãe começou a construir, primeiro a gente começou num barraquinho onde tinha 3 cômodos só, era quarto, sala, cozinha e o banheiro era ali na cozinha, era uma coisa meio estranha assim. Daí ela construiu, daí ficou 2 quartos mais o barraco, e aí tinha o corredor, parecia um beco, uma viela para você passar para o quarto. Aí hoje eu moro no apto. da prefeitura (Cingapura) e as condições são melhores.

P- Com relação à violência, como foi em sua infância, esteve sempre presente ou não? Como foi?

J 2- Na minha infância a violência em Heliopolis era muito maior, eu lembro que eu e minha mãe, a gente sofria muito porque ela começou a construir a casa ela fez a laje, aí muitas noites, madrugadas a gente ficava acordado, tinha que dormir debaixo da cama porque os bandidos

ficavam em cima da laje e era aberto, era uma portinha que qualquer soco abria, enfim, e a gente ficava preocupado, dormindo no chão debaixo da cama com medo dos bandidos invadirem e eles ficavam a noite toda usando drogas, fazendo aquela roleta russa, eu nunca entendo aquilo ali, a gente ficava muito preocupado. Então eu cresci nesta situação, mas minha mãe sempre me cuidou muito e me privou de tentar ver estas coisas entendeu? Ela não queria que eu fizesse parte desta realidade, ela tentava colocar um muro, um bloqueio querendo me proteger de toda forma, né? Mas era inevitável ver, e foi complicado crescer desta maneira, assim. A influência que a violência tem é muito grande, então eram 2 coisas, eu sempre cresci em projetos sociais, que era o NSE (núcleo sócio educativo) e aí tinha a violência. As duas coisas, o projeto social que puxava, a violência que puxava também e minha mãe que era outro eixo que era muito mais voltada para o projeto social, então contribuía bastante. Mas existiam momentos que dava para se dizer: caramba, eu tenho que passar para o outro lado que é mais fácil. É mais fácil em tudo, financeiramente falando e eu acredito que até hoje, é um status ser bandido em Heliópolis é status hoje.

P- E é fácil ser bandido?

J 2- Com a visão que eu tenho hoje não, né?

P- Mas se tornar um bandido é fácil?

J 2- Totalmente! O mais engraçado, parece contraditório com o que eu disse, mas naquela época os bandidos daquela época faziam com que você não se envolvesse com aquilo, então eles viam um menino ali usando droga e falavam: Ó, para com isso, olha o que eu passo e contava um pouquinho da vida deles. Hoje já é muito mais fácil, hoje eles te procuram, para entrar, te procuram. Porque vai beneficiá-los de alguma forma, sempre tem alguma função para crianças assim que queiram entrar.

P- Você tem alguma idéia do porque que tem esta diferença de hoje para o passado?

J 2- Eu confesso que eu nunca parei para pensar nisso. Mas essa visão de dinheiro mais fácil atrai as crianças e os jovens hoje.

P- Você falou do muro que sua mãe construiu em volta de você. Como ela construía, que muro é este?

J 2- Era um muro de proteção, um muro para tentar me isolar totalmente daquela realidade que eu vivia, eu não podia sair de casa, era de casa para a escola, da escola para a casa e depois para o projeto também, né? Este era o meu cotidiano. Eu só podia sair na rua se minha mãe fosse comigo ou se fosse com algum responsável, eu lembro uma vez ela comprou um patins para mim e aí a primeira coisa que eu fiz foi pegar este patins e ir para a rua. Eu nunca apanhei tanto na vida, apanhei demais, ela só faltou me bater com o patins, mas não era para você sair, você tá vendo que a favela tá perigosa, enfim, e aí era mais um símbolo de proteção, olha você não se envolva com isto, você não pode ver isto.

P- E antes de você entrar no projeto, entre a casa e a escola. Quando você estava em sua casa quais eram as tarefas a diversão que você tinha para fazer?

J 2- É, minha mãe se preocupava com isto e eu fico muito feliz e grato pela educação que ela me deu. Ela se preocupava em me manter ocupado de alguma forma, ne´? Então ela me acompanhava muito na escola, ela conversava com a diretora, com a Professora, procurava saber quais as minhas dificuldades e aí tentava conversar comigo, aí eu chegava em casa e ela tentava me ajudar nesta dificuldades que eu tinha ou me delegava algumas funções para eu fazer relacionadas as minhas dificuldades na escola. E aí, com relação à diversão, minha diversão era assistir televisão, eu ficava acho que mais de 5h na frente da televisão, aquele conteúdo bacana que a televisão tem.

P- Nós vamos começar a entrar no assunto do projeto específico do voleibol. Você começou com quantos anos lá?

J 2- 13 anos.

P- E aí você deixou de ser aluno, de participar dos treinamentos com quanto?

J 2- 17 anos.

P- Tá, e neste período, quais foram suas lembranças mais marcantes, negativas, positivas?

J 2- Tem muitas, muitas, muitas. A que ficou mais marcante assim, não a mais marcante, mas a que sempre me remete, foi as derrotas que a gente teve nos jogos. Eu não sei, você sabe quantas forma? Eu só sei que foram 2 vitórias.

P- Sim, no primeiro ano foram 13 derrotas e 1 vitória e no segundo foram 11 derrotas e 1 vitória.

J 2- Então foram 24 derrotas ao todo no pré-olímpico, e aí, o quanto estas derrotas foram positivas, né? A gente está acostumado a pensar que as derrotas trazem para nós coisas negativas, coisas, nossa auto-estima abaixa, enfim, e o quanto isto foi o oposto, o quanto estas derrotas que a você teve, e eu digo pensando para mim, no individual, o quanto elas serviram de aprendizado para mim. Aprendizado, eu penso para além do esporte, o quanto eu sou mais disciplinado, o quanto eu sou mais responsável, o quanto eu sou mais autônomo, mais reflexivo, acho que serviu para que eu adquirisse todos esses valores que eu não, não que eu não tinha, mas que não eram tão predominantes em mim.

J 2- Outro ponto importante para mim foi entra na monitoria, eu lembro que entrar na monitoria no primeiro momento foi um desafio, primeira vez que me atribuíram a responsabilidade: olha, você vai ser monitor, e você tem essa, essa e essa função, eu falei: caramba, será que eu vou dar conta? E eu vi o quanto aquilo ali serviu de mais aprendizado, trabalhar com outro Professor, formado, que já tinha objetivos com aquelas crianças foi uma troca bacana e exatamente naquele momento que eu senti a ação multiplicadora que cada um tinha porque a gente aprendia um pouco enquanto aluno nas atividades de voleibol e aí tentava socializar aquilo com os novos alunos e aquilo era bacana, era uma ação multiplicadora, e nem era reprodução, no início era reprodução, porque a gente via a figura do Professor fazendo assim então eu vou tentar fazer

como ele, mas era uma criação, a gente criava muito como monitor, eu me sentia mais valorizado, mais pertencente ao projeto. Falava: caramba, eles acreditam em mim e eu posso contribuir de alguma forma no aprendizado destas novas crianças, né?

J 2- Outro ponto que ficou muito forte e isto é até hoje assim, o quanto todos nós, o grupo que se formou, de 40, hoje eu digo que são 20, ele é muito forte. E já passou o que? Já passou 2 anos que a gente não está mais no projeto, não está mais envolvido com as atividades, mas independentemente de tudo isso a gente ainda está junto, a gente ainda está unido, a gente pensa em estratégias para estar junto um do outro, seja comprar batata no Assis, seja, ontem nós fomos comemorar o aniversário do Wellington no rodízio, seja vir aqui no Sesc, enfim, a gente está sempre junto, e eu sou muito preocupado que isso não aconteça mais, que tenha uma separação, as pessoas falam, não mas você não pode fazer isto, uma hora vai separar, mas eu acho que o meu dever, eu me sinto como , é, com a responsabilidade de ... Não este grupo não pode se separar ainda! Vamos continuar um pouquinho mais junto, vamos aproveitar o que cada um tem para dar, e vamos aproveitar, não vamos separar ainda. Aí, só tenho 19 anos e as pessoas falam que eu quero ser pai deles, né? Tem gente que fala, não você quer proteger demais, eles não são seus filhos, são só os seus amigos, mas enfim, eu me sinto meio paizão deles assim, quando eles vão na minha casa me procurar para saber se eu estou bem aí eles: putz Vinícius, hoje eu não estou bem, esta acontecendo isto na minha vida! E eu, apesar de ter só 19 anos e não ter tanta experiência assim, acredito que eles confiam em mim e eu tento ajudar da maneira que eu posso. Então a união deste grupo que se formou é o top do conquistado!

P- Duas coisas: esta coisa que você falou de ser uma pessoa mais autônoma, reflexiva, veio por causa das derrotas. Você consegue fazer uma comparação clara entre estes dois pontos? Alguma coisa que aconteceu e que você acha que pode ilustrar esta situação que você falou.

J 2- Lembrei! Teve um jogo que a gente estava no Sesc, você não estava neste jogo, você tinha ido participar de um, não lembro, congresso, sei lá e aí ficou o Roberto com a gente, e aí, por mais que a gente tenha dado o maior apoio para você ir: não L. vai lá! A gente chegou um momento que a gente sentiu falta. A gente falou: putz, cadê o L.! E a gente viu que o R. estava meio inseguro, não sabia o que fazer naquele momento, ai eu falei, espera aí, falei com o P., o P.

era o capitão né?, Falei: P., a gente tem que fazer alguma coisa, vamos dar um gás nesses moleques aí. E a gente se reuniu e falou: não galera, vem aqui todo mundo! E aí a gente conversou e tentou relembrar algumas histórias suas que você contava para a gente de motivação, vamos fechar os olhos, vamos tentar pensar em alguma coisa positiva, coisas que fazem com que a gente se sinta bem, e aí eu vi o quanto aquela ação para aqueles meninos, para aquele time, nossos amigos, eles se sentiram bem com aquilo, eles viram a minha figura e a do P. como: não eles querem nos ajudar mesmo, eles querem que a equipe ande, não estão pensando no individual, não está pensando em se destacar ali no jogo, eles querem que a gente se destaque e faça o melhor jogo independente se a gente perder ou não. E aí eu tenho certeza de que aquela ação foi uma ação totalmente autônoma, de iniciativa onde a gente sentiu necessidade e falou: não, não está uma pessoa importante aqui mas a gente pode ocupar, não ocupar, mas a gente pode fazer este papel também. E aí eu senti esta autonomia minha e do P. em falar: não vamos lá! Esta iniciativa nossa e a responsabilidade de ter aquelas 10 pessoas na mão e dizer: galera é isto, isto e isto e vamos lá! E deu certo, o grupo se sentiu bem, voltou para quadra todo empolgado, todo feliz, perdemos, ganhamos o set depois dessa conversa, foi 3 sets a 1, foi contra um time bom, do interior, Jundiaí, foi um bom jogo!

P- Você falou também desta união do grupo. Você acha que o voleibol teve alguma coisa a ver com esta união? Você acha que se este grupo se reunisse de uma outra forma, por exemplo, alunos de uma mesma sala de aula, se formaria um grupo assim unido?

J 2- Eu acredito que isso tem muito, a pessoa que aplica tudo aquilo, e a intenção da pessoa que aplica tudo aquilo. Então teve a pessoa que foi você, que teve o papel de mediador principal, aí, uma pessoa que a gente se espelhava e todas as suas experiências, toda a sua bagagem contribuiu para isso também e as suas intenções para aquele grupo, pelo menos o que parecia era esta, de que vamos formar este grupo, vamos fazer com que este grupo fique coeso, vamos fazer com que este grupo, com que as pessoas, a sociedade tire esta visão de que, você usava a frase de que nós não éramos os coitadinhos da favela, os coitadinhos de Heliópolis, e as estratégias que você utilizava fizeram com que este grupo ficasse unido, as estratégias fez com que nós nos sentíssemos responsáveis por aquilo, não era o L. era o responsável pelo time, o L. era o responsável pela nossa derrota, o L. era o responsável pela nossa vitória, era o time, então a gente

se sentia cúmplices, a gente se sentia responsáveis, a gente se sentia donos daquilo, a gente se sentia: cara, isto é nosso, então a gente tem que fazer alguma coisa! E aí tem outra coisa, como é que é: toda ação gera reação, né? Era isso que eu penso que tinha, quando a gente via que tinha uma pessoa que não tava respeitando muito o grupo, ou então não estava se adequando legal ao grupo, a gente não fazia com que aquele menino: não, sai fora! Vamos ver porque você não está se adequando, porque você não está feliz com o grupo, vamos pensar nisto junto. Então acho que as estratégias, a intenção e a pessoa que estava com a gente contribuiu muito para isso, para que a gente fosse este grupo forte e coeso até hoje. E aí, este grupo ficou tão forte, tão unido, e aí a gente vê que a gente era dono daquilo ali, e você foi o mediador, hoje você não está mais lá com a gente mas o grupo ainda está forte e unido. Se a gente marca uma reunião, está todo mundo, porque aquilo foi muito significativo para a gente, aquilo foi importante, era relevante, a gente se sentia bem, não era uma coisa, eu vou lá, vou bater uma bola e vou vir embora. Não, eu vou lá, vou bater uma bola, vou aprender além do esporte, vou ter outras funções, vou ter minhas responsabilidades, vou ter meus direitos e meus deveres, enfim, muito mais coisas envolvidas e isso é até hoje, parece que é uma empresa, cada um sabe qual é a sua função dentro do grupo assim, eu vejo a função do Devanir, a função do Devanir é quando a gente está lá embaixo o moleque vai lá e levanta a gente! Falando as besteiras dele. Eu vejo quando o grupo se sente fraco, tem o Silas, da maneira dele: não! Tem que ser diferente! Aí anima, né? Então eu vejo que é uma empresa, cada um tem sua função, e utiliza bem delas, é legal.

P- J 2, você falou dessa relação de mediador minha. Como você acha que foi esta relação? O que você acha que foi legal, o que não foi, o que faltou, o que foi em excesso?

J 2- Primeiro eu acho que foi importantíssimo para o nosso processo de aprendizagem. Importantíssimo a gente ter uma referência, uma referência positiva, experiente e com bagagens. E aí, o que eu vejo da sua postura e que você poderia ter entrado lá de qualquer maneira, com a postura que você quisesse entrar, e querer impor o que você acreditava e o que você pensa. Mas você foi, e acredito que é o certo, foi totalmente o oposto, você se preocupou em conhecer aquele grupo, você se preocupou em conhecer o âmbito em que você estava inserido, aquela comunidade que não era da sua realidade, não sei se você conhecia ou não, se preocupou em conhecer qual era o publico que você ia atender, a aí, partindo daí você começou a trabalhar, a colocar suas estratégias, e não colocar suas estratégias, construir conosco as suas estratégias. Que eu acho

mais rico disso tudo. E não simplesmente falando: ó galera, faz isso e isso. Galera, tem isso que você podem fazer e tem isso também. Vejam o que vocês acham melhor! Ou então, na grande maioria das vezes é: Como vocês vão fazer isto? E aí eu acho que era um dos momentos mais ricos que a gente tinha! Olha galera, a gente tem isto daqui, o que podemos fazer? Vamos imaginar, tem este problema, vocês estão perdendo todos os jogos, o que vocês podem fazer? E não falava: ó galera, vocês estão perdendo todos os jogos então vocês vão fazer isto, isto e isto. Que é o que a gente estava acostumado, a gente estava acostumado com isto desde a escola. A gente pegar o nosso livro e procurar na história quem descobriu o Brasil, tem lá a resposta e copia e cola, né? E foi diferente. Eu lembro no começo eu fui resistente pra caramba contigo, eu olhava e falava: puta que pariu, aquele japonês vai descer de novo aqui.

P- Por quê? Você lembra por quê dessa resistência?

J 2- Eu achava que era isso. Eu achava que você ia impor alguma coisa que a gente não queria, né? Putz, este cara vem lá de Campinas, não conhece Heliópolis e ainda quando desce vem chamar a gente de moçada!!! Aí que é pior, né. Acho que é por isso que eu tive um bloqueio, e eu acho que é o medo do novo, né, eu vi, no primeiro momento que você já trouxe algo novo, e aquilo não era algo que eu vivia, que eu convivia, que eu conhecia, e aí eu falei: não, não, não quero isto para mim!

P- Você poderia me falar uma lista de características que um Professor tem que ter para um projeto social?

J 2- Eu agora estou tentando,agora com esta nova função, porque agora eu também faço parte disso, também tenho que me preocupar com esta relação. Eu sinto que o Professor tem que se preocupar com o aluno. Ele tem que se preocupar se o aluno esta bem, feliz, contente, se ele está gostando da sua aula ou não, tem que dar esta abertura para o aluno falar: putz, Professor, hoje eu não estou gostando da sua aula, ela está chata pra caramba! Tem que dar esta abertura. Na escola eu nunca vou falar para o Professor : “Ô Professor, está uma merda esta aula!” Porque não existia esta abertura. Acho que é um dos critérios dessa relação Professor/aluno. A gente dá abertura para os alunos te criticarem, avaliarem. Tem a questão da amizade, de você conhecer seu aluno,

se preocupar com ele, e eu acho que quando a gente conhece realmente o aluno, sua realidade, quando a gente dá a oportunidade para ele falar simplesmente da vida dele, eu vejo que o aluno se sente confiante, o aluno fala: caramba, nele eu posso confiar! Ele não é um estranho! Acho que é isto: a gente não pode ser um estranho para o aluno! A gente tem que ser amigo entre aspas, porque se a gente for amigo demais pode atrapalhar, pode confundir, acho que é o amigo de se conhecer de se preocupar. Acho que são estes, são os que eu me preocupo enquanto Professor, hoje. Me preocupo em conhecer e eu, quanto mais eu conheço eu vejo na hora quando um aluno não está bem, eu vejo quando um moleque lá chega de cabeça baixa, ou então quando um aluno é muito ativo e na aula ele não está...ah, aconteceu alguma coisa!!! Aí tem até um exemplo, né, do projeto, eu não procurei para conhecer este aluno, não procurei porque ele me dava muito trabalho, o moleque era um monstro, um capeta, e aí, todas as aulas eu tinha problema com ele, eu tinha um problema sério com ele. Tudo bem que a gente não pode pode remeter só a isso. Então eu falei: tenho que conhecer este menino! Ele não pode ser assim, ele só tem 11 anos, e tem estas características de gente... e lá vai eu conhecer um pouco da história dele, saber quem ele é, aí eu descobri que ele é filho adotivo, e que a mãe adotiva não se importa muito, pelo menos é o que ele diz, é um desejo meu ir na casa do aluno, perguntar, conhecer um pouquinho mais, e aí ele traz esta revolta dele, lá da casa para a aula e acaba prejudicando o grupo e ele mesmo. aí eu procurei conhecer e ele se sentiu muito melhor, hoje ele conversa comigo, não dá mais os problemas que ele dava na aula, os problemas de agressão física e verbal que ele tinha, e hoje ele acha que eu sou amigo dele e que ele pode confiar. Sabe que quando ele chegar lá no núcleo eu vou estar lá e eu vou escutá-lo. E eu fico contente por isso.

P- Além dos valores que você falou sobre ser mais reflexivo, mais autônomo, você acha que existe mais alguma coisa que se reflete em sua vida, alguma coisa que foi influência daquele momento?

J 2- É, o que eu falei foram os que mais se desenvolveram, os que eu tinha e que foram se desenvolvendo com os jogos, mas eu nem sei se é conveniente, mas eu fico imaginando, teve as duas vitórias lá, né? Não que eu não tenha aprendido nada com elas, mas que eu vi o quanto elas só foram vitórias, sabe, ganhamos! E aí o grupo ficou feliz, eu cheguei em casa pela primeira vez e falei: mãe, ganhei! Putz, até que enfim, meu! Ganhamos assim, só. Aí eu não consigo

compreender, não, não consigo diferenciar, sabe, porque que nas derrotas eu tive tudo isto de aprendizado, todos estes valores adquiridos e na vitória eu só tive a vitória. Tem que parar para refletir, não sei se é só comigo, se acontece com os outros, mas para mim foram só vitórias, é engraçado pensar assim.

P- Só mais uma pergunta: se alguém chegasse para você e dissesse: ah, Vinícius, você sempre viveu numa comunidade periférica, tem uma larga experiência em projeto social com esporte, qual conselho você daria para alguém que estivesse montando um projeto social através do esporte?

J 2- Qual conselho? Penso que o primeiro é realmente conhecer o que é esporte educacional. Realmente entender que esporte eles estão falando.

P- Na sua compreensão o que é este esporte?

J 2- O esporte educacional?

P- O esporte educacional é este que deve ser colocado no projeto social, no seu entendimento?

J 2- (Afirma com gesto de cabeça.) Eu acho que é o esporte que eu pude viver, o esporte onde eu pude aprender com ele. Onde o esporte foi significativo para mim, foi uma estratégia significativa, e que daquela ferramenta significativa eu podia aprender uma série de outras coisas. Mas com aquela ferramenta, com aquele esporte. Seja lá que esporte for. Com aquele esporte eu aprender os valores, os conceitos, ao atitudinais, enfim, mas partir daquilo ali e não partir do que não é esporte educacional.

P- Me dá um exemplo. O que é preciso fazer para que o esporte seja educacional? Dá um exemplo desta história do conceitual, atitudinal, que você falou.

J 2- Primeiro eu penso que, aí pensando no atendimento, nos alunos já, eu penso que aquilo tem que ser novo, novo para aquela criança, aquela criança tem que descobrir aquilo, ela, partindo da descoberta ela tem que se sentir, não dona, tem que se sentir pertencente daquilo, pertencente daquilo que ela está descobrindo! Aí, partindo da gente, a gente tem que proporcionar tudo isso, que ela descubra , que ele goste, enfim, tem que mostrar para eles que dentro do esporte a gente pode aprender estes valores, que aí é relacionado aos atitudinais, pode ser muito bonitinho, mas dá para aprender que tem o trabalho em equipe, que tem união, que pode transferir tudo isso para a vida dele, que dentro daquele determinado esporte dá para transferir para a vida dele, que não fique só ali, que eu não vou respeitar meu amigo só dentro de quadra e quando eu sair lá fora eu vou mandar ele ir à merda, acho que é isso. Acho que a gente tem que fazer com que o aluno goste, o cara que for levar aquilo tem que realmente entender se é ou não esporte educacional, quais são as intenções daquele esporte educacional.

P- Com relação ao nível de voleibol, ou o nível do esporte, até onde a gente deve ensinar o esporte?

J 2- Eu acho que o aluno tem que aprender a jogar vôlei, tem que aprender, independente da modalidade, eu acho que o aluno tem que aprender a jogar. Eu não consigo identificar problemas quando a gente fala, desses novos autores aí, que dizem que não precisa aprender o esporte a fundo, porque se aprender a fundo o competitivo estraga e tem não sei o que do alto rendimento, e um monte de coisa. Eu não consigo acreditar nisso. Eu acredito sim que, eu sei jogar vôlei, sei jogar, mas que não tem problema ele jogar o voleibol bem, ele jogar com uma outra equipe, respeitar uma equipe adversária, fazendo seu próprio jogo, eu não consigo ver problema algum nisso, do aluno saber jogar bem o voleibol ou qualquer esporte. Eu sou muito à favor, eu acho que a gente tem que ensinar até onde ele quer aprender, e se ele não quer aprender mais: ó, eu tenho isso aqui, isso aqui, isso aqui... Se quiser, beleza, eu estou aqui para ensinar. E é o que eu tento fazer, eu faço com que meus alunos saibam jogar, todos eles sabem jogar, da maneira deles mas eles sabem jogar. Eu ai até falar, mas eu fico, não preocupado em falar, mas quando eu estou em reunião, ainda mais quando eu participei duas vezes do curso, daí eu tento não falar para que as outras pessoas falem, mas da resolução de problemas. Eu tenho um aluno que tem uns 12 anos. Ele é um toco, e eu gosto de fazer com que eles realizem com sucesso e então eu abaixo a rede,

estava dando uma aula de ataque, mas aí fazendo bloqueio, aí coloquei a rede baixinha e ele bloqueava, invadia a mão certinha. Falei: beleza, agora eu vou aumentar um pouquinho a rede. E aumentei. Ele passava isso assim (apenas os dedos) da rede, aí o que é que ele fez. Ele viu que não estava mais conseguindo fazer isso, não estava conseguindo pegar mais ninguém no bloqueio, e aí quando pegava explorava, enfim, aí ele ficava assim (gestos com os braços elevados característicos do bloqueio) e eu só observando. Fazia assim, assim (modificando postura de mãos e braços) e eu só olhando. Aí eu falei assim: "Estão todos conseguindo bloquear com esta rede? Não! Então eu vou dar um tempo para vocês conversarem , criem a estratégias de vocês. Como vocês vão bloquear. Não está saindo o bloqueio, tá, beleza, mas tentem fazer o bloqueio." E aí ele assim (mesmos gestos) em silêncio, aí ele ia perto da rede e saltava. Aí ele falou: "Professor você pode me ajudar? É claro! Ataca aqui!" Falei: "Beleza, eu vou atacar." Aí eu ataquei, eu ataquei cravado (para baixo) e ele subiu assim (com as mãos viradas para cima), bati , espalmou, um do time deles pegou a bola. Aí ele: "Ahhhhh!" Aí veio na cabeça dele, maior feliz: "Então eu tenho que subir assim, né Professor!" É se você acha que tem que subir assim no bloqueio, está beleza! Deu certo? Ah, deu, não foi ponto seu! Daí ele passou isto para o grupo inteiro. Então eu penso que é isto L., a gente tem que fazer gostar do esporte, fazer com que ele se sinta pertencente aquilo que você está levando, e ainda mais, a pessoa que está levando precisa conhecer aquele lugar, realmente conhecer aqueles alunos, não impor, fazer aquela coisa verticalizada assim, constrói lá com eles, deixa eles construírem, não fica numa reunião, numa cúpula, ó a gente vai decidir fazer isto e vamos levar. Não vai dar certo, porque ele não está lá. Vamos construir com quem está lá dentro, vamos fazer lá com quem realmente está lá as 8 horas por dia, e é quem está realmente conhecendo as dificuldades dos alunos, o que os alunos estão gostando ou não. Acho que é isto, a gente não pode ser prepotente e arrogante o suficiente de achar que o que eu vou construir lá naquela reunião é o certo e eu vou levar e vai dar certo. Se quiser construir na reuniãozinha, construam, mas tente absorver as informações das pessoas que estão lá e levam para a reunião.

Entrevista Jovem 3

P- Você nasceu aqui mesmo?

J 3- Nasci aqui.

P- Você sempre morou aqui nesta casa?

J 3- Sim, nesta casa.

P- E como é sua casa?

J 3- 7 cômodos.

P- Foram construindo?

J 3- Fomos construindo mesmo. Tinha só dois cômodos. 3 com o banheiro, telhado, pingueira atrás de pingueira, aqui do lado era barranco.

P- E como é formada a sua família?

J 3- São meu pais e minha mãe eu e meu irmão, só.

P- E nesta época de 2 cômodos como era?Dormia todos num quarto?

J 3- Isto, é. Tinha uma cama de casal para meu pai e minha mãe, e ai tinha uma bicama para eu e meu irmão. Minha prima chegou a morar aqui por um tempo e ela dormia na cozinha.

P-Como foi crescer aqui em Heliópolis?

J 3- Minha mãe sempre me deu muita liberdade, brincar aqui na frente, de divertir, mas sempre com certa cautela, porque era muito perigoso antigamente. Mas minha mãe sempre deixou brincar, meus amigos moravam aqui próximo, tudo mundo se interagia legal, os vizinhos.

P- Então você brincava na rua, por perto?

J 3- Sim.

P- E que tipo de brincadeira?

J 3- Polícia e ladrão, pega-pega, bolinha de gude, arreio, pipa, taco, tudo.

P- E a sua escola, como foram?

J 3- Então eu acho que eu não consegui lugar no prézinho, eu fiz numa escola particular. Foi lá que descobriram meu problema de dicção. A 1ª. série fiz em escola pública, no Demóstenes até a 4ª. Depois fui para o Gualter, escola pública, onde eu terminei meus estudos.

P- E o que você achou das escolas?

J 3- No Demóstenes, no tempo em que eu cheguei a estudar ela era boa, mas havia um probleminha, no intervalo, todo mundo junto, aí os grandes sempre queriam dar uma de bons nos pequenininhos, teve um campeonato, foi muito engraçado, aluno da 1ª jogando contra os da 4ª. Dava cada pau feio, porque 4ª série, repetente, tinha gente de até 15 anos. Tinha uma sala onde os repetentes ficavam todos juntos e os pequenos tinham medo deles.

P- E no Gualter, como foi?

J 3- No Gualter foi melhor. Era tudo dividido. Como o Gualter era uma referência, tinha muito conhecido lá.

P- Você tem alguma lembrança marcante de lá?

J 3- Uma Professora que era chata de mais, não tinha paciência com ninguém, muito ignorante. Você ia conversar com ela e ela só dava patada. Na segunda série, isto. Todo mundo ficava com medo. Já no Gualter, minhas lembranças foram as brincadeiras, a gente sempre pode interagir legal, lá!

P- Quais são as lembranças mais marcantes da época do voleibol?

J 3- Participar do campeonatos, poder ter a relação bem forte com os colegas, que até hoje... Alguns, que moravam bem perto daqui, a duas ruas, eu não tinha nenhum contato com eles. Os que moravam longe também. A gente ficava só nesta gleba e a outra parte de Heliópolis eu não conhecia. Aí foi legal, conhecer o pessoal lá de cima e atpe hoje estamos firmes aí.

P- O que te marcou mais com relação aos campeonatos?

J 3- Poder conhecer ligares diferentes e poder conhecer outro nível de pessoas, de voleibol, a possibilidade de sair daqui de dentro, a experiência de competir, disputar algo importante para mim, um desafio.

P- E aquela história de perder muitos jogos e ganhar poucos. Como você enxerga isto?

J 3- Eu vejo assim, não vou falar que eu não ficava decepcionado por perder quase todos os jogos, mas assim, eu tentava levar tipo como um desafio para a vida. Porque assim, a gente treinava, treinava e chegava na hora não dava certo. Porque será, ficava pensando. Chamava o pessoal para se esforçar cada vez mais mas não dava. Então eu procurava, tipo, depois de um certo tempo, a refletir a respeito da vida também, porque se a gente levar para nossa vida, realmente para nós há esta dificuldade, chegar a um certo nível, chegar onde você quer chegar, alcançar sua meta, seu objetivo, é realmente difícil. Tem vários obstáculos, várias dificuldades e isto ocorreu muito. Hoje eu procuro levar para minha vida pessoal, porque dificuldade eu vejo

direto e então eu fico procurando abraçar as oportunidades para chegar num objetivo maior que eu quero.

P- Dizem muito que, quem perde pode ficar frustrado e esta frustração é negativa. O que você acha disso?

J 3- Negativa eu acho que não é n. Lógico, frustração é uma coisa que você fica magoado, chateado, mas eu vejo assim, tudo que a gente faz a vida é assim, não adianta falar que você nunca vai ficar chateado, magoado, que você está mentindo, para alcançar um objetivo, um emprego, um trabalho, na escola, você vai ter que fazer sacrifícios, às vezes você não será recompensado por seus sacrifícios, muitas vezes você não vai conseguir alcançar, vai tomar várias patadas, vai ser prejudicado, outras pessoas vão querer te prejudicar, vão acontecer diversos obstáculos na vida. Se toda vez que você for tentar alcançar algo, e na sua frente tiver um pedra e você não conseguir retirar e voltar e ficar triste e não tentar passar dela nunca mais, você estará sendo muito fraco, você não vai poder alcançar nada na sua vida.

P- Então você acha que o esporte te ajudou a...

J 3- Não tenho dúvida disto. Nós tínhamos perseverança. Quando nós perdíamos, nós falávamos: "Não vamos desistir, vamos tentar mais uma vez, até uma hora conseguir!" Assim tem que ser na vida também. A gente vê dificuldade direto. Se toda vez que ver dificuldade não conseguir passar e voltar não vai adiantar em nada. Eu acho que o voleibol, ou qualquer esporte pode ajudar a refletir sobre isso.

P- E esse foi um ensinamento que hoje você utiliza em sua vida?

J 3- Procuro usar. Por exemplo, no trabalho, eu estou em determinado trabalho mas eu sei que eu não quero isso, vou procurar sempre algo mais, eu sei que vou ter muita dificuldade, o mercado de trabalho é muito concorrido, escola, faculdade é muito concorrido, os obstáculos serão tanto financeiros quanto social, não sei, mas se eu me acomodar e parar eu não vou alcançar o que eu

quero. Então vamos sempre enfrentando as dificuldades, abraçando as oportunidades, para alcançar algo maior.

P- Você acha que esta coisa de você fazer os cursos, de procurar se formar, você acha que tem a ver com esta formação de persistência?

J 3- Acredito que sim, porque eu me lembro que até eu ter esta experiência com o voleibol, com o esporte, eu não fazia mais nada, não me incomodava com nada, pensava em ter um trabalho, está bom, não me preocupava com o que eu queria com minha vida profissionalmente, um sonho, quase nada. Acredito que com o voleibol, começar a ter esta experiência de disputar, de querer ganhar algo, muitas derrotas, esta perseverança de tentar conseguir algo novo, chegar no nosso objetivo, ajudou muito. Porque eu vejo assim, as oportunidades estão aparecendo, talvez sempre apareceram, mas eu não conseguia ver realmente estas oportunidades. Agora, quando aparece uma oportunidade, eu analiso, vejo realmente se vai ser benéfico para mim, eu procuro abraçar da melhor forma possível.

P- Você falou de sonho. Você chegou a sonhar a ser jogador de voleibol da seleção?

J 3- Sem dúvida!

P- E você acha que você vai conseguir concretizar este sonho?

J 3- Não.

P- O fato de você ter sonhado com isto e não ter realizado traz algo negativo para você? Ou positivo? Seria melhor não ter sonhado?

J 3- Não, eu acredito que na vida, se você tiver um sonho, você vai querer alcançar de qualquer jeito, não? Mas ao não alcançá-lo, com as outras pessoas eu não sei, mas comigo, eu não fiquei triste. Eu sei que é um sonho, não impossível, mas um sonho extremamente difícil, mas eu sei que não poderia ter desistido. Mas das conseqüências que foram acontecendo eu comecei a

desviar meu sonho, talvez aquele poderia ser meio supérfluo. Procurei imaginar um sonho mais próximo da minha realidade, um sonho que talvez seria significante para mim, algo com a minha cara, meu estilo, uma perspectiva melhor.

P- Você falou que o esporte te ajudou a aprender a persistência. Você teria outros aprendizados que o esporte te ajudou?

J 3- Acho que acreditar cada vez mais nas pessoas que estão do meu lado, procurar apoiar cada vez mais. Acho que sozinho você não vai conseguir nada, sempre vai ter alguém para te ajudar, você precisa de alguém, de uma orientação, um amigo.

P- O que você acha que deve haver em um projeto social com esporte?

J 3- Primeiro as pessoas que acreditem no seu projeto. Um objetivo que vá atender realmente a comunidade, não somente seus objetivos financeiros. Atender as necessidades da comunidade no esporte. Não fazer só o esporte pelo esporte.

P- O que é o esporte pelo esporte?

J 3- Ah, botar a criançada para ficar batendo bola, sem nenhum objetivo concreto, assim, para o futuro, sem que ele compreenda o que vai ser benéfico para ele futuramente, botar lá uma quadrinha, um pessoal para ficar jogando, e aí vai, só para ocupar o tempo que eles têm fora da escola.

P- Então como você acha que tem que ser o esporte no projeto social?

J 3- Ah, tem que haver, tipo, a explicação, tem que explicar para eles que aquilo não é só para o esporte, eles podem levar para a vida deles, eles conseguirem assimilar cada coisa que eles fazem lá dentro como um meio de aprender na escola, na família, para os amigos.

P- Você falou das pessoas do projeto, que elas precisam acreditar?

J 3- Acreditar no projeto que estão desenvolvendo, as pessoas que estão lá dentro, tanto, conseguir atingir a importância para as pessoas fora da comunidade, porque se não for realmente importante, não vai atender.

P- E o Professor que ensina o esporte? Como você acha que ele deve ser? Quais as características que ele deve reunir?

J 3- Tem que ser perseverante, ser calmo, às vezes rígido em algumas situações, ser objetivo naquilo que ele quer, tem que tomar muito cuidado com o que vai falar, ser compreensivo com os alunos, procurar interpretar bem o que ele está passando.

P- Você está fazendo faculdade de logística?

J 3- Sim.

P- Você conseguiu bolsa integral?

J 3- Ainda não, mas eu estou lutando para conseguir.

P- Você conseguiu alguma bolsa?

J 3- 6 meses de 50%. Vou pagar R$ 250,00 por mês.

P- Você acha que esta procura por faculdade tem alguma coisa a ver com o que você vivenciou no voleibol?

J 3- Tem, tem sim, sem dúvida. Acredito que a vivência do voleibol ajudou muito nesta coisa da persistência de algo para sua vida. Um objetivo que você queira alcançar. Eu por exemplo, poderia estar somente querendo trabalhar. Onde eu estou agora, na minha firma, estaria tudo bem, se eu não tivesse esta vivência, estaria tudo bem, não faria mais nada. Mas esta vivência de tentar

alcançar seus objetivos, se realizar, ajudou muito, agora eu posso pensar em fazer algo que seja realmente benéfico ou significante quando eu estiver mais velho.

P- Você lembra da história do coitadinho da favela? Você acha que este era um sentimento que existia em Heliópolis e no grupo?

J 3- Acho que ainda existe. Acho que é ser cômodo, que alguém ajude também, é aquela pessoa que não pode alcançar seus objetivos, a pessoa que quer só receber, não acredita em si mesmo, que pode alcançar algo, vive naquela vida monótona.

P- Porque você acha que existe este sentimento?

J 3- Acho que muitas vezes as pessoas, pelos pais muitas vezes terem vindo, são nordestinos, e eles terem se fechado aqui na favela, uma cidade realmente, ficou um local muito fechado, onde as vivências eram somente da minha casa para a casa de um amigo, não saía deste mundinho, acabaram tendo uma, ficou cômodo, achando que este era o mundo deles e que não podiam alcançar mais nada. Os pais conseguiam um trabalho e a exigência deles para os filhos é um trabalho, não tinham a experiência de uma faculdade, de algo mais. Então a pressão deles e que eles tivessem um trabalho só. E os amigos também não conhecem o mundo de fora, só o trabalho só. E o que vinha de fora eles não reconheciam, e muitas vezes, só com ajuda mesmo, do pessoal de fora, mostrasse para eles: " toma isto para vocês!" E como as histórias de comprar votos. Para eles é sempre bom receber, mas eu não vou correr atrás. Não quero algo que seja cansativo, muitas vezes, não vou me esforçar, eu sei que pode vir, vai vir sempre alguém para nos ajudar.

P- E na equipe? Você acha que existia mesmo este olhar de coitadinho da favela das outras equipes para a nossa?

J 3- Sim, aquela esnobação, zombando, não? Até porque Heliópolis, bando de favelado! Eles julgam sem cultura, sem nada, não tem trabalho, ficam jogados na rua, eles ficam julgando. Aqueles meninos, aqueles coitados que tiveram a oportunidade de entrar no campeonato, se divertir, tentar algo mas que não tem a sabedoria suficiente para disputar...

P- E nas pessoas da nossa equipe, existiu este sentimento?

J 3- Acho que sim, às vezes, com todo mundo. Aquele sentimento de: “nossa, nós estamos aqui, a gente se mata, ah, deixa montar mesmo, nós não conseguimos nada mesmo.” Com certeza veio este sentimento. O pessoal se esforçava e um ou dois falavam: “ah, deixa pra lá, nós não vamos ganhar mesmo!” na hora de se dedicar realmente, dava para trás, não se esforçava realmente, dava aquela acomodada, quando poderia se sobressair o time ia lá e apagava, dava aquela moleza,

P- Você acha que este sentimento foi mudado com o decorrer do tempo?

J 3- Eu acredito que sim.

P- O coitadinho da favela foi morrendo?

J 3- Foi morrendo mas não chegou a morrer! O pessoal não chegou a ver que poderia ser superior, poderia superar o que todos achavam deles, Sobressair sobre esta característica que julgavam eles.

P- E para as outras equipes. A imagem foi mudada?

J 3- Acho que não. Mudava muitas vezes quando o time conseguia se sobressair, conseguia mostrar que estava lá para jogar. Um exemplo foi o jogo contra Jundiaí, o time começou a ficar com medo, o nosso começou a se sobressair, passar deles, jogar muito bem, daí não começaram as risadinhas, começaram a perceber, ficaram assustados, um pouco.

P- E quando você percebia isto, tinha algum sentimento?

J 3- Eu me sentia com poder, com superioridade. Do tipo sou melhor que você, não querendo esnobar, mas eu posso ser melhor que vocês aqui.Acho que foi isto em alguns momentos, de se sobressair, de mostrar que podemos ser melhor que vocês.

P- E com relação à arbitragem e a monitoria, quais são suas lembranças?

J 3- Com aquele jeito de árbitro amigo, a gente podia visualizar melhor as dificuldades que cada um tinha. Poder conversar mais com ela, auxiliar nas dificuldades que elas tinham, ter aquele contato mais pessoal.

P- Você tem alguma informação ao projeto atualmente?

J 3- Eu ainda não fui lá.

P- Você parou faz quanto tempo?

J 3- Desde o ano passado eu não coloco meus pés lá! Mas os contatos que eu tenho, eu chego a perguntar e o pessoal fala, desculpa mas: " Ah, está uma merda! Não tem mais voleibol, o pessoal não ensina direito!" estão trabalhando diversas modalidades que poderiam ser bem aplicadas, mas eu não sei como está lá, não posso julgar muito, eles falam que está muito ruim, que os outros monitores mais novos não estão conseguindo lidar com os alunos, não têm paciência. Então estão em crise, foi o que falaram.

P- Mais alguma lembrança significativa?

J 3- Com relação ao time, nós fechamos um grupo muito legal, até mesmo depois do treino nós nos reuníamos, a gente conversava fora tanto de voleibol como de diversos assuntos, a gente tinha aquele laço de amizade. Na hora da dificuldade procurar saber, montar uma estratégia para sobressair da dificuldade. Acho que este laço de amizade que acabou ficando, de conversar, durou muito tempo. No outro dia a gente se reunia para conversar, discutir sobre voleibol, acho que este é um ponto legal.

P- Você acha que este grupo se juntou ao acaso ou você acha que em qualquer grupo é possível tentar formar também. Por exemplo, você acha que é possível, numa nova geração, montar estratégias para que um grupo com este laço de amizade se crie?

J 3- Sem dúvida! Em qualquer lugar, dependendo de como é administrado, dependendo de como é propiciado, os eventos, os meios de ensinamentos, deles se interarem juntos, acho que sempre pode haver isto, é até bom, vai formando uma amizade legal, conversando sobre outros assuntos, não fica só guardando só para ele, ali ele pode conversar, desabafar muitas vezes as dificuldades com familiares.

P- Que ação você acha que a gente poderia propiciar para a formação deste vínculo de amizade?

J 3- Propor alguns desafios para eles, por ali, tanto no treinamento quanto fora eles podem estar se reunindo para conversar mais a respeito disso e aí rolar uma certa amizade.

Entrevista Jovem 4

P- Com quantos anos você está?

J 4- Eu estou com recém 20 anos.

P- Com é constituída sua família?

J 4- Eu moro com minha mãe, minha esposa e minha filha. Meus pais são separados, eles são separados desde que eu tinha 5 anos, mas eu mantenho contato normal com meu pai, meu pai é praticamente meu visinho, ele mora poucas casas da minha.

P- Você nasceu aqui em Heliópolis?

J 4- Na verdade eu nasci em São Caetano, só que minha família é daqui do Heliópolis, mesmo.

P- Você veio para Heliópolis com quantos anos?

J 4- Não, eu nasci em São Caetano e meus avós já tinham uma casa aqui. Cresci aqui mesmo.

P- O que você tem de lembrança mais significativa de crescer em Heliópolis? Quais suas lembranças mais marcantes?

J 4- Eu não era muito de brincar na rua, que como eu sou filho único, então, quando você é filho único você acaba ficando reservado para você mesmo. Então não era muito de sair na rua, até uns 7,8 anos, aí depois de uns 8 anos eu fui começando a conhecer umas pessoas, mas eu acredito que esta minha infância de ser um pouquino preso dentro de casa, não tenha influenciado nas minhas características, eu não sou uma pessoa reservada, que tem vergonha, não sou uma pessoa pouco comunicativa, acredito que sou totalmente ao contrário disto, até escrachado até de mais.

P- Mas você ficava dentro de casa por algum motivo?

J 4- Na verdade era assim, quando minha mãe trabalhava, meu pai cuidava de mim, quando meu pai trabalhava, minha mãe cuidava de mim. Quando eles se separaram, minha mãe foi trabalhar para poder me sustentar, meu pai também trabalhava, então eu ficava com minha avó. Então, onde minha avó mora, não tinha tantas crianças, acho que foi um pouquinho disso daí. Não fui criado num ambiente onde tinha muitas crianças. Eu fui criado muito com adultos, até por isso que eu tive este amadurecimento muito rápido.

P- Com relação à violência, sua infância foi marcada com alguma influência?

J 4- Eu tive influências familiares. A família do meu pai, teve 3 familiares do meu pai que eles morreram a tiro. Para falar a verdade, eu tinha tudo para estar numa influência negativa, mas eu acho que a educação que meus pais me deram foi enorme para que eu não entrasse nesta área. Eu tenho conhecidos que são do movimento (tráfico), tenho conhecidos que também não são, mas graças à Deus que eu não sou desta área.

P- Esta educação dos teus pais, como era, me dê um exemplo?

J 4- Bem, na verdade, eu acho que não era feita, ela era mostrada, porque estas 3 pessoas eram muito próximas de mim e elas morreram. E eu acho que quando eu vi que estas 3 pessoas não estavam mais aqui, porque que elas morreram, caiu um pouco a ficha, tipo, agora eu sei que entrar nesta área, ou você vai preso ou você morre. Então, meus pais... Meu pai é evangélico e ele sempre conversava comigo, sobre isso, minha mãe também falava sobre isso, sempre dava estes exemplos para mim, além de tios e primos eu também tive amigos que também foram mortos por causa disso. Então eu acho que eu tive várias lições.

P- E sua escola, como foi?

J 4- Na verdade, do prézinho e do 1º ano eu não tenho muitas lembranças. Tenho bem poucas, não sei porque, vai ver eu bati a cabeça e esqueci. Mas da 2ª série em diante eu tenho bastante lembranças. Não era um dos melhores ensinos, para falar a verdade eu entrei no prézinho já sabendo ler e escrever porque minha mãe me influenciou muito a isto. Então quando eu tinha 6, 7 anos eu já sabia ler e escrever. Acredito que eu poderia ser até uma pessoa melhor se não fosse pelas escolas. Isto daí só veio cair a ficha quando eu terminei o 3º ano. Que eu entrei numa faculdade e olhei como era mesmo. Não que a faculdade seja das melhores, mas eu, durante todo o período escolar foi em escola pública, não foi dos melhores ensinos, não era das melhores escolas da região.

P- E os seus Professores? Tem algum que marcou ? Positivamente, negativamente?

J 4- Quando eu estava na 6ª série eu tive uma Professora de matemática que foi Professora da minha mãe, que eu acho que foi uma das melhores Professoras que eu já tive na vida. Ela tinha um método de ensino muito diferente dos outros, não era só tome cálculo na lousa, tome cálculo na lousa, não, ela ensinava de um jeito diferente, ela foi uma das Professoras mais marcantes que eu tive, positivamente. Negativamente teve um Professor do 3º ano, de geografia, que teve até um dia que ele simplesmente entrou na sala, escolheu uma menina para passar a lição na lousa, deu o livro para ela, se vai passar isso, isso e isso, sentou na mesa dele, abaixou a cabeça e dormiu. Acho que este foi o mais marcante. Ah, e é lógico o Professor da faculdade que falou que a Aids

só pega através da relação sexual, e a gente sabe que não é isto, através da relação, da transfusão de sangue, ...acho que negativamente foram os dois Professor, porque
incrível um Professor de faculdade falar isto daí.

P- Você tem mais alguma lembrança de sua infância que você queira registrar?

J 4- Vale quando eu caí do muro e levei 7 pontos? Eu estava jogando bola, fui buscar a bola, subi em cima do muro, fui querer andar em cima do muro e caí e levei 7 pontos no queixo.

P- E este tipo de coisas, subir muro, andar em cima do muro, são coisas normais?

J 4-- Normal, por mais que eu ficasse sozinho, eu subia no muro sozinho, mas depois de um certo tempo acabou sendo normal, brincar de esconde-esconde, isto é normal.

P- Bom, daqui para frente vamos abordar mais especificamente o voleibol, desde a época que vocês iniciaram no esporte até o final das atividades. Do período do grupo de treinamento que a gente montou, quais são as lembranças mais significativas?

J 4- Eu acho que a mais marcante que a gente teve foi a nossa vitória no pré-olímpico. Eu acho que esta foi a mais marcante, acho que todo mundo lembra dos mínimos detalhes do jogo, dos mínimos detalhes da nossa comemoração.

P- O que significou esta vitória para vocês?

J 4- Olha, depois de muita derrota que a gente teve, acho que significou uma superação, significou que não é só porque a gente é o time de Heliópolis, que sinceramente era assim que a gente era visto entre os outros times, " É, o time de Heliópolis deve ser facinho!" Por a gente ser de Heliópolis mostrou uma lição para gente mesmo, foi uma superação incrível que a gente teve, enquanto os outros grupos, as outras equipes tinham até 5 treinamentos por semana, a gente tinha 2, e poucos horários, então, mostrou uma superação, uma força de vontade de estar ganhando,

mostrou que o grupo estava bastante unido, o grupo já era unido e focou mais unido ainda depois dessa nossa vitória.

P- Você falou sobre esta imagem que os outros times tinham sobre o time da favela. Eu me lembro que a gente falava bastante sobre a história do coitadinho da favela. Você acha que existia mesmo este sentimento entre vocês ? Chegou a existir mesmo este sentimento de " Ah, a gente é mesmo o coitadinho da favela!"?

J 4- Bem, acredito que foram em poucos casos que a gente teve esta recaída, acredito que com a recaída da pessoa ela fala "ah, a gente é coitadinho mesmo!" . Acredito que teve casos deste tipo sim dentro do time, não posso dizer quantos ou quando, mas teve estes momentos.

P- E você acha que esta série de jogos, mesmo com todas as derrotas ajydaram a mudar esta história ou a reforçar esta história?

J 4- Eu acho que foi uma quebra desta história. Eu acho que a coisa mais importante, fazendo um resumo destas duas temporadas no pré-olímpico, foram as nossas derrotas. Eu aço que a gente cresceu muito mais com as derrotas do que com as vitórias, as nossas 2 vitórias. Que foram aceitas muito bem, mostrou nossa superação, só que a gente cresceu demais, a gente crescia muito por causa das nossas derrotas.

P- O que a derrota trazia para vocês?

J 4- Para mim, particularmente, ela trazia uma nova chance, a partir do momento que eu perdia, eu falava, bem tem mais outro jogo, vamos tentar se superar, a gente sabia das nossas deficiências, sabia que a gente estava há um ano jogando, sendo que a gente veio, entre aspas, uma escolinha, então a gente sabia das nossas deficiências, eu sabia das minhas.

P- Vocês jogaram este campeonato durante dois anos. Você falou que começou na escolinha e foi continuando. Como você vê esta continuidade?

J 4- Foi importante, porque o que acontecia dentro de quadra, pelo menos para mim, eu costumava levar para fora. Então, por mais que tinha esta transição de escolinha para time, também acontecem estas nossas transições por exemplo de estudante para uma pessoa que agora está trabalhando. Para mim foi super importante porque foi uma maneira de dizer, de mostrar para a gente que por mais que a gente viva dentro de uma associação, que ela tem esta visão negativa, " é favelado é coitado, vamos dar coisas de graça para eles, porque eles não têm capacidade", acredito que a gente conseguiu mostrar que a gente tinha capacidade. Acredito que esta transição foi para nos mostrar de que era possível ter um time dentro de Heliópolis. Que eu me lembro até que você tinha falado assim que, não, eu tinha falado que a gente era o melhor time de Heliópolis, e aí você falou, " é mais, vocês são o único time de Heliópolis!" É interessante ter esta visão, acredito que foi uma das nossas oportunidades através desta transição. O primeiro time de Heliópolis que foi disputar um campeonato fora.

P- Você reconhece algum comportamento, alguma influência que você aprendeu e que você apresenta hoje em dia?

J 4- Bem, eu aprendi uma coisa que hoje em dia eu venho trabalhando bastante, tudo bem que na época eu não era acostumado com esta coisa, né? Porque na época eu era muito chato jogando, eu xingava todo mundo, eu não tinha tranqüilidade dentro da quadra. E este 2 anos de competição me mostrou que a gente precisa ter uma tranqüilidade tanto dentro da quadra como na nossa vida. Por exemplo, quando uma criança, no caso a minha filha está chorando bastante e a gente não sabe o que vai fazer, é, acredito que se eu não tivesse esta tranqüilidade hoje em dia, eu no mínimo estaria batendo nela, fazendo ela gritar mais ainda, mas eu procuro ter uma visão de jogo melhor, ou seja, uma situação da vida melhor. Tanto com um problema básico de uma criança chorando como um problema maior que é o desemprego: " calma aí, estou desempregado, mas vamos por o pé no chão, deixa eu ver o que está acontecendo, calma aí, eu não posso fazer dívida porque eu estou desempregado, eu não vou poder pagar." Então eu acredito que tanto esta visão de jogo :" o cara está atacando uma ali, outra aqui, ou o cara só está atacando na diagonal, na diagonal...", tanto esta visão de jogo como esta visão da situação, para mim foi muito bem contemplada na minha vida. E a tranqüilidade também, acho que a tranqüilidade é essencial,

principalmente a gente que mora aqui, é barulho para todo lado, se não tiver uma tranqüilidade é capaz de fazer qualquer coisa a qualquer hora e pode ser uma coisa muito feia, né?

P- Como é que você enxergou esta relação da empresa, da ong e o serviço que foi prestado? O que você achou?

J 4- Para gente foi importante, porque a U.(associação do bairro) cedeu o espaço, o pessoal do R.(empresa patrocinadora) cedeu o material, por mais que sejam poucos eles cediam, e o I. (ONG responsável pelas aulas) davam os técnicos, os treinadores, a estrutura de jogo, isto dentro de quadra. Já nos bastidores, é aquele negócio, você não vai comer no restaurante depois que você vai conhecer a cozinha dele. Havia sempre o confronto entra a U. e o I. por uma coisa besta que era a luta de poder, para saber quem é que estava mandando no espaço, quem é que quem, o I. se dava ao luxo de se nomear no espaço porque lá é eles que reformaram, eles que construíram, e o pessoal na U. também tinham esta imagem, pô, calma aí, esta quadra é da comunidade, não é de vocês. Então tinha sempre esta luta, esta luta entre os poderes. E já, para patrocínio do R. para ser sincero não foi de mínima importância, para mim a única coisa que eles deram foi no começo, foram as bolas que eu nem sei se eram deles, imaginava que eram deles só porque tinha o nome deles na bola. Mas algo assim a mais, eu não sei o que o pessoal do R. deram.

P- Quais são as coisas importantes que devem ter em um projeto social através do esporte?

J 4- Transparência entre o pessoal da coordenação, os Professores e os alunos. Acho que é o principal. Acho que tudo o que estiver acontecendo estar entrando numa discussão para buscar algo positivo para todo mundo, não só uma coisa:" Pô, vai ficar bonitinho no papel, então a gente passa para as crianças, o que eles vão aprender ? Ah, não sei, mas está bonito, deixa no papel!" Aí quando alguém vier aqui fala: "Ó, a gente está ensinando isso, isso e isso!" E o pessoal vai pensar,:" Pô, que coisa linda, maravilhosa!", mas só está no papel.

P- Você acha que este tipo de situação aconteceu com sua turma?

J 4- Em alguns momentos sim, poucos, mas aconteceram. E deixava a gente muito “p” da vida. A gente já veio de um ensinamento meio crítico, e então, quando a gente ia criticar tanto a metodologia como o método de ensino, tanto as atitudes dos Professores, eles acabavam não aceitando. Não seria não aceitando, mas sei lá, não ouvindo. Eles chegavam a ouvir só que entrava por um saia pelo outro, sempre davam uma desculpa para a gente. E a gente criticava a metodologia deles, então eles iam com termos técnicos, então a gente com 15, 16 anos, não vai entender termo técnico, por isso que a gente sempre perdia na discussão.

P- Porque você achava que existia esta falta de transparência? Escrever no papel uma coisa e fazer outra.

J 4- Porque eu acho que o projeto começou a ficar famoso. Aí a fama subiu para a cabeça e resolveram fazer tudo de qualquer jeito, para dizer que está tudo bonitinho, “ah, estamos fazendo um projeto para os faveladinhos lá! Ai que bonitinho! “ É isso, o sucesso subiu a cabeça.

P- Você sabe como está o projeto atualmente? Você tem idéia de como estão os jovens de hoje?

J 4- Hoje eu não sei, depois que eu saí eu fiquei mais um meio ano entre aspas, técnico, eu fiquei à frente de uma equipe lá dentro. E já existia esta falta de transparência entre a equipe de treinamento e a coordenação e tudo mais. Pelo que eu escuto atualmente, acredito que a transparência está pior ainda. Estão maquiando cada vez mais, eles estão, acho que eles acabaram perdendo o foco, acho que eles estão comer mais do que devem.

P- Você acha que tem alguma coisa que você vivenciou e que os jovens de hoje não estão vivenciando?

J 4- O voleibol! Porque hoje em dia parece que não é mais o voleibol, né? Ou é também o voleibol. E quando a gente isso daí para o pessoal eles falaram: “É, mas o voleibol não é todo mundo que tem a mesma facilidade para aprender o voleibol!” Tudo bem, mas a gente tem exemplos claros dentro da nossa equip de que pessoas que não eram grandes jogadores, mas se tornaram grandes pessoas. Então eu acho que é isso. Não que tem que ser só voleibol, só voleibol.

Mas acredito que é bom vivenciar uma coisa diferente, porque o Brasil é conhecido como o país do futebol. Qual criança nunca jogou futebol? Qual adolescente que nunca jogou futebol? Agora, qual o adolescente que nunca jogou voleibol? Vai ter vários! Tem várias pessoas que nem sabem o que é. Pergunta quantas pessoas tem no voleibol, é onze com goleiro?

P- Quando você fala voleibol com os jovens de hoje, eles não estão tendo nada de voleibol?

J 4- Eles estão levando a camisa deles, como Professores, e não estão ensinando o voleibol o suficiente. É o meu modo de ver. Não estão levando este voleibol adiante. Tudo bem, não é importante só o voleibol, mas o que chama a atenção, o projeto é conhecido aqui no Heliópolis como o projeto de voleibol. Não é o projeto de atletismo, de futebol,. Tem o de atletismo, o de futebol que eles tem as suas características. É de atletismo, vamos ensinar só atletismo. É de futebol, que é o que mais tem espalhado por aí, então vamos ensinar só futebol. Então é de voleibol, eu acho que eles estão desmembrando muito, querem fazer tudo e acabam não fazendo nada!

Entrevista Jovem 5

P- Quanto tempo você mora em Heliópolis?

J 5- Desde que eu nasci.

P- Com quantos anos você está?

J 5- 18.

P- Como é formada sua família?

J 5- Moramos agora eu , minha mãe e minha irmã. Meu pai morou com a gente até meus 15 anos e depois por questões pessoais ele acabou saindo. E agora somos nós 3.

P- Como foi crescer em Heliópolis?

J 5- No meu caso foi teoricamente tranqüilo, eu sempre tive meus pais, na minha infância, eu estava sempre com a família, passeava bastante, fazia bastante coisa que se espera que as crianças façam, brincava, ia ao parque, eu andei de bicicleta, eu joguei bola, quebrei coisa em cãs, mas o que tinha de negativo, obvio, a gente não tinha liberdade, de quem mora no interior fala, de sair, até meia noite, sair com os amigos, em casa não tinha isto, obvio. Eu poderia ficar na rua até no máximo as 21:30 e depois ficava dentro, fechada no quintal que tinha e lógico, a gente via pessoas armadas de vez em quando. Uma vez eu vi uma pessoa com uma arma, não tinha costume, levei um baita susto, cheguei em casa roxa, de medo e lógico, drogas também, sempre tem, a gente sentia o cheiro dentro de casa e os pais ficam preocupados em proteger as crianças. E um momento que me marcou muito, eu tinha acho que uns 9, 10 anos, foi quando a coisa estava realmente perigosa, então a gente não podia mal sair a tarde para a escola. Mas eu acho que o saldo é positivo. Aproveitei bem.

P- E suas escolas, como foram?

J 5- Eu estudei em escola pública até a oitava série. Assim, da 1ª , o prézinho foi tranqüilo, eu tinha um convívio legal com as crianças, a minha mãe acompanhou desde cedo, sempre, o meu pai se preocupava bastante, os meus tios, e até a 4ª série eu não posso reclamar de nada, eu tinha Professores excelentes, eu tinha muita segurança, mas a partir da 5ª série até a 8ª foram os piores anos da escola, o que eu aprendi lá na minha vida tem uma porcentagem muito pequena, e depois, no ensino médio eu tive a oportunidade de entrar numa escola muito boa e a partir daí eu só fui aproveitando as oportunidades para conseguir prestar um vestibular.

P- Esta escola da 5ª a 8ª é daqui de perto?

J 5- Sim.

P- E a outra que você falou que é boa, é daqui de perto?

J 5- É um pouco mais longe, mas é perto.

P- Escola pública?

J 5- A que eu estudei no ensino médio não.

P- Você tem alguma lembrança mais marcante de exemplo mais negativo da escola?

J 5- Tenho várias, mas uma que me veio agora foi um dia que na verdade eu não estavam na escola neste dia, mas quando me falaram... Quebraram as carteiras e janelas da escola, a polícia foi chamada. No outro dia saiu um caminhão cheio de carteiras quebradas da escola. Era praticamente uma prisão, os muros pichados, um lugar escuro, mal cuidado, com drogas, jogaram bombinha na privada e explodiu, então não é uma coisa que a gente espera de uma escola. E aula vaga sempre, o dia que tivesse aula com uma coisa bem feita e organizada seria uma ótima lembrança, mas eu não poderia contribuir com isso.

P- Quais as suas lembranças mais marcantes com relação ao voleibol que você viveu?

J 5- O 1º dia a gente não esquece, porque eu nunca tinha praticado esporte com regularidade e a 1ª vez que eu passei para o grupo que estava acima, na questão de treino, tudo, o chamado grupo A. E as viagens, lógico, todas, não só dos campeonatos, mas outras também. E os próprios jogos também, os jogos me marcaram bastante.

P- Como você enxerga este processo que vocês viveram no voleibol. Quer dizer, vocês começaram na iniciação, e daí vocês passaram para um grupo de treinamento e a idéia era ir evoluindo. Como você vê este processo dentro de um projeto social?

J 5- Eu acho essencial, porque acaba sendo uma razão de ser, não quer dizer que as pessoas que estão no grupo de treinamento sejam superiores, mas é um grau que todo mundo quer atingir, a gente chegar lá e estar com as pessoas que estão jogando bem, que estão participando de outras coisas, porque assim como os treinamentos são mais intensos, as experiências acabam sendo, eu acredito. Eu acho que é importante sim e acaba impulsionando o próprio projeto, acaba

motivando os alunos para que eles cheguem até lá e quem já está lá que continue melhorando sempre.

P- Você consegue identificar aprendizados daquela época que influenciaram na sua vida?

J 5- Acho que o mais importante que eu aprendi neste tempo foi que o projeto não foi colocando soluções em minha vida, mas foi me cutucando mais, e eu nem sempre acabo agindo de acordo com o que eu aprendi, mas o que eu aprendi de mais importante também nisso foi aprender a puxar minha orelha. Pôxa, eu acho que eu sei que isto que eu fiz não está certo e me cobrar mais, e de cobrar também dos outros, de querer o máximo, assim, e não o medíocre, o médio, ou se está assim está ótimo. Acho que importante é isso, de não fazer as coisas de qualquer jeito, de querer sempre algo mais.

P- Você falou de quere o máximo. Você acha que dentro de um projeto social é importante a gente oferecer estímulos que busquem alcançar o máximo ou não, é melhor a gente trabalhar numa média, não forçar muito a barra?

J 5- Com relação aos treinamentos?

P- Com o que for, se a gente for trabalhar com música. Vamos tentar ensinar o máximo ou vamos trabalhar só para a criança aprender o básico, gostar de música? Como você pensa?

J 5- Aí envolve o objetivo do projeto. Se o objetivo envolve formar jogadores que podem utilizar este conhecimento para, como profissional mais para frente, aí eu acredito que pode ser trabalhado o esporte, buscar o nível máximo, é lógico, se o objetivo do projeto é mais focado na formação do cidadão você não vai esperar que eles sejam atletas profissionais e que chegam as seleções de base ou a seleção brasileira, é preciso ter coerência, não? O que eu falo de nível máximo, neste caso, é estar sempre buscando algo mais, não? A gente talvez nunca chegue ao máximo, mas buscar isso é importante, porque se você fica só no médio, tem gente que pode chegar um pouquinho mais, então é trabalhar um pouco isso, é lógico que é complicado para o Professor trabalhar com níveis diferentes, mas no caso de um projeto de formação de cidadãos é

importante buscar um pouco o algo mais, continuar sim, não exigir o que as pessoas não possam dar, mas um pouquinho a mais.

P- Seria tentar estimular ao máximo a potencialidade de cada um?

J 5- Exatamente! E mais importante ainda e que as pessoas tenham esta consciência de que eu tenho que dar o máximo que eu posso, aí, a partir disso, dá para ter um pouco de noção dos limites de cada um, se todo mundo estiver disposto a dar o máximo, assim, se entregar.

P- Você acha que existia o sentimento de coitadinho da favela que a gente comentava tanto, dentro do grupo?

J 5- Inicialmente pode até ser que algumas pessoas tivessem este sentimento. Eu não estava desde o comecinho mas eu acho que algumas pessoas tinham este pensamento, mas ao longo do projeto elas foram deixando isto completamente de lado, e o projeto e paralelamente com a vida, vai ensinando isso também. Nesta idade, na adolescência a gente começa a sair daqui, conhecer outros lugares, querer conhecer outras coisas, para quem participou imagino que seja assim, a gente começa a perceber que lá fora isto não faz a menor diferença se você está aqui dentro ou se você está em qualquer outro lugar, o mundo não vai tratar você diferente, em qualquer lugar que você esteja o mundo vai exigir que você faça o melhor, se você não é capaz de fazer o melhor, você vai ter que correr atrás. Então eu acho que a gente foi desenvolvendo isso, os jogos, eu acredito foi uma maneira de desenvolver isso, porque a gente vê a disparidade, tinha uma diferença absurda de níveis, mas a gente não pode esperar que as pessoas olhem para você e digam: “pobrezinhas, elas não têm capacidade de fazer assim, então vamos fazer um café com leite!”, e na vida não tem isso, ninguém vai esperar.

P- Então você acha que o voleibol ajudou de alguma maneira a ir contra este sentimento de coitadinho da favela?

J 5- Sim, eu acredito que sim. Porque eu acho que o esporte acaba estimulando este desejo de superar, porque a gente começa a ver o adversário do outro lado da quadra mas às vezes o

adversário não é o grande problema, às vezes o problema está na gente, é o nosso próprio adversário. Você olha para a pessoa e começa a impor os seus limites em você. Às vezes o adversário, o cara nunca te viu na vida, como você vai falar : ”É o meu adversário!, vou lá para jogar contra, contra os nossos inimigos!”

P- Muitas das suas amigas comentaram sobre os “castigos”. Quais são as suas lembranças e como você enxerga estes “castigos”?

J 5- Eu não tenho más lembranças, no sentido de “Não acredito que eu fui obrigada a fazer isso!”. Lógico que eu odiava pagar marinheiro. O que me dava raiva de pagar estes “castigos” era o fato de eu não ter conseguido cumprir aquilo, porque às vezes você fica com a sensação de “que droga!”. Então a gente é capaz de fazer isso mas parece que bloqueia, a gente não consegue, fica se sentindo menor, de vez em quando, mas eu penso que foi importante sim, porque a gente acaba aprendendo a lidar um pouco com estas coisas de limites, talvez, e de aprender a avaliar até onde a gente vai. Eu acho que naqueles momentos a gente poderia até ter ido além, mas na hora o grupo não conseguiu cumprir determinada tarefa que eu imagino fosse capaz e a gente acabou, acho que o castigo nem era o grande problema, o problema era não cumprir o que a gente queria. Então se quem quer que fosse que estivesse treinando a gente, falasse: “olha, você não precisa pagar castigo, vocês não cumpriram, tudo bem, vamos fazer uma coisa mais fácil!”, se a pessoa falasse isso teria sido pior, porque a gente ia se sentir pior ainda. A gente ia se sentir: “Pô, se a gente não conseguiu fazer isso, vamos fazer uma coisa mais fácil, que qualquer pessoa possa fazer!” Então eu não tenho más lembranças não, só dor nas costas!

P- Tem muita gente que critica a competição alegando que pode proporcionar a frustração. Alguns defendem a pedagogia indolor, ensinar sem muito stress, sem muitos desafios. Mais ou menos como você falou: se não deu tudo bem, o importante é que você tentou. Houve frustração? Como foi lidar com isso?

J 5- Ah, frustração de certa forma sempre há. Eu vou me estender um pouco, porque eu vou usar um exemplo que eu vi em um programa que eu achei importantíssimo. Ele, o Professor falava que imaturo é aquele que não consegue se impor frustrações. Se você faz uma escolha de jogar,

no caso, o voleibol, por exemplo, você fez uma decisão, a partir daí, se você ganha, bom, se você não ganha, você vai ter uma frustração, mas se você tem maturidade suficiente para dentro desta frustração avaliar o que tem de positivo e ressaltar isso, acho que você acaba sobrepondo os ganhos sobre a frustração. Então se você perde mas é capaz de avaliar :" Ah, puxa, posso melhorar nisso, o grupo não estava tão bom nisso, a gente pode trabalhar mais isso no outro jogo, a intenção do jogo talvez fosse trabalhar a questão do grupo para futuramente enfrentar um time deste nível, então se a gente é capaz de jogar para isso, e pensar que dentro disso, puxa, acho que foi mais importante perder do que ganhar. Porque se eu tivesse ganhado, vai ver que o outro time na hora estava com uma briga, uma não jogou para outra e acabou perdendo e eu acho que eu fui muito bem e eu teria jogado no mesmo nível se elas estivessem em uma condição boa eu teria perdido. Então acho que tem a ver com isso. Eu não tenho mágoas. Eu ficava muito frustrada com os meus erros, "Puxa, podia ter acertada essa!"Mas no final das contas acho que foi uma experiência importante sim, acho que o importante nisso foi que a maioria das pessoas tinham consciência de que a intenção primeira não era ganhar, a intenção primeira era que o time conseguisse jogar bem. Se a gente tivesse a capacidade de jogar melhor, esse era o resultado bom. Se a conseqüência fosse uma vitória, ótimo, ou senão, ia começar a apontar os erros e seguir.

P- Quais as características que você acha que um Professor deve ter para trabalhar em um projeto social?

J 5- Bastante coisa. O Professor ideal, uma das coisas, não vou dizer que é a mais importante porque tem muita coisa, mas eu acho que sensibilidade é importante, eu acho que a pessoa tem que perceber onde ela esta trabalhando, qual é o objetivo, com que tipo de pessoas, porque em cada lugar onde este projeto estiver as pessoas vão ser diferentes, a realidade vai ser diferente. É lógico, importante conhecer do que a pessoa tem que conhecer do que ela esta falando. Não vai falar de voleibol e chegar lá falando de chuchu! Tem que ter uma base, uma formação legal. Acho que ser for um projeto social, tem que ter uma preocupação cem formar pessoas, em ser exemplo, é inevitável, os alunos vão olhar para esta pessoa e vão dizer: " puxa, quando eu crescer eu quero ser assim, eu quero fazer isso!", então de qualquer forma ele tem que ter consciência de que ele vai ser um modelo, então ele tem que ter um comportamento que de certa forma seja exemplar. Bom, como exige muito, tem que ser uma pessoa que separe um pouco os problemas

da vida pessoal com o trabalho, para não misturar as questões que estão fora com as questões estão lá, e misturar, às vezes as pessoas levam coisas que: “puxa, era o que eu queria!”. Acho que importante também que seja uma pessoa que desperte nos outros, em quem ela está formando o desejo de participar disso, que não seja só aquela que dá as ordens, porque o que as pessoas esperam é uma pessoa que chegue e fale para todo mundo o que fazer e aí acabou o assunto, mas essa pessoa provavelmente não vai ficar para sempre no projeto, tem que ter a idéia de que estas pessoas também vão levar isto para frente, porque começa naquele núcleo, com aquelas pessoas e isto vai expandindo, então tem que ser uma pessoa que tenha esta capacidade de conseguir fazer com que esta coisa toda se multiplique. O que eu me lembre é isso. Exige bastante, não?

P- Você está fazendo faculdade, certo?

J 5- Certo.

P- Qual é o curso?

J 5- eu estou fazendo Letras na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, e estou c0onhecendo bastante coisa, ano que vem a gente vai poder escolher a habilitação que vamos fazer, mas enfim, o curso é excelente, eu estou gostando bastante.

P- Qual foi sua preparação para o vestibular?

J 5- Eu fiz um colegial forte. E fui aproveitando as oportunidades, o que eu fiz mesmo foi aproveitar. Então tudo o que eu tinha de palestras, de , eu fui atrás de palestras na zona norte... Lógico, eu tive que estudar bastante, fazer muito exercício, aprendi até a gostar muito de outras coisas, e sempre acompanhando as aulas, plantões. E aproveitei as experiências que eu já tive, do próprio projeto de voleibol e de outras coisas, apoio da família. Procurava outros lugares para estudar, porque aqui é impossível, o pessoal não tem o costume., então eu ia procurar lugares mais tranqüilos para ter algumas horas de sossego para ler.

P- Você prestou em mais alguma Universidade?

Vi—Prestei Unicamp.

P- E como foi?

J 5- Foi um pouco puxado na semana mas eu não me arrependi. Eu fiquei bastante em dúvida na hora de escolher entre as duas porque eu passei na 2ª chamada e eu fiquei bastante tensa, mas eu não me arrependi da escolha que eu fiz. Foi emocionante na hora que você vê a notícia, chorei bastante!

P- Você vê alguma relação com o que você viveu com o voleibol e essa sua procura pelo curso superior e por essa sua conquista também?

J 5- Sim. Foi uma coisa muito simultânea, foi concomitante. Na hora que eu estava começando o ensino médio, então foi uma coisa... Eu já, pelo apoio da minha mãe e pelo meu comportamento na escola, eu sempre tive vontade de fazer uma coisa bacana, de ter um trabalho legal, não sei se eu tinha a intenção de conquistar independência, mas o meu futuro é este mesmo. Mas acho que participar do projeto me deu mais garra para correr atrás disto. E acho que mais importante, aliou a vontade que eu tinha de ter algo mais à noção do mundo onde eu estava, onde eu estou, das pessoas com quem eu convivo, das diferenças entre elas, e do que significaria conquistar isso. Eu acho que isto foi importante, porque nem sempre a gente tem essa visão: “puxa, olha o que eu estou para fazer!” Acho que me deu mais força ainda, me motivou mais ainda e me deu a importante e o esforço que eu teria que fazer.

P- Você tem mais alguma coisa que gostaria de deixar registrado?

J 5- Uma coisa. Por mais que pareça exigir demais quere desenvolver um projeto que tenha um foco maior no voleibol, numa coisa de aprender um pouco mais, acho que não seria ruim desenvolver um projeto assim no sentido de que as pessoas têm capacidade de querer fazer algo mais e eu acho que o mais importante, que por mais que a gente talvez não seja, por mais que não

se forme jogadores profissionais, a gente é capaz de refletir essa busca na vida. Eu posso não ter conseguido isso, mas eu vou correr atrás de outras coisas, e vou dar o meu máximo, sempre!

Entrevista Jovem 6

P- Com quantos anos você está?

J 6- Eu estou com 19, vou fazer 20 no mês que vem.

P- Você nasceu aqui em Heliópolis?

J 6- Não.

P- E quando você veio para cá?

J 6- Eu vim com 11 anos.

P- E de lá para cá não saiu mais e Heliópolis?

J 6- Saí, fiquei 6 meses quase fora e voltei de novo.

P- Como é formada sua família?

J 6- Minha família é formada pela minha mãe, meu padrasto e meus 4 irmãos.

P- Você sempre morou nesta casa?

J 6- Morei na Coronel, perto do CJ e aqui.

P- Como eram suas casas?

J 6- Bom, a da Coronel era pequena mas bonitinha, era legal de morar. Aí quando a gente voltou, quando a gente chegou nesta daqui o negócio era meio complicado. Porque ela era de alvenaria e a primeira semana que a gente estava aqui, choveu muito forte e choveu mais dentro de casa do que lá fora. Foi a primeira semana que a gente chegou aqui nesta casa e aí ficou por conta da minha mãe trabalhar bastante e construir tudo do jeito que está hoje.

P- A outra casa era melhor do que esta quando vocês vieram para cá?

J 6- Em tamanho não. Esta aqui é maior, ela tem espaço, mas, porém, quando a gente chegou a outra era melhor.

P- Como foi sua educação escolar?

J 6- Ah, foi boa. Quando eu cheguei aqui a primeira escola que eu fui estudar foi no Meirelles, e assim, você se depara com pessoas diferentes de você, cultura diferente, totalmente diferente. Você fala, porque ele faz isto se ele sabe que não é preciso. Foi complicado, mas acho que como minha mãe soube me educar bem eu tirei de letra.

P- E aí você estudou no Meirelles e o colegial?

J 6- O colegial foi no Alexandre de Gusmão.

P- Era boa a educação lá?

J 6- O Alexandre é. Tanto a escola quanto os Professores. Já é tudo mais organizado.

P- Mas o Meirelles é uma escola legal, não? Ela tem um conceito bom, não é?

J 6- Ela não é ruim, mas poderia ser melhor em qualidade de ensino.

P- De Professor, você tem alguma lembrança marcante de bons ou maus Professores?

J 6- De bom tinha a Professora de português, a Elizete, que hoje ela leciona lá no Gusmão, tinha o Professor de história, o Eloir, ele é muito bom. E de mal Professor, não teria mal, o problema é que a escola, não sei, só sei que na oitava e na sétima séria eu não tive matemática. O ano inteiro, só enrolavam. Ah, o Professor não veio hoje.

P- Antes de você vir para cá, onde você morou?

J 6- Eu morei na Vila Medeiros, na zona norte de São Paulo.

P- E aqui, quando você veio para cá, qual era a sua rotina?

J 6- Quando eu vim para cá eu conheci CJ (núcleo sócio-educativo estudado) , ainda não havia as atividades do voleibol. Daí eu fazia as atividades do CJ, junto com a escola. Eu passava meu dia na escola e depois ia para o CJ. Eu ficava no CJ, daí apareceu o voleibol e aí eu continuei.

P- Como foi a questão da violência na sua vida?

J 6- Bom, a minha mãe...eu nunca tinha visto estas coisas na minha vida. E quando eu cheguei na coronel foi logo quando estava em guerra o pessoal de cima com o pessoal de baixo, não sei muito como era, só sei que quem estava em baixo não podia subir e quem estava em cima não podia descer. E aí eu lembro de 2 episódios que aconteceram, um com minha mãe e outro comigo. Com minha mãe aconteceu que ela estava saindo para comprar rosquinha para minha irmã na padaria e ela se deparou com uns caras que estavam com as armas douradas, pratas, ela nunca tinha visto antes e aí o cara que socorreu ela porque ela entrou em pânico, pois nunca tinha visto isto. No começo foi complicado. E eu também isso, eu ia na casa de uma amiga dela pegar revista, minha mãe é Professora de pintura, fui pegar uma revista, quando todo mundo começou a gritar e corre para lá, corre para cá, e eu " meu Deus, o que está acontecendo?" Aí um senhorzinho me ajudou também e com o tempo a gente foi aprendendo de que tem que ficar na sua sempre, você nunca viu nada, nunca sabe de nada, porque ouvir e saber é muito.

P- E era possível brincar fora da escola e do CJ?

J 6- Não, eu sempre fui criada dentro de casa. Então, se for brincar, vai para a casa da amiguinha, entre e brinca dentro de casa. Então sai, vai onde você tem que ir e volta para casa. Tem horário e tudo. Agora, possibilidade de brincar na rua, uma porque não é nem tanto, aí já não é o caso da violência, mas também pode acontecer, a gente nunca sabe, mas é o fato de que eles fica andando de moto o tempo todo, é perigoso deixar uma criança na rua, solta.

P- Vamos partir para as lembranças com relação ao voleibol. Quais são as suas lembranças mais marcantes desta época?

J 6- Ah, tudo, mas mais legal eram as reuniões! Gostava das reuniões. As meninas não gostavam muito mas eu gostava. Ah, porque era o dia do pega para capar! Onde você muitas vezes dava as broncas necessárias, onde muitas vezes falava as suas histórias, suas histórias, era muito legal. Essa é a minha maior lembrança!

P- Você lembra de alguma história mais marcante ou acontecimento destas reuniões?

J 6- Tinha várias. As histórias dos chineses. Do príncipe, da semente.

P- Você lembra daquela história do coitadinho da favela que eu comentava muito?

J 6- Ah é, é que o pessoal daqui não tem, não é nem expectativa de vida, como eu posso explicar, eles não têm um horizonte para eles, eles acham que eles são favelados, eles vão continuar sendo favelados, eles são coitadinhos porque eles não tem condições nunca, e também fica nesta vida, “ah, eu vou ganhar uma bolsa-família, um renda- mínima, um consigás, e aí eu não vou procurar emprego porque eu já tenho isso porque eu vou querer mais?”

P- Você acha que no grupo existia isto?

J 6- Ô, bastante. E muitos, acredito, que mudou o pensamento. A gente não sabe porque a gente não continuou convivendo. As pessoas que eu encontro são raras e eu só falo um oi, não tenho mais aquela amizade que tinha antes, aquele apego. Mas a maioria, acho que o I., você, serviu para acordar o pessoal. Acho que é por isso que quando você saiu foi para isto. Para você vir e fazer todo mundo acordar. Acho que se não tivesse surgido, estou sendo até um pouco radical, mas ele não teriam este pensamento então eles estariam na mesma. Eles estariam na mesma vida, na mesma fase, na mesmice.

P- Você participou do voleibol antes da turma do treinamento?

J 6- Sim, durante o dia, junto com todo mundo. Daí atingiu uma idade, queriam acabar o projeto, a gente falou que não, a gente foi fazer o nosso lado e a gente conseguiu o treinamento à noite.

P- Como você vê esta continuidade? Porque vocês quiseram continuar e como você vê esta continuidade?

J 6- Bom, quando o projeto começou a gente já sabia que só ia até os 14 anos, mas a gente foi levando. Mas quando chegou mesmo a gente falou, “E agora, a gente vai sair?”. Mas ninguém queria sair, a maioria do pessoal dos 14 anos era o pessoal que começou junto comigo então ninguém queria sair dali, tanto é que os que saíram, voltavam como monitores, Professoras do CJ. E a gente não queria sair só que a gente não queria trabalhar dando aula para as crianças, porque a gente não tinha idade suficiente, cabeça nem nada. Então a gente foi conversar para ver o que dava, para continuar no projeto porque era muito bom, não só pelo fato que a gente tinha que ficar a hora jogando voleibol, porque não se resumia a só isso, a gente aprendia muita coisa. E aí a gente conseguiu prolongar, colocando nossos treinos à noite, e aí foi melhor ainda porque antes, quando a gente ficava lá com todo mundo, era como se a gente fosse tratado como crianças, então quando a gente passou para a noite a gente começou a ser, “peraí, eu estou crescendo, não é à toa que eu passei para a noite!” E aí, tudo o que vocês conversavam, os treinadores, dentro do voleibol, aquilo incentivava muito a gente, e fez com que com a evolução a gente ia crescendo.

P- Você acha então que continuar o estímulo com o voleibol é importante?

J 6- Eu acho que é porque o esporte é muito usado no Brasil para ajudar as crianças no estudo, na escola, vários projetos estão fazendo isso. Porque com o esporte faz a criança desenvolver a capacidade que nem ela sabia. Eu acho muito importante hoje em dia o esporte fazer parte do ensino de uma criança.

P- Quais as características que você acha que deve ter um projeto social com esporte?

J 6- Eu acredito que tem que, o projeto social em si, se não tiver pessoas capacitadas para isso, não vai para frente. Eu penso assim, que um projeto vai muito além quando as pessoas dão muito de si, mas se não tiver pessoas para isso... eu acho que pensaria primeiro nas pessoas, muito bem, que pessoas eu colocaria, no que era melhor ser colocado e depois pensar que o projeto...eu já escolheria o voleibol, não só porque eu gosto, é porque o voleibol dá, todos os esportes dão, mas não é aquela coisa agressiva, é uma coisa de cultura. Tudo bem que o basquete também tem, o handebol também tem, mas as pessoas que jogam voleibol são diferentes, a vida delas.

P- Você falou dos profissionais que iriam trabalhar. Quais as características que estes profissionais devem ter?

J 6- Acredito que não só uma habilidade, porque muitas vezes quando um treinador vai ser contratado testam mais a habilidade dele. Eu acho que hoje não se resume só a isso, a habilidade física, eu acho que deve ser uma habilidade mental, qual a habilidade que ele tem para lidar com as crianças? Qual a habilidade que ele tem para lidar com os jovens?

P- Que habilidade que você acha que ele deve ter?

J 6- Essa habilidade seria uma pessoa que tivesse a capacidade de mostrar coisas novas, de identificar naquele jovem, “ opa, aquele jovem está tendo algum problema em casa! Porque será que ele está tendo este problema? Vamos conversar com ele, vamos saber o que se passa, vamos passar o que eu acho de certo ou errado para ele!”

P- Você acha que o Professor deve ter mais alguma característica? O que eu preciso procurar nestes Professores? Você falou que eles têm que tentar conhecer as pessoas. Você tem mais alguma sugestão?

J 6- Não adianta uma pessoa que especula tudo e não resolve nada. Essa pessoa tem que ter nascido para aquilo.

P- Você tem alguma informação de como está o projeto hoje?

J 6- Na verdade eu sei de algumas coisas, de alguns projeto que estão sendo desenvolvidos lá junto, mas que pé está o voleibol, assim, a gente fica sabendo de uns buxixos, que não está mais como antigamente, que aquilo um dia vai desabar, que ninguém mais quer saber.

P- O que dizem estes buxixos?

J 6- Sei lá, citam até nomes, depois que a S. e o L. saíram, pessoas que vestiram a camisa verdadeiramente saíram, tudo mudou. A direção, o pessoal não é mais como antes, os próprios jovens que ficavam à noite, que cuidavam da arbitragem, não tinham mais o espaço que tinham antes. Está meio complicado.

P- Você teve algum aprendizado no período do voleibol?

J 6- Muitos. Eu sei que um dos defeitos eu continuo tendo, mas até agora ele não está me prejudicando. Assim, vários aprendizados. Correr atrás sempre, não ficar esperando cair do céu ou nunca ficar com uma faixa de que eu sou o coitadinho. Não, não é porque eu um dia morei em um bairro nobre e depois eu vim para cá para a favela que eu vou me desabar, vou me acabar, e minha vida vai ficar assim para sempre. Eu acho que não, eu tenho condições de lutar, eu sou perfeita, tenho dois braços, duas pernas, Deus me dá saúde todos os dias para eu correr atrás dos sonhos e um defeito que eu tinha que você falava sempre era que eu queria abraçar o mundo. Eu acho que continuo assim.

P- Não largou o mundo ainda?

J 6- Não, uma hora estou fazendo uma coisa, uma hora já fui para lá, outra hora já estou pensando outra coisa. Minha mãe fala, " Pára, pára e pensa!" Calma que eu estou indo! Até agora...

P- Você vê algum desses ensinamentos refletidos ainda hoje no seu comportamento?

J 6- Bastante, assim. As vezes eu até falo para outras pessoas: "Olha, uma vez me falaram uma coisa que não é bem por aí!" Assim, a gente vivencia, é uma bagagem que você vai levar para o resto da vida. Você precisa, aquilo se tornou parte do seu vocabulário, parte do seu dia a dia, então você vai convivendo sempre com aquilo.

P- Você é capaz de me dar um exemplo disto?

J 6- De ter sempre novos horizontes. Era o que você falava sempre. "Gente, pára, será que vocês não pensam em um dia estar fora daqui? Vocês pensam sempre em estar em Heliópolis?" Eu lembro uma vez atividade de férias, alguma coisa assim, a gente ainda não tinha passado para a noite. O que você quer nestas férias. Aí uns falavam que queriam... Mas ninguém queria nada além de Heliópolis. Aí você falou: "Quando vocês vão começar a querer uma coisa fora daqui? Pensar novo, diferente? Vocês estão sempre com as mesmas idéias, sempre com os mesmos horizontes. Muda. Olha para o sol que se põe cada dia diferente!" Alguma coisa assim.

P- Você acha que esta barreira foi quebrada de alguma maneira e o voleibol contribuiu para isto?

J 6- Ah sim, nem todos, porque a maioria dos que eu encontro eles pensam em ser Professor de voleibol e dar aula aqui dentro. Então eu às vezes fico pensando assim, porque as pessoas sempre ficam aqui dentro. É como se o pessoal daqui de dentro já tivesse feito um mundo para eles. Ah, o Heliópolis tem uma Sabesp aqui dentro, tem um banco não sei das quantas aqui dentro, daqui a pouco isto vai ficar tão fechado que vai parecer um condomínio fechado. Opa, só entra aqui dentro quem mora! É uma coisa fechada, então são poucos os que, sei lá, não sei, faz tempo que

eu não converso direito, que eu percebo isso. Às vezes eu encontro no ônibus e ah, para onde você está indo? Eu estou indo para a faculdade. Eu estou indo para o serviço. Ai você pergunta, e aí, como está? Ah não, alguns assim, mudou bastante, outros continuam na mesma, meio que : " Ah, ta, ele veio aqui, me passou algumas coisas, mas valeu!" e continua na mesma.

P- E para você, ouve alguma contribuição?

J 6- Bastante. O fato de toda vez eu tinha que falar alguma coisa na reunião. Ah, meu Deus, eu não agüento mais falar. Falava e eu nunca tinha percebido que eu tinha esta vontade de querer ser o que eu estou seguindo hoje, na minha carreira. Eu pensei, sei lá, sabia que eu ia seu alguma coisa. E aí no voleibol, a gente ficava promovendo festa, vai dali, vem de cá, eu comecei a gostar da história de falar sempre. E aí eu trago isto até hoje, esta bagagem inteira e o fato de eu correr atrás dos meus sonhos não só pelo incentivo da minha família, mas do voleibol, de certa forma. Porque é difícil você vir parar num bairro como este e pensar que você pode ter este incentivo. Eu achava que eu ia passar o resto da minha vida com o povo da favela, todo mundo favela e pronto. Daí você começa a perceber que não é isso. Quem está de fora tem esta percepção da favela. Pensa que é um povo burro, não tem mente para nada e ai, quando você vem para cá, você percebe que você não pode generalizar.

P- E você está fazendo faculdade de quê?

J 6- De comunicação social, jornalismo.

P- E é o que você quer?

J 6- É.

P- Como você está se sentindo?

J 6- No começo, acho que ainda não caiu a ficha, porque só está na teórica, mas quando começar a prática acho que vai dar até desespero. Mas é, meu sonho. Quando eu consegui, eu falei: “Meus Deus!”, não pensei que eu ia conseguir.

P- E esta conquista do sonho. Você acha que aí também houve alguma influência do voleibol?

J 6- Nossa, demais. Porque lá, a minha mãe chegava a falar que eu tinha que sair, procurar emprego, que eu tinha que sonhar com os pés no chão. E eu acho que o voleibol trouxe até isto. Porque o pessoal daqui não sonhava. Pensava que ia arrumar um emprego numa firma qualquer, ia constituir família e ia ficar ali para o resto da vida. Talvez o sonho máximo seria conquistar a gerência desta empresa. E aí a gente aprendeu a sonhar bastante, até fora da realidade.

P- E com relação a estes sonhos. A gente escuta muito que é perigoso fazer as pessoas sonharem quando estas conquistas são difíceis de se alcançar, por receio de frustar. Como você vê isto?

J 6- Eu concordo com os sonhos, porque a frustração faz parte. Quer dizer que se você frustrar a primeira vez você vai desistir do seu sonho? Se é um sonho de verdade, por mais que eu tenho frustrações, doa a quem doer, eu vou continuar com meus sonhos. Eu acho que sonho não se planta, você vai muitas vezes mostrar caminhos e esta pessoa vai terminar o dela.

P- Você chegou a participar daquelas ações de arbitragem e monitoria?

J 6- Não participei muito, porque eu já estava fazendo outras coisas, mas foi muito legal, porque foi assim, eu senti tanta felicidade uma vez, quando eu estava indo fazer aquele curso de comunicação e uma criança chegou e falou: “ Oi tia!” , eu fale: “ Nossa, que legal! Ele me reconheceu!” Era muito legal o contato que você tinha com as crianças, você tinha oportunidade de passar o mínimo que você tinha aprendido, não só do voleibol, mas toda aquela questão da bagagem para eles, de que será que um dia eu vou conseguir mudar Heliópolis? Será que um dia eu vou poder conversar com pessoas que estão com um olhar totalmente diferente? Será que eles vão ter mudado a visão de que eu vou continuar sempre dentro de Heliópolis?

P- Como você se sentia quando você era monitora ou arbitragem?

J 6- Você se sente satisfeito. Quer dizer que um dia eu tive um dever de casa, e fiz direitinho e agora eu estou podendo passar ele adiante.

Entrevista Jovem 7

P- Você morou em várias casa em Heliopolis?

J 7- Mudei 4 vezes.

P- Conta para mim o que você lembra de suas casas.

J 7- Bom, minha primeira casa eu lembro que era lá num beco, era bem pequena, única coisa que eu lembro é da porta que tinha aquela janelinha assim, e só, agora das... não eu mudei de casa 3 vezes, da segunda, era a rua mesmo do núcleo e eu gostava de lá, era um beco também, mas uma parte do beco só morava minha família, era eu e duas tias minhas, era uma área grande, dois cômodos grandes, era um pouco mais sossegado que da primeira e aí a outra foi para o apto, o primeiro foi de 2 quartos, era apertado porque minha família é grande, mas passou um mês a gente mudou para um de 3 que é oquea gente está hoje.

P- E como é sua família?

J 7- Somos em 7 pessoas, eu , meu pai, 4 meninas comigo e meu irmão mais velho. (esqueceu a mãe).

P- Como foi sua infância em Heliópolis?

J 7- Acho que minha infância eu tive vários momentos, um momento em que eu nem podia sair de casa por causa da violência e tudo mais, era só da casa para escola, da escola para o projeto e para casa.

P- Você tinha quantos anos?

J 7- Eu tinha uns 9 anos. O projeto é que fazia eu ter outras atividades, fora do projeto não! A adolescência foi boa, foi onde começou o vôlei, foi onde começou aparecer várias oportunidades, saímos mais de Heliópolis, conhecemos outros lugares.

P- Teve alguma fase em que você pode brincar na rua?

J 7- Não na rua assim porque minha mãe sempre teve cuidado, né? Quando eu morei nesta rua era muito movimentada, de carro, na minha segunda (casa) só tinha a área onde eu brincava com as minhas primas, eu brincava muito, mas dentro de casa,

P- Fora da escola e do projeto o que você fazia?

J 7- Jogava vídeo game, assistia tv e ajudava minha mãe.

P- Sair de Heliópolis, passeios?

J 7- Não, poucas vezes, que eu ia para o ...(bairro ao lado)

P- Você falou da violência, qual era o receio, o medo que sua mãe tinha?

J 7- Tipo, medo assim eu nunca tive, medo maior era da minha mãe até porque o beco onde a gente morava tinha um cara que era envolvido, mas tipo não que ele ia fazer alguma coisa, ele protegia ali a região onde a gente morava, mas o medo era de repente os caras chegar lá e querer pegar o cara, como aconteceu, bem na frente onde a gente morava, e tinha medo do meu irmão se envolver.

P- Quer dizer, as pessoas envolvidas com o tráfico eles exercem uma proteção no local?

J 7- Por exemplo, este cara, eu brincava com as irmãs dele, a mãe a gente chamava de tia, então o medo era do que as outras pessoas podiam fazer com ele, e achar que a gente também era envolvido,

P- Você tem alguma lembrança mais significativa que você queira contar da sua infância fora do projeto?

J 7- O nascimento da minha irmã foi marcante. Foi no mesmo dia em que meu irmão operou ela nasceu. Como só tinha eu e meu irmão eu sentia falta de uma irmã. Ah , eu também cortei meu cabelo, curto, tinha 9 anos, cortei escondido. Foi marcante, né?

P- E como é esta história de ser a filha mais velha da família?As responsabilidades são diferentes com o seu irmão?

J 7- As responsabilidades são diferentes, porque a gente tinha problemas com meu irmão, ele esta envolvido nas drogas e tem uma de 12 e outra de 10 que estão entrando na adolescência e a responsabilidade é maior porque a tendência é seguir o caminho da irmã mais velha e delas acharem que eu sou mais paparicada o que não é verdade, para mim conseguir as coisas de minha mãe eu batalhei muito, até hoje, mas eu tenho medo sim, de não estar fazendo o caminho certo, das minhas irmãs estarem enxergando outra coisa de mim que não é verdade, às vezes eu acho que eu não dou muita atenção para elas, a atenção que elas merecem,

P- E nas tarefas de casa?

J 7- Ah, eu relaxei, né? Porque desde pequena eu fiz de tudo em casa, a única coisa que eu nunca fiz e não faço até hoje é comida. Não sei fazer e não quero aprender! Mas agora elas não estão fazendo nada de manhã e então tem que passar um pouco de responsabilidade para elas. Então

quem faz as coisas de manhã são elas. Eu fico de manhã aqui, depois vou trabalhar, a noite estou aqui, estou muito fora de casa, final de semana eu não moro aqui, moro em Diadema (namorado).

P- E sua escola, como foi, desde o pré até agora?

J 7- Do prezinho até a 4ª. série foram os melhores momentos da escola. A gente se apega mais as pessoas. Agora da 5ª. até a 8ª. mais ou menos, eu estudei no Gualter (escola do entorno) e o ensino de lá não é bom, muito maloqueiro, fica um pouco mais difícil, mas eu acho que aprendi alguma coisa, mas quando eu fui fazer o ensino médio no Alexandre, foi um ambiente totalmente diferente, é melhor, eles te preparam para o vestibular.

P- No Gualter você fez até a 8ª. série?

J 7- Não eu fiz até o 1º. Colegial. Mas daí era tudo igual, da 8ª. para o 1º., as Professoras as matérias, daí eu fui para o Alexandre de Gusmão,

P- O que você achava que era ruim no , você falou que tinha maloqueiro, era só isso, ou tinha mais alguma coisa?

J 7- Ah, os Professores, não eram todos que a gente podia confiar, em te ensinar, questão de amizade foi ótimo, fiz amizade com todos, foi mais o ensino que é fraco. Eu só comecei a prestar atenção que o ensino de lá é fraco quando eu comecei a enxergar que existe uma faculdade, que precisa estudar para entrar .

P- Agora eu queria que você me falasse das lembranças mais marcantes do projeto do vôlei:

J 7- Marcantes? Eu lembro da primeira vez que a gente foi para Indaiatuba, que a gente ganhou, eu lembro de todos os Professores, quando eu fui para Curitiba, quando a gente voltou de viagem, a gente foi falar para as outras pessoas que ficaram, para que eles se esforçarem ao máximo para terem as mesmas oportunidades que eu tive,

Eu lembro de uma aula, também, que não deixaram eu jogar porque eu estava com uma calça muito baixa, e blusinha e aí não deixaram eu jogar, eu lembro de todas as broncas que eu tomei por causa das roupas curtas,que hoje em dia eu não tenho mais este problema,

P- O que você achava e o que você acha hoje destas broncas?

J 7- Não, antigamente eu achava que quem me dava bronca era um bando de sem-noção, né? Não entendiam que a moda de Heliópolis era esta, andar pelada praticamente. Mas hoje não, eu acho que a gente tem que valorizar mais o nosso corpo, cresci tambem, né? Eu me preocupo muito hoje com que os outros vão pensar de mim, imaginando o que vão pensar de mim quando eu passava de vestido curto, comecei pensar mais em mim assim, no exemplo que a gente dá para as crianças também, a gente tem uma menininha aí que eu me vejo nela antigamente, né?

J 7- Ah, teve a Caravana, a primeira vitória nos jogos da Cidade, do treinamento, olha só, uma coisa que eu detesto foi das boladas que eu tomei nas costas, na cabeça, nossa, não esqueço,

P- Como que foi esta história, foi em jogo, treino?

J 7- Foi no treino, a gente ia ter jogo no sábado, e aí nosso treino era de terça e quarta e os meninos vinham para aquecer, daí existia um desafio que se a gente não conseguia cumprir a gente tinha que pagar, daí era correr na quadra na diagonal e ficavam os meninos cada um com uma bola na mão e cortavam quando a gente passava. Se tomou bem, se não... Eu levei várias, mas isto foi que serviu, que a gente ganhou foi por causa das boladas que a gente tomou,

P- Você acha que valeu a pena?

J 7- Valeu!

P- Você acha que isto ajudou em que?

J 7- Acho que mais por questão de honra, chega na hora do jogo, eu levei um monte de bolada e se a gente perder vamos tomar um monte de bolada de novo. Acho que é uma questão de honra mesmo, os meninos zoando a gente, e gente não tinha nem como zoar com os meninos porque eles não davam motivos para zoar com eles,

P- Mas você acha que o grupo precisava de uma atitude assim?

J 7- Eu acho que tinha momentos, tinha treinos que sim, tinha treino que não, né? Porque mulher tem um monte de coisas, tem menstruação, cólica, não era o meu caso na época, mas hoje se eu for treinar...

P- Mais alguma lembrança marcante?

J 7- A nossa vitória dupla no pré-olímpico, as festas que a gente fez para comprar uniforme, comprar câmera, viajar,

P- Me fale destas festas, porque elas foram marcantes para você ?

J 7- Acho que era um momento em que a gente tinha certeza de que não havia separação entre masculino e feminino, pelo menos eu acreditava que sempre que a gente se reuniu era aquele grupo mesmo, a única separação que tinha era no voleibol mesmo, porque fora éramos um só. Era uma questão de união, de valorizar as amizades.

P- Me fale sobre a vitória no pré-olímpico.

J 7- Ah, eu acho que o significado maior não foi nem pelo campeonato, foi pelo que acontecia antes dos jogos, todos os treinos, as boladas, os machucados de ter que pegar a bola longe, até porque os times eram fáceis de lá, dos jogos da cidade, não foi difícil na hora do jogo, foi mais difícil antes...

P- Você falou que o mais difícil foi antes, como é que você vê esta preparação toda para o jogo em geral?

J 7- Nos jogos da cidade foi fácil, porque nós só jogamos o primeiro e depois foi só WO.

P- O que você acha desta preparação, quanto tempo o grupo ficou treinando junto?

J 7- (não entendeu a pergunta...) Os treinos, as conversas depois, as brigas, as picuinhas, isto as conversas ajudavam...

P- Na trajetória do grupo dos adolescentes, que pelas minhas contas ficamos juntos 3 anos, você consegue perceber os motivos que mantiveram o grupo unido durante este tempo?

J 7- A gente fala até hoje que o que fez com que o grupo ficasse reunido é que a gente queria treinar vôlei, daí veio o Professor, e aí o Professor junto com os adolescentes que fizeram que a gente quisesse estar aqui, que fizessem a gente se tornar autônomos, que a gente corresse atrás dos nossos objetivos, coisa que com os jovens desta 2ª. fase que a gente fala, não está acontecendo. Mas aí eu não sei se é por causa do Professor ou por causa do interesse dos jovens, porque naquela época tinha os dois lados, a gente tinha o Professor que era, como posso explicar, acho que o nosso suporte, que nos segurava era ele, qualquer problema que a gente tinha a gente recorria a ele, e ele sempre ajudava a fortalecer o grupo e até a gente mesmo em questões pessoais, até. Acho que foi isto que fortaleceu o grupo. Acho que pela confiança do resto dos Professores também, a amizade que todo mundo tinha pelo outro, responsabilidades que a gente tinha contribuiu bastante.

P- O que te movia a continuar a prender o voleibol, você que começou nas turmas de iniciantes?

J 7- Ah, a gente sempre tinha uma pessoa que falava que este espaço era nosso e eu sempre acreditei e acredito até hoje, que os jovens podem mudar o mundo ou o quer que seja. Sempre tive uma pessoa empurrando a gente, fazendo eu acreditar que isto aqui é meu, que eu posso mudar, que as crianças passem pelo mesmo processo que eu, minhas irmãs estão aqui, eu quero

que elas passem pelo mesmo ´processo que eu, infelizmente não será mais o mesmo processo porque o Professor não está mais aqui, mas que elas pensem igual a mim, que este lugar é nosso, que a gente pode mudar!

P- Se alguém chegasse para você falando que iriam contratar um Professor e perguntasse quais as características que um Professor deve ter para oferecer um trabalho semelhante ao que você viveu , o que você falaria?

J 7- Acho que este Professor precisa acreditar no projeto que ele está entrando, querer mesmo fazer o papel de pai, que foi isto que ele teve, de acreditar principalmente nos jovens! Não deixar que o jovem desacredite nos objetivos dele, independente do que esteja acontecendo, o grupo pode está lá embaixo, mas tem que ter um plano B aí, para que o grupo cresça.

P- Mais algumas coisa que você enxergue?

J 7- Acho que o principal é isto: acreditar naquele grupo que ele está trabalhando, nunca perder as esperanças! Foi o que aconteceu!

P- Se você fosse perguntada, por causa de sua experiência que viveu em projeto social, o que você acha que um projeto social que trabalha com esporte deve ter, o que você responderia? Exemplo: você fala de suas irmãs, o que você gostaria que elas passassem no projeto?

J 7- O que eu gostaria é que elas passassem por todas as fases que eu passei com você. Desde a época em que eu era rebelde, até quando chegou o projeto, o L., o treinamento, monitoria, arbitragem, que a gente participou de um grupo como eu participei, que tivesse pessoas iguais a nós mas que eu sei que isto não vai acontecer nunca por que tudo mundo não é igual, mas eu acho que é isto, que tivessem o mesmo processo que eu. Mas que eu tenho certeza de que não vai acontecer por que nossa turma foi única, o Professor é único,

P- você falou sobre monitoria, arbitragem, como foi isto o que você pode me contar?

J 7- eu acho que quando surgiu a oportunidade da monitoria que foi quando eu comecei a enxergar mesmo que eu posso servir de exemplo para as crianças mais novas. Foi quando eu comecei a querer fazer uma faculdade de educação física, a participar mesmo dos eventos, estar a frente de algumas coisas do núcleo, ajudar os Professores, acho que foi a melhor fase do projeto foi essa até agora. Para participar do treinamento você tinha que participar da monitoria, da arbitragem.

P- E além de ser exemplo, você acha que com estas ações você aprendeu mais alguma coisa?

J 7- Eu acho que eu tenho mais responsabilidades, não só diante das coisas do núcleo,
mas da minha vida pessoal mesmo, eu já estou conseguindo separar as coisas, não confundir, a entender mais as pessoas, compreender também, a criticar mas que eu critique mas que eu depois dê uma opinião, que eu possa ajudar qualquer pessoa que estiver com alguma dificuldade.

P- Você identifica mais alguma coisa que você aprendeu naquela época do grupo de adolescentes e que reflete hoje, na sua vida ?

J 7- Acho que não. Ah, acho que estabelecer prioridades, o que é prioritário na minha vida. Uma coisa que eu não conseguia fazer, eu vou ter médico mais eu não vou porque eu tenho que estar aqui. Eu tenho que cuidar da minha saúde 1º. Hoje eu já faço isso. Se eu tenho minhas coisas para fazer em casa eu faço, se eu tenho as coisas para fazer aqui, foi uma responsabilidade que eu peguei para mim eu também tenho que cumprir, não colocar nada na frente que não seja tão importante,

P- Você acha que vocês foram fundo no voleibol, ou só um pouco, o Professor,ajudou ou não, o que você acha?

J 7- Ah, eu sempre queria mais do voleibol, né? Não de todo mundo mas o objetivo da maioria era o voleibol, mas que nunca descartava as outras ações do núcleo.

P- Você tem idéia do porque vocês sempre queriam mais do voleibol?

J 7- Ah não sei, não era o meu caso, mas tem gente que queria ser um atleta e daí usava aqui eu acho, tinha treino e aproveitaram para aprender. Hoje a gente tem 2 ou 3 pessoas que jogam em clube, daquelas pessoas era isso

P- E para você?

J 7- Ah, eu não quis ser atleta, não quis fazer teste nem nada, o que eu queria mais era isto, que as pessoas lembrassem de mim, que me reconhecessem pelo trabalho que eu fazia na monitoria, na arbitragem, no treinamento também, apesar de eu ter brigado muito no treinamento, eu sempre fui reconhecida.

P- Aquele grupo você ainda tem contato? Ainda é um grupo?

J 7- Até um tempo atrás, ano passado, ainda, sempre tinha aquele grupinho, acho que sim. Ainda acredito que os meninos se reúnem ainda que eu vejo. Mas eu não me reúno mais como aquela coisa de todo final de semana tem que estar com eles, a gente estar saindo junto, que era o que acontecia, mesmo. Quando um não podia ir não era a mesma coisa, eu sinto falta, é lógico, mas aí, cada um seguiu o rumo que escolheu. Eles nunca me fizeram mal nenhum, pelo contrário, tudo que eu aprendi foi por causa deles também, gosto deles pra caramba, mas aconteceu, ué?

P- E o Grêmio, qual é sua posição?

J 7- Hoje eu sou vice-presidente. Eu estava desencanada um tempo atrás, por que está sendo mais difícil, pessoas que estão no grêmio eu não enxergo que eles estão ali para mudar alguma coisa que nem o grêmio passado, e uma responsabilidade a mais, eu a Fran e a Valéria, no projeto, a gente quer que...

P- Você diz que há um diferença, sua geração tinha um fé, uma crença de que poderiam mudar e atualmente não. Você tem idéia do porque desta diferença?

J 7- Hoje existe ainda as pessoas que falam que a gente pode mudar, que o espaço é nosso, eu falo, a Fran fala, mas eu acho que é muito delas mesmo, elas não querem isto, do jeito que a gente queria. Não enxergam o mundo do jeito que a gente enxergava, de querer sair daqui, de querer mudar as coisas daqui, hoje eu acho que não é isto o que elas querem, elas querem estar aqui no projeto, mas não querem mudar o projeto, não querem ajudar as crianças, elas querem estar aqui, sem fazer nada mas querem estar aqui. Mas isto é uma coisa que eu acredito que um dia a gente possa mudar este pensamento deles.

P- O que você acha que é necessário para mudar este pensamento?

J 7- Ah, eu não sei. Se eu soubesse...Acho que não dá para saber assim,

P- Você acha que vocês tiveram alguma coisa que elas não?

J 7- Para as pessoas que estão no Grêmio, todas tiveram as mesmas oportunidades. Algumas abraçaram a idéia e isto é que vai fazer toda a diferença para as crianças, para todas elas, elas precisam querer! Elas puderam fazer parte da monitoria, da arbitragem, do grêmio, elas sabem de todo o processo. A única diferença e que elas não querem.

Entrevista Jovem 8

P- Você nasceu aqui?

J 8- É, nasci aqui em São Paulo, daí quando eu tinha uns dois anos eu fui para a Bahia, Feira de Santana e quando eu tinha uns cinco anos eu voltei de novo e estou aqui até hoje.

P- Então, desde os cinco anos você mora aqui em Heliópolis?

J 8- Isso.

P- Quais são suas lembranças mais marcantes de sua infância, de como foi crescer aqui?

J 8- Quando eu era pequena, ao ser primeira filha, então eu era um pouco sozinha. Mas eu tinha bastante amigas, companheiras e eu brincava bastante, meu pai, meu pai era muito brincalhão. E eu não era muito de sair, eu sempre fiquei nesse lugarzinho, isolado. Mas minha infância foi muito boa.

P- você fala das amigas e que brincavam bastante. Vocês brincavam onde? Dava para brincar na rua?

J 8- A gente brincava na rua de esconde-esconde, pega-pega, patins, bicicleta. Teve uma vez até que a gente montou uma barraquinha assim na rua, que tinha uma carroça, a gente entrou, cobriu e fez lá uma casinha para a gente.

P- E como era formada sua família na infância?

J 8- Eu morava com minha mãe e meu pai. Só os dois. Só eu de filha. Daí passou um tempo veio um tio meu morar e aí depois veio minha tia, um tio, na casa deles, mas tudo perto. Desde os sete anos que é assim, a família inteira mora perto. Fora vô e vó que moram longe. Agora a família é bem unida porque desde pequenininha a gente morou praticamente junto. Então minhas primas é que nem minhas irmãs, minha tia, minha mãe, meu tio, meu pai...tudo assim.

P- Como era a sua casa? Você morou em várias casas?

J 8- Eu morei em duas casas. Uma eu morei uns 13 anos e a outra uns 5 anos. E agora aqui que eu estou na casa do Silas uns 2 anos.

P- E esta casa que você morou mais tempo, como era?

J 8- Bom, a minha casa era grande, tinha um quarto que era só para mim, tinha um banheiro enorme que dava para fazer um quartinho, daí nasceu meus dois irmãos e ficou um pouquinho mais apertado, né? Mas era aconchegante.

P- E com relação à violência? Tinha alguma influência a violência do tráfico na sua infância?

J 8- Tinha, bastante. Quando eu morava nesta primeira casa, era num beco, então desci cara com arma grandona. Como a gente era pequena eu olhava mas não tinha tanto medo, só vinha a ter medo quando falavam " nossa, fulano desceu com uma (arma) deste tamanho!" Teve uma vez também que quando eu era maiorzinha, onde eu morava na segunda casa, era num campo, daí invadiram, aí antes da invasão teve uma briga no campo, daí o cara desceu, na frente da minha janela, colocou lá as balas no revólver e aí eu vi aquilo e fiquei meio assustada, né? Com o tempo passou, mas eu fiquei bem assustada com esta situação. No Natal também, as vezes o pessoal descia com as armas para matar o pessoal, porque tem bastante fogos e aí eles aproveitam.

P- Você tem uma lembrança mais marcante que pode ajudar a retratar como é crescer em Heliópolis?

J 8- Eu adorava quando meu pai brincava comigo, porque ele tinha um carinho muito especial por mim, ele comprava gel colorido, passava no meu cabelo, no cabelo dele, então ele praticamente para mim era uma criança. Eu via ele como adulto mas com alma de criança. Então era muito divertido. Quando eu morava na Bahia aí tinha os bichos, até hoje eu gosto muito de bichos, por isso que eu casei com o Silas!!!(risos) até uma joaninha, de uma joaninha à uma vaca, qualquer coisa, eu adoro bicho!

P- Com relação ao voleibol, quais as lembranças mais marcantes desta época de projeto?

J 8- Eu gostava bastante dos campeonatos, porque eu acho que os campeonatos juntava muito o time feminino, o time feminino era muito afastado, por intrigas... Então, eu acho que a quando a gente se juntava mesmo para jogar a gente se unia. A gente esquecia as diferenças, né? Então a gente se apegava, via que aquele abraço que a gente tava dando era uma abrço verdadeiro, não

aquele abraço que você dá, “hã, oi!...”(fisionomia de desagrado) , sem graça, era um abraço que tinha algo a ver com o grupo.

P- Que mais, outras lembranças?

J 8- Os passeios, era ótimo!!! A gente sente uma falta dos passeios. Todo mundo reunido, comendo junto, brincando junto, isto foi muito bom.

P- Uma das coisas que eu notei bastante nos discursos, uma lembrança marcante foi com relação aos “castigos” nos treinos. O que você lembra destes “castigos”, o que significou para você?

J 8- (Risos) Bom, os “castigos” eram.. uma coisa de louco, né? Cada coisa que eu nunca vi na minha vida. Era bolada em todo mundo, os meninos descia bolada na gente... Teve uma bolada que eu levei do Para, que eu estava com um brinquinho e ele entrou na orelha, daí eu tive que ir na farmácia tirar. Mas nada era por acaso, como você mesmo diz. Se aconteceu isto foi porque a gente mereceu. Você sempre falava, faz assim! Se você falava para a gente fazer assim e porque você sabe que a gente tem capacidade para fazer assim. Só que por desleixo ou falta de vontade, não atingia o objetivo. Então, estes “castigos” eram uma maneira de a gente chegar a estes “castigos”. Era legal, era engraçado, né? Os micos que a gente pagava. A gente pagava mico e os meninos lá em cima rindo, eles pagando mico e a gente lá em cima rindo. Era engraçado, era divertido também.

P- você acha que valeram a pena estes “castigos”?

J 8- Eu acho que valeu!

P- você acha que havia uma outra maneira que não os “castigos” para esta coisa funcionar?

J 8- Aí eu teria que pensar um pouquinho. Mas assim, eu acho que para mim pessoalmente, acho que valeu sim. Por que nada na vida é fácil, né? É como a gente pensa, vamos fazer assim e assim

e pronto, ta feito! Não é assim, a gente tem que vencer nossos obstáculos. Para mim, isso fez muito que eu visse uma situação e tentasse resolver. Não ver e ah! Deixa pra lá!

P- Você tinha o entendimento então que estes “castigos” eram...

J 8- Para melhor, isso!

P- Durante estes anos a gente foi procurando aprender cada vez mais o voleibol? Como você vê esta continuidade?

J 8- Nossa, isto foi muito bom, porque vários adolescentes aqui não tinham muita coisa para fazer. Quer dizer, ia para a escola, fazer um curso, quem tivesse condições, quem não tivesse ficava em casa na rua, fazendo o que não devia. Então eu acho que isto foi uma ótima iniciativa, né? Porque vai dando prioridade para alguns adolescentes de conhecer outros lugares, outras pessoas, eu acho que teria que continuar. Porque tudo que é bom a gente tem que continuar e melhorar cada vez mais, né?

P- Você identifica alguma coisa que você aprendeu naquela época que ainda faz? Que você desenvolveu lá e continua na sua vida?

J 8- Bom, o que eu desenvolvi lá foi a responsabilidade, porque quando eu entrei lá eu era uma criança. Eu tinha 14 anos, então eu não tinha tanta responsabilidade, e eu ganhei bastante responsabilidade e hoje eu uso com minha filha que é uma grande responsabilidade.

P- Mais alguma coisa?

J 8- Saber ouvir mais. Eu ouvi bastante, né L.???(risos) Quando as pessoas falam eu gosto de ouvir , se eu puder opinar, dar um conselho, eu dou. Eu acho que é isto mesmo.

P- Você lembra daquela história de coitadinho da favela, que eu brigava com vocês porque vocês não eram os coitadinhos? Você acha que aquilo existia mesmo?

J 8- Existia! E ainda existe!

P- Você acha que de alguma maneira, com o voleibol, isto modificou, diminuiu ou aumentou?

J 8- Bom, para gente eu acho que isto diminuiu, porque a gente vê que nós somos importantes! Não somos insignificantes como as pessoas do outro lado vêem! Para eles eu acho que somos coitadinhos né? Mas vai de cada um fazer aquilo que a gente realmente é. Se você quer ter potencial, você vai ter potencial. Agora se você não quiser, quiser ser um coitado, um fraco, você vai ser.

P- Com relação à empresa patrocinadora, como você vê esta relação? Foi tudo positivo?

J 8- Não, eu acho que não foi tudo positivo. Eu acho que tinha que ter mais reconhecimento. No começo até que teve, mas no finalzinho, caiu o rendimento. Que nem, eu fiquei muito chateada com a bolsa dos meninos (bolsa de faculdade de ef em instituição privada). Eles ganharam a bolsa e depois de 6 meses esta bolsa foi cortada, porque eles não podiam estar lá fazendo um trabalho, não voluntário, mas um trabalho que estaria pagando a bolsa deles.

P- Explica melhor para mim esta bolsa. Bolsa do que?

J 8- Os meninos recebiam a bolsa de educação física na U.(universidade privada) dada pelo I. (ong responsável pelo projeto do voleibol), aí eles começaram a fazer por seis meses, só que eles não podiam estar na sede (núcleo do projeto) fazendo o serviço deles. Porque estavam trabalhando. Para eles poderem estar no projeto eles precisariam deixar o emprego, e para eles não estava dando porque já estava na fase de arrumar emprego. Então esta bolsa foi tirada porque eles não podiam estar ajudando. Então eu acho que eles já ajudaram tanto tempo, eles podiam ter ajudado para dar continuidade na faculdade.

P- Mais algumas coisa que você lembra com relação à empresa e ao instituto?

J 8- Eles ajudaram bastante também. Os campeonatos que pagavam ,material, uniforme, não uniforme era a gente que suava para comprar, né?

P- Quais as dicas que você daria para a montagem de um projeto social com esporte?

J 8- Um bom Professor.

P- O que é um bom Professor para você?

J 8- Ah, uma pessoa que entenda as dificuldades, né? Que tenha paciência. Porque assim: as pessoas não são iguais, cada um tem seu jeito, que tenha paciência com o jeito de cada um, que tenha um lugar adequado, um lugar que precise, arrumar parcerias também. E ir cultivando. Para os adolescentes verem que o que eles estão fazendo é o melhor para eles. È que nem uma escola. Que nem, tem as escolas, mas o pessoal fala que as escolas não prestam. Mas porque que as escolas não prestam? Porque o Professor entra na sala, não fala um bom dia, já vai escrevendo, na hora que vai embora já apaga, vai embora, não dá um tchau, então é assim, se você cultiva, a pessoa vai se apegar, vai ter carinho, e quando você precisar daquela pessoa ela não vai te dizer um não! Se você souber lidar com ela. Eu acho que independente do lugar, ou do dinheiro, de qualquer coisa, independente de tudo isso, é a cultivação entre as pessoas, porque se você tratar uma pessoa bem, você pode treinar na rua.

P- Esta cultivação que você fala é só tratar bem? O que mais que o Professor precisa fazer?

J 8- Tratar bem, conversar, perguntar se está precisando de alguma coisa, perguntar se esta tudo bem, como foi o dia dele, dar um bom dia, tchau, vai com Deus! São as pequenas coisas que no dia a dia as pessoas acabam esquecendo só que é essencial para ter uma vida de amizade.

P- tem mais alguma lembrança que gostaria de relatar?

J 8- tem as vitórias dos meninos. Aquela vez que eles venceram um jogo bem difícil. Foi bem emocionante. E tem também quando eu fui capitã do time.

P- O que isto significou para você?

J 8- Significou carinho e mais responsabilidades. Eu senti que eu, depois que eu virei capitã, assim eu já era bem presente no grupo, mas eu fiquei mais presente ainda. Eu cobrava mais, falava mais, eu sempre ajudei minhas companheiras, falava que elas tinham que melhorar isto, eu nunca fui a melhor, mas tudo mundo era bom. Eu acho que depois desta conquista minha eu me expus mais, me abri mais para todo mundo.

P- Você trabalhou na monitoria?

J 8- Ajudei, mas não muito. Eu ajudava quando não tinha monitor. Eu sempre ficava e ajudava.

P- como você se sentia?

J 8- Ah, me sentia uma Professora!

P- E isso era bom?

J 8- Era ótimo, porque você está ensinando uma coisa que você aprendeu. Ensinando uma coisa que você já sabe para uma pessoa que não sabe ainda. Ou que sabe que você esta ajudando aquela pessoa a melhorar. É uma sensação muito boa!

P- Nessa situação de monitoria você tinha que ter alguma atenção especial, alguma postura diferente que você tinha que ter diferente de como atleta?

J 8- Tinha, porque a gente era o grupo mais velho, né? Então tinha várias crianças e a gente era espelho deles. Então se a gente fizesse alguma coisa de errado eles iam falar: “ ah, mas a Flávia pode! “ Então meu Professor sempre me ensinou isso: se eu fizesse as crianças iam me ver e iam querer fazer. E aí, quando perguntasse porque você está fazendo isso? Aí ele ia responder: Eu vi a

Flavia fazendo. Então a gente sempre tinha que ver bem o que a gente estava fazendo, para poder estar dando exemplo.

P- Isto era difícil, era pesado para vocês?

J 8- Não, acho que não era difícil. Era uma coisa normal que a gente deveria ter feito e que nem sempre fazemos.

P- E como é ser mãe?

J 8- A sensação é ótima. Assim, eu não me arrependo nem um pouco. Para mim ela é a coisa maravilhosa. Coisa mais gostosa que eu tenho, né? Dá um pouquinho de trabalho mas isto é normal, eu tiro de letra! Desde meus nove anos que eu cuido da casa, dos meus irmãos. Meus irmãos foram criados por mim também, eu levava no dentista, no médico. Então para mim... Só não vou falar quero mais cinco por que não dá, né? Porque a gente não tem o espaço, mas para ela é a alegria da casa!

Entrevista Jovem 9

P- Qual a sua idade?

J 9- 19

P- Você nasceu em Heliópolis?

J 9- Não, eu nasci no Piauí.

P- E veio morar aqui com quantos anos?

J 9- Tinha 3 anos.

P- Você morou em quantas casas aqui, como eram?

J 9- Olha, eu já morei em 4. Esta é a quarta casa. Primeiro a gente veio, foi morar com um tio, daí a gente ficou um tempinho morando de aluguel, depois a gente foi morar lá para cima, teve uma invasão e a gente acabou indo para lá, só que era pequenininho, era um barraquinho e tal, aí meu pai conseguiu, vendeu a televisão, trocou algumas coisas e trocou por um barraquinho aqui mesmo, aí a gente continuou morando, a gente morou bastante tempo nesta terceira vez que a gente mudou. A gente conseguiu construir e tal e agora que eles começaram a urbanizar, eles tiraram a nossa casa e a gente veio para cá, para o apartamento.

P- Como era a sua infância? Ia para a escola? E depois da escola, o que fazia?

J 9- Eu ia para a escola, eu era pequenininha, minha mãe ia me levar e buscar, aí depois ela começou a trabalhar e a gente começou a ficar com uma moça que morava do lado de casa, e aí quando eu fui ficando um pouquinho maior eu comecei a ficar sozinha em casa, cuidando do meu irmão. A gente brincava, brincadeira normal, ficava em casa, cuidava dele.

P- Na rua dava para brincar?

J 9- Brincar na rua não.

P- Por quê?

J 9- Porque minha mãe não deixava. A gente ficava lá em baixo quando minha mãe estava, a gente ficava um pouquinho brincando com os outros vizinhos mas a gente tinha um quintal, então a gente brincava no quintal. Meu irmão, às vezes vinham os amiguinhos da gente.

P- Você tem alguma lembrança mais marcante da infância?

J 9- Olha, às vezes minha mãe fala, ah, você lembra? E eu tenho a memória super ruim para lembrar da minha infância, mas não, alguma coisa mais marcante, não. Assim, no começo a gente teve bastante dificuldade, quando a gente veio para cá, dificuldade financeira, de tudo, mas depois foi melhorando.

P- E a questão da violência quando você era pequena?

J 9- É, isto estava bastante presente. Teve bastante morte, teve uma vez até que a gente morava em baixo e tinha uma laje do lado, e aconteceu, um cara lá, acabou sendo morto e ele ia caindo em cima da nossa telha, da outra laje, ou seja, ia cair em cima da cama que a gente estava dormindo. Mas tinha bastante morte, estas coisas.

P- E é por causa disto que não dava para foiçar brincando na rua?

J 9- Também. Agora não, agora está mais calmo, melhorou muito, muito, de uns tempos para cá.

P- Você acha que existia um respeito com a comunidade ou não?

J 9- Olha, antigamente eu acho que não tinha muito não, mas agora eles vem respeitando mais. É que eles mudavam de... as gangues, né? Algumas tinham sim, outras já não tinham nenhum.

P--. F., agora as perguntas são relativas ao que você viveu especificamente com o voleibol. Você entrou com quantos anos no CJ (núcleo sócio-educativo estudado)?

J 9- Não, eu não fiz CJ, eu entrei direto no voleibol. Assim que iniciou o voleibol eu já entrei.

P- Você lembra com quantos anos?

J 9- Eu entrei com 14 anos.

P- Então você fez parte daquele grupo que tinha estourado a idade ?

J 9- É, eu fiz o primeiro ano normal, com todos que tinham 14 anos, aí, logo depois eu já passei para a noite.

P- Quais foram as situações mais marcantes? As mais vivas na memória?

J 9- Olha, bastante dos nossos treinos, quando a gente estava desanimado, e a gente tinha jogo, você começava a pegar no pé da gente para a gente não desistir, e ir em frente. Dos treinos, quando a gente estava mal, você fazia, se a gente não acertasse a gente ia se arrastar ou ia fazer isto. Eu lembro bastante, eu fico conversando com o pessoal e fico lembrando dos "castigos". A gente fica falando, esse pessoal da noite, né? Mas se fosse o L., onde que eles iam fazer isso? A gente fica comparando.

P- Este "castigo" foi um tema que apareceu bastante. Eu queria saber qual o significado destes "castigos" para você. Era bom, ruim, ajudou, não ajudou?

J 9- Olha, na época a gente achava, era chato, mas vendo assim, agora, era um estímulo para a gente pode estar indo atrás daquilo que a gente queria, que era a perfeição no voleibol, porque a gente tinha campeonato. Eu acho que era um modo de estimular os nossos treinos.

P- Mas você acha que foi necessário?

J 9- Eu acho que foi sim.

P- E o interessante é que estes "castigos" foram bastante falados, principalmente com as mulheres. Porque você acha isto? Será que vocês pagava mais que os meninos?

J 9- Não, a gente pagava bem mais.

P- E merecia mais ou não?

J 9- Eu acho que sim. Parece que os meninos, a gente também tinha vontade, mas parece que a vontade dos meninos, tem aquela coisa que você falava que os meninos tem mais força, mais jeito e a gente um pouco mais de nhem, nhem, nhem, lembra que você falava, arrumava o cabelo, e eu acho que isto atrapalhava um pouco e estes "castigos" eram para a gente pegar no...(pulsos cerrados)

P- E você acha que isto ajudou, então?

J 9- Eu acho que ajudou sim.

P- Você falou de ser excelente no voleibol. Como você acha que no projeto social deve ser o caminho para o esporte? Ele deve ser para o lazer, para atrair a criança para o projeto, ficar na brincadeira, ou deve ir mais profundamente, com mais treinamento, aprender mais profundamente e melhor o voleibol?

J 9- Eu creio que no projeto social, como assim, o voleibol é o foco, acho que não tem muito como fugir daquilo. Porque quando as pessoas vão, por exemplo, quando eu fui, eu fui atrás do voleibol. Porque eu gostava de jogar e aí eu fui conhecendo outras coisas. Eu acho que o foco não deve ser perdido, mas também trabalhando outras coisas, mas o foco não deve ser perdido. Por exemplo, lá , voleibol, eu vou puxar para brincadeiras, porque as crianças vão atrás disso, vão atrás do voleibol mesmo. Porque quando ele entra, a mente dele vai naquilo, eu vou para jogar voleibol! Muitas vezes acabam... Quer dizer, tem que passar outras coisas sim, mas tem que fugir daquela coisa do voleibol.

P- E você acha que é possível aprender, se aprofundar, competir, dentro de um projeto social?

J 9- Eu digo por mim mesmo, não! Eu digo, para chegar a ser uma atleta. É isso que você quis dizer?

P- Pode ser também! Existem vários níveis, não é? Por exemplo, a gente pode trabalhar com voleibol até certo ponto e daí falar que não dá mais, ou a gente pode ir evoluindo, a medida que o

pessoal vai evoluindo a gente vai continuando, até o ponto que der. O que você acha, qual a sua opinião, qual caminho a gente faz?

J 9- Olha, eu acho que deve se trabalhando e evoluindo. Cada vez mais, sem esquecer daquela coisa, que é um projeto social, mas eu acho que tem que ir evoluindo, caminhando com os fundamentos do voleibol mesmo.

P- E tem mais alguma situação marcante?

J 9- Tem as brigas, que você sempre brigava com a gente. Depois dos treinos, tinha aquelas conversas, tipo, não deixava a gente desanimar, conversava bastante, aquelas histórias que você contava para a gente, e até hoje tem bastante que... O que mais... Os nossos passeios.

P- O que você acha da história de monitoria e arbitragem? O que você achou desta experiência?

J 9- Era uma coisa assim, que além de a gente estar trabalhando com o voleibol, a gente estava se expandindo para outras coisas, conhecendo outras áreas do esporte que não é só o voleibol, a arbitragem, a monitoria, e a gente, ajudando nas aulas a gente estava por dentro com as crianças, se envolvendo um pouco mais além dos treinos de voleibol.

P- E para você, isto trouxe alguma coisa?

J 9- Para mim me ajudou em escolher o que eu queria fazer com relação à minha profissão, depois que eu comecei a fazer monitoria eu vi que era aquilo que eu queria, fazer educação física . Me ajudou a escolher minha profissão.

P- E como está esse seu desejo de fazer educação física?

J 9- Olha, apesar das dificuldades eu nunca desisto, eu estou indo atrás, eu vou até o fim para conseguir o que eu quero.

P- Quais as características que você acha que um Professor deve ter para trabalhar com esporte em um projeto social?

J 9- Primeira coisa ele tem que ter aquela coisa, eu não sei dizer o nome, sabe aquela coisa para cativar os alunos, além de ser o Professor, ser amigo também. Primeiro de tudo ele tem que ser amigo dos seus alunos depois vem o Professor. Acho que é o mais importante.

P- E você acha que para ele ser amigo o que ele precisa ter, precisa fazer?

J 9- Não sendo autoritário com seus alunos. Assim, tem que impor os seus limites. Aluno a gente sabe que é fora do limite, tem que impor os seus limites mas não sendo tão...(punhos fechados)

P- E o que mais? Você pensa em mais alguma característica do Professor?

J 9- Amigo, companheiro, tipo, sempre estar ali para ouvir, porque muitas vezes o aluno vai para a escola ou para qualquer outro lugar e as vezes ele tem algumas dificuldades em casa e a gente saber e conhecer na hora que o aluno está precisando de você.

P- Conhecer melhor o aluno, é isto?

J 9- Conhecer melhor, isto.

P- Eu vou te perguntar de novo. Como que se faz isto?

J 9- Observando.

P- E o que mais? Qual é a característica que você vai ter quando você for Professora no projeto?

J 9- Agora não me vem mais nada.

P- Tudo bem, se você lembrar é só falar. Foi falado na roda de conversa que você não participou sobre a diferença entre os meninos e meninas. O que você tem a me dizer sobre esta diferença?

J 9- Era uma coisa que a gente falava bastante depois dos treinos. A gente até falava, ah, mas a gente tem mais coisas em casa, tem isso, tem aquilo, e assim, você sempre falava, ah porque os meninos têm mais força de vontade... Do que vocês meninas? E a gente sempre tocava neste assunto: ah, a gente tem mais coisas para fazer, tem a casa para arrumar, não sei o que. Aí que está um pouco das diferenças, nas responsabilidades, os meninos as vezes não tem tanta responsabilidade que as meninas, as meninas tem que arrumar a casa, cuidar do irmão mais novo, acho que aí está bem a diferença. Mas a questão de vontade são iguais.

P- Eu achei que as meninas sentiam uma diferença de importância entre os meninos e meninas. Você sentiu isto também?

J 9- A gente sentia isto por eles serem mais avançados que a gente no voleibol, em tudo praticamente, eles eram mais avançados, e a gente se sentia um pouco mais, pô, porque eles conseguem e a gente não? Será que é por esta diferença de habilidade, de força.

P- Então você acha que esta diferença está em relação aos compromissos que as meninas têm fora do voleibol?

J 9- Sim.

P- Quais as características de um projeto social com esporte? Se alguém pedisse uma sugestão sobre o como deve ser um projeto, qual seria?

J 9- Não fugir daquela proposta. Da proposta do esporte que ele vai...

P- Você fala de fugir (da proposta). Isso foi uma coisa que aconteceu com a gente?

J 9- Não, aconteceu depois da gente. Não sei se revoltou, é, acho que revoltou, muitos dos que vinham atrás da gente. Porque que eles tinham e agora não tem?

P- Teu irmão é um deles?

J 9- É!

P- O que ele fala, o que você sente dele?

J 9- Olha, ele é bem desestimulado. Vou para o treino, vou nada, hoje nem vai ter... Tipo assim, os meninos do treino, se hoje não vai ter voleibol, eu não vou! Porque parece que não significa mais tanto como a gente. Nossa, a gente podia passar o dia inteiro lá dentro, mas a gente estava sempre com a vontade de sempre ir, sempre ir, já as pessoas que vieram depois da gente não. Se não tem voleibol eu não vou. Não tem mais aquele estímulo que a gente tinha. Não sei o que falta. Falta alguma coisa, entendeu?

P- Você falou este desejo de sempre ir, sempre ir, era um desejo de evoluir? É isso?

J 9- De evoluir. Porque a gente não ia lá só pelo voleibol, a gente tinha outras coisas, tinha arbitragem, a monitoria. Hoje em dia a gente não vê ninguém fazendo monitoria, nenhum dos meninos mais velhos.

P- Tem mais alguma sugestão para um projeto?

J 9- Colocar o Professor L. lá!

P- Obrigado!

J 9- Colocar Professor que tenham o mesmo tipo de pensamento, o mesmo tipo de força de vontade, que você tinha com a gente. De fazer a gente quere crescer, e não crescer em cima da gente.

P- Me explica melhor isto do Professor querer que os alunos cresçam e não ele crescer em cima dos alunos.

J 9- Olha, ter vontade de ver seus alunos em cima, correndo atrás, e não fazer as coisas para si próprio. Para fazer para o seu crescimento profissional, para o seu crescimento em si, e não pela gente. Ah, na frente, ah, não sei que lá, mas por trás a gente sabe que não é assim, está fazendo pelo seu crescimento profissional e não pela gente.

P- Mais alguma característica ou uma lembrança marcante?

J 9- Ah, tem. Foi quando você foi atrás de mim, na minha casa, falar com minha mãe. Foi você, foi a S. (liderança da comunidade). Isso é uma característica que está faltando no nosso projeto agora. O Professor dava mais importância ao aluno e não à si próprio.

Transcrição dos depoimentos do sim Professores do projeto

Entrevista Professor 1

P- Quanto tempo você participou do projeto?

ED 1- Eu participei do projeto 5 anos. Entrei em 2003, fiquei um ano como estagiário sem remuneração, aí em 2004 me contrataram como estagiário remunerado, e eu saí agora, em fevereiro de 2008.

P—Você saiu agora, né? O foco da entrevista é com relação aos adolescentes. Então você identificou alguma alteração do comportamento destes adolescentes durante este tempo que trabalhou com eles?

ED 1- Identifiquei várias alterações nos adolescentes. Até em mim, né? Porque eu também fiz parte do processo. Mas falando dos adolescentes, como eu estive próximo e vivendo durante todo o tempo eu participei do processo todo. Eu me lembro que no começo, os meninos, era como se você pegasse uma pessoa sem nada na cabeça. E aí, durante este tempo a gente foi tendo vivências, a gente foi amadurecendo como grupo, e estes adolescentes foram crescendo, porque eles estavam dentro de um ambiente, que é o Heliópolis e parece que eles só conseguiam ver o Heliópolis. Não conseguiam ver além do Heliópolis. Eu acho que a experiência, estes anos de convívio com os adolescentes ajudaram-nos nisso. A criar uma expectativa que eles não tinham. Eles achavam que eles tinham que ficar no Heliópolis, passar a vida, muitos falavam isso, passar a vida toda no Heliópolis, e não tinham, não tinham objetivos, não tinham metas a alcançar. E aí, através da convivência, eu lembro muito bem, que o Professor, que era o Professor principla, ele trabalhava muito esta questão de tentar resgatar isso, de tentar fazer com que ele conseguisse olhar além, de que ele perdesse aquela visão limitada que ele tinha e conseguisse ampliar os horizontes dele. Então eu acho que, hoje em dia é visível, é notável, os meninos conseguiram ampliar seus horizontes. A gente tem um exemplo claro, e eu fiquei muito feliz com isso, de uma experiência que a gente trabalhou que foi a V (uma das adolescentes do grupo), eu lembro muito bem, que a gente fez aquela experiência de um ou dois anos do livro, que a gente tinha a questão da leitura e a gente queria que ele pegasse gosto pela leitura e a gente trabalhava a questão de que era possível de que ele entrasse na USP (Universidade de São Paulo), porque no Heliópolis, isto está no discurso de mais de noventa por cento da população de Heliópolis, que uma pessoa daqui nunca vai conseguir entrar numa universidade pública.E a gente trabalhava o contrário, falava que se ele se esforçasse, se ele corresse atrás, ele conseguiria, né? Até porque a gente tinha exemplo de dentro de Heliópolis que conseguiram. E a V. foi um exemplo, que neste ano de 2008 ela entrou na faculdade, na Usp e na Unicamp. Eu tenho certeza absoluta de que foi um fruto daquele trabalho que a gente fez. O fato da V. estar na USP hoje, dela estar fazendo o curso de letras, o trabalho que foi feito lá, com o voleibol, com aquelas experiências que a gente teve, contribuiu e muito! Para que o V. (outro jovem do grupo) tivesse fazendo cursinho vestibular. Mesmo que ele não tenha passado, que ele tivesse motivação para este ano continuar tentando.

P—Você vê mais algum exemplo desta vontade de extrapolar os limites de Heliópolis?

ED 1- Temos alguns exemplos, tem casos e casos. Tem o D (outro jovem do grupo) que é um cara que não gosta de estudar mas que absorveu bem a nossa idéia. Ele tem a história que a gente conhece, que poderia estar no tráfico, poderia estar trabalhando para as forças do mal, mas graças a Deus e eu tenho certeza por causa de nossa experiência, ele caminhou para o outro lado. Ele não foi para estudar, mas ele arrumou um emprego, ele está trabalhando, agora voltou para a escola, resolveu terminar a escola, pelo menos, e com certeza vai ser um menino que vai constituir sua família, vai ter seu trabalho digno, vai conseguir trabalhar para ter seu salário todo mês, não sei se vai estudar, mas que vai caminhar para este lado, vai ser um trabalhador honesto, isto nós temos certeza.
Temos também o caso do M., R., R., que são meninos que não entraram na universidade pública como nós gostaríamos, mas que oportunidades apareceram, porque eles foram atrás também e estão fazendo universidade particular, estão estudando, estão trabalhando.
Temos a B., que está fazendo faculdade particular, está trabalhando no projeto como Professor agora. Tem a F. que está no mesmo rumo que a B, que está no projeto, que está como estagiária no projeto, está estudando, trabalhando.

P- Como morador daqui, você detecta diferenças entre os jovens participantes do projeto e jovens que não participam? Quais são estas diferenças?

ED 1- Detecto! E as diferenças, a gente mora no Heliópolis e a gente observa grupos, existem vários grupos de jovens dentro de Heliópolis. Este grupoo é um grupo diferenciado mesmo porque muitos grupos aqui no Heliópolis, a gente percebe que os meninos adolescentes e as meninas também, eles não buscam uma mekhora de vida, eles ficam naquele círculo vicioso. Não procuram fazer uma faculdade, muitos, principalmente as meninas, não procuram um trabalho legal, se contentam com o pouco. E a gente conseguiu despertar nestes meninos este desejo de buscar melhorar, buscar ter uma vida melhor. Buscar futuramente de ter condições de constituir uma família e dar condições melhores para esta família. Eu não vejo em outros grupos este desejo de querer melhorar, fazer uma faculdade, melhorar financeiramente, de sair do Heliópolis, eles pensam que a vida deles vai ser aqui sempre. Vão crescer, assim como já cresceram, e vão morrer aqui.

P—E você tem idéia do porque que isto acontece com estes grupos?

ED 1- Eu acho que tem várias coisas que contribuem. Tem a questão do desemprego, que muitos se acomodam por isso. Eu acho que tem a questão de falta de estímulo dos pais desses jovens, muitos pais, não estou falando que são todos, ma muitos pais não estimulam, não pressionam este jovem para que ele se interesse em outras coisas. E eu acho que fez a diferença foi que nós suprimos esta falta dos pais dos jovens que tiveram esta experiência. Eu acho que a gente contribuiu nisso. A gente fez o que muitas famílias não estavam conseguindo fazer. Que era dar este estímulo.

P—Este grupo de adolescentes, você achava que eles eram um grupo compromissado com a idéia do projeto?

ED 1- Então, no começo não, eu acho que no começo não, até porque eles não tinham este costume de ter este compromisso. Mas isto foi criado com o tempo. Eles se comprometeram depois. Claramente eu vejo que da metade do processo até o final, eles se comprometeram. Do começo até a metade eles estavam iniciando, eles estavam num processo de comprometimento. E eu acho que a ações que foram feitas durante o processo fizeram com que eles se comprometessem.

P—porque você acha que estas ações fizeram com que eles se tornassem um grupo compromissado?

ED 1- Eu acho que principalmente porque as ações tinham significado. E também porque o Professor conseguia passar este significado.

P—O que é ter significado?

ED 1- Isto é difícil explicar. Mas eu vou tentar. È que o Professor trabalhava em cimo do que os alunos gostavam. E o que eles gostavam era o voleibol. Era jogar voleibol. Eram os campeonatos. E através disto, que era o que eles gostavam, através disto, foram colocadas as ações. Por meio

deste interesse que eles tinham do voleibol. De estar ali para bater bola, as coisas foram aparecendo, eu acho que a gente conseguiu obter sucesso principalmente por causa do voleibol. E através do voleibol a gente conseguiu dar significado as ações que não eram do voleibol. Por exemplo a leitura. Não era uma ação de prática esportiva, mas que veio junto.

P—existia uma relação da leitura e o voleibol?

ED 1- O que era lido, tinha vários tipos de leitura, tinha literatura, tinha leitura esportiva, tinha o caso do livro da A. (diretora da ONG) que era uma leitura do voleibol, que era uma leitura do esporte, mas não era só isso. Tinha literatura, principalmente literatura, o que tinha mais. E na verdade, o intuito dos Professores era o de ampliar o universo cultural deles, porque era uma deficiência que eles tinham, que a gente detectou e procurou trabalhar esta deficiência.

P—Como você vê, como você acha de deve ser trabalhado o esporte, pensando no processo inteiro, desde a infância até, no nosso caso, a adolescência, os 17, 18 anos?

ED 1- Eu acredito muito, muitos são contra, mas eu acredito muito na competição. Lógico que a competição, por exemplo, dos 8 aos 12 anos, ela tem que ser uma competição saudável, não pode ser aquela coisa forçada. Mas eu acredito muito na competição, e com estes meninos a competição tinha um peso grande no processo. Porque eu lembro muito bem que se fossemos contar as derrotas que nós tivemos durante o processo, porque a competição fez parte, e se a gente for colocar em escala todas as derrotas, a gente teve mais de 95% de derrota e 5% de vitórias. Perdemos,se não me engano, 39 ou 40 jogos e ganhamos 2 ou 3. E se a gente olhasse para o lado psicológico, talvez muitos falariam e criticariam, falando que isto seria muito ruim, mas a gente trabalhou em cima das derrotas e através da relação do Professor com o aluno, a gente pode transformar as derrotas, que era uma coisa negativa, em algo muito positivo. Porque a gente conseguiu introduzir valores dentro deste processo de derrotas. E a gente pode trabalhar várias questões com estes adolescentes. Questão de auto-estima, de acreditar em si mesmo, mesmo passando por várias derrotas, de acreditar que as vitórias chegariam. E a gente procurava sempre trabalhar a questão da vida, a gente fazia reflexões, dentro do esporte, da competição, das derrotas e vitórias também, a gente procurava a questão de que isto eles levariam para a vida

deles. Por isso eu acredito que a competição é positiva. Eu fui atleta, eu joguei até 21 anos e eu sei. Eu não consegui realizar o meu sonho, de se tornar um jogador de futebol, mas hoje em dia eu tenho claro que o futebol me ajudou a ter um caráter que eu tenho hoje como pessoa de correr atrás das coisas, de quere dar uma vida melhor para a minha família, de ter alguns sonhos e objetivos, eu tenho muito por causa do esporte, por causa do futebol. E eu acredito que os meninos também. O fato de a gente ter tido estes resultados, de vários meninos indo para a universidade, eu acho que mais de 50% está na universidade, daquele grupo, foi por causa do esporte e das reflexões que a gente tinha.

P—Qual a relação? Eles participaram do campeonato, perdiam mais que ganhavam. O que era trabalhado para que não se criasse uma frustração, não aumentasse esse sentimento de que não são capazes? O que era trabalhado? Porque se continuava a competir?

ED 1- Eu acho que principalmente por parte do Professor, foi a questão da auto-estima. Porque a cada derrota nós trabalhávamos muito no psicológico do jovem.

P- Como? Porque é de se esperar que quando se perde muito a auto-estima diminua. Você está falando que aconteceu o contrário. Como foi isto?

ED 1- Eu acredito que o que fez com que a gente conseguisse fazer com que os meninos continuassem motivados a continuar jogando, mesmo só perdendo, eram as conversas que a gente tinha com eles, sobre não desistir, lutar, e sobre tentar passar pelas dificuldades, porque talvez se eles desistissem isto seria muito ruim para eles até no decorrer de suas vidas. E se eles conseguissem vencer estas dificuldades de mesmo perdendo encontrar motivação para continuar jogando isto seria muito bom para eles. Ajudaria eles em suas próprias vidas.

P—e você acha que eles foram superando estes desafios, mesmo que não se refletissem em vitórias?

ED 1- Sim, porque eu acho que a gente foi conseguindo colocar na cabeça deles que, lógico, acho que isto está no ser humano, todo mundo quer ganhar, mas o mais importante do campeonato era,

lógico, a gente corria atrás das vitórias, mas o nível do campeonato era muito forte para nós, mas o mais importante era a questão do coletivo, de conviver e aproveitar a oportunidade de estar convivendo com outras pessoas ali dentro do grupo. De aproveitar este ambiente de trocas e experiências porque isto ajudaria eles em suas vidas.

P—Você acha que a equipe melhorou como equipe?

ED 1- Sim.

P—E o que você acha desta continuidade, deste desejo de melhorar? Você acha que é importante?

B_ Eu acho que isto é importante em qualquer esporte, fazer com que isto tenha significado para a criança, fazer com que ela goste e tenha significado para ela. Eu acho que a competição ajuda nisso. Porque todos os esportes coletivos são competitivos. Eu acho que se você tirar a competição ele perde a graça. Eu acho que também era isso que motivava os meninos a continuarem. Também era a competição.

P—O que você acha desta linha que afirma que em projeto social não se deve trabalhar o esporte competitivo, que deve ser tratado como recreativo, sem muita ênfase em competir e em profundidade no esporte. Na verdade trabalhar o esporte de maneira a atrair os jovens e de forma unicamente recreativa?

ED 1- Eu sou totalmente a favor do esporte e da questão da competição no esporte. E a gente vive numa associação competitiva. Infelizmente, a gente tem que estar o tempo todo competindo por alguma coisa. Eu acho que o esporte habilita ela a enfrentar estas situações e desafios que a vida vai trazer. O que eu falo dos meninos, eu ach que se eles não tivessem passado pela competição dentro do nosso processo eu acho, tenho certeza de que a maioria do que entraram na faculdade agora não estariam na faculdade. Acho que eles aprenderam, infelizmente no mundo em que a gente vive, você correr atrás de algumas coisas, você se especializar, procurar ter uma profissão,

procurar ser o melhor nesta profissão, e eu acho que com a nossa vivência a gente passou isto para eles.

P—Quais as qualidades que um Professor que trabalha com esporte no projeto social deve ter? Quais as características?

ED 1- Primeiro o Professor tem que manjar muito do esporte que ele está trabalhando. Por exemplo, se você está no voleibol, você tem que entender do voleibol.

P—Por quê?

ED 1- Porque os alunos pedem isto. Eles querem um Professor que consigam fazer com que eles joguem. Isto eu vejo no discurso de vários meninos. Eles querem um cara que entenda da parte técnica, tática, que saiba o que é este esporte, o que é o voleibol. Isto é uma coisa. Para quem trabalha dentro da comunidade em projeto social, eu acho que o Professor deve ter um olhar global dentro da comunidade. Ele tem que olhar um menino e não vê-lo apenas como um aluno. Ele tem que enxergar além, ele tem que entender a vida deste menino! Ele tem que saber dos problema deste menino, ele tem que entender a realidade deste menino, ele tem que entender o contexto, a história deste menino. De cada menino que ele tem contato dentro do projeto social. Só assim ele vai conseguir faer com que os meninos que tem dificuldade , ele vai conseguir fazer estes meninos caminharem. Entendendo o menino por completo.

P—Você vê mais alguma característica importante no Professor?

ED 1- O Professor também tem que, isto acontece muito, eu tenho visto, se o Professor vem para uma comunidade, e ele vem apenas para dar aula, a aula dele, não que isto seja um pecado, mas eu acho que isto não serve. Porque o Professor tem que querer transformar, ele tem que querer fazer parte desta transformação também, Ele tem que ter este desejo de, aquelas crianças que ele tiver na mão, dele tentar fazer com que aquelas crianças se tornem pessoas que queiram transformar a comunidade. Porque a gente vê muito Professor que não é da comunidade que vem

trabalhar no projeto social mas que você não vê isto nele. Ele tem que ter preocupação também pela criança, ele tem que ter este olhar esta visão.

P—E além desta preocupação, desta atenção, o que mais você acha que o Professor deve ter? Na prática ele tem que vir dar a aula e o que mais? Como é que ele vai fazer parte desta transformação?

ED 1- Além de dar a aula ele tem que conhecer os alunos, os moradores, muitas vezes o tráfico, e dependendo da realidade, isto é importante, ele tem que conhecer o contexto em que ele está inserido, ele tem que fazer parte do contexto, ele tem que, na verdade, viver no contexto. As pessoas precisam conhecê-lo. Eu acho que a transformação vai vir daí. A partir do momento que o Professor é reconhecido dentro da comunidade como uma pessoa que não é da comunidade, e as pessoas percebem que ele está lá para ajudar e ele está conseguindo realizar mudanças na realidade que ele está inserido, através de vida dele, eu acho que o trabalho consegue ter frutos a partir daí.

P—Voltando aos jovens, você fez bastante referência do fato deles estarem na universidade com o projeto. E também do desejo de arrumar um bom emprego, de melhorar de vida. Você consegue identificar mais algum aprendizado apresentado naquela época que ainda hoje eles manifestam?

ED 1- Sim, eu acho que eu ainda não mencionei, mas muitos afirmam quere fazer alguma coisa pela sua comunidade. Assim como eu, que tenho este desejo, que eu não tinha e que foi aguçado com o tempo, eu acho tem o desejo também de alguma forma retribuir para a comunidade o que ele aprendeu. Daí eu mudei e vi que não era legal fazer deste jeito, mas mesmo assim, muitas coisas que eu aprendi eles sabem hoje, parecia que dentro do meu coração e da minha cabeça eu tinha que passar isto, entendeu? Eu tinha que fazer uma ação multiplicadora do que eu aprendi e foi mais ou menos o que eu fiz.E aí hoje e até a hora de eu sair eu via muito a característica do nosso grupo a garra, a vontade de fazer as coisas, a vontade de criticar, e aí eu dizia para eles que não tinha só que criticar, eles precisavam saber porque eles criticavam, e aí, apesar de eles terem apenas onze, doze anos, eles já eram mais folgadinhos assim, sabe? Já batiam na porta da C.(coordenadora) e diziam, isto aqui não é legal, a gente não quer isto! E isto me deixava feliz

entendeu? Muitas pessoas mudaram, eles não pensam mais como pensam antigamente. E junto com este pensamento eles tem este desejo também, de alguma forma, fazer alguma coisa para o bem estar das pessoas de Heliópolis. Eu acho que este é uma outra coisa que a gente enxerga neles.

P—Eu queria resgatar uma das coisas que você falou sobre as características do Professor. Você afirmou que uma das características importantes é a de que o Professor entenda da modalidade. Você teve uma formação com o futebol, não é? Você sentiu dificuldade com o voleibol, qual foi seu sentimento?

ED 1- Então, eu senti dificuldade durante os 3 anos. E hoje em dia eu faço uma reflexão sobre isso. Que na verdade, cada um tem um esporte que você acaba gostando mais, e no meu caso é o futebol. Não que eu não ia para as aulas e para o voleibol e não queria estar lá, mas não era a mesma coisa de que se eu estivesse trabalhando com o futebol. Eu acho que se eu tivesse, naquela época, com um grupo de futebol, eu acho que o meu envolvimento no processo todo, na vivência, nos anos, seria maior. Talvez por que o voleibol em si não tem muito significado para mim. È o que eu falei, se eu tivesse trabalhando com o futebol, assim como eu estou trabalhando hoje, eu conseguiria estar envolvido mais.

P—Você acha que por causa desta dificuldade, deste distanciamento, a sua relação com os jovens também teve alguma dificuldade?

ED 1- Não, eu acho que a relação não, até porque para Professor principal era outro, não era eu, eu era mais um auxiliar. Então, a responsabilidade maior não estava em cima de mim. Então a minha relação com eles foi quase a mesma da relação que eles tinham com o outro Professor. Porque a gente trabalhava junto com o outro Professor.

P—Mas você teve um momento que você teve que assumir, não? E este momento, como foi?

B_ Porque eu assumi uma coisa que depois eu descobri que eu não gostava. Eu assumi o voleibol, fiquei 2 anos com o treinamento, no lugar do outro Professor, eu tentei dar continuidade no

trabalho, mas eu não consegui, e eu acho que um dos principais motivos foi esta questão, da modalidade, eu acho que se eu tivesse com o futebol a história ia ser diferente, eu acredito nisso. Você tem que estar num lugar, você tem que estar no esporte que você gosta.

P—E os jovens que estavam com você nesta época, sentiram esta sua dificuldade?

ED 1- Sentiram, sentiram. Uma outra coisa que eu queria mencionar é o seguinte: é, foi tirado a competição também, o campeonato que a gente participava, quando eu assumi, o projeto tirou a verba, não teve mais campeonato. Eu acho que isto também foi uma outra coisa que contribuiu para que o nosso trabalho fosse perdendo força. Não tivesse continuidade. Daí o projeto começou a tirar a competição, começou a colocar o esporte mais educacional, tanto que hoje, lá no projeto as turmas são mistas, que eu acho que não tem que ser assim, tem que ser do jeito que era antes, feminino e masculino para jovens de 15, 16 e 17 anos. Eu acho que estas coisas fizeram com que os alunos saíssem. Se a gente for lá hoje, tem 1 ou 2 meninos daquela época.

P—Você tem contato com estes jovens que deixaram o projeto e você detecta qual é a reclamação?

ED 1- Eles reclamam muito que não tinha mais competição, que os treinos não são mais os mesmos. Porque a gente teve que mudar nossa filosofia, eu tive que mudar. Aquele treino mais técnico e tático que a gente tinha eu tive que abandonar um pouco, para oferecer um treino mais educacional, com atividades mais lúdicas, com esportes mais lúdicos.

P—Você chama este esporte de educacional. Você acha que este esporte educa mais que o esporte competitivo?

ED 1- Eu vejo que o nosso processo lá, tinha o esporte educacional. Eram os dois. Porque a gente se preocupava com as ações educacionais, então na verdade os dois caminhavam juntos, o esporte competitivo com o esporte educacional. Não tinha apenas um, tinha os dois. Agora, no projeto, o que acontece é que só tem o educacional. E estão querendo tirar mais e mais a competição. Porque acham que isto é ruim.

P—E aí o pessoal tem deixado o projeto?

ED 1- Principalmente a safra antiga de jovens reclama disto. A maioria não, todos eu acho.

Entrevista Professor 2

P- eu queria saber quanto tempo você trabalhou como estagiário no projeto.

ED 2- foram 1 ano e 8 meses.

P- Você trabalhou com que faixa etária?

ED 2- Eu tinha todas as faixa etárias. No núcleo com a faixa de 6 a 8 e 11 a 12 e já no Meireles eu trabalhava com 13 a 15 e 9 e 10. Então eu trabalhava com todas. Agora a minha preferência era 11 e 12.

P- Você como Professor de adolescentes, consegue me falar se existem diferenças entre os jovens que participam do projeto dos que não participam?

ED 2- Existe diferença. Acho que já foi muito maior a diferença, sabe? Aliás, ao contrário, acho que já foi muito menor. Hoje eu acho que é muito grande assim. Por que eu vejo que meus alunos tinham uma , como eu digo, eles necessitavam de carinho, sabe, eles precisavam de um bom dia, mas de um abraço e um beijo junto, entendeu? E quando a gente anda em Heliópolis a gente não tem este hábito, de dar um abraço, um beijo, de dar um bom dia um boa tarde, principalmente se é homem com homem, aí que a coisa fica muito mais feia. Então se a gente vê uma determinada criança pela rpimeira vez e aí você quer dar um gesto de carinho, dar um abraço, daí eles já ficam meio retraídos, não isso eu não faço! Tem que dar um aperto de mão, aquele toque tradicional de Heliópolis (toque das mãos com mãos abertas e depois cerradas), enfim, eu acho que é muito mais o carinho, a afeição que eles precisam, eles precisam de afeto. Se eles tem em casa é difícil

saber por que são realidades diferentes, por mais que eles estejam inseridos numa mesma realidade, cada casa tem as suas maneiras de lidar, cada pai tem a sua maneira de lidar com o filho, né? Eu acho que é isso. Eu sentia muita dificuldade nisso porque eles iam querendo muito, eu preciso de carinho, eu preciso de atenção, olha para mim, eu estou aqui, sabe? E daí eles faziam isto para demonstrar das piores e algumas vezes das melhores maneiras possíveis.

P- Você vivenciou como atleta-aluno uma proposta e daí você vivenciou como Professor uma proposta diferente. Você sabe me apontar estas diferenças de dois momentos diferentes?

ED 2- Foi muito difícil para mim. Eu me sentia muito mais sobrecarregado do que os outros Professores. Eu via, como aluno, eu vi o quanto aquilo foi bom para mim, todas as estratégias que foram utilizadas, a maneira como o Professor lidava comigo, o carinho, o afeto, a atenção, as estratégias do jogo, o próprio voleibol, enfim, e aí eu ter que passar tudo isto era muito complicado. Daí eu aprendi de uma forma, e eu achava que aquilo ali era super bacana, tanto é que eu acredito nisto até hoje, porque eu quero isto, eu estou lutando para isto, para fazer isto e aí eu tenho que fazer ao contrário, não ao contrário, mas com muitas modificações, entendeu, com muitas mudanças. E isto foi muito pesado para mim, foi um choque, sabe? Porque quando me disseram assim, você vai poder trabalhar aqui, meu olho brilhava, fui pensando na primeira aula, caramba, vou fazer isso, isso e aquilo. E aí, quando eu vi que aquilo que eu estava fazendo não era o que eles estavam querendo que eu fizesse eu falei, caramba, alguma coisa de errado tinha, por que quando eu era aluno era assim e agora como Professor mudou? Porquê que mudou? Então foi muito difícil esta mudança. E aí até que... Não me adaptei, de jeito nenhum, tentava, não vou dizer que não tentei, tentei me adaptar, não foi algo que eu queria, tanto é que eu algumas vezes me frustrei, enfim, mas foi muito difícil fazer algo que eu não conseguia fazer. Ou algo que eles queriam que eu fizesse e que eu não iria fazer de jeito nenhum, tanto é que muitas pessoas me criticaram pelo meu trabalho, muitas pessoas disseram que eu era um reprodutor, que eu não tinha minha própria personalidade, enfim, ouvi muitas coisas. Mas isso não pesa quando eu escuto meus alunos me pedindo para voltar, entendeu, falando, puxa, faz falta, puxa, aquele jogo era muito legal e eu não faço mais. Então eu acho que alguma coisa foi deixada por mim, eu não tenho dúvida disso, passar na rua e ainda mais para mim que moro lá, e aí os alunos vem e eu tenho contato com eles diariamente e eles dizem: putz Professor ta fazendo falta. Eles ainda me

chamam de Professor, podiam nem mais chamar, chamar pelo nome, mas não é, “puxa Professor, estou com muita saudade!” ou então “putz, eu não estou mais indo porque não está legal.” Então eu deixei alguma coisa, entendeu? Eu fico muito feliz por isso, mas que foi um processo muito difícil, isto foi. Eu me lembro que no início eu queria que meus alunos fossem igual a minha turma, a que eu passei, então eu achei, a princípio, como eu não tinha experiência nenhuma eu achava que era o certo, eu quero que meus alunos passem pelos mesmos processos que eu passei, porque só assim eles vão ter as mesmas vivências e como eles são todos da mesma comunidade, passamos pelos mesmo problemas, então eles vão conseguir ser críticos, vão atrás dos seus sonhos, da mesma maneira que eu aprendi, eu achava que era o ideal, e aí eu até fazia assim, no início eu falava, putz este tem a cara do P. (colegas do grupo quando atleta), este parace o D. e aí eu achava que isto era o correto, mas aí eu conversei com vária pessoas que me disseram que isto realmente não é o ideal. São pessoas diferentes, outras vivências, outras enfim, não trabalhe desta forma. Daí eu mudei e vi que não era legal fazer deste jeito, mas mesmo assim, muitas coisas que eu aprendi eles sabem hoje, parecia que dentro do meu coração e da minha cabeça eu tinha que passar isto, entendeu? Eu tinha que fazer uma ação multiplicadora do que eu aprendi e foi mais ou menos o que eu fiz.E aí hoje e até a hora de eu sair eu via muito a característica do nosso grupo a garra, a vontade de fazer as coisas, a vontade de criticar, e aí eu dizia para eles que não tinha só que criticar, eles precisavam saber porque eles criticavam, e aí, apesar de eles terem apenas onze, doze anos, eles já eram mais folgadinhos assim, sabe? Já batiam na porta da C.(coordenadora) e diziam, isto aqui não é legal, a gente não quer isto! E isto me deixava feliz entendeu? Mas foi muito difícil, muito difícil. Foram dois mundo, parecia que eu entrei em um outro mundo, parecia que eu entrei nos bastidores, eu falei, putz, não era isso!

P—Quais foram estas diferenças ? Se você fosse listar, quais seriam as características destas diferenças?

ED 2- A primeira, e eu sempre disse isto nas entrevistas, é o ensino do voleibol. Eu acredito sim que esta modalidade ou qualquer outra modalidade transforma, pode educar, pode fazer com que a pessoa adquira valores, valores positivos ou negativos, enfim, mas a primeira é o ensino, a gente não pode fugir do que o projeto pregava, se eu vou para um projeto que está escrito centro R (nome do projeto) de voleibol, é atrás disto que o aluno vai, e isto fica muito claro quando a

gente vai fazer uma ficha de inscrição. Porque você se inscreveu? Porque eu quero jogar voleibol! Então é isto, não fuja disto! Quer-se ensinar outras coisas e eu acho que tem que ensinar, é muito bom, não precisa ficar focado só naquilo ali, dá para se aprender outras coisas, mas com o voleibol ou então com o esporte, entendeu ? É, eu aprendi a ser técnico com o voleibol, eu tive a experiência de alguns meses dando treino para as meninas que aquilo lá para mim foi, putz, sei lá, inexplicável, entendeu? Tive a experiência com a monitoria, que me fez escolher minha profissão, hoje. Então, olha só o tanto de coisa que eu aprendi com o voleibol, não fuja disso, se é isso a proposta inicial, continue na proposta inicial, Eu já ouvi da própria dona da instituição: "time que está ganhando não se mexe!" Não mexa então, ó, ta ganhando, que maravilha! Então eu acho que a primeira é esta, é a proposta, o que que eles querem com aquilo ali. Então isto foi algo que eu queria e que não teve.

Outra coisa era a de que eles vivenciassem um pouco mais a competição. Eu dizia para eles dos nossos jogos no Pré-Olímpico e eles ficavam com o olhinho brilhando, tudo bem que eles ficava zoando da gente porque a gente perdeu demais, a gente perdeu quase todos os jogos, " não acredito, vocês vão lá para perder!!!" os alunos falavam. Mas foi um momento muito especial para mim, super importante e aí o que o S. (outro jovem entrevistado) diz que a gente aprendeu muito mais com as derrotas do que com as duas vitórias, foram super importantes aquelas derrotas para gente, super, super, as situações que a gente viveu no Pré-Olímpico a gente consegue transferir para nossa vida tranquilamente, naturalmente, assim, sabe. E eu acho que é isto que eles precisam, e hoje eles não tem a competição, eles não tem a oportunidade de ir para Curitiba (local da competição nacional do projeto) e aí vivenciar o que Curitiba tem para proporcionar, porque Curitiba é uma realidade totalmente diferente da realidade que eles estão inseridos, desde estrutura, recursos materiais, humanos, enfim, é totalmente diferente, entendeu ? Hoje a realidade é que eles ficam ali, entendeu? E eu gostava de dizer para eles a história do muro que você um dia contou que Heliópolis é um muro e que eles estão lá dentro. E aí, Heliópolis é um muro só que lá dentro construíram um outro muro e aí para sair daí agora tem dois muros para eles saírem, entendeu ? E aí ficou muito mais complexo, ainda mais para eles que tem 11, 12 anos. Então eu acho que eles poderiam aprender mais com o que os outros lugares poderiam propiciar para eles. E isso não tem atualmente. Eu penso que as referências hoje, as referências pessoais não existem muito, entendeu, não era como a gente que olhava, que nem, lembra quando você disse para gente uma vez que tinha um aluninho na sua aula que queria a

camiseta do J. (jovem do grupo estudado), hoje não existe isso! E eu acho isto muito ruim, a gente não ter referências. A única referência que eu tinha fora era a minha mãe, como tenho até hoje. Mas era a única. Então eu entrei num espaço que tinha muitas referências, e aí, referências diferentes da referência materna, entendeu? Referências que me mostraram coisas do mundo, e hoje eu não vejo isto. Vejo que eles estão naquele muro, naquele novo muro deles, vivenciando aquilo, com aqueles matériais ruins, com aquelas aulas ruins, com, não com metodologias ruins, mas com estratégias ruins. Acho que é muito mais a visão do profissional. Eu lembro que quando o projeto se iniciou, eu lembro que vocês se preocupavam realmente com cada um, se nós estávamos felizes ou não, se estávamos chateados ou não, ou então quando eu entrava na quadra e eu estava cabisbaixo, vocês notavam com a maior facilidade: "você não está bem hoje! O que que aconteceu, senta aqui, vamos conversar" e hoje não é assim, entendeu, hoje é, vou descrê, vou dar minha aula, vou fazer o que está na minha unidade didática no meu plano de aula e acabou! E eu acho isto muito ruim, a visão do profissional hoje é muito mais pessoal, eu quero estar, eu quero ter, eu vou ganhar, do que eu vou ensinar, eu vou ajudar eu vou, enfim. E isto é muito ruim, acredito para o profissional, que passa a defender muito mais a instituição do que a própria missão, e o aluno vai ficando em último plano, lembra do monge e o executivo? A pirâmide voltou a inverter, sabe?
Acho que são estes os principais. É claro que tem muito mais, mas acho que estes são os que eu consigo identificar hoje são estes.

P- Só mais uma pergunta. A gente tem ouvido nas entrevistas que muitos alunos tem se desanimado, deixado o projeto por falta de uma continuidade no voleibol. Você concorda com isto, tem acontecido este fenômeno?

ED 2- Eu acredito que teve sim. Aliás, não teve esta continuidade. Não existe esta continuidade e eu acredito que em primeiro lugar é o profissional, o profissional está tentando esquecer um pouco isto. Está deixando isto de lado. "Nossa prioridade não é isso, então não vamos trabalhar! Tudo bem, eles falam que a prioridade é deles (educandos) mas eles são tão novos que eles realmente não sabem o que querem." Então, por mais que os jovens possam reivindicar tudo isso, mas é como a gente sabe, as pessoa querem abafar, as pessoas vão abafar sempre, e aí a fala da instituição vai ser, infelizmente ainda a predominante. Então nós vamos trabalhar o que a gente

quer. E é por isso que também não houve esta continuidade. Muito mais pelo profissional e pela instituição.

E aí é claro que mudou totalmente todos os jovens, mudou a vivência. A gente vivenciou uma coisa e estes jovens vêm vivenciando outra. Não teve a oportunidade de vivenciar aquilo para tentar dar uma continuidade. São muitos novos alunos, muitos, e eles não fazem idéia do que se passou a três anos atrás. Então se eu chego hoje no projeto social, eu não, mas imaginamos, chega um jovem novo, que não teve vivência nenhuma com esporte, que não teve vivência nenhuma com educação , enfim, o que aquele Professor vai passar eu acho que em primeira instância o aluno vai dizer Amém, é isto aí, está beleza. Ele não vai poder falar no primeiro dia "não, isto não é legal, tem que ser assim, assim, assim!" porque não conhece, não sabe o que aconteceu. E isto é muito ruim. Isto é por causa desta rotatividade, que implicou muito nisto. Se tivesse continuado com os mesmos jovens e as mesmas estratégias, eu acredito que não teria parado. Por exemplo, se esta geração do I. (jovem de um geração posterior a da estudada) tivesse vivenciado a nossa,acho que até hoje, pode ser que o voleibol ainda estaria muito forte. É claro que o profissional e a instituição tentando abafar mas os jovens iam estar reivindicando muito mais. E aí vamos imaginar, tem três pessoas da geração passada e aí entram nove novos, para estes três tentarem fazer um trabalho com estes nove eu acho que é muito difícil.

Mas teve sim esta pausa, pausa não, parada da continuidade do voleibol, muito pelo profissional, muito pela instituição, e pela rotatividade dos jovens.

Entrevista Professor 3

P—Há quanto tempo você faz parte do projeto de voleibol?

ED 3- Há 3 anos.

P—Anteriormente você já fazia parte do núcleo trabalhando com a alfabetização de adultos, certo?

ED 3- Isso, seria o MOVA, alfabetização de jovens e adultos.

P—Quanto tempo você trabalhou lá?

ED 3- Eu fiquei 2 anos.

P—Há quanto tempo você mora em Heliópolis?

ED 3- Eu moro aqui há 25 anos.

P—Com quantos anos você está?

ED 3- Estou com 31 anos.

P—Você conhecia todos os adolescentes deste grupo do voleibol?

ED 3- Conhecia a maioria. Eu já tinha contato com as mães deles antes.

P—Você conseguiu identificar alguma alteração de comportamento desses jovens durante a época em que eles participaram do projeto de voleibol?

ED 3- Os que eu conhecia eu consegui identificar uma mudança no sentido de autonomia, deles se virarem sozinhos, não ficarem esperando as coisas caírem do céu, para mim foi um ponto bem forte dos jovens, como por exemplo, os gêmeos, o P., eles foram atrás da faculdade, eles não ficaram esperando a bolsa do I. (ONG responsável pelo projeto do voleibol), que eles iam conseguir na universidade Ibirapuera. Não, eles foram atrás, eles não conseguiram na Ibirapuera e foram atrás de outra universidade, independente o I. Eu acho que isto foi o maior avanço, de autonomia deles. Que inclusive teve divergência em uma reunião nossa em que um dos Professores citou que não conseguiu enxergar autonomia neste grupo antigo, em uma reunião que nós tivemos. Eu cheguei a citar que foi a maior autonomia aqui dentro da sede, que foi neste grupo que eu enxerguei, que eu estaria enxergando agora na ginástica. E o Professor citou, ele acha que não teve, que faltou autonomia, e eu coloquei como argumento que se isso não fosse autonomia, os meninos estão trabalhando independente do I., estão em faculdade, alguns em Educação Física , outros não, se viram sozinhos, se isto não for autonomia, a gente não vai conseguir atingir nunca um grau de autonomia aqui em Heliópolis. Se isto não for, não?

P—Você consegue identificar mais alguma alteração de comportamento deles além da autonomia?

ED 3- Eu acho que a, eu não sei de todos, mas dos que eu tenho contato, eu acho que a própria valorização, não da comunidade, mas deles como pessoa, não sei se é auto-estima, mas é o valor, eles se cuidam na relação com drogas, eu não vi nenhum deles envolvido com isto. Eu não sei se o nome que se dá a isso é valor, mas eu consigo ver no cuidado com eles mesmos, no amor por si próprio. É isso que eu enxergo, que eles se gostam, que independente da situação eles conseguem se auto valorizar.

P—Já que você tocou no assunto eu queria aproveitar e te perguntar. Nós conversávamos muito a respeito do sentimento de “coitadinho da favela”. Você acha que existe esse sentimento na comunidade em geral? E neste grupo? Existiu, ainda existe?

ED 3- Existia e ainda existe. Não especificamente com este grupo, mas ainda existe com algumas pessoas que eu tenho contato ainda se sentem os coitadinhos. Este grupo (dos adolescentes) eu

acredito que não, por conta disso tudo, dessa valorização que eu falei, deles irem atrás dos sonhos, de faculdade, de estudar, trabalho. Então eu acho que com este grupo, os que eu tenho contato, eu acredito que não, mas aqui na comunidade ainda tem muito disso: “ Ah, eu sou o coitado, eu preciso de alguém para me ajudar !” É o assistencialismo, não?

P—Como você é da comunidade você deve conhecer jovens que fizeram parte de projeto e jovens que não participaram de nenhum projeto. Você consegue identificar alguma diferença entre eles e quais são?

ED 3- Pode comparar com outros projeto?

P—Pode.

ED 3- Então, eu conheço outros jovens que participam de outros projetos, aqui dentro de Heliópolis, e comparando com este grupo, eu acredito que estes outros jovens eles não tem uma organização como eu enxerguei neste grupo. Que até hoje, eu acho que eles são ainda organizados, não? Eu acho meio desorganizados os jovens dos outros projetos, não tem uma direção, é aleatório.

P—E comparado com jovens que não fazem parte de nenhum projeto?

ED 3- Eu estou tentando lembrar de algum. Lembrei, tem um grupinho neste prédios aqui, onde minha mãe mora, tem um grupo de meninos que já são adolescentes que não fazem parte de nenhum projeto. Eles ficam na rua e acho que o mais forte é esta questão das drogas. Eu vejo muito eles, debaixo das garagens, moleque novinho, de 11, 12 anos, chegando na adolescência, e usando drogas, assaltos, inclusive assaltaram um sobrinho meu mora no J. Patente. É , tem muita diferença, a educação, os meninos que foram do projeto eu acho que eles têm uma educação assim... eu lembro até que a gente foi fazer uma, no seminário do I., e eles foram na época, estava S., P. V., e eles foram cantar uma música lá em cima, e aí neste dia, alguns Professores de outros projetos estavam lá: “ Não, estes meninos aí...eles são mestrados, não são lá de Heliópolis!” Eles

conseguiram passar uma impressão de educação, de meninos educados, “civilizados”, foi bem marcante para mim.

P—Uma coisa que foi marcante foi o compromisso do grupo com o projeto. Você tem idéia do porque eles eram tão compromissados?

ED 3- Segundo o que eu escuto deles, é porque eles sabiam que quando chegasse à noite ou no final de semana eu vou ter uma mega aula de voleibol. Pelo que eu esutei, eles tinham prazer . Eu escutei da boca do I.(jovem de uma geração mais nova) que a 2ª casa dele era a sede, porque ele amava as aulas de voleibol, porque ele tinha prazer. Eu acredito que era por causa da aula. Através das aulas que eles amavam eles acabavam se comprometendo com as outras coisas porque tinha algo que lhes dava muito prazer.

P—Como você acha que deve ser uma aula de esporte em um projeto social?

ED 3-A princípio precisa de um Professor que compreenda um pouco da realidade da comunidade, o perfil dos alunos e em cima disso começar trabalhar em cima dessas necessidades, mas que também... Eu acho que o perfil da aula seria em cima do diagnóstico do grupo que você está trabalhando, não trazer coisas aleatórias, coisas amplas que talvez estejam fora da realidade deles. Tem que começar pela realidade deles, do grupo.

P—Na questão do esporte, o voleibol, por exemplo, você acha que devemos trabalhar o voleibol como atrativo ou é necessário que a gente vá mais a fundo?

ED 3- Ah, eu acredito que se vá mais a fundo, porque eles têm essa ansiedade, não? Principalmente os pequenininhos, eu escuto muito: “Professora, quando eu estiver grandinho eu vou estar lá, jogando à noite, não?” Então significa que eles têm uma expectativa em cima disso. Eu sinto muito isso dentro das aulas, apesar de que hoje a gente está trabalhando não é tão focado nos fundamentos do voleibol, está meio em andamento algumas coisas para algumas mudanças. Mas eu sinto, por exemplo, tem um aluninho que ama fazer a manchete. Qualquer jogo que você dá para ele, pode ser handebol, ele vai lá e tenta fazer a manchete dentro do jogo. Então a gente

sente que eles tem essa vontade. Não sei se é porque eles ouviram falar do grupo antigo, eu não sei o que é, ou o nome do projeto é muito forte (possui no nome o voleibol), eu sinto isto muito claro, que a expectativa deles é voleibol, independente se eles vão chegar lá na frente e vão quebrar a cara, como aconteceu com alguns, que queriam de qualquer jeito jogar, ir para clubes, e eles foram atrás sem ajuda de ninguém, e viram que não foi possível, mas foi importante deixar eles irem. Eu enxerguei muitas coisas em cima disso. Foram sozinhos, descobriram e sabem o que querem hoje, e são muito bons, jogam muito bem. Enfim, eu acho que as crianças têm esta expectativa. Mesmo que elas não alcancem jogar, eu acho que não é isso... a princípio, quando você saiu do projeto eu pensava: " Meus Deus, será que eles vão querer mesmo jogar voleibol?" Eu acho que não tem problema nenhum eles quererem ser jogadores de voleibol, é um sonho, ora! De repente eu posso querer ser uma engenheira sem ter as mínimas condições, mas eu vou correr atrás, se não deu, não deu... Mas eles almejam aprender o voleibol, e eu acredito que não é para ser profissionais. Eu já escutei do D. (jovem do grupo estudado): " E. eu gosto do voleibol, e eu quero ser um técnico de voleibol!" E eu não vejo nada de mais nisso, acho que ele tem que ir atrás disso, da opção dele, de ser técnico de voleibol.

P—Existe uma discussão na Educação Física sobre a competição e a possibilidade de frustração a ponto de ser negativo. Como você viu a participação do grupo na competição? Você acha que eles se frustraram negativamente?

ED 3- Eu acredito que não. Foi o que eu acabei de falar. O D. (jovem de geração mais nova) por exemplo, eu conversei muito com ele. Ele falou o seguinte: " Eu fui atrás, para depois..." Eu acho que a frustração seria se ele não tivesse ido atrás. Tenho um primo que é louco por futebol e ele é frustrado porque ele não foi nos maiores clubes, não foi fazer teste, e hoje ele é um cara, usa drogas, trabalha numa empresa, é registrado e tudo mas ele fala sempre que era para ser jogador de futebol. Então quer dizer, foi muito maior do que deixar ele ir atrás e que também se tira um aprendizado. Se foi possível, legal, mas se não foi eu acho que eles estão aprendendo muito. Eu penso que tem que deixar ir atrás e se não der certo, eu acho que a gente não tem o direito de barrar. Ninguém pode vir aqui e falar: "Olha, você é de Heliópolis, você é coitadinho, você não vai ter chance lá fora!" Não tem, mas ele quer ir, deixa ele ir!

P—Você falou que o Professor tem que conhecer o seu aluno. Você vê mais alguma característica que ele deve ter para trabalhar em um projeto social com esporte?

ED 3- Eu acredito que a humildade, principalmente em uma comunidade carente, assim, não... eu acho que tem que ter ambição profissional, tem que acompanhar, tem que andar junto, mas andar só ela, a qualquer custo ser o age, o exemplo de Professor mundial, e aí eu não estou nem aí para a qualidade de aula, sei lá. Eu acho que ele tem que ter humildade para estar dentro de uma comunidade, se não tiver é quase que impossível conseguir mudar alguma coisa. Até consegue vir trabalhar, mas a transformação social, eu acho que isso não rola não.

P—Mais alguma característica? Se você fosse montar um projeto seu. Quais as características que você buscaria no profissional?

ED 3- Ser sincero e verdadeiro. Eu acho que é isso.

P—Voltando para os adolescentes, você falou que eles demonstram autonomia. Você percebe algum outro ensinamento ou comportamento que eles mantém hoje em dia?

ED 3- Não sei se a equipe, eu acho que eles mantém a equipe. Eu acho que esta equipe que existia naquela época ainda existe. Não a equipe em jogo, mas a amizade, o cuidado entre eles. O grupo ainda existe. Não existe aquilo: " Ah, enquanto o L. estava aqui o grupo rolou, agora não existe mais!" Eu pelo menos, só encontro eles aos bandos, parecem umas maritacas! Outro dia eu estava no salão de cabeleireiros e um grutando: " E. ! E.!" E quando olhei estava o P., o V., o W., quer dizer, eu nunca encontrei eles sozinhos. Semana passada eles estavam subindo os dois gêmeos, o C. ...sempre os mesmos, um com o outro, eu acho que eles conseguiram, até hoje existe essa amizade.

P—Como está o projeto atualmente? Quais as diferenças que você nota?

ED 3- Quer saber mesmo? Aí L.(pesquisador) Eu acho que está bem diferente, a metodologia foi bem mexida. Na época que eu comecei a estagiar, que foi com você era bem diferenciado. Hoje

para as aulas você precisa tirar carta da manga toda hora para poder dar certo a coisa porque parece que eles, os alunos não estão contentes. É um pouco diferente, um pouco não, eu vejo bastante diferença.

P—Qual a diferença de uma aula para a outra?

ED 3- Eu acho que as aulas davam mais certo. Principalmente eu que tenho uma dificuldade tremenda com as turminhas menores, porque você precisa ficar toda hora mudando...e naquela época eu acredito que a gente fazia um jogo e a aula fluía, porque o aluno tinha que entender, tinha toda aquela história da compreensão, de saber o que eu estou fazendo. Agora não, você vai lá, dá um jogo e é como se fosse brincar na rua! Uma queimada. Eu organizo um jogo de queimada e aí todo mundo já sabe o que vai acontecer, já sabe os resultados e aí eu vou jogar, mas aí algumas crianças se acomodam, porque ela acham assim: "Ah, vamos jogar queimada porque é fácil, eu já sei!" E aí a gente acaba deixando de fazer com que eles pensem, que eles entendem. Como o J., vou citar ele de novo, aquele que gosta de fazer a manchete. Talvez ele não saiba para quê serve a manchete, porque ele está fazendo, é uma coisa meio que... não é decoreba, é como se fosse brincar na rua. Eu acho que nem tinha muita necessidade de deixar 3 ou 4 Professores na quadra, porque o aluno já sabe o jogo, eu dou lá um gol a gol gigante, ele já está sabendo o que vai acontecer, ele já sabe todas as regras. O que dá para fazer é : " Vamos lá, o que vocês acham que dá para mudar, acrescentar ou tirar?" Mas eles já sabem que o objetivo do jogo é este. Não sei se avança. Não sei se atinge a expectativa que o I. tem de fazer além do voleibol, além do... não sei se atinge não!

P—Aquela história do aleatório. É isso que você está dizendo? Se propõe jogos sem uma lógica de continuidade, é isso?

ED 3- Então, até tem essa lógica, tem um planejamento, as unidades didáticas. Então, esse monte de papelada aí, no papel é bonito, está tudo bonitinho, planejado. Aliás, eu acho que a gente perde... 50% do nosso tempo nestes planejamentos, de estar planejando e escrevendo, da gente estar colocando o que vai acontecer só que na hora da prática é muito diferente. E ainda há

Professores que está as mil maravilhas, que está acontecendo, mas quando eu estou observando alguma aula eu não vejo isso não.

P—E você tem idéia do porque que o planejamento é tão diferente da prática?

ED 3- Porque eles querem colocar coisas de outro mundo, coisas sobrenaturais, é quase impossível de fazer, onde um aluno tem que , sei lá, fazer mil coisas ao mesmo tempo e ainda gostar do jogo. É mais ou menos assim. "Ah, o que você acha de lavar os pés?" na hora... eu acho que isto é importante, mas deve haver outros meios para ser trabalhado. Enfim, deixar no papel bem bonito, mas na hora da prática... isto para mim está muito claro, estes 3 anos que eu estou lá, que não funciona, mas existem ainda controvérsias de que funciona e de que está acontecendo e eu não vejo isto acontecer na quadra de jeito nenhum. E quando tem um observação também, por exemplo, tem um Professor que está dando uma aula, e aí vem um outro que vem observar. Aí eu dou a aula do jeito que aquele Professor quer observar. Tem os nossos coordenadores, por exemplo, o F. que vem observar, isto é muito claro para mim, quando o Professor D. está dando aula, a C. desce um pouquinho para a quadra, eu estou lá com ele. A aula muda, da água para o vinho, então eu estou dando aula para o coordenador, não estou nem aí para os alunos. O coordenador chegou, a aula fica maravilhosa. O coordenador saiu, fica lá... Isto para mim, eu não tenho problema nenhum em falar isso, eu falaria até no I., sei que pediriam até minha cabeça, mas isso é bem real. Talvez isto aconteça isso comigo também, mas eu nunca fui de dar aula para coordenador, até porque eu nunca tive muito, assim, o meu perfil nunca foi de ser muito amiga dos coordenadores. Porque eu já tive um problema antes com o Professor A. mas já está resolvido, mas eu nunca fui de fazer: " Ah, a A, está aqui, tem que fazer uma aula..." Já me falaram isso, quando eu era estagiária, o Professor A., ele me dava altas dicas, não, e umas das dicas foi essa que ele me deu: "Olha, você tem que dar a sua aula, mas se você viu que a A. está aqui, meu, arrepia na aula!" Então quer dizer, eu não tenho a mínima preocupação em fazer uma aula boa para a A. e nem para os coordenadores, não. Eu não sei se é porque eu sou da comunidade, ma a minha preocupação maior é entender a comunidade, ver o que está sendo bacana, o que elas podem aprender com isso, porque em relação à coordenador eu não faço questão de fazer uma boa aula para eles verem não!

P—A gente ouviu muito que tem poucos alunos fazendo aula. Você confirma isto? Porque anteriormente a gente tinha lista de espera, tinha uma briga porque só podia um filho por família.

ED 3- É, então, inclusive esta semana a gente tentou fazer uma parceria com a escola aqui, a C. só de pequenininhos, é EMEI lá. Ainda não deu certo. A gente já está atendendo a R.(projeto vinculado à instituição religiosa) e voltaram 72 alunos que eram do projeto, mas que saíram para participar do R., só que eles retornaram há 15 dias, nas terças e quintas, temos por volta de 32 alunos, mas ficou um bom tempo terças e quintas sem aula, vazio, a lista de espera não existe mais, pelo contrário, a gente anda atrás de alunos. E o problema mais sério não é nem ter os alunos, porque existem muitos projetos, tem o B. (projeto que trabalha formando músicos), as mães estão dando preferência para o B, tem o R. que fica o dia inteiro, dá o alimento para as crianças, tem isso, mas o problema maior que eu enxergo é a rotatividade, porque a gente trabalha em cima de um currículo, e esse currículo ele é feito para o aluno que entra com 6 anos e sai com 15 anos. E aí o que acontece, como eu falei, a gente passa 50% do tempo planejando o currículo, as unidades didáticas, aí o aluno entra hoje, daí a 2 meses ele sai, aí entra outro.

P—Você tem idéia porque dessa rotatividade?

ED 3- Eu acho que é porque não agrada a eles as aulas. Segundo o I. , eu vejo isso como tapar o sol com a peneira, mas segundo os coordenadores de Heliópolis e alguns Professores, o argumento é que são muitos projetos, mas a nossa comunidade é muito grande, tem para todo mundo. Pode ter B., pode ter...mas tem crianças para todo mundo, porque se não a gente não via as crianças largadas aí na rua. Eu mesmo, vejo muitas crianças na rua e eu chamo. As mães divulgam que um Professor falou uma coisa para o aluno que ela não gostou, que às vezes olham para a quadra e vêem os Professores brincando e os alunos lá jogando, e uma vai divulgando e aí não tem como. Eu acredito que seja isso. Só do ano passado, de 2007 para 2008 eu tive reclamação de 6 mães e que não são mães do grupo de ginástica, não, são mães que me conhecem, aliás, 2 são e as outras 4 não são, não tem nem contato com a ginástica e que vieram me procurar, me abordar, uma inclusive me abordou na rua, no final de 2007 e falou de situações que aconteceram com os filhos delas dentro do jogo na aula aqui e que desagradou a ela e que ela não indicaria a ninguém este projeto e que ela estava deixando os filhos dela nas mãos de pessoas

que ela nem sabem quem são, de onde vieram, que lá de dentro ela só conhecia eu e o V. Então é isso. Eu acho que a rotatividade é por causa disso, desses depoimentos e da aula também, que não deve agradar.

P—Eu ouvi de todos os grupos que entrevistei que atualmente não está acontecendo o voleibol, eles vão para o núcleo brincam mas não encontram o voleibol. Você confirma isto?

ED 3- Sim, isto daí é muito claro. A gente teve na nossa reunião de formação , já está acontecendo isso, na nossa segunda reunião de formação, que foi o Professor C., ele já estava defendendo muito isso, que ele acha que não deve sair o voleibol, porque a A. veio do voleibol, o projeto é de voleibol, então assim, ele está acreditando que não...mas é que ele é fraco, não é que ele é fraco...ele fala isso mas, pelo menos aqui em Heliópolis, teve outros Professores que argumentaram que acham que não é isso, e aí fica por isso mesmo, não se aprofunda no assunto. Mas eu escuto muito eles pedindo voleibol, querendo aprender. Escutei também do A. e da B., coordenadores, que escutaram em uma reunião entre os coordenadores lá, que se a rotatividade é muito grande é porque a metodologia é que não está dando certo, não tem que ficar insistindo. Mas é mais uma coisa que fala ali, esqueceu, vamos embora. Mas eu acho que eles têm consciência disso, viu?

P—Eu escutei em entrevista que atualmente no projeto existem mais pais no projeto de ginástica, que é você que coordena, do que crianças no voleibol. Como é este projeto de ginástica?

ED 3- Então, só voltando um pouco nesse assunto de ter mais pais que crianças. Eu já escutei também, não porque sou eu que estou cuidando do projeto, mas eu escutei de algumas pessoas, aliás, muitas pessoas, inclusive da parceria U.(ONG local responsável pelo espaço do núcleo) que este projeto, aqui só está vivo ainda por causa da ginástica. Que este núcleo só está acontecendo alguma coisa porque tem um grupo de mães que não são só as mães das crianças do voleibol, existem mães que tiraram as crianças do voleibol, mas que continuam na ginástica. E esse grupo, quando iniciei ele, com toda sinceridade, eu me inspirei no Professor L., eu lembro muito, assisti muita aula sua com os adolescentes. Eu me inspirei e hoje eu já criei uma característica própria, mas tem um... Dizem que tem um pouco da metodologia do I., mas eu não consigo enxergar.

Porque assim, as mulheres querem fazer aula de abdominal, elas querem fazer perna, e eu vou lá e faço a parte motora da Educação Física que elas tanto querem, e aí, a partir disso é que eu começo a inserir outras coisas. E aí, o que esta acontecendo no I. que eu percebo é o caminho inverso, eu vou primeiro pela cidadania para depois eu chegar na parte da Educação Física. Para mim é muito claro, que não existe nada que mude na minha cabeça porque eu sei que este grupo está dando certo, que já deu certo, inclusive o pessoal da prefeitura veio me convidar para montar outro grupo na gleba E, para montar o mesmo trabalho, porque ouviu falar da E, ouviu fala do grupo, em um lugar carente também, perto da 95 (delegacia) e que querem, que eu preciso ir para lá montar este grupo, e fazer acontecer o que aconteceu aqui. E eu fui pelo caminho motor, que é a Educação Física, que é a minha área, que eu mais foquei. Não tem muito... tem assim, a roda de conversa, mas não tem muito bla, bla, bla não! As mulheres querem aula, não é que eu vou fazer o que elas querem, mas assim, elas estão indo para lá também com algum foco, aí a gente tenta também agradá-las mas é aquela história do voleibol, eu vou ser monitor porque eu vou ter uma mega aula de voleibol. Então eu vou organizar o bazar, esta caminhada, porque elas foram para a caminhada Agita São Paulo, elas se organizaram, eu não faço mais nada, é elas que fazem. Aí elas foram para este evento 3 ônibus, organizaram camisetas... O que eu fiz foi fazer o transporte das camisetas porque elas não tinham como buscar em São Caetano. Fui lá buscar. Então foi um grupo de quase 300 mulheres, porque o grupo são 240, mas elas levaram amigas, convidaram. E aí foram 3 ônibus, bonitinho, tiraram foto e tudo. E eu acredito que o que mais está dando certo aí é porque eu tenho valorizado a área da Educação Física e não porque eu tenho feito o caminho inverso. Não que... É claro que tem a pedagogia, tudo, mas para mim o foco principal é a Educação Física. Porque tem umas mulheres que vão lá e falam: “Professora, eu quero suar!” Independente... Agora elas sabem que o suor não quer dizer que estão emagrecendo, está perdendo líquido mas elas precisam beber água, tem toda esta conversa, tem esta consciência, não é mecânico. Vai lá, tem o abdominal, mas eu deixo claro, só o abdominal ninguém vai perder a barriga, precisa fazer a aeróbica, porque no aeróbico que eu vou queimar calorias, meus batimentos cardíacos aumentam, então elas tem também esta compreensão, elas não estão fazendo...de repente alguém que vai lá ver a aula pode achar: “Meu, elas não estão sabendo...” mas elas sabem sim, pode perguntar que elas sabem, se é importante, porque é importante. E deixo claro que elas não são clientes, não é academia, que lá se elas quiserem só abdominal ele vai dar só abdominal. Tem toda esta clareza, esta visão.

P—Além da parte motora e da consciência na parte fisiológica das respostas do corpo ao estímulo, você tem mais algum objetivo com este grupo?

ED 3- Tem sim, eu acho que o objetivo que é relacionado é o respeito ao grupo. São 6 turmas e aí no começo tinha aquela competição, "Ah, essa turma se organiza melhor..." Hoje em dia não, hoje elas sabem que sim 6 grupos mas sim um grupo só, como fala, turmas, são 6 turmas mas um grupo só de ginástica, então elas todas caminham...acho que é um grupo cooperativo. Se tiver acontecendo uma coisa na turma azul e a turma vermelha não está acompanhando, aí tem a reuniãozinha da comissão, que são duas de cada turma, se organizam, elas combinam, são todas amigas, é o grupo, uma equipe. Tem mães lá que agora voltaram a estudar. A gente tem uma fazendo psicologia, outra fazendo pedagogia, tem outra que está querendo fazer Educação Física, mas que continuam dentro do grupo e o despertar de querer estudar, de querer viver, de se arrumar, porque teve uma diferença muito grande de chegar umas mães assim, na questão de higiene, de você dar aula e aquela sala ficar aquele cheiro, aquele odor. E hoje você vê que elas vão bonitinhas, amarram o cabelo, passam um baton, elas se sentem bonitas. Eu acho isto tão legal! Bebem água, levam a garrafinha, importante, a água já faz parte da vida delas. Tem todas essas diferenças que eu acho que foi através do motor que a gente conseguiu tudo isso, assim, dando uma aula que elas gostam para que elas pudessem enxergar que as outra coisas são importantes.

P—Só tenho mais uma perguntinha. Você falou que não sabe jogar quase nada de voleibol. O fato de você não ser uma especialista no voleibol, não ter experiência maior no voleibol te trouxe alguma dificuldade para ensinar no projeto?

ED 3- A princípio, quando eu entrei no projeto eu não tive muita dificuldade, que era quando era com você. Então eu lembro que você dava umas formações, lembra? Dava umas formações sobre o voleibol, então era mais fácil. Hoje as nossas formações são muito focadas na...como eu posso falar, na cidadania, então assim, eles deixaram um pouco de lado a parte motora. Então eu senti dificuldade depois que você saiu. Mas quando você estava eu não tinha dificuldade não, eu conseguia pegar uma turma, eu conseguia pegar um pouco do que você passava, e juntar com alguma coisa, e eu conseguia, eu entendo o jogo do voleibol, mas assim, existe aquela situação

que eu não, até na faculdade, teve aquelas séries de jogos e eu (gesto de negativo com a cabeça), até porque não I. não se exige mais isto. Então eu não fui mais atrás. Até porque o voleibol nunca foi meu forte e aí acabei me acomodando mesmo.

P—Na busca por um Professor para um projeto social, por exemplo, com o basquete, você acha que...

ED 3- Aí tem que ter a formação que focasse o basquetebol, uma formação que ensinasse o Professor a se especializar naquilo, porque assim, eu não me especializei mais no voleibol porque mudou a metodologia, e não se exigiu tanto mais do voleibol, mas assim, eu acredito que se hoje ainda fosse o voleibol eu acho que hoje eu seria uma mega Professora de voleibol. Mas como não se exigiu isso...Precisa ensinar bem o voleibol, mas dentro de uma metodologia que ai além do voleibol, então não exige tanto assim, o motor do voleibol, a recepção, o bloqueio, não se exige tanto.

Transcrições das mães dos jovens

Entrevista Mãe 1

P- você mora aqui em Heliópolis a quanto tempo?

M 1- Desde que eu nasci.

P- Como foi criar o V. na infância para tentar evitar ou afastar a violência? Como você fez para tentar protegê-lo da violência?

M 1- Sufoquei, teve um tempo que eu sufoquei. Não teve liberdade porque eu não deixava, não empinou pipa, não ficava na rua porque eu não deixava, quem cuidava era a minha irmã, eu trabalhava muito na época, quando ele era pequeno, eu quase, ficava pouco tempo com ele, e não deixava, né? Ele não saia para lugar nenhum, na época não tinha projeto, não ele era pequeno e

não podia entrar. E não saia, eu não deixava, eu morria de medo, ficava o tempo todo dizendo, explicando, e abri mão um pouco da minha vida para ficar ali com ele o tempo todo.

P- Então quer dizer que isto de ficar brincando na rua não dava?

M 1- Não, o V. não teve disso! Isto de correr na rua, não teve. Não jogava bola, eu não deixava. Às vezes eu achava que eu sufocava.

P- E a brincadeira dele dentro de casa como era?

M 1- Dentro de casa era com os primos, com minhas irmãs. Só dentro de casa. Televisão, nem vídeo game tinha na época. Mas era mais com minha irmã.

P- Daí ele entrou no projeto com quantos anos?

M 1- Acho que com 8 anos. Não, acho que com 6 anos. Aí entrou lá e ficava meio período e meio período para a escola. Foi muito bom. (TIRAR AS CRIANÇAS DA RUA!!!)

P- Ele começou o voleibol lá pelos 14 anos, não?

M 1- Foi por aí.

P- Durante aquele tempo em que ele treinou voleibol você percebeu alguma mudança de comportamento, positiva ou negativa, no V.?

M 1- Positivo, eu sempre achei positivo. Mas esse negócio de jogo que eles montavam, eu achava que eles se dedicavam demais e não tinham muito, entendeu? Porque iam e perdiam, né? Faltava alguma coisa. Daí o empenho de quem eu não sei, creio que deles. Ah, eles iam com aquela expectativa, chegavam, ganharam? Não! Eu nunca fui assistir nenhum.

P- Perdeu, né?

M 1- Foi?

P- Eles jogavam bem!

M 1- Me falaram que eles jogavam bem. Ele, o P., foi os que mais soube.

P- Mas de comportamento, você tem mais alguma coisa a dizer de mudança, alguma coisa que contribuiu para a formação dele?

M 1- A sim, sempre, só de estar envolvido, de estar lá, já mudou de não estar na rua! Para mim é tudo. Eu sempre digo que isto ajudou muito. Mas eu achei que faltou alguma coisa, um empenho.. Porque eu sei de muita gente que abomina, posso falar? Porque prometeram uma coisa e não cumpriram. Crianças que estavam na rua e voltaram para o crime por causa disso. Porque tinham esperança que ia dar certo, que iam montar, que iam conseguir jogar fora e não deu. Hoje em dia tem duas pessoas que tem dor na perna, porque se empenhou, né, outro não foi nada, teve que sair para trabalhar, outro que não posso falar o nome, mas que também não se deu bem, voltou para ficar na rua. Eu achei que faltou, se tivesse alguém incentivando.

P- E você acha que estas derrotas todas que o grupo teve, teve um reflexo positivo ou negativo? Você acha que foi ruim para eles?

M 1- Não, eu acho que ruim não foi não porque eles continuaram por um bom tempo. Então, se tivesse sido ruim eles já tinham parado.

P- Você tem idéia do porque que eles continuavam?

M 1- Porque eles gostavam, gostam. Até hoje qualquer oportunidade que tem estão...Mais pelo esporte também.

P- E o V. contava alguma coisa do que acontecia para você?

M 1- Só da sua dinâmica.

P- Falava bem?

M 1- Muito bem! Acho que isso acrescentou muito na vida dele.As suas palestras, acho que isto ajudou muito, e eu acho que você não devia ter saído. Numa hora assim que eles já estavam no finalzinho. Talvez se você tivesse ficado, não sei, talvez teria sido diferente. Com relação ao estudo deles. Não sei se estou falando besteira. Eu creio que faltou alguém de punho que sabe, eu acho que esta parte faltou muito. Eles falavam sobre as palestras, que ajudou muito a vida deles, isso, todo mundo, gostavam muito das palestras. Quando terminava, chamava, falava. Levantava, né?

P- Eles comentavam mais alguma coisa sobre o que eles estavam fazendo?

M 1- Não. Que gostava. Que eu me lembre não.

P- Qual a sugestão, como mãe, que você poderia dar para um projeto social com esporte?

M 1- Eu acho assim, que fosse para montar que encarasse, né? Porque no caso acho que ficou na metade. Porque até então ele não terminou, ele está na luta já vai fazer dois anos e como ele fala, a gente discute muito, porque ele tem uma visão e eu tenho outra, claro que eu acho divino o que ele fez, que ele vai, mas eu queria que ele estivesse estudando sério, se formando já, entendeu? O tempo passa, ele já vai fazer 20 anos e ele não está numa faculdade. Quer dizer, é um projeto que ele entrou, com 18 eu fui deixando, deixando, porque eu tinha certeza que ele ia conseguir se formar. Eu acho que faltou. Eu não tenho condições. Este projeto para mim e para todas as mães, veio a calhar, todo mundo na época, todo mundo adorou, nossa, ficava na cabeça, vai dar certo, aquela torcida, por fim, nadaram,nadaram e morreram, né...? É isso que eu acho, que se fosse para colocar no projeto, eu acho que empenhasse, que fosse até o final, que formasse.

P- Você acha que esta formação, como seria o apoio de um projeto? O que é que faltou?

M 1- Faltou o que prometeram. Pelo que eu sei era um projeto que no caso deles, o P. , o S., que eles estavam, foram de 14 para 18 anos, é fato que eles tem que trabalhar para ajudar a gente, que no caso é só eu, que agora quem está mantendo é ele, que eu estou desempregada. Quer dizer a gente já estava, eu fiz um esforço para ele ter que ficar, porque por mim eu já tinha tirado, porque ele precisava trabalhar, porque qual era a minha intenção? Já que não ia dar nada lá, que ele estivesse trabalhando para que ele pelo menos pudesse pagar uma faculdade, porque eu quero que ele se forme. Daí tem que ser uma coisa que ajude, questão tenha pelo menos uma metade de ajuda de custo, e que fique certo, que as crianças se empenhem e que façam o que gostam. Eu tenho um sobrinho que entrou e saiu porque entrou para fazer voleibol e não estava fazendo voleibol. Quer dizer, tem que se empenhar naquilo. E depois aqueles que entrassem, que ajudasse, que prometesse a faculdade, vamos entrar, vamos entrar, e vamos fazer e terminar. E aí pode-se dizer: tem formado dali! Mas eu acho que não saiu. Você entendeu, eu acho que no projeto tem que se empenhar, arrumar patrocínio, arrumar faculdade, se formar, alguma coisa. Que se dediquem, porque a metade tem que sair para trabalhar. Tem que ser, aqui dentro tem que ser, senão tem que trabalhar e aí ficam desanimados, porque as mães não viram resultados. Não tem resultado. Eu posso dizer que tem resultado, no caso dele, ele sempre foi bom, no meu caso eu posso dizer como mãe, mas tem mãe que tem muito problema com os filhos e se tivesse resolvido, de uma certa maneira eles tivessem ajudado, seria bem melhor, poderia falar, foi bom, eu digo que foi bom porque para mim é claro que foi bom, porque ele não ficava na rua, para mim foi ótimo, até hoje ele está lá dentro, eu tenho que agradecer, mas eu acho que faltou, empenho, sei lá.

P- Então você acha que o que faltou foi este complemento para ele poder se formar?

M 1- Isso, para ele poder se formar. Claro. Ele foi do projeto, foi ali, me formei, pode ser outra coisa, mas eu vejo por este. Ele já tem 20 anos, ele já tinha que estar formado, seria bem melhor. Na minha opinião foi um projeto que não deu muito certo.

P- Deixa eu pegar um gancho do que você falou sobre a criança que vai para ter voleibol e não tem voleibol. Como você enxerga isto? Você acha que dentro do projeto, se é voleibol, tem que ter voleibol?

M 1- Tem que ter voleibol. Se fosse dança, tinha que ter dança! Não adianta inventar outra coisa. Se eu vou lá é para dançar.

P- E aí como você acha que deve ser esta dança, este voleibol?

M 1- Séria, alguém preparado, e que chame a atenção. Como no caso da ginástica (outra atividade oferecida para a comunidade na busca por estreitamento com as mães) eu adoro. Se mudar, se fosse para uma outra coisa, já não dá certo. Tem que ser ali. Tenho um sobrinho que seria ótimo, teve a infância que ele teve, ele estava lá e não deu certo, saiu porque ele queria voleibol.

P- Ele queria voleibol e não teve?

M 1- Não, ele saiu, deve estar em casa trancado. É uma infância triste. Eu fico muito preocupado. Muito, muito preocupado.

P- Acho que é isto. Você teria mais alguma coisa para falar, que gostaria de registrar?

M 1- Não, só isso mesmo. Que eu senti muito na época, que eu creio que todos sentiram, foi quando você saiu, eu acho que teria sido diferente, eu não sei. Eu fiquei muito mal, eles também ficaram.

Entrevista Mãe 2

Enquanto se preparava a câmera para a filmagem, iniciou-se uma conversação interessante, motivo pelo qual a transcrição parte do meio da fala da entrevistada.

M 2 -... não existia tantos adolescentes aí revoltados, aí para as drogas, como estamos vendo hoje. Entendeu. Eu não vejo mais, eu sei que continuam os Professores vindo aí, mas anteriormente, daqui eu presenciava os treinos aí, né? As aulas e tudo mais. Hoje eu não vejo mais isso. O barulho da bola, e era uma alegria para estes adolescentes e eu acho que eles deveriam sim investir mais em relação à estes jovens porque eu estou vendo, aqui mesmo no meu prédio, tem adolescentes de 12, 13, 14 anos, alguns que faziam parte deste grupo e estão aí nas drogas. Pode vir aí, pode filmar o quanto quiser, eles estão aqui ó. Agora eles saíram daqui porque os moradores, eles começaram a falar e a pegar no pé, daí então eles estão aqui nesta escada, nesta mesma escada subindo aqui. São alunos que estavam aí. Entendeu? Então eu acho o seguinte, se existe Professores a idéia em ajudar o adolescente, eu acredito que deveriam investir neste Professor. Principalmente no sr. que fez muito. Eu nunca vi um Professor sair , entendeu , porque geralmente os Professores fazem o que? Atendem o aluno aí na classe, ou então, no caso, aí na quadra. Ele não, ele costumava visitar os pais daquele adolescente, saber ao fundo o que estava acontecendo.Então isto é muito importante. Então nós como pais, eu dou muito crédito a ele, porque primeiro, o sr conhece meu histórico, né? Eu criei meus filhos sozinha, sem pai, então eu acho que isto é muito importante, você ter o apoio do Professor. Saber o que está acontecendo na vida e seu filho. Ele não está simplesmente fazendo o trabalho dele, como era o caso do Professor. Ele participava o que estava acontecendo, o que seu filho estava aprendendo, os problemas que ele estava enfrentando, que na maioria das vezes tem adolescentes que levam o problema de casa para o Professor, tem vezes que ele confia mais no Professor que nos pais. Eu acho, não, eu tenho certeza que se for para batalhar, para correr atrás para que o senhor, Professor, venha abraçar a idéia, não sei se o senhor vai querer, voltar de novo, para esta comunidade, eu sou a primeira a assinar. E ainda corro atrás de várias assinaturas que eu tenho certeza que existem vários pais e mães vão estar aí, tipo votando no senhor. Porque foi um excelente trabalho e olha aí, eu tenho como resultado o meu filho, o meu filho que esteve com vocês e ele sempre chegava em casa e falava para mim, olha o Professor falou isso, isso e isso.

Eu vou acatar, vou abraçar esta idéia, eu vou em frente porque ele me ensinou assim. E hoje o meu filho já terminou dois cursos na GV, ele correu atrás e conseguiu. Eu explicava, mas acho que a aula maior que ele teve, uma vez que eu trabalho e estudo, não tinha muito tempo para ele, o tempo que me faltava ele buscava em quem? No Professor, e o senhor passou, vamos dizer assim, uma alimentação saudável para ele e hoje eu vejo o resultado, meu filho está formado. Está preparado para a faculdade. Preparado para qualquer curso. Não continuou no voleibol porque depois que o senhor saiu não houve oportunidade. Enquanto o senhor estava havia oportunidade para ele. O senhor saiu, ninguém mais deu oportunidade. Então, tipo, descartaram, né?

P- Com relação à violência, como você lidou com isto com o J.?

M 2- Desde a infância que eu venho ensinando o que é certo e o que é errado. Eu sempre o adverti, ele e seus irmãos, que isto não é uma boa coisa, que isto é mal, é ruim, que isto não leva à nada, leva sim, à cadeia. E sempre tentei colocar ele em meios como o do voleibol, e na escola também eu sempre tive muita ajuda. Eu sempre tive muita ajuda de Professores, porque eu sempre fui aquela mãe presente, eu nunca faltava em reuniões, eu sempre queria saber. Eu acho que o senhor até deve lembrar que eu o procurei várias vezes para saber o histórico do meu filho, saber o que estava acontecendo, se ele estava indo bem, se estava progredindo ou não. Então eu sempre ensinei que droga não! Droga é uma droga!

P- Na época em que vivemos o voleibol, quais as mudanças que você percebeu no J.?

M 2- O que eu percebi que durante a época que ele estava fazendo voleibol, o J. ele tinha vários problemas, ele era um adolescente que não fazia tantas amizades, ele era muito sozinho, muito solitário, tinha muitos problemas. Era difícil na parte de comunicação, e ele reclamava muito de cãibra, então eu acho que isto foi de grande valia.

P- O que você acha que ele aprendeu lá que ele carrega até hoje?

M 2- Vontade de vencer, seguir sempre em frente, nunca desistir.

P- Você acha que isto foi potencializado?

M 2- Foi, foi. Foi porque depois que ele começou a atuar ali, ele perdeu aquele medo. Ele não sabia nem o que ele queria ser no futuro. Hoje não, com sua ajuda, eu digo sua ajuda, porque ele confiou e confia muito no senhor. Ele sempre chegava em casa e dizia que o Professor me disse que eu preciso vencer, que eu não posso desistir, e que na vida dele foi assim e que ele chegou aonde ele está foi porque ele foi à luta e conseguiu alcançar a meta desejada. Então eu vou fazer o mesmo que o Professor. Vou seguir os passos dele. Porque ele venceu e eu também vou vencer. E o resultado está aí. Agora ele vai para a faculdade, e abriu a mente dele e isto para mim foi muito bom.

P- Quais as características que você acha importante no Professor que trabalha com esporte no projeto social?

M 2- Ah, eu acho sim. Eu acho principalmente a atenção que vocês têm. A responsabilidade com os alunos. E isso influi muito porque não só ele como uma jovem, a R. que mora no outro bloco. Então, essa jovem também não continuou com a sua saída. Foi uma jovem que foi praticamente lançada fora. Hoje eu sei que ela trabalha como caixa, trabalha num supermercado, então quer dizer que parou ali, não deu continuidade naquilo que ela achava tão importante que era continuar no esporte, e não continuou porque eu não sei, mas eu acredito que não houve espaço para ela ali, e ela parou, está só estudando e trabalhando. Mas todas as vezes que eu a encontro ela alega que sente muitas saudades.

P- Se alguém te perguntasse quais são as coisas importantes para um projeto social com esporte, o que você diria?

M 2- Hoje, aqui dentro?

P- Sim.

M 2- Eu acho que trabalhar nesta área com os adolescentes é importante e eu não vi aqui ainda, em todo este tempo que eu mora aqui, em mais de 25 anos, alguém que se preocupe com os idosos. Eu não vi, não existe aqui dentro. Esporte para os idosos, tem muita gente que fica dentro de casa, não estou dizendo isto por causa da minha mãe, mas por outros que precisam se exercitar e eu não vejo ninguém se preocupar com eles.

P- E especificamente para crianças e adolescentes, quais as características que você acha importante?

M 2- Eu acho que deveriam se empenhar mais, não que os que estão aí não estejam fazendo seu papel, mas eu acho que deveria fazer melhor. Se empenhar mais.

P- Você pode me dar exemplos disso?

M 2- Ah, eu penso assim, em todos os lugares que você passa hoje você vê um adolescente 10,11,12 anos ou até menos, aí (sinaliza em direção à boca). Existe numerosos projeto aqui, mas então porque desses jovens estarem nesta situação? Precisamos agir com certa prudência e também com zelo muito grande e fazer alguma coisa que chame a atenção destas crianças, porque se não fizermos isto, daqui há um ano ou menos que isto, isto aqui... Porque todo dia nasce um ser humano e a maioria das crianças que vivem aqui, os pais trabalham, tem crianças aqui que foram abandonadas pelos pais porque não suportam mais, não tem como ter o controle deles, então, se isto está acontecendo e porque alguma coisa nós temos que fazer. Eu acho que deveria fazer por aí e começar com o que é mais importante. Todo o dia, é 8 aninhos, você sai daqui, estas crianças não vão à escola, não tem ninguém, porque se um pai não tem mais o controle, quem sabe um Professor, interagindo com o voleibol, com outro esporte que chame a atenção. Aqui mesmo tem muitas crianças que chamam a atenção deles o voleibol, o judô, capoeira, isto eu tenho visto que tem chamado a atenção deles. E é o esporte que tem segurado um pouco esta criançada.

P- O esporte realmente atrai, chama a atenção. Mas como a gente deve tratar este esporte. A gente deve lidar com ele como recreação ou a gente deve tentar fazer com que o aluno aprenda,

se desenvolva, crie gosto por crescer, que é o que a gente tentou fazer com os jovens, e aí corremos o risco de frustrá-los porque perderam. Como você vê isto?

M 2- Olha, o que eu entendo é o seguinte. O trabalho que você anteriormente estavam fazendo aqui que eu não sei o motivo, houve este desligamento, foi muito importante porque, não estou falando somente em nome do meu filho, porque outros adolescentes que faziam voleibol na época junto com meu filho, eu vejo que estas crianças não se perderam. Houve um trabalho detalhado que surtiu efeito. Olha, faz quantos anos que você saiu daqui, 1, 2 anos. Se você for atrás de um por um, alguns estão trabalhando, outros continuam estudando, porque os pais tem condições para bancar, que não é o meu caso, mas ele está esperando ser liberado do exército para começar a trabalhar, e não vai ser em qualquer colocação. Vocês plantaram e hoje eu estou colhendo os frutos. Isto quer dizer que foi uma árvore que vocês plantaram muito bem plantadinha, e continuaram regando. E mesmo que vocês se ausentaram um pouco, ela continuou sendo regada, por eles mesmos, porque vocês ensinaram. Então eu vejo assim, se implantarem aqui outro projeto, vai acontecer a mesma coisa que aconteceu na vida de meu filho e de todos aqueles que viveram junto com ele. Ninguém vai se perder.

Entrevista Mãe 3

P- Sua filha começou no CJ (núcleo do projeto estudado) com quantos anos?

M 3- Nós morávamos na zona norte. Nós viemos para cá ela tinha 11 anos. Eu conheci o cj através de pessoas que falavam do projeto e eu vim para cá saindo de uma situação muito difícil, eu tinha me separado, estava difícil para mim, o começo, então um lugar para eu colocar eles foi importante, e eu coloquei ela lá ela tinha 11 anos, quase 12.

P- Depois a parceria com o I.(ONG responsável pelo projeto do voleibol), quando veio o voleibol, ela tinha quantos anos?

M 3- Ela tinha uns 13 anos. Mais ou menos isso, 12, 13 anos.

P- Com relação à violência que é muito falada, você tomava alguma precaução com ela?

M 3- Olha, eu tomava e tomo até hoje, porque assim, eles não foram criados aqui, é diferente quando você já nasce aqui, você já sabe de tudo. Então no começo foi muito difícil, para mim mesma, não só para eles. No início eu não queria aceitar que eu morava aqui, então, endereço eu falava, olha eu moro em uma rua que é casa e do outro lado é barraco, porque é favela, meu Deus, aqui era tudo favela! Mas eu não queria aceitar que eu morava na favela, que eu estava no Heliópolis, que eu vim de um bairro de classe média e que eu estava aqui. Então eu morria de medo, e para complicar ou sei lá, para mostrar a realidade para mim mesma eu vim para cá naquela época da matança, lembra, que aparecia 2, 3 hoje, amanhã mais 3, 4, era terrível. Então eu não sabia como eu encarava aquilo e ao mesmo tempo como eu poderia proteger todos pequenos e ao mesmo tempo mostrar que eles não podiam se envolver. A K. tudo bem, ela tinha 12 anos, os outros eram menores, hoje tem a mesma idade, 12 , 13 anos. Eu tinha muito medo, eu falava, toma cuidado, olha com quem vocês andam. E quando veio o voleibol para o projeto, para mim foi Deus que colocou, porque assim, ela se envolveu muito, e gostava, " mãe, hoje eu não vou para o CJ mas eu vou para o voleibol!" Tanto é que a maioria das crianças faltavam no CJ mas não faltavam no voleibol. Aí tinha aquelas reuniões de pais, os Professores começaram a reclamar e até criou assim um tipo de critério, se tivesse x faltas no CJ não fazia mais voleibol, porque a maioria só queria ficar no voleibol, descia, saia da sala e ficava lá. Eu me lembro disso porque eu era voluntária lá também, eu trabalhava, que eu era o pai e a mãe mas eu sempre ajudava também. O que acontecia, desciam, saíam da sala e iam para o voleibol. Então o voleibol, nossa foi ótimo, tanto é que muita, muita crianças que já estava se entortando na época, eu sei porque as mães comentam umas com as outras, é , "ah, mas o meu filho só quer saber de voleibol!" e os Professores também reclamavam que deixavam a sala vazia, e descia para a quadra de voleibol. Então para mim foi ótimo a controlar aquele medo e ansiedade que eu tinha. Ajudou muito. Porque eu também estava com medo. Eu tinha que lidar com meu medo e a insegurança e mostrar para eles que não podia se envolver.

P- Você identifica alguma alteração no comportamento em sua filha quando ela começou a participar do voleibol?

M 3- Houve sim. A K. é o posto da minha mais velha, que tem 28 anos. A K. sempre foi muito quietinha. Eu sempre a defendi, porque os irmãos brigam, quem é que não briga. E a K. ela não revidava, a outra brigava, reclamava, até porque a outra tinha aquilo de ser a mais velha, a dona da situação e a K. ficava, se ela colocava uma roupa e perguntava:" mãe, está legal? Está! Nana está legal? Ah, está ridículo!", nossa, pronto... e o voleibol deu esta autonomia em todos os sentidos. Depois eu mesmo fiquei com medo do voleibol, falei, "opa, esse voleibol aí..." porque ela começou a ter a própria autonomia. E quando a irmã ia reclamar dela ela não ficava mais quieta. Ela começou, ela mudou o comportamento dela. Daí eu comecei a entender que lá no voleibol, ela sempre era colocada para falar na frente, tinha que se dispor a fazer as coisas, ela se desenvolveu mentalmente, espiritualmente. Ela falava que você não falava sua religião, ela falava: "Ah, o L. fala para gente a que temos que acreditar, que existe uma força, um ser que pode tudo, toda as coisas!" É diferente das nossas crenças, nós somos cristãos evangélicos, mas ela falava, e eu nossa...E os objetivos, que você pegava no pé quando treinava, que tinha que ter um, pensar no amanhã, não ficar neste mesmo círculo, então ela falava, então teve muita compreensão, porque a K. saiu daquele, um tipo de campo, que eu criei em volta dela, defendendo da outra, e tinha medo do lugar também. Então lá ela pode ver muita coisa, boas e ruins. Tinha as amizades boas e ruins. Eu sempre falava para ela: " Olha K., você colha o que for bom para você! O que for ruim, é igual o trigo, tem o joio junto e tem que separar." E você também tinha esta mesma fala. " Mãe, o L. também fala isso!" .A minha mãe costumava dizer:"Quem se mistura com porcos, farelos come!" Então para mim o voleibol foi muito importante, porque a K. era muito quietinha, era "coitadinha, não? Coitadinha!" E ela cresceu muito! Tinha hora que tinha que falar para ela:" Pára, pára!" porque ela falava, falava, falava. Acho que foi aí que ela descobriu que ela tinha que continuar falando.

P- Tem alguma destes aprendizados que você acha que hoje ela ainda demonstra?

M 3- Ela falou para mim uma vez e eu fiquei observando. Ela falou: "mãe, o que eu aprendi eu vou levar para o resto da minha vida, em todos os sentidos", como eu te falei, na área de comunicação, nunca que eu podia imaginar que ela iria para este lado, ela fez rádio e tv, do DRT dela está saindo, só falta um estágio, as notas, fecharam todas. E agora a faculdade de jornalismo.

Mas tudo, até assim, o que ela faz na igreja, ela canta, a gente fala que ela levita, ela tem uma voz maravilhosa, ela canta, é vocal, lá. Na dança também, ele tem um grupo de dança e o voleibol, você acredita que fez tudo isso, porque assim, tem passos que ela faz que ela não conseguiria fazer se ela não tivesse feito o voleibol. Porque é muito cansativo, muito puxado. Tem vezes que eles precisam fazer 2, 3 coreografias e se ela não tivesse feito a atividade física que ela fez, o tempo de horas que ela fez, ela não conseguiria. A vida dela é muito puxada, ela vai para o trabalho, sai do trabalho vai para a faculdade, da faculdade ela vem e ainda vai fazer trabalho. E ela fala: " mãe, tem menina que fala : como você consegue fazer tudo isso?" E assim, ela estuda, de final de semana vai para os ensaios da igreja, ela não come, e ela fala: "já pensou se eu não tivesse tido lá atrás, isto que eu tive? Ter praticado um esporte!" E outras coisas que ela faz, entrevistas, o pessoal fala a mesma coisa, inclusive a amiga dela, faz faculdade de educação física, ela fala a mesma coisa, que quem não fez atividade física não consegue. No final de semana ela tem apresentação. Ela está toda dolorida. Você já imaginou! E também como ela se expressa. O voleibol , além de ser uma atividade física, um esporte, ele é também uma forma de você jogar para fora. No caso dela foi uma maneira colocar para fora tudo o que ela sentia, as barreiras que tinha em seu interior, a mente, acho que foi uma maneira de colocar para fora. Acho que no esporte você está praticando e você também coloca para fora se você tem vontade de vencer, se por dinheiro, vontade de aprender. Então, eu analisando a minha filha, ela colocou tudo isto no voleibol, ah, eu quero crescer, eu quero mudar, eu quero fazer a diferença, tudo isso.

P- Quais as características que você acha que deve ter em um projeto social com esporte?

M 3- Eu acho que tinha que ser um projeto que tinha que conhecer a criança e a família, tinha que envolver a família, tinha que cuidar da família, o lado da família, porque muitas vezes a mãe não tem um olhar, tem mães que aceitam o filho ficar na boca, o dinheiro vem rápido, tem aquela ilusão de que vai crescer, enriquecer e não é isso. Amanhã vai ver o filho esticado lá no chão. Então, para mim, o projeto tem que ser assim, tem que ter pessoas sensíveis para o lado social, tipo assim um L., entendeu? Porque o L. ele via isso. A K. falava que o L. perguntava, queria saber e se preo cupava.Mas tem eles que só vem para cá pelo dinheiro.. Eu vou lá para aquela favela, né? Fazer o quê? É o que eu posso fazer! Ir para lá porque o salário é bom! Não se preocupa com a família, como é a família dela, como é a situação que ela passa, porque assim, é

muito fácil a gente criticar. Ah, esta menina é rebelde! É muito fácil. Hoje eu vejo assim, meninas que estudaram com a K., meninos que se envolveram. Mas tem muitas que se levantaram, que continuam suas vidas, que abriram os olhos para outros ângulos. Mas eu acho que tinha que ser um projeto assim, ter este olhar para a família, não só para o esporte, também para o social. Para o social que eu falo é a família, não dar uma cesta básica, porque eu acho que as mães são acomodadas por isso: "Ah eu vou por meu filho naquele projeto. Dá uma cesta básica por mês, e ainda ele faz um esporte, fica lá quietinho!"

P- Você tem algum conhecimento de como está o projeto hoje?

M 3- Olha, eu faço ginástica lá. No grupo das mães que iniciou para que elas ficassem mais próximas do projeto. Eu não sei o que aconteceu que os folhos foram todos embora e as mães ficaram. E são muitas mães. A E. está tocando lá. E o que aconteceu eu não sei. A gente sabe de fofoca. Eu não me envolvo mais porque mudou muito ali. Eu não acho que foi porque a S. saiu não. Até porque a S. não era do voleibol. Era não era Professora, não era diretora, nada. É assim, o que eu falei agora pouco, que o projeto de esporte tem que estar voltado para o social. Então assim, as pessoas que ficaram não souberam carregar, não souberam administrar, eles ficaram mais distantes das crianças. Eles ficaram mais longe das crianças. Então foi lá, o S. não está, o L. também não, só está a M.? Ah, então eu não vou ficar, entendeu? No outro dia, de novo. Ah a M. é muito sem sal, não tem açúcar. Então isso que foi acontecendo. As pessoas que ficaram não souberam administrar. Caiu, o pessoal fala que caiu, desmoronou, está entregue às moscas, as crianças cresceram, e não teve continuidade. Eu acho que estes meninos têm muito preparo. Aquele que saiu agora, o V. Eu ficava olhando e via o L. amanhã. Nossa, tem muitos que podiam ser um L., só que o que aconteceu? Não deram para eles um galhinho para eles se segurarem. Não teve isso. E as pessoas que ficaram não souberam administrar. Porque a E. deu certo com a ginástica? Não tem vaga, tem várias turmas e não tem vaga.

P- E para as crianças, tem vaga no voleibol?

M 3- Tem, bastante. É que assim, oCJ foi abandonado e uma coisa era ligada à outra. Eu coloquei meus outros dois filhos no CJ Imperador para eles fazer voleibol na escola. A Ângela saiu porque

não vai ter mais voleibol. Saiu do projeto. O G. continuou porque ele dizia que ia ter voleibol no Meirelles (núcleo broto em escola)

P- Você acha que os profissionais que estão agora no voleibol estão deixando de ver este lado social?

M 3- Estão. Estão sim. Eu não sei quem é a direção do voleibol, mas se eles não abrirem os olhos vai fechar mesmo. Sabe por quê? Eu sou daqui, sou moradora, tem uns boatos, já ouvi que a A.(diretora da ONG) não vai mais assinar, que vai acabar, e olha que pecado! Porque aqui necessita. O voleibol não teve este olhar. Se a K. não veio hoje, porque ela não veio? Eu acho que tem que ter esta visão, este olhar.

Entrevista Mãe 4

P- Com quantos anos seu filho começou a participar do voleibol?

M 4- Com 13 anos.

P- E antes disso quais as atividades dele?

M 4- Na verdade só a escola. Não participava de nenhum projeto. Era de casa para a escola e da escola para a casa.

P- E brincadeiras na rua?

M 4- Não, o S. (filho) nunca foi de brincar na rua. Nunca participava de nada mesmo. Sempre da escola para casa ou para a casa da minha mãe.

P- E com relação à violência? Você tomava alguma precaução para afastar o S. desta violência?

M 4- Eu moro aqui no Heliópolis há 38 anos. Eu tenho 40 anos. Desde quando o S. nasceu eu sempre o influenciei para não deixar ele se envolver. Nós somos em 4 irmãos e meu pai sempre deixou bem claro que mesmo a gente morando neste lugar não era para a gente se envolver com todo mundo aqui. É um bom dia, boa tarde para não parecer que é o tal, mas assim, para o S. desde os 7 anos, eu sempre falei para ele não se envolver, mesmo a gente morando, eu sempre pensei, eu não queria morar aqui para sempre, eu falei para ele, não quero isto aqui para sempre, mas eu sempre mostrei para ele que não era para ele se envolver com muita gente daqui, se passasse, oi, bom dia, boa tarde e só. Sempre falei para ele ter boas amizades, saber com quem está tendo as influências, com quem ele está se envolvendo. É isso, a violência aqui é demais, e é aquilo, mesmo que você não é do meio, mas se você se envolver com pessoas que não tem nada a ver com vc, você termina levando, se você está numa galera de 5 ou 6 que não servem e você é realmente uma boa companhia, amanhã ou depois vão falar: "ele está se envolvendo, também faz parte!"

P- O S. teve alguma restrição do tipo não pode brincar na rua ou não foi necessário?

M 4- Não foi necessário, você não pode brincar na rua, mas tem que saber com quem está brincando. Ele na verdade, de rua, ele nunca brincou, de bola, eu só lembro dele brincar de bolinha de gude e só com as crianças da idade dele.

P- Durante a fase dos treinamentos do voleibol à noite, você percebeu alguma mudança de comportamento no S.?

M 4- Ah, depois que ele entrou no voleibol, eu acredito que ele teve mais objetivos, ele já sabia mais o que ele estava querendo, porque antes disso ele não sabia mesmo o que ele queria da vida dele. E acho que ele cresceu bastante, o objetivo dele cresceu, ele amadureceu mais, e eu só tenho coisas a falar bem dele , apesar de que a gente, né, mas ele cresceu bastante. Eu até gostava bastante porque o S. conheceu muitos lugares que eu, eu não tive assim, tantos objetivos igual o S. teve, porque o S. conheceu muitos lugares, conheceu muito mais coisas do que eu. Eu não podia, na época, porque minha mãe não deixava, e eu sempre incentive, se tiver jogos, lugares diferentes, pessoas diferentes, vai! Vai, nunca deixe de ir! " Ah eu não vou mãe por causa da

escola!" " Não, se der para você faltar, para você conhecer..." quando ele falou que ele ia para Campinas, puxa, vai sim! E depois quando teve a Sa.(neta) , mas se o L.(Professor) ou alguém te convidar para conhecer pessoas, lugares diferentes, vai! Deixa a As. Com a mãe e vai! Aproveita porque a chance da gente é uma só.

P- Esse desejo do S. de fazer faculdade. Você acha que tem alguma relação com o voleibol?

M 4- Com certeza. Ele começou a pensar bastante depois do voleibol. Porque antes do voleibol ele não tinha objetivo. Eu sempre perguntei:" S. O que você quer ser quando crescer?" " Ah, eu quero ser geólogo!" " Mas não parte isso de você. Não sei se combina, se é isso que você quer, não ter nada a ver!" E depois do voleibol, eu acho que ele amadureceu.

P- E o que você acha desse desejo dele de fazer a faculdade?

M 4- Eu acho bom, mas tem as partes positivas e negativas. O tempo que ele ficou no voleibol, eu acho que tinha que ter algo mais. Porque ele lutou tanto com o pessoal, e olha onde ele está hoje, ele queria tanto uma faculdade e não conseguiu. Tinha aquela da época da A. (diretora da ONG) , não sei se vai ser a parte da crítica agora, porque a A. fez aquele papel todo, as crianças, daqui a pouco, vou oferecer uma bolsa de faculdade, e de repente não foi aquilo que a gente esperava, ele, o P. , os meninos do voleibol, todos. E aí depois ela chegou com uma nova proposta, falando que o pessoal, ela daria a faculdade, só que em troca eles iriam trabalhar na comunidade, quer dizer, o que eles iriam pagar na faculdade, na verdade não iriam pagar não faculdade, eles iriam pagar aqui. Mas aí veio a S. (filha) e ele tinha que escolher. Seria uma bolsa paga, mas e o dinheiro, porque aí o Silas já tinha uma outra vida. O que eu tenho a dizer na parte da crítica é só isso mesmo, eu esperava mais da A. eu não esperava o que ela fez. Eu não sei se as outras mães também vão falar a mesma coisa.

P- É, a gente recebeu algumas críticas a este respeito, da falta de apoio.

M 4- Ela até deu um apoio, só que foi como ela falou, eu dou a bolsa e vocês trabalham na comunidade. O financeiro deles, olha, está pago a faculdade, naquela época ela fez aquela

enrolada toda, falou que estava sendo paga e quando foi ver estava vindo carta de cobrança na casa. Depois veio uma nova proposta falando que daria a bolsa, em troca eles iriam trabalhar na comunidade, só que daí, é aquilo, se você percebeu, todos saíram, né? Porque, porque eles também precisam de dinheiro, precisam trabalhar. Então se ela falasse, trabalhem duas, três horas, e depois você tem que continuar, a vida continua, não?

P- Você teria alguma sugestão para um projeto social com esporte que estaria sendo montado?

M 4- Eu acho que no projeto, primeiramente tem que ter pessoas capacitadas, para montar este projeto.

P- Qual é a formação que você acha que estas pessoas devem ter?

M 4- Eu acho tem que ter qualificação. Eu acredito que o S. os meninos todos tem.

P- Entendi, tem que vivenciar, de conhecer um projeto?

M 4- É, porque eles já tinham um projeto, eles conheciam o projeto. Se chegar, o S. é uma pessoa, ele tem o conhecimento. Acho que para montar um projeto tem que ter o conhecimento, eles com certeza iriam dar certo neste novo projeto.

P- Mais alguma coisa que você acha deve ter um projeto?

M 4- Tem que ter um membro, uma pessoa que possa entrar com eles, não é só eles. Tem que ter uma pessoa, não digamos mais forte que eles, mas tem que ter uma pessoa superior a eles.

P- Mais alguma sugestão? Com as crianças? Como deveria ser as ações?

M 4- Eu acredito que deva ter um setor que tenha informática para eles, viagens, não só no local, alguém para levar eles.

P- Você tem conhecimento de como está o projeto agora?

M 4- Eu acredito que não está lá essas coisas. Eu acredito que depois que os meninos saíram piorou bastante.

P- Você sabe o que está ruim, o que aconteceu?

M 4- Se eu falar que está ruim, eu não sei na verdade. O S. não me passou mais nada. Mas se o V. (outro jovem que trabalhou como Professor) saiu é porque alguma coisa não estava legal. Ele falou, olha eu fiquei super estressado. Mas eu não sei o que está acontecendo.

Transcrição da roda de conversa com jovens de geração mais nova

Entrevista Nova Geração, 1º grupo- JN 1, JN 2, JN 3 e JN 4.

P- Vocês ainda estão jogando voleibol no projeto?

JN 2- não

JN 1- sim

JN 3- sim

JN 4- sim

P- Qual horário?

Todos- À noite

P- E como está o voleibol?

JN 1- Hoje em dia está diferente porque não tem mais a escolha, tipo, a pessoa está apta por ela merecer. Hoje em dia, qualquer um chega e treina. Assim, eu quero treinar e vou treinar. Antigamente eram os jovens que saíram dos treinos de manhã e a tarde, e que ajudavam na monitoria nestes horários. Então, vamos dizer, tinha um merecimento para estar treinando à noite.

P- Você acha que esta falta de escolha é negativa ou positiva?

JN 1- É negativa porque mostra que a nova geração não está interessada.

P- Você chegou a fazer parte desta seleção? Você teve que passar por esta seleção para poder treinar à noite?

JN 1- Com certeza, eu peguei um pouco da antiga geração, que o pessoal fazia as coisas acontecerem, então eu peguei um pouquinho da vivência deles.

P- E que valor tinha isto para você? O que significava isto para você?

JN 1- É, eu tracei uma meta para mim, naquela época, de estar ali para se sentir melhor, não sei o real motivo, mas era como um objetivo, eu tinha que chegar lá, e graças a Deus eu cheguei.

P- O que você teve que fazer para chegar lá?

JN 1- É, principalmente me dedicar totalmente, eu precisava ter o tempo necessário para me dedicar aquilo, porque precisava de um tempo maior, uma dedicação maior, então eu precisei praticamente dar o meu tempo para as outras crianças.

P- E o que você fazia? Quais eram as suas funções?

JN 1- Eu era monitor, então, às vezes quando o Professor não estava muito bem ou achava, pedia opinião para gente sobre a aula, podia aplicar algumas coisas ou até mesmo dar aula para os

menores, então vamos dizer que eu fiz como ajudante, já não foi como monitor, como um ajudante do Professor, então a gente montava aulas algumas vezes.

P- E vocês, o que acham do voleibol hoje em dia?

P- JN 2, você não está mais no voleibol?

JN 2- Não

P- Quando você deixou o voleibol, como ele estava?

JN 2- Eu já saí porque para mim não estava mais valendo à pena. Eu acho que tinha ficado um pouco longe do voleibol, tinha ido para outros lugares. Quando eu entrei lá dentro foi para jogar voleibol, não foi para ficar fazendo outras coisas, aí eu saí porque para mim não estava mais valendo à pena.

P- Que outras coisas?

JN 2- Eu não sei, é... Por exemplo, quando a gente entrou lá, tinham os campeonatos, tinham as aulas divididas, aí, que nem o I. falou, a gente, para entrar a noite a gente precisava lutar para conseguir, a gente precisava mostrar que a gente merecia, aí na época que eu saí já estava esta coisa desorganizada, é, eu não mereço, mas está faltando gente, então eu vou entrar, não tinha mais esta seleção. Aí para mim já estava, o que, quem queria ser monitor, ia ser, quem não queria, também o projeto... Para mim não estava mais indo para frente com a força que estava antes.

JN 3- Hoje mudou muito o voleibol. Sei lá, antigamente eu ia com mais gosto para jogar, porque eu pensava assim, nossa eu vou com gosto mesmo, que nem você sempre fala, que a gente tinha sempre que se espelhar em alguém, que a gente tem sempre que querer ser não igual aquela pessoa, mas melhor que aquela pessoa, hoje eu não tenho mais este pensamento lá! Hoje eu falo: “Ah, não tenho nada para fazer, então eu vou lá mesmo, não é?” Mas antigamente, quando eu

ficava doente eu falava: “Não, eu tenho que treinar!” E minha mãe falava: “Não, você está doente!” “Não mãe, eu tenho que treinar!”. Hoje não, se eu estiver doente eu fico em casa, cuidar da minha saúde, não quero saber mais. Antigamente era bem melhor que agora. Agora, é que nem os dois falaram, qualquer pessoa entra, se quiser treinar, então pode vir aí! Daí você começa a treinar. Antes também, era, tinha até lista para poder entrar lá, nossa, ficava gente de fora, não tinha vaga. Hoje em dia não, você passa lá em frente está lá, vagas para crianças de não sei quanto para jogar. Daí ela começa a jogar e pronto. Antigamente não, não que agora eles não dão mais valor, mas antigamente dava mais valor para isso. Hoje eles não dão mais valor, tipo, eles não estão nem aí, se eles não querem saber, deixa para frente mesmo...

P- E aí JN4, contribua com a gente!

JN 4- Ah, eu acho que mudou porque antigamente era um grupo que um ajudava o outro, um era mais ligado ao outro, era uma equipe. Já hoje é separado, cada um com seu grupinho.

P- E porque você acha que isto acontece? O que aconteceu para que ficasse desse jeito?

JN 4- A mudança de alunos, de participantes do projeto, sai uns, entra outros.

P- Tem muita esta mudança? Esta rotatividade de alunos é muito grande?

JN 4- Sim.

P- E porque vocês acham que tem esta rotatividade? Porque vejam, eu expliquei sobre o meu projeto, que é um estudo baseado no primeiro grupo de adolescentes. Este grupo, depois de 3 anos, de trinta pessoas ficaram 27. Quer dizer, quase todo o grupo de manteve. Porque vocês acham que acontece esta rotatividade que existe agora e que não aconteceu antes?

JN 1- Porque eu acho que o projeto precisa de novos olhares. Então cada pessoa pensa diferente, então com novas pessoas poderiam acontecer novos projetos, novas idéias.

P-Então você acha que deveria haver novos projetos com idéias diferentes?

JN 1- Isso, porque nem sempre o que um quer é o que o outro quer. Então eu acho que cada pessoa tem uma contribuição lá dentro nestes 3 anos do grupo mais velho e o pessoal se espelhou e quis mudar algumas coisas só que infelizmente não teve esta mudança.

P-Que mudança que você acha que iria ter?

JN 1- Acho que era fortalecer mais ainda o nosso grupo. Que como teve esta rotatividade o pessoal foi se afastando, cada um para o seu lado, alguns não respeitavam a opinião de outros porque achava que era loucura, então nuca acharam que aquilo ia dar certo. Que a gente poderia ajudar outras crianças, como a gente foi ajudado no começo, ou então ampliar, deixar maior o número de pessoas no grupo.

P-Você acha que estes objetivos não deram certos por quê?

JN 1- As opiniões diferentes.

P-Vocês acham que faltou mais alguma coisa para que estes objetivos fossem alcançados?

JN 2- Persistência. Acho que faltou persistência da gente de correr atrás. Mas eu acho que a gente não teve esta persistência porque o projeto não estava mais nos apoiando, e também não tinha mais aquela estrutura, porque no começo, a pessoa que entrava no projeto tinha uma formação no voleibol, eles ensinavam a gente a gostar e a jogar voleibol. Ai, depois de uma época isto acabou. Eu acho que por isso também que teve esta transformação de gente que sai , gente que entre, porque não tinha mais nada que ligasse tanto a gente quanto tinha no começo!

P-Vocês falam que o voleibol foi perdendo a força, é isto? Todos vocês gostariam que o voleibol não perdesse esta força?

Todos- Sim.

JN 1- Este foi um dos grandes motivos que fizeram alguns saírem. Pela falta de voleibol. Tanto que nas aulas as crianças faziam brincadeiras que elas costumam fazer na rua, então isso não virou mais atrativo para elas.

P- E para que vocês queriam uma continuidade no voleibol?

JN 2- Porque quando eu estava lá dentro eu jogava, eu jogava com garra, eu jogava para que ? Para quando eu chegar no campeonato, a nossa equipe, o nosso time mostrar que e gente era forte, mostrar que a gente era unida, aí eu gostava de estar lá por isso. Gostava do voleibol, quando era voleibol, por isso.

P-Vocês concordam?

JN 1- Com certeza. A gente chamava ali de segunda casa. A gente se sentia bem lá dentro.

JN 2- Às vezes era até a primeira!!!

JN 1- Às vezes até a primeira porque a gente passava lá maior parte tempo lá do que em casa.

P-Vocês acham que com este voleibol que vocês vivenciaram, vocês aprenderam bastante coisa? Me dêem exemplos.

JN 1- A convivência com pessoas diferentes. Porque a gente vivia num mundo pequeno que era dentro de casa, a gente tinha nossa opinião, os pais podiam aprovar ou não. Já lá dentro tinham pessoas completamente diferentes, com pensamentos completamente diferentes, então haviam conflitos de pensamentos então acho que foi aprender a conviver com pessoas diferentes.

P-Mais algumas coisa?

JN 2- Aprender a falar. Porque lá dentro a gente tem que falar, tem que expor nossa opinião, acho que lá, se a gente ficar calado, a gente não consegue se integrar no grupo. Aí quando a gente fala o pessoal ouve a gente, a gente consegue aprender com a opinião dos outros,

P-Mais algumas coisa?

JN 3- Aprender a ouvir e a falar, como a C. estava falando. A gente aprendeu a dar nossa opinião e também aprendemos a ouvir a opinião dos outros. Não só aprender a criticar, mas aprender a ouvir e a chegar no ponto certo.

P-Voltando para o voleibol. Vocês queriam que continuasse a ter voleibol. Como a C. falou, eu aprendia gostar do voleibol, a jogar o voleibol. O que é que vocês gostariam de aprender a partir do ponto onde vocês pararam?

JN 1- A parte técnica, conhecer mais os esquemas táticos, o que fica por trás da quadra, não só que fica na quadra, mas o técnico, as estratégias,

JN 3- Se envolver mesmo no voleibol, não só ficar só naquela conversa, só naquele toque, na manchete, mas mergulhar mesmo no voleibol, saber mesmo.

JN 2- Eu acho que para a gente, na época que eu estava lá dentro eu ainda peguei, que quando eu entrei lá dentro eu quase quebrei meu dedo dando toque. Eu aprendi a dar toque, eu fui a levantadora do time. Eu acho que as crianças que entram hoje não têm mais esta estrutura de aprender, aprender mesmo, acho que lá hoje está faltando aprendizagem. Porque eu não queria que acabasse só para mim, eu não queria que acabasse para mim, imagina para os menores, porque eu ainda peguei muita coisa que eu queria que eles pegassem,

P-E vocês tem alguma idéia do por que que vocês gostariam de aprender mais?

JN 1- Acho que é mais paixão. A gente aprendeu a gostar então a gente se sentia bem e aquilo fazia parte da gente, então a gente viu isto como podia ser o futuro, o emprego, isto poderia mudar a nossa vida completamente.

P-Emprego em que sentido?

JN 1- Como aqui é muito difícil, para a gente que mora num lugar menos favorável, agora está tendo algumas melhoras, mas não é o que a gente espera, que a gente sonha, porque a gente precisa gostar do que a gente faz porque senão não vai para frente, então eu acho a gente viu isso como a nossa paixão e a gente decidiu optar pelo voleibol, fazer educação física que é uma coisa que eu gosto, e que eu acho que se eu fizer vai dar certo.

JN 2- Lá dentro a gente alimentava sonhos. Eu já ouvi e eu acho que até eu mesma já falei: “ah, quero ser jogadora de voleibol, ser Professora de educação física!”. Aí com o tempo lá a gente foi esquecendo deixando um pouco de lado, a gente foi vendo que talvez não fosse aquilo.

P-Tem muita gente que fala que é perigoso fazer os alunos sonharem com uma coisa que é muito difícil, por exemplo, sonhar em ser jogadora da seleção. Então tem muita gente que fala que é melhor não fazer eles sonharem isto. Porque vai frustrar e a pessoa vai ficar muito chateada. O que vocês acham disto? Vocês acham que é melhor não estimular estes sonhos mesmo?

JN 3- Eu acho que você pelo menos tem que tentar, para realmente saber se isto vai acontecer. Se você tentar e não acontecer, tudo bem, vou fazer outra coisa, entendeu? Pelo menos tem que tentar, não ter vergonha porque você tentou, pelo menos você tentou.

JN 2- Mas a gente queria ser jogadora, a gente queria continuar com o voleibol porque a gente sempre gostou, então se fosse alguma coisa relacionada a voleibol, a gente estaria com gosto, teria prazer. Por isso que eu acho que o sonho de uma criança, se ela gosta daquilo, ela vai querer ser aquilo, não tem como ninguém não influenciar neste sonho, se a criança já gosta daquilo, a imaginação dela vai...

P-Vocês não tem problemas nisso?

Todos- Não!

P-Vocês conseguem enxergar alguma coisa que vocês aprenderam que vocês aprenderiam mais com este voleibol?

JN 1- Eu acho que a paciência. A gente tem que ser muito paciente com as coisa porque pessoas queriam melhorar no limite dela, então ela não podia fazer aquilo, então a gente tinha que ter paciência para dar um passo de cada vez.

P- Se eu quisesse montar um projeto e chegasse até vocês e falasse que fiquei sabendo que vocês participaram de um e lhes perguntasse o que vocês acham importante existir em um projeto social com esporte, o que me diriam?

JN 4- Um critério só.

P- Qual seria o seu critério?

JN 1- Acho que a curiosidade pelo esporte. Acho que toda a criança tem o interesse em ter o esporte como parte da vida. Como praticar saúde, forma de levar a vida, esquecer os problemas, sei lá.

P- Se o projeto fosse de vocês, o que tinha que ter?

JN 1- O principal era o voleibol, mesmo.

JN 2- Focalizar no esporte.

P- Como focalizar? O que é preciso fazer?

Nenhuma resposta.

P- E o Professor? Como ele deve ser?

JN 1- Ele tem que amar o que faz!

JN 2- E ele tem que saber o que ele está ensinando. O que ele deve ensinar.

JN 1- E também a paciência porque cada um tem o seu tempo.

P- O que mais que este Professor tem que ter?

JN 1- Sabedoria. Saber colocar as coisas para certos tipos de pessoas. Que nem todas entendem o que ele fala. E acho que ele tem que ser alegre. Não demonstrar que ele está triste porque o Professor é o espelho do aluno, então o aluno reflete nele, quando o Professor está triste ele fica triste, quando o Professor fica alegre...

JN 3- Não demonstrar desânimo.

JN 2- Ele tem que gostar de estar ensinando, gostar do que ele está fazendo.

P—para terminar, vocês teriam alguma reivindicação a fazer?

JN 1- Acho que só o voleibol mesmo. Para atrair mais, acho que alguns até gostariam, eles ficam tristes de saber que antigamente tinha mais voleibol, o pessoal era mais concentrado, os Professores eram mais centralizados naquilo, então alguns jovens se decepcionam por não ter mais o voleibol. Então a reivindicação que eu faria era pedir mais voleibol. E melhores condições porque nem sempre e o que a gente tem lá é o melhor.

P- Você acha que você merece coisa melhor?

JN 1- Todos nós merecemos uma coisa melhor!

Entrevista Nova geração 2º grupo- JN 5, JN 6, JN 7 e JN 8.

P- Quem ainda está jogando voleibol na sede?

Jovens- todos menos JN 8.

P- Como está o voleibol hoje? Vocês estão treinando à noite?

JN 6- Bem diferente do que era antes. Houveram muitas mudanças, da época que eu comecei a treinar, final de 2004, era uma diferença gritante.

P- Quais são as diferenças?

JN 6- Olha, para falar a verdade eu acho que quando eu entrei, eu vi uma coisa que me chama a atenção até hoje, eu vi que o voleibol não serve só para você..., você aprender a jogar só que você vai aprender outras coisas além disso. Eu acho que isto é o mais importante. Eu tenho na minha cabeça que eu fui criado lá tomando bolada na cabeça de gente muito mais forte que eu, e achei que isto foi muito bom para mim, porque fez o meu caráter assim, eu tomando porrada, mas eu aprendi.

P- O que você aprendeu?

JN 6- Bastante coisa que eu acho que vou usar para o resto da minha vida. Vontade de crescer sempre. É a mesma coisa que eu estar no voleibol, eu ver o adversário, ver uma pessoa que joga melhor que eu e falar, eu quero ser melhor que aquela pessoa. Eu quero ter qualidades melhores que aquela pessoa. Não passar por cima, pisar na pessoa mas estar no nível dela ou até melhor.

P- E você falou que está diferente. O que você vê de diferente?

JN 6- Os objetivos. Antes era formar cidadãos críticos, só que tinha um instrumento que eu vejo, muito forte que era o voleibol, só que hoje em dia este instrumento não é tão ativo, não é utilizado. É utilizado, só que de outras formas, formas que não satisfazem, como eu vejo, quer dizer, a gente vê coisas que, como eu fazia monitoria na época, de alunos mais novos, eu veria facilmente 50 alunos na turma de voleibol. Hoje em dia a gente não vê. Pela mudança de objetivos e formas que eles usam para chegar nas crianças.

P- Você consegue me dar um exemplo desta diferença de forma?

JN 6- As formas de conquistar os alunos. Por exemplo, no projeto de voleibol, você tem aquela 1 hora, 15 minutos são para você conversar sobre coisas que você vai aprender e os outros 45 minutos você tem que usar, usar o voleibol como instrumento, como era usado antigamente, para trazer outro tipo de aprendizado, não só o aprendizado da fala. O que fica mais o que a gente aprende jogando, por exemplo, quando a gente está jogando e recebe de alguém : ”Ah, faz daquele jeito!”, é uma forma que aquela criança pode aprender. Se eu não sei eu posso receber ajuda. É a mesma forma que você está na vida, está com dificuldade você sabe que você tem alguém para te ajudar.

P- E hoje em dia como é que está?

JN 6- Hoje em dia não é assim! É uma coisa mais..., é..., trazem os alunos, passam uma coisa que não é um contexto que eles esperam, e quando alguns alunos tentam criticar eles são meio que oprimidos, cortados de alguma forma.

P- E vocês, como vocês acham que está o voleibol?

JN 7- Quando eu entrei, tinha aquela coisa, eu tinha começado a jogar na escola e aí eu entrei na sede porque minha irmã entrou também. E as aulas eram maravilhosas, e gente ficava jogando, às vezes a gente sentia falta do voleibol, o pessoal ficava reclamando que se falava de mais, mas é

aquela coisa, a gente ainda tinha o voleibol, que eu acredito que é um instrumento muito forte que traz muito daquela coisa da superação, da força de vontade. Eu acho que o voleibol me fez ser uma pessoa muito determinada, também, me trouxe muitas conquistas, muitas alegrias, mas, por exemplo, eu tenho um primo que está no voleibol, à tarde, e eu outro dia fui falar com ele: ”Ah, o que você está achando do voleibol?”, e ele: “ Ah, a gente não aprende nada, porque no voleibol, o Professor é muito chato, a gente não faz nada, fica só jogando futebol E aí eu fiquei pensando na diferença da época que eu entrei para a que ele está agora, não? Ele é uma criança um pouco rebelde, mas ele falou de uma maneira, assim, eu para falar mal do voleibol, nunca, nunca faltava, podia estar chovendo, sabia que ia estar tudo alagado, mas eu ia lá. E agora meu primo não, ele fala que para não faz tanta diferença, pelo que eu percebi do que ele falou. Acho que está é uma das diferenças da época que eu fazia aula para agora.

P- Você sabe me dizer por que você não faltava?

JN 7- Ah, sempre aquela coisa, aquela pontinha...por exemplo, tinha aula na segunda, aí no final da aula o Professor deixava meio aquela coisa: “ Ah, na próxima aula a gente vai aprender posicionamento!” e a gente ficava todo ansioso para a outra aula. Tinha os amigos também da turma e mesmo que a gente fosse tomar bolada, mesmo que a gente não conseguisse cumprir a proposta da aula, a gente sempre ficava ansioso para completar aquilo na próxima aula. E nunca era um ciclo que se encerrava. Era contínuo sempre, e agt sempre ficava na expectativa para a próxima aula, ver o que a gente podia aprender, para campeonatos também, a gente ia se preparando o ano inteiro e eu acho que era isto que criava esta expectativa na gente.

P- E você acha que no caso do teu primo, ele não vê isso?

JN 7- Não, ele prefere ficar na rua, tacando pedra no vizinho do que ir para lá, porque ele fala que se for para jogar futebol ele joga na rua mesmo. Ele não quer ir para lá!

P- E no seu voleibol? Você falou que você continua no voleibol, como é que está? Continua tendo esta continuidade?

JN 7- Agora não tanto, porque além de eu ter outras atividades voltadas para a escola. Mas também porque o estilo mudou bastante. Antes, eu entrei à noite ano passado, aí eu fiquei um tempo fora e voltei há um mês mais ou menos e eu voltei mais mesmo pela minha saúde, porque eu tenho que praticar esporte, porque se não, eu não tenho vontade de voltar, não é aquela mesma coisa. O treino é bacana e tal, mas ainda falta uma motivação a mais.

P- E vocês, JN 6 e JN 8?

JN 8- Ah, eu acho que o treinamento, antes você ia, eu comecei bem cedo, eu comecei bem no tempo antigo mesmo, mas assim, eu aproveitei bem, pelo meu lado, principalmente Curitiba (local onde se realizava o Internúcleos nacional, reunindo 24 núcleos de SP e PR). Mas sempre quando você ia para o treinamento, você ia: " Nossa, você vai ver, vai ser pegado!" Mas hoje, eu estava até, na última semana eu estava até jogando, mas aí, eu estava vendo que também não estava dando rendimento, e outra também, às vezes, a conversa que tinha não é a mesma. Eu acho que já ficou para a história, assim, se um dia você for comentar com os amigos: "Ah, nossa, lembra como era bom!"

P- Qual a diferença entre um e outro? Um tempo e outro?

JN 8- Eu acho que era mais, você ia com mais vontade, porque antes, quando a gente ia para o treino sempre eles deixavam nós com mais vontade de ir, falavam uma coisas que você parava para pensar, entendeu, e agora você vai na maior cara de pau e não dá vontade de jogar aí você fala: "ah, vamos jogar futebol!" Porque, e outra, antes não era chamado o voleibol é coisa de boiola. E antes se o cara falasse isto para mim eu falava: " Cala boca, mano, você está lá? Eu gosto, você quer entrar?" Aí tinha uns que até entravam e falavam que era da hora. Antes, porque agora, vamos se dizer que só tem uns boiolas, ficou uns boiolas mesmo e aí todo mundo fica falando: " Aí, vôlei é para boiola mesmo!" Os que estão lá falam que é a praia deles, que o voleibol é um esporte gay. Eu não acho e é por isso que eu saí de lá, porque se eu ficasse lá ia sair discussão todo dia. Eles falam palavrão, com aquele jeitinho. Vou até falar um negócio, eles falam: "Ah, meu cú é seu, não sei o que..." É sem lógica, entendeu?

P- E aí não tem nenhuma mediação do Professor?

JN 8- O Professor tenta conversar com eles mas eles não... Mas o Professor tenta conversar, o R. saiu também, não? E o A. tenta conversar com eles falando que não pode julgar. Aí nós falamos para ele: "Olha, nós não temos que julgar, mas assim, acho que estas atitudes que tem aí, acho que não é bom para o projeto." E às vezes, antes principalmente, eu mesmo: " Ah, o V. joga bem pra caramba, vou me espelhar nele!" Agora os menininhos novos vão lá ver e os meninos estão no maior jeitão de boiola lá, de mocinha. E agora juntou os dois treinamentos e aí eles se misturaram, ficou menino com menina, aí eles acham que são umas meninas, entendeu? As meninas fazem uns negócios lá e eles vão no embalo, pensam que é normal isto daí. Não é normal e aí todo mundo que fala que voleibol é esporte de boiola, às vezes quando vai lá na sede, é isso mesmo!

JN 6- A gente vê esta coisa no projeto, de ser ou não ser gay, porque o problema é o seguinte, pelo fato de ser ou não, o problema não é meu, não discrimino, tenho amizades com muitos homossexuais, o problema maior é assim, o fato de ser gay não dá direito de julgar os outros, a discriminar os outros. Ou seja, se eles são discriminados, ninguém pode fazer o mesmo. Por exemplo, por falta de rédea do Professor, chegar e falar: " Meu, você não pode ficar fazendo este tipo de coisa no treino!" Porque se você está treinando com uma pessoa, jogando, brincando até, coisa de mandar beijo para homem, acho que é uma coisa super errada, se quer respeito, tem que se dar o respeito.

P- Isto são coisas que acontecem nos treinos?

JN 6- São coisas que acontecem e que já chegou ao ponto limite, não no limite porque o ponto limite é a violência o que nunca aconteceu e espero que não aconteça. 42:23

JN 5- Na minha visão mudou muitas coisas, do voleibol antigo e o voleibol de hoje. Antes quando eu ia para o projeto eu pensava apenas, sincero, jogar. Queria apenas jogar, competição, viajar. E hoje minha visão muda, hoje eu não vou no projeto apenas atrás de voleibol, porque o voleibol que eles dão eu posso conseguir em qualquer outro lugar. Se eu for na escola eu consigo

o voleibol que eles dão aí, ou seja, eu vou no projeto em busca de outras milhares de coisas, como aprender a me comunicar melhor com as pessoas, saber o que elas gostas, o que elas querem, como da comunidade até, tem muita gente que vai para lá, "Ah, o que eu vou fazer? Não tem nada para fazer, então eu vou para a sede!", aí chega lá, tem aquela aulinha meia boca, jogar um vôlei meio rápido, brincando, sai de lá, vai para casa, dorme, beleza. Antes não, antes a pessoa: " Ah não, vou jogar, vou aprender, vou tentar, porque eu vou para Curitiba, eu vou para Indaiatuba!" O intuito antigamente praticamente era isso. As pessoas iam com prazer para jogar porque tinha viajem, tinha algo em troca. Hoje não tem mais isso, até mesmo tiraram Curitiba, então as pessoas que vão treinar falam: " Ah, eu vou treinar, vou jogar, mas eu vou para onde? O que isso vai me ajudar?" Antes não, antes : "Ah, eu vou treinar pra caramba porque tem aquele que é melhor que eu então eu tenho que tomar a vaga dele porque ele vai para Curitiba e eu não vou!" E hoje não tem isso. Por isso que a visão das pessoas hoje está ruim. Não se trata apenas que hoje está ruim, se trata disso, que antes tinha a competição e hoje eles não querem mais a competição. Até no amistoso que teve na quarta-feira. Teve um amistoso e o Professor falou que aquilo não valia nada para ele. Eu cheguei a discutir com ele mas... para mim um amistoso vale muita coisa, não é apenas um jogo, mas um jogo que não vale nada para ele, para mim eu aprendo muitas coisas além do voleibol.

P- O que você acha que você aprende?

JN 5- Uma grande coisa que eu aprendi de antes que eu não faço mais hoje era além de eu ser explosivo eu não gostava que as pessoas, gente que não sabia jogar fosse jogar comigo, eu não gostava, eu explodia na hora, começava a xingar. Hoje não, hoje eu mudei, porque o que eu sei hoje eu consigo passar para as pessoas que não sabem. Antes eu sabia mas eu não conseguia passar para elas e eu começava a xingar em quadra e eu não vejo mais isso hoje. Hoje eu tento ajudar. Se ela não sabe eu tento ajudar para não ficar perdido.

P- Vocês acham que o fato de vocês não participarem de competição desmotiva?

JN 6- Sim, com certeza. Porque a competição, eu não vejo como uma coisa ruim de todo. Você aprende muita coisa, você vai para um jogo de voleibol você pode levar o maior sacode da sua

vida, mas você vai sair de lá com alguma coisa na cabeça, por exemplo, eu quero ser melhor. Isso que fica na cabeça, competição não é só o lado ruim.

JN 7- Também eu ach que assim, se excluir a competição do voleibol que a gente aprendia, eu acho que não vai dar certo porque o tempo todo a gente está competindo na vida, então a gente compete desde que a gente nasceu, desde que a gente era espermatozóide a gente compete para poder nascer. Então tem aquela coisa, competição saudável, eu não vejo uma separação, competição é competição de qualquer jeito, o que muda é a maneira como você encara isso, vai de pessoa para pessoa, e aí o Professor vai administrando quando começa com crianças pequenas, por exemplo, tem aquelas que tudo é meu, tudo é meu, e eu que a gente tem que saber, com a ajuda do Professor a administrar isso, porque começa com a disputa por um ponto no mini-vôlei até campeonato que a gente dispute que fale: "Ah, mas ele me xingou, ele pegou na rede, botou o dedo na minha cara!" Então isto faz bastante diferença, mas eu acho que excluir a competição do aprendizado não vai ajudar em nada não. Eu acho que a competição é muito importante da gente ir aprendendo desde pequeno porque faz parte e vai fazer parte da nossa vida toda.

P- Em outra entrevista foi dito que antes havia uma valorização dos alunos da noite e que hoje isto não está mais acontecendo. Vocês concordam?

JN 5- Está acontecendo mas eu discordo com a opinião deles. Eu acho que está acontecendo porque antes eles buscavam isto, eles faziam eventos, patrocínios para uniforme. E hoje? O que a maioria que está faz? Quer que tudo caia do céu, que o I. dê tudo e eles não esperavam isto. Por isso que o I. tratavam eles como se fossem ídolos. Porque uma comunidade carente como Heliópolis ter jovens que corram atrás de seus objetivos é muito difícil ter isso e hoje não, até mesmo a gente, a gente vai para lá e espera que eles dêem algo para gente. A gente não vai em busca de nada. E antes não, eles não ganhavam nada do I., Pré-Olímpico (campeonato regional) quem pagava eram eles com o que? Com o esforço deles, com as festas que eles produziam. E hoje? Hoje a gente tem o Circuito (campeonato entre os núcleos do projeto) e o que a gente faz para ganhar o Circuito? Nada! E é sempre isto que as pessoas estão em busca, sempre ganhar, sempre ganhar, mas em que a gente ganha em troca? Nada!

P- E porque você acha que está assim? Porque você acha que o grupo não vai atrás de conseguir estas coisas?

JN 5- Má orientação deles, como disse o E., e também por que a maioria que está lá não querem nada com nada. Acham que a vida é uma brincadeira, que nunca vão sair dali, que sempre vão ser adolescentes, que vão ser criança, que nunca vão precisar trabalhar, correr atrás de um emprego, mas não é assim, a partir do momento que ele sai dali e vai para o mercado de trabalho tudo muda, ele vai ter que correr atrás dos objetivos dele, do curso dele, porque se você não tiver um curso, uma faculdade no seu currículo, você não é nada no mercado de trabalho, qualquer um vai entrar na sua frente, ninguém vai te dar nada se você não correr atrás dos seus objetivos.

JN 7- Eu vejo na maioria das pessoas um comodismo e um descaso também. Como eles falaram, sempre receberam na mão, o Circuito estava pago, a viagem estava paga, o que a gente fazia: ia lá jogar, ser feliz, depois voltava para casa para depois ter outra viagem no outro mês. Mas agora que não tem mais isto, que a gente teria que correr atrás disso, tem muitas meninas que :" Ah, se tiver que correr atrás de alguma coisa, tudo bem, eu saio do projeto! Não vai fazer diferença! Ah, minhas opções são, ou eu venho para cá ou eu fico em casa assistindo televisão ou então eu vou dormir." Então eu vejo isso como, se não for de uma maneira mais fácil não vai ser de maneira nenhuma, porque não vai fazer diferença, porque não tem mais aquela atração toda: "Ah, o projeto, o voleibol!" É que nem o Ed. falou, se fosse o voleibol pelo voleibol, qualquer lugar a gente podia achar, então para alguns não faz a menor diferença.

JN 5- O grande exemplo que eu vejo hoje é que a gente de 17, 18 anos não joga mais campeonato, mas a gente continua treinando. Jogos da Cidade (Campeonato promovido pela prefeitura de São Paulo), falam que não tem campeonato para a gente participar, mas porque a gente não correu para participar nos Jogos da Cidade? Não paga nada, a gente poderia entrar no campeonato, não dependeria do I. para a gente jogar. Porque a gente não se inscreveu? Porque a gente espera que eles corram atrás para inscrever a gente para a gente ir apenas jogar, mas nós deveríamos ir atrás de nossos objetivos, a gente não tem que ficar esperando por nada, passou as inscrições e ninguém não está nem aí.

P- Antigamente havia uma falta de vagas para os grupos noturnos. Muita procura e poucas vagas, todas preenchidas, então, entrar no grupo da noite passava a ser uma coisa valorizada, um status. Isto acontece hoje em dia? 55:30

JN 8- Não, eu acho que agora é só você entrar no projeto e falar: "Eu tenho 16 anos, queria jogar, o que eu faço? Ah ta, 16 anos, vai para noite!" Agora é assim. Antes, nossa, eu principalmente, " Tenho 13 anos, imagine quando o L. me chamar para jogar à noite, com aquele, nossa, tem até para P. e o S. que moram perto de casa! Eles jogam bem pra caramba!" Antes era as mil maravilhas, você olhava assim, "Ah, vou me espelhar nesse!" Agora você vai lá ver a noite, não tem nada. Você não vê muita gente.

JN 7- E eu até acho curioso isso que o W. falou, nesse um mês que eu voltei, no primeiro dia eu fui só para dar um oi assim para o pessoal, só que eu achei estranho, eu estava de calça jeans, fui ver o pessoal, e quando cheguei fui jogar um pouquinho, estavam as quadras pequeno montadas e eu fui jogar. Aí o Professor chegou, olhou para mim e falou: "Ah, prazer, meu nome é L.! Ah, J." As meninas falaram que eu treinava antes aí o Professor perguntou se eu ia voltar a treinar e eu falei que não sabia e as meninas falaram que eu ia voltar sim. Aí o Professor falou:"Então se você aparecer aí, depois você passa seu nome e pronto!" E eu achei tão...cheguei em casa até meio, não sei, horrorizada, porque eu lembro que quando a minha irmã entrou à noite eu ia lá e ficava olhando com aqueles olhões assim, eu ficava pegando bola e entregando, dava até brilho nos olhos, a bola para a L., para a R. (garotas do grupo estudado). E agora, eu olho assim e penso, como pode mudar tanto, assim, não só pelas pessoas terem mudado, mas eu acho que teve uma decadência um pouco disso, porque desvalorizou muito, bastante mesmo.

P- Vocês acham que isto faz falta?

JN 8- Com certeza! Acho que principalmente que está aqui hoje aproveitou bem. Hoje se surge uma oportunidade o pessoal fala: "Ah, nós vamos? Ah, vamos aí!" Quando surgiu o Circuito, foi até quando eu quebrei o braço, eu falei: " Nossa, eu nem vou mais jogar voleibol!" Eu desanimei. Mas agora o Professor às vezes me chama para treinar mas não tem a mesma química. Antes

quando faltava dos alguém dos mais velhos, eu perguntava: “Eu! Posso jogar?” Catava bola, ficava assim (sorrindo para ver se permitiam jogar), é agora! E o L.: “Então, vai pegando a bola para mim!” E eu todo alegre, pulando, pegando bola, “Toma aqui!”, corria, dava maior gás, só para ficar ali no treino, vendo pelo menos um pouco, aprendendo, e agora você não tem isso daí, não tem nem as crianças pequenas tentando ver, não têm mais isso.

JN 6- Esta questão da dificuldade, eu tive muita dificuldade para entrar à noite, tive estímulo do C. e do W. (garotos do grupo mais velho) mas assim, foi difícil, e foi ótimo, porque foi tão difícil que eu me interessei mais, “Eu quero aprender com isso, então eu vou insistir!” E é esta coisa, dificuldade a gente vai enfrentar sempre na vida. Se tiver tudo na mão não vale a pena. O que é fácil demais não vale a pena. Para ser bom tem que ser difícil!

Entrevista Liderança 1

P- Quanto tempo você participou do projeto?

L 1- A gente participou desde o início.

P- Você esteve presente desde o processo de instalação do projeto, não?

L 1- teve até uma discussão no período, que o I. (ONG responsável pelo voleibol) e a U. (empresa patrocinadora) só poderia realizar as obras no local (construção da quadra coberta) se houvesse um documento comprovando que poderia fazer uma reforma ali. Daí teve toda uma negociação, porque a gente já fazia uma discussão na parte de moradia, então a gente já aproveitou este gancho para pedir este espaço para a prefeitura. Que todo este espaço tem uma concessão dentro da área, e ela cedeu um documento dizendo que era uso por noventa anos. Daí o I. e a U. dá início no projeto.
O projeto deu início em 2002, com a idéia de 200 crianças, numa fase experimental, era um desafio estar trazendo o voleibol numa comunidade onde o foco era o futebol, não tinha expectativa nenhuma, nem conhecimento do que era este outro esporte , então foi um desafio para

a comunidade, até aceitar e entender qual era esta metodologia que vinha sendo trazida e para os jovens que vinham participar. E o que eu acho que foi positivo, neste decorrer, em menos de 8 meses, deixa de ter 200 crianças e passa a ter 400 crianças, dobra este número. Então você vê que com esta metodologia, usando o esporte como ferramenta para a educação, tendo claro que não ia formar atletas mas sim indivíduos críticos e participantes, eu acho que teve uma avanço.

P- foi nesta mudança que eu cheguei.

L 1- Isso. Quando chega neste período, o próprio jovem dentro da comunidade, quando a A. (presidente da ONG) tinha a idéia de se fazer uma seleção da comunidade para trabalhar. Só que não tinha. Numa comunidade como Heliópolis, não tinha nem estudante, nem pensando nada na área de educação física.. Então eu acho que isto também foi bacana que trás um outro olhar para esta comunidade, abre ganchos para estudar em outras áreas. Mesmo alunos que estavam lá, como os jovens, nem todos queriam fazer educação física, tinham alunos que descobriram outras aptidões a partir do processo que foi implantado.
E hoje eu estava até conversando com as meninas, lembra quando você trouxe aquela proposta do card (cartões com desenhos de personagens macabros), que tinha aquele card que era o inferno, e depois você trás um outro, com uma outra metodologia, com uma outra proposta por trás, então estas coisas que às vezes, alguns projetos pecam em não trabalhar. Não trabalha o indivíduo como um todo, trabalha fragmentado. E aí não consegue enxergar e ter a evolução como teve.
Então eu acho que foi.. Está sendo, né? Tanto que é brotou em outros locais partindo daqui.

P- S. eu acho que foi você mesmo que me falou que existe uma certa triagem da comunidade, para projetos. Não é qualquer projeto que vem e é aplicado. Como é isso? Quais são os critérios?

L 1- Então, hoje eu acho que mudou bastante devido aquela época. Porque quando a A.(presidente da Ong) veio com aquela proposta, a comunidade era carente de algumas outras coisa que hoje eu acho que superou. Eu posso falar de hoje porque olhando ao ponto de vista das parcerias que esta entidade vem fazendo, são com outros focos. Mas naquele momento era a questão da reforma do espaço, a questão que dentro do Núcleo sócio-educativo tinha esta dificuldade da parte pedagógica. E a A. se propunha a trazer uma equipe para estar trabalhando

com os professores não era nada na área de educação física mas estar trabalhando a área pedagógica. O que era um plano de aula, todo um planejamento, começar este trabalho . Então eu acho que no momento ela veio traxendo alguma coisas. Ela tem uma parceria financeira que ela paga para a entidade (Associação local) que era o custo a água, luz e alguns funcionários, então tinha um recurso que era passado para a entidade, ainda é, mas ela vinha mais com esta proposta. E quando se trabalhava as lideranças, dentro da comunidade, quem ia fazer o que, então era dentro do perfil de que cada um tocava. Que quando começou a questão dos núcleos, nós éramos em 10 núcleos, quando se montou a entidade U. (associação local) eram só 3 núcleos sócio-educativo dentro da comunidade. Então a gente unificou estes 3 e juntou a direção, porque cada núcleo tinha seu trabalho. Um era focado mais na habitação, que era o nosso caso, e dentro do que você ia desenvolvendo dentro da comunidade você ia sendo destacado para algumas funções. Quando eu vim para cá, como eu não tinha um trabalho dentro da comunidade as pessoas não queriam me aceitar. Precisei mostrar muito qual era o interesse e que eu era moradora, para ficar. E aí, a partir do momento que eu comecei a entender qual era a proposta, ai eu fui me apropriando mais disto.

P- E com relação aos projeto? E me lembro que aparecia muito projeto de organizações e que às vezes vocês barravam.

L 1- Não tinha a ver, era só... Porque às vezes eles vinham com a cabeça de que era um zoológico, vamos lá olhar os bichinhos, vamos fazer uma coisinha ali e tudo bem. A proposta não era essa. Fora a questão política que tinha, hoje isto é muito forte, esta questão política dentro da área, acho que isto foi uma coisa tranqüila porque quando a A. veio ela não veio com uma linha política. Muitos vem com esta questão, que era meramente para levantar alguém, ou não tinha proposta nenhuma com a comunidade, era só aquele momento para quem estava desenvolvendo o projeto.

P- Tinha muito esta história de empresa vindo para cá para fazer alguma ação e...

L 1- Nossa, vinha muita gente. Teve várias pessoas. Porque Heliópolis tem uma história, por exemplo, o Cingapura daqui é diferente, porque ? Porque Heliópolis é diferente. Tem comércio, 3

quartos, porque quando vinham e diziam vai ser assim a gente dizia não, vamos conversar. Então esta forma de se organizar , o povo quando passa a ter consciência da força que ele tem, eu acho que ele muda. Hoje eu acho que não é que a gente está perdendo este foco, a partir do momento que você começa verticalizar e não ter um trabalho, porque hoje ele luta pela moradia, depois a saúde, a educação, você não pode perder este grupo, com uma luta pequena. Você tem que estra mostrando que tem outras bandeiras a ser conquistada. E é um trabalho contínuo e às vezes as entidades se perdem atrás de alguns projetos. Perdem a questão da base, da luta e vai administrar projeto.

P- Você acha que um projeto como este, de marketing e propaganda, a liderança acaba deixando fazer, e daí vem, maquia e dali a pouco vai embora. Como a comunidade se sente?

L 1– Eu acho que tem focos diferentes. Tem aquele que a comunidade deixa fazer tendo claro que é isso. Se ela deixa fazer tendo claro, eu acho que o posicionamento é outro. Se ela abreo espaço e com o tempo ela vai vendo que é este outro foco, ela também tem outro posicionamento. Hoje dentro da comunidade pode ter se perdido em alguns projetos que até entrou dentro da comunidade , por exemplo, a proposta da lavanderia, quando ela veio para cá era uma coisa, e a gente sentou, discutiu e mudou. E hoje, para a própria empresa é um projeto bacana, para a comunidade também, mas ele veio com outro foco, que era mesmo o marketing, tanto é que era um ponto estratégico, a placa da empresa muito maior que da entidade, e a entidade visou um outro lado, ela foi brigando no decorrer do processo, mostrando qual que era, se quer ficar, qual que era o foco, e se não muda a qualidade cai. Então eu acho que é isto que tem que ter esse olhar. Se a entidade vê que era uma coisa e faz outra e não breca... Eu acho que a comunidade não deixa isto acontecer. Eu acho que ela emperra, põe meios que o negócio não flui, então ela vai mostrando e ela tem meios de tirar.

P- Meu foco de estudo é o grupo de adolescentes que você conhece desde antes do projeto. Você identifica mudanças de comportamento na vida deles?

L 1- O pessoal colocava: “Ah, os seguidores do L. (Professor do projeto)!”. Mas não são os seguidores, porque é mais fácil você rotular do que você enxergar o que foi de positivo. Então eu

vejo como positivo do crescimento deles quanta pessoa dentro da comunidade. Esta leva de jovens que participaram deste processo, qual é a visão, qual o envolvimento? Porque a gente mora numa comunidade que o tráfico é muito ocioso, e você não vê nenhum desses jovens que participaram deste processo, envolvido. Então assim, teve crescimento para a família, teve jovens que estavam praticamente ruins na escola, e pelo contrário, tem jovens que estão chegando à universidade. Têm jovens que na mudança enquanto pessoa, de se cuidar, também isto teve. Ele se tornou mais questionador, mais amigo do outro. Eles se fortaleceram enquanto grupo. Eu acho que isso foi bacana, eles traziam coisas enquanto grupo. Não falavam no individual. E para esta comunidade acho que é isto que é importante, não é porque se você começa a trabalhar no individual, você se perde, e eles vieram com uma força enquanto o grupo. Então a metodologia, toda a parte que ensinou, era o esporte ali que ele ia ali praticar, brincar, mas ele levou tudo isto para dentro de sua casa. A relação com o pai, por exemplo a S. (jovem do proj) , é uma prova viva de como que foi esta situação. O que foi a gravidez, como foi vista esta gravidez, como a família enxergou. Se fosse em outro ponto, talvez a família tirasse de casa. E a família apoiou, mostrou para ela, ela foi buscar meios de sobreviver, então eu acho que teve um crescimento deste ponto de vista, a gente não pode ignorar, que não foi partindo de um processo, de um trabalho, de uma idéia, tanto é que eles estão aí, tem uma festa, está lá o grupo, a turma do bolinha. É bacana de se conversar, não é aqueles jovens que... e cada jovem tem seu momento, tem aquele que aproveitou mais, que se envolveu mais, tem aquele que escorou mais no outro, mas isto é normal. Se a gente não olhar isto como um fator que tem que acontecer... Mas eu acho que de crescimento para a comunidade teve vários que a gente pode pontuar. O D. (jovem do projeto) que vem com esta história do futebol, cai para dentro do voleibol, começa a se apaixonar por isso, muda enquanto postura, a família, então a gente tem exemplos dentro do processo, exemplos vivos, como os jovens, como o V (jovem do projeto) vivenciou, tinha uma idéia, não é isso, ele foi questionador até o momento que ele falou, não é isto que eu quero, não é nisto que eu acredito, isto eu acho que a gente levar também como positivo. Porque a gente não quer criar só aqueles jovens que só ouvem. Não, eu ouço, interpreto e vou agir do que eu acho que é melhor. Acho isto é bacana, este é o procedimento, acho que dentro de Heliópolis, dentro de qualquer uma, mas pelo histórico, nenhum destes jovens a gente perdeu para o outro lado. Que essa era a briga nossa. Teve até brigas feias de espaço, do outro acreditar que o dele é melhor que o meu, então eles estão aí, prova viva.

P- Existem diferenças marcantes entre os jovens que participam do projeto e os jovens que não participam?

L 1- Teve. Hoje eu não consigo mensurar isto, mas no período do processo que gente estava mais próximo. Não era diretamente relacionado na quadra mas a gente viu o resultado fora. Era com a família onde a gente estava mais focado. Tinha depoimentos de família que chorou quando o filho falou: " mãe, eu quero fazer uma universidade!". Não o fato dele quere fazer uma universidade, mas o fato dele conseguir sonhar ! Porque antes isto também não tinha. A questão do sonho, de ser feliz, porque ele estava ali porque ele acreditava naquele espaço, naquele projeto. Aquele projeto começou a fazer mais parte da casa dele do que a própria casa. Lembra o caso a F.? A família começou a ter ciúmes. E a mãe dela hoje me encontra e fala: "Ah, minha filha, aquele tempo que era bom e a gente não soube, hoje esta tudo largado, que não sei o que!" Mas é importante mãe você ter passado por isto também. Hoje na vida dela é para os netos que ela vai poder falar. Então é olhar este envolvimento, esta coisa, o que que a gente aprendeu com isso. A gente sofreu, teve momentos que a gente chorava, ia embora de bico, mas a gente teve um crescimento. Que nem eu falo, eu fiquei 19 anos dentro da U.(ONG da comunidade) e eu não posso falar, ah, só os 5 anos que eu passei a me apropriar desta metodologia que mudou, não, tive outros aprendizados que na universidade não vai te dar o certificado, mas você aprende a questionar, olhar por outro foco, viver com as diferenças, porque lá a gente tinha a crise dos Professores, dos professores, mas era tudo uma discussão saudável, porque? Porque olha para o lado do crescimento, e hoje não tem isso. Nem que seja, por menor que seja, não tem, a gente tem jovens que hoje são professores do núcleo sócio-educativo mas não tem essa preocupação. Por quê? Porque não foi plantado ali...

P- Você consegue me dizer por que aqueles jovens foram tão compromissados?

L 1- De inicio eu acho que um dos motivos era a questão até a carência. Dele ter um espaço de alguém que ouvisse, que desse atenção, acho que o primeiro foco foi esse.
Depois eu também consigo olhar que eles começaram a ver a importância, porque eles começara a sair desta comunidade, deste mundinho, foram viver outras experiências, conhecer outras

pessoas e começaram a ver que o mundo não é só Heliópolis. Que não é só essa realidade. E que ele poderia estar lá como estar aqui, mas ele precisava construir algumas coisas. Então eu acho que foi este processo. Mas o primeiro foco foi mesmo a questão da carência, sabe. De ter alguém mesmo que olhasse. Eles chegaram lá, uns chegaram tão desengonçados, tão sem nada, e de repente você viu um homem, virou um homem, sabe, de cabeça, de atitudes, então eu acho que isto contribuiu.

P- Quais as qualidades que eu devo procurar num Professor de educação física para trabalhar num projeto social através do esporte?

L 1- Primeiro eu acho que é o compromisso. Compromisso com a bandeira de luta que o projeto trás. Não que ele não vá trazer seus valores, que ele acredita dentro do que é a proposta, mas acho que primeiro é ele ter um diagnóstico do que é este processo, esta comunidade, esta demanda, entender o que está por trás deste profissional através não só de sua qualificação como Professor de educação física ou de psicologia, pedagogia, mas ele enquanto pessoa, o que ele trás de valor, estes valores vão contribuir para esta missão, esta bandeira de luta que eu acredito? Então eu acho que este é um dos diagnósticos. Outra coisa, antes tinha isto, você tem que morar na comunidade, entender a comunidade, para fazer parte, hoje nós não temos este olhar, pelo menos o grupo que a gente participa não é o local onde mora, mas sim a questão do compromisso, do respeito com o grupo, nem que ele traga idéias diferentes, é tentar trabalhar a diversidade de idéias, porque isto também para nós está sendo um desafio. Porque. Porque antes a gente era aquela cultura, tem que ser de Heliópolis, a gente era que nem uma tribo mesmo. E essa tribo foi abrindo outros olhares, que teve pessoas que não eram e teve contribuições fundamentais para esta comunidade, para esta história. Então hoje se tem parcerias com várias linhas tanto na parte política como na parte profissional. Então hoje a primeira coisa é ter compromisso, ver quais são seus valores, o que ele carrega, e qual é sua proposta como ser humano para esta comunidade. Porquê ele quer desenvolver um trabalho nesta comunidade? Que ele foca? Porque Heliópolis tem um histórico, eu acho que quem passa por aqui, tanto quem vem, ou quem fica, tem um aprendizado. Com quem chega a gente trás muito isso, a gente aprende muito mas também quem vai leva muito. Então eu acho que é ter este entendimento. Porque no início, quando se fala em Heliópolis, às vezes assusta. Na universidade é assim, quando a gente estava lá, os primeiros dias era vamos

apresentar a turma... Todo mundo, moro em tal lugar, tal lugar, quando falava em Heliópolis, todo mundo olhava para trás, que nem, nossa!!! E aí a gente foi mostrando no dia a dia que a gente tinha muito mais a contribuir do que quem era lá... e fora, no início, as pessoas que tinham vergonha de dizer que moravam em Heliópolis. Tinha todo um histórico que não queria falar que morava no Heliópolis. E a partir de algumas atitudes de pessoas que começaram a ver que dentro da própria universidade, que tinha resultado, daí todo mundo queria falar daqui: " Ah, vou fazer meu estágio em Heliópolis!" , " Ah, eu vou visitar a creche de Heliópolis! ", " Ah, eu quero conhecer..." porque, porque era rico, a história que se tem de luta, de organização, de resistência, é forte e é isso que a gente trás bem bacana para esta comunidade. Porque a gente não se perdeu dentro disso. Conseguiu várias vitórias mediante esta organização.

P- quando você fala de compromisso...

L 1- Com a organização da entidade que você entra. È o que eu falo, é vestir a camisa. Não que ele não respeite, a entidade não vai respeitar o que ele trás, mas quando ele vem para esta entidade, quais são, o que esta entidade rege, o que que ela tem, é isto o que eu quero para mim também? Porque o Professor tem que entender, eu vou entrar numa coisa pelo financeiro ou por que eu acredito? Porque a gente sabe, toda área tem o Professor e o Professor, entendeu? Porque cada um prega algumas coisas, acredita e não está errado porque acredita no a ou b, mas desde que você vá fazer algo que você queira, tem que ser desde aquela parte que você também acredita. Porque aí você vai fazer melhor, vai se envolver mais, vai ter o retorno, vai ser gratificante, é o que eu falei no início, se o jovem se via como sujeito e valorizado, ele rende muito mais, num curto espaço de tempo. Então o profissional, se ele está numa área, é prazerosa, é gratificante, é aquilo que ele acredita, às vezes o financeiro não é tudo, às vezes o financeiro é o mínimo. Ele também tem seu conhecimento, seu crescimento, que é muito mais além. Então é isso que eu acho, quando eu falo de compromisso, é este perfil de compromisso. Não é o compromisso de estar lá no horário, sabe? Não é esta regrinha... Não, é o compromisso da pessoa, do ser humano, do indivíduo e dos valores que ele trás.

P- eu me lembro que uma das coisas que você sempre sugeria e que eu me arrependo de não ter conseguido fazer, fiz muito pouco, que era a importância da gente visitar a família. Porque você acha que isto é importante?

L 1- Porque é o que eu falei, é você ter o diagnóstico do seu aluno, você entender porque que seu aluno chega de chinelo, com a camisa rasgada, ou que ele chega machucado, ou porque ele está de mal humor, ou porque ele chega e não está cheirando bem, esta realidade, se você vai à casa do aluno, você vai entender o que ... Tinha situações que a gente queria resolver dentro do projeto, quando nós saímos para fora, falamos, meu, tem que trabalhar lá! Não adianta nada eu fazer qualquer coisa com a criança aqui que eu estou massacrando ela, porque quando ela volta para lá a situação é outra, então eu tenho que ter um outro caminho, então eu tenho que trabalhar em conjunto, a família com a criança e o profissional, porque se ele conhece melhor a família, a realidade, se aproxima dos pais. O pai, às vezes, precisa de um momento para conversar. Tem pai que vem falar de coisas... Olha, tá vendo, eu acho que tenho que fazer psicologia, eu não tenho que fazer pedagogia, porque ele quer ouvir, desabafar, falar de casos... e você , nossa, essa família tem essa situação? Teve Professor que tiveram esta resistência, aqui, sendo morador, a porque que eu tenho que ir lá na casa, a mãe já esteve aqui, fez inscrição? Vamos lá, vamos visitar... E aí quando vem, nossa, S. , olha isso, olha aquilo! Então olha o olhar que este Professor vai, e isto também é importante, ele ter o entendimento de qual o olhar ele vai, não vai lá para olhar se a casa está limpa, não, não é este foco. Qual é esta relação com esta criança, como ela é vista dentro deste contexto da família. Que nem, que a gente teve lá no projeto que a menina era abusada pelo irmão, quando você chama a família para conversar a mãe também tinha sido, e lá atrás nunca resolveu. Você entendeu, como é importante você está junto da família para conseguir construir e às vezes a família não tem esta oportunidade. E a gente pode proporcionar.

P- Quais são as características de um projeto social com esporte que você acha importante?

Sim- Então, o danado do esporte, uma vez a A. me levou para um seminário na rede de atletas. Eu falei, o que eu vou fazer lá? Porque meu conhecimento não tinha nada a ver com o esporte. Tanto é que quando eu cheguei lá não sabia nem quem eram os atletas. O único que eu conhecia, ah, A. eu acho que aquele lá é o barquinho. Lars Grael, e eu falando que era do barquinho. Não

que eu não tiro isto como uma vivência que você tira pontos positivos de aprendizado. Mas não é a praia, entendeu, então eu acho que assim, olhando leiga, no processo como esporte eu acho que é o processo de que o esporte não é saúde, porque se você for olhar de fundo, o que é o esporte, ele não é saúde, tortura, massacra, acaba com o profissional, mas se você trabalha o esporte como questão de construção do indivíduo, trabalhando, usando, porque o atrativo é o danado do futebol, do voleibol, do hand, dos basquete, é isso, o povo brasileiro é o samba e o esporte, o futebol. Então usar este eixo, que é esta vontade, porque é ainda a visão do esporte para as comunidades carentes é do crescimento e ganhar grana. Você entendeu? Eu achei muito bacana quando a A. fez a primeira reunião de pais e os pais todos lá com máquina, preocupados em tirar foto, e ela foi e , não estou aqui para formar atletas, e sim indivíduos, e que foi esta metodologia que vocês vem trazendo, de focar isto. Mas o esporte tem um lado obscuro atrás dele, então é desmistificar e valorizar mais o ser humano, não com a questão da mídia, do acabar com o atleta porque se não render ele não ganha, então quebrar isto e tentar trabalhar este outro lado, que é isto o que vocês fizeram um pouco, você trouxe uma metodologia que não era focar o esporte pelo esporte, a gente tinha até atrito quando vinha a U.(empresa patrocinadora) e vocês tem que arrumar, que não sei o que, nós não estávamos arrumando para o patrocinador, arrumando aquilo que a gente já fazia, é que as vezes as pessoas falam, ah, vocês só arrumam a casa quando chega visita, isto também a gente quebrou um pouco, não tem essa, ele vai chegar e enxergar qual é a nossa realidade, o que a t precisa, o que as vezes é até melhor, porque ele vai olhar e falar, nossa, isto eu posso contribuir. E tem coisa que e gente não sabemos tudo, também. Tem que terá vivência para avaliar, que nem hoje eu posso falar do esporte por este ângulo, porque até então esporte era jogar a bolinha na quadra joga no gole sai gritando. Para mim mudou hoje que esporte não é saúde, se tem um mito muito grande do que é o esporte, quais são os valores que este profissional trás para desenvolver esta prática? Vindo para uma comunidade como Heliópolis, a gente vai falar da carência, da ambição, do querer mudar de vida, e acha que o pulo é o esporte. E não é, então eu acho que dentro do esporte, ao meu olhar é isso.

P- Você acha que para ensinar o esporte, até que ponto a gente vai? A gente fica naquela maneira lúdica ou a gente vai além disso?

L 1- Eu acho que o esporte em si ele tem um objetivo, o que eu fico atrás é não valorizar o lado escuro do esporte. Mas se você estar formando o esporte para competir, você tem que trabalhar e mostrando o que ele ganha, quais são os ganhos e quais são as perdas. Porque não adiante eu falar que só tem ganhos e não vou trabalhar a perda. Quando chegar a perda, vai ser tão sofrido que ele não vai saber valorizar nada daquilo que ele investiu. Nem que o ganho seja muito mínimo, ele nem vai valorizar o mínimo. Ele vai só olhar para a perda. Isso é difícil trabalhar no indivíduo porque a gente está treinado a ganhar. Eu lembro a primeira vez que eu fui para Curitiba (onde se realiza um torneio nacional do projeto) quase bati numa juíza lá, é, meus meninos, e a mulher estava roubando? No meu ponto de vista! A A. falava, calma, e daqui a pouco ela estava pior que eu. Então é de se trabalhar, porque tem aquilo de você fechar. Então, esta vivência de Curitiba, para mim foi o primeiro momento que nós saímos com eles daqui e na minha cabeça nós íamos competir, e não ia lá brincar de bolinha, não. Eu saí lá de Heliópolis para vir brincar de bolinha? Com todo sofrimento para estar aqui e a mulher ainda falou que não tinha ponto? Quase me peguei com a juíza. No final eles trocaram. Mas eu acho que é isto, já que você está ali, você tem que saber quais são as regras verdadeiras, e aí você vai estar fortalecendo seu grupo porque ele está tendo entendimento do todo, se você trabalha o indivíduo picado, o rendimento dele é picado. E você não pode cobrar um rendimento integral. Porque você está vendo ali que ele tem que render, que ele tem que fazer o gol, dar a sacada ou dar a cortada, ele só vai saber fazer muito bem aquilo, o dia em que ele tem que cortar, sacar, atacar, acabou o cara. Então eu acho que tem que trabalhar tendo claro qual é o objetivo que você quer com seu esporte, com este grupo qual é o foco que eu quero atingir, também deixe claro para ele, e aí ele vai ter esta opção, é isto mesmo que eu quero, é desta forma que eu quero trabalhar, e ele vai render muito mais.

P- Só mais uma questão. A gente tem escutado muito nas entrevistas, não era nem o objetivo do estudo, mas muita gente tem se queixado que o projeto mudou. Como você enxerga isto? O que mudou?

L 1- Eu acho que mudou, no meu ponto de vista, a equipe, a proposta, não é que os que estão não tem compromisso, o foco é outro. Fragmentou, quando você divide você não soma, isto são resultados que a gente viu que mesmo com o grupo, na época, duas propostas diferentes, mas tinham o foco de construção lá na ponta, a gente podia traçar diferentes caminhos, mas ia para o

mesmo rumo. Este é o diferencial. Então é assim, ficou nítido! O espaço não é a reforma (estava sendo realizado reforma nas instalações do núcleo), é a proposta. Se a proposta não é atrativa (põe a mão no coração) não tem público. E hoje é assim, no voleibol, a gente brigava, tem mães que vem aqui, S. antes vocês brigavam porque um por família (regra de inclusão no projeto, uma criança por família, devido ao grande número de interessados), hoje eles oferecem para a família toda e ninguém quer. Então isto eu acho que ficou muito marcante. Porque o espaço em si é o mesmo, mas quem está dentro do projeto, do espaço, não sei se mudou também a metodologia do I., porque eu me distanciei um pouco disto, não posso dizer, mas eu digo do você vê lá, não tem...

P- Este atrativo, qual é? Qual o atrativo de antes que hoje não tem?

L 1- Eu acho que a motivação dos profissionais, a proposta que trazia era coletiva para o grupo, respeitava as diferenças de níveis de participação, porque eu lembro, mas só fulaninho que vai, porque o outro tava lá, nem que fosse, entendeu? Tinha o que era o bom, não que quando ia competir você não punha todo mundo, mas ele estava lá dando o máximo de si, olha, você não é bom para sacar, ele conseguia enxergar, mas para estar ali cortando sou eu o cara, e eu faço parte deste time e se eu não estiver o time também não vence. Então tinha esta motivação. A motivação eu acho que é fundamental, e hoje eu não sinto o grupo motivado. Não conheço mais qual é a proposta do grupo que está lá, eles não se vêem como um todo e sim eu sou eu e você é você, não? Se fosse um grupo que se competisse entre si ia ser bom porque ia mostrar outras coisas,mas nem competir entre si eles estão conseguindo. Não porque aí você cotuca o outro e você não fez e aí...Mas nem isso! Então você vê um negócio apático, sem vida, porque eu acho que os profissionais se desgastaram de uma tal forma, que veio também de um processo político, da própria linha da entidade, tem todo um histórico atrás disto que mostra a deficiência. Todo projeto só tem um sucesso quando ele é visto por todas as partes envolvidas que ele é importante! Mesmo que tenham pontos de vista diferentes, mas que ele é importante para tal coisa. E e aí eu vou buscar o meu melhor de mim para tal coisa, o outro o outro e a gente vai fechar este quebra-cabeça. Se a gente não vê desta forma, não tem crescimento, não tem sucesso. E o sucesso individual é muito curto, ele acaba muito rápido, é aquele momento. Ele não tem uma vasta extensão de reconhecimento. Eu acho que para o profissional isso deve ser muito frustrante. Mas quando ele consegue enxergar como o todo, e que eu contribuir com o meu melhor também, mas

não é tudo também, por exemplo, de esporte eu não sei falar, mas de luta, de organização, de estar junto do povo, de ouvir, porque é ele que vai te trazer... isto eu sei dizer, e que para nós esta creche foi deste jeito. Nós pegamos isto aqui sem condições, ninguém falava que ia dar certo, mas teve um grupo que acreditou, tanto acreditou que hoje a gente conversando com o presidente da Associação, ele falou, gente nós temos outras unidades e só falam da J.B. (creche que a liderança está à frente atualmente). Eu falei, não é que a J.B. está fechada (não tem vagas) porque ela faz o certo, é diferente quando você motiva e mostra para o grupo que ele é linear, não tem isso (gesticula a relação vertical). Tanto é que teve um rapaz que veio conhecer, e eu estava fazendo outras coisas, e ele falou: Mas quem é a diretora? Sou eu. Mas é você? E o povo te trata assim? Eu falei, não , se eu tiver um tratamento distante do meu grupo, eu não vou saber o que meu grupo pensa, o que meu grupo fala, quais são os desafios, os medos, que eu também tenho e eu tenho que compartilhar. Eu vim de uma área que não tem nada a ver a faixa etária, eu não sei mas nós vamos aprender juntos. E foi bacana e a gente está construindo aqui uma outra história.

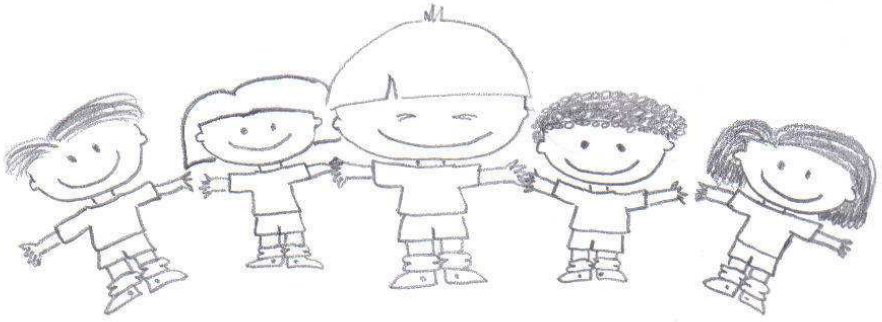
Anexo 3

Encarte para retorno da pesquisa à comunidade.

Obs.: Este encarte será impresso no formato paisagem.

ENCARTE ESPECIAL

ALGO PARA ALÉM DE TIRAR AS CRIANÇAS DA RUA:
o que os jovens desejam em um projeto socioeducativo



Resumo das análises da pesquisa realizada no programa de mestrado
da Faculdade de Educação Física da UNICAMP
pelo Professor Leopoldo Katsuki Hirama

Apresentação

Olá amigos de Heliópolis!

É com satisfação que apresentamos este encarte como uma das formas de retribuir todo o ensinamento que seus moradores ofereceram para mim e toda comunidade científica que este estudo irá alcançar.

Fui Professor durante 3 anos, do início de 2003 ao final de 2005, no projeto esportivo realizado no Núcleo Socioeducativo do Heliópolis, conhecido, na época, como Sede. Após este período resolvi pesquisar quais os pontos mais importantes que os jovens e seus responsáveis envolvidos nas atividades acham que devem ser observados em um projeto social que tem o esporte como eixo de trabalho.

Nesta pesquisa, vinculada a Faculdade de Educação Física da Unicamp, entrevistei ao todo 30 pessoas que fazem parte de grupos diferenciados:

1- Jovens que viveram o projeto na época em que fui Professor;
2- Jovens de geração mais nova, muitos deles ainda no projeto;
3- Mães dos educandos;
4- Professores e ex-Professores do projeto;
5- Liderança comunitária da época em que fui Professor do projeto.

Os nomes dos entrevistados não são divulgados, pois seguimos um compromisso ético para não comprometer nenhum dos participantes.

Os resultados são apresentados em duas partes:

- ✓ Características gerais do cotidiano dos entrevistados: levantamos informações que julgamos importantes para o tema do estudo.
- ✓ Características do projeto esportivo vivido.

Esperamos que as informações deste encarte possam contribuir de alguma forma para a luta constante desta comunidade para a melhoria das condições de vida de seus moradores!



Primeira parte

O dia a dia dos jovens: como foi crescer na comunidade de Heliópolis.

Para melhor compreender a comunidade, foi perguntado nas entrevistas como foi crescer em Heliópolis, as casas, as brincadeiras de rua e também os sentimentos que seus moradores constroem. Vamos mostrar o que percebemos em itens:

1- Dentro de casa é mais seguro!

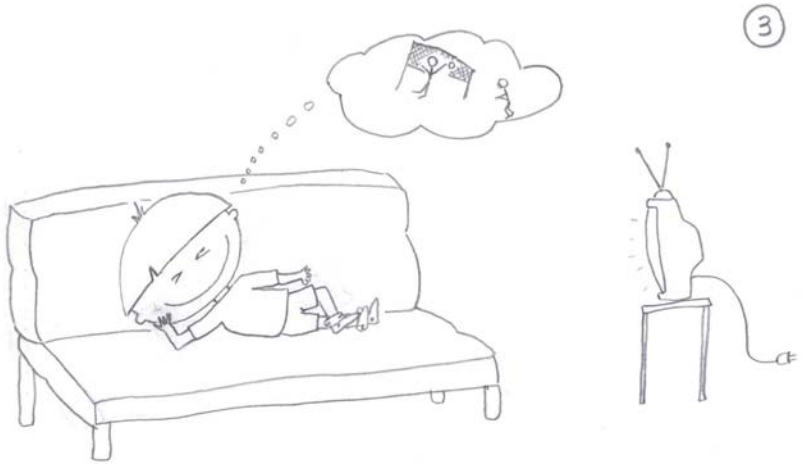
Crescer na comunidade teve experiências diferentes conforme o local onde os jovens cresceram. Alguns afirmam terem podido brincar bastante na rua com os amigos, numa infância "normal".

No entanto, vários jovens disseram que não podiam sair de casa, pois suas mães não permitiam, com receio da violência. Então, a rotina se resumia em ir para a escola, voltar para a casa e lá ficar, tendo como diversão ou ocupação, assistir à televisão.

Veja o comentário de uma mãe:

> Mãe: Não, o V. não teve disso! Isto de correr na rua, não teve. Não jogava bola, eu não deixava. Às vezes eu achava que eu sufocava.
> Pesquisador: E a brincadeira dele dentro de casa como era?
> Mãe: Dentro de casa era com os primos, com minhas irmãs. Só dentro de casa. Televisão, nem vídeo game tinha na época. Mas era mais com minha irmã.

A opção de participar do projeto esportivo significou a ampliação de um espaço de convívio e aprendizagem. No lugar da televisão o esporte, e ao invés de passar várias horas dentro de casa, poder aprender e conviver no projeto.

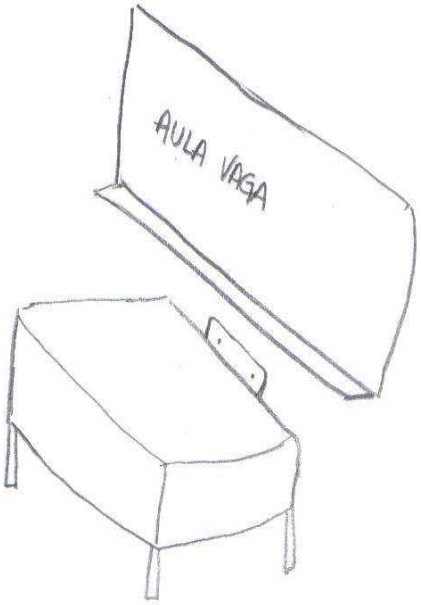


2- A escola e os jovens

Muitos jovens afirmaram que tiveram boas recordações de suas escolas. No entanto, más lembranças também fizeram parte. A maioria se referia a posturas inadequadas dos Professores, que inclusive atestavam suas ausências constantes, pois, como os educandos eram dispensados da escola, muitos passavam o dia no projeto.

Apesar de não encontrarmos nenhum depoimento afirmando falta de vagas, a qualidade da escola é colocada em dúvida. A média da nota do ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio) que avalia a qualidade de ensino de todo o país e que pode auxiliar os educandos ao ingresso no ensino superior mostra que as escolas da região estão situadas de forma mediana, isto é, estão longe de serem as piores do país, mas também de serem as melhores.



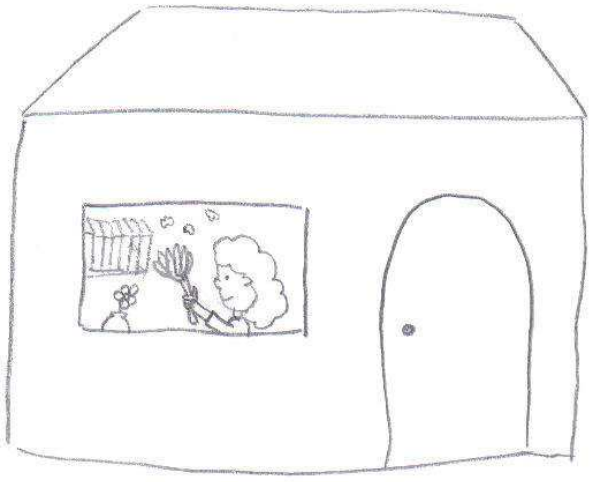


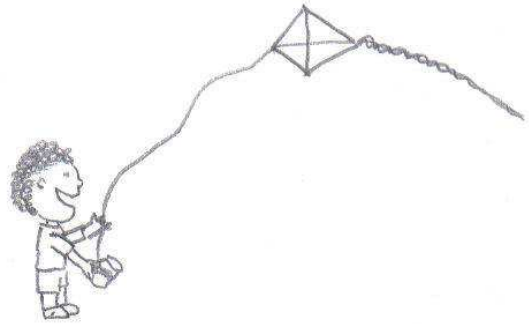
3- As diferenças entre os meninos e meninas

Também ficou claro a diferença das responsabilidades entre as meninas e meninos. As moças, em geral, eram responsáveis por cuidar das atividades domésticas e dos irmãos mais novos. Apenas alguns meninos afirmaram que ajudavam em um ou outro serviço de casa.

As moças alegavam que estas diferenças provocavam uma falta de tempo para se dedicarem mais ao projeto. Muitas acabaram tendo desentendimentos na família para conseguir participar das atividades esportivas.

Portanto, estas são características importantes que devem ser levadas em consideração ao se propor ou planejar projetos que envolvam jovens do sexo feminino.





Segunda parte:

As características do projeto esportivo

Nesta segunda parte tratamos dos temas levantados nas entrevistas nos quais se indicam maior importância quando se trata de projetos sociais esportivos.

Aqui também vamos destacá-los em itens:

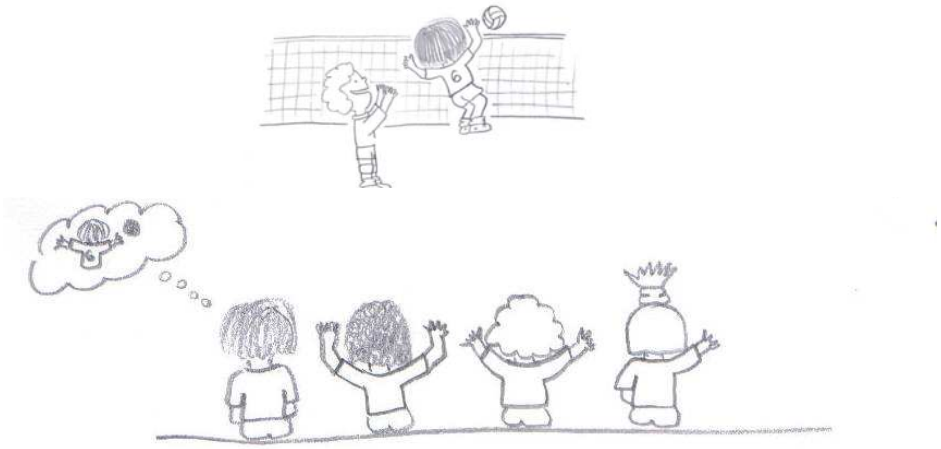
1- Profundidade e continuidade no esporte

Encontramos em diversos depoimentos o desejo de aprender cada vez mais o esporte oferecido. Alguns estudiosos afirmam que é da natureza humana a vontade de evoluir, buscando melhorias no que faz. Isto se confirma nos jovens:

> Eu acho essencial, porque acaba sendo uma razão de ser, não quer dizer que as pessoas que estão no grupo de treinamento sejam superiores, mas é um grau que todo mundo quer atingir, a gente chegar lá e estar com as pessoas que estão jogando bem, que estão participando de outras coisas, porque assim como os treinamentos são mais intensas, as experiências acabam sendo, eu acredito. Eu acho que é importante sim e acaba impulsionando o próprio projeto, acaba motivando os educandos para que eles cheguem até lá e quem já está lá que continue melhorando sempre.

Valores como superação, esforço, trabalho em equipe foram desenvolvidos, conforme afirmação dos jovens. Competir, como forma de por à prova os esforços e a evolução alcançada foi colocado como uma experiência importante. A frustração pelas derrotas trouxeram ricos ensinamentos e as vitórias confirmaram o crescimento.

> Eu acho que a coisa mais importante, fazendo um resumo destas duas temporadas no pré-olímpico, foram as nossas derrotas. Eu acho que a gente cresceu muito mais com as derrotas do que com as vitórias, as nossas 2 vitórias. Que foram aceitas muito bem, mostrou nossa superação, só que a gente cresceu demais, a gente crescia muito por causa das nossas derrotas.



A competição também ofereceu para o grupo a oportunidade de conhecer outras equipes, cidades e estruturas, fato colocado como muito positivo que proporcionou o rompimento do isolamento vivido e explicado anteriormente.



Participar dos treinamentos estimulou os sonhos dos jovens. Alguns afirmaram que antes do projeto, não sonhavam com nenhuma conquista ou objetivo. Inicialmente o sonho era o de ser jogador de voleibol da seleção. Nenhum o conquistou, mas isto não os impediu de sonhar outros objetivos a serem alcançados. Alguns, por exemplo, já estão a caminho de concretizá-los, como no caso dos que estão fazendo faculdade.

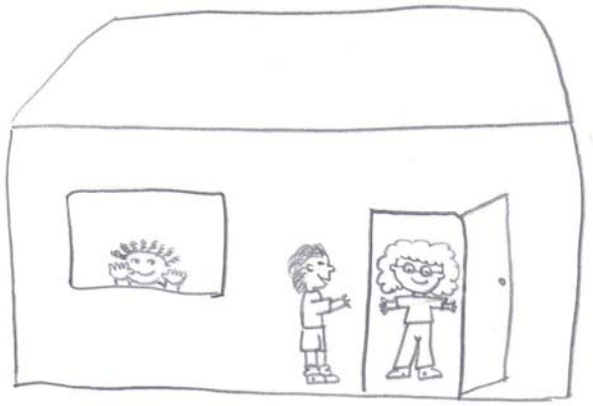
2- Proximidade Professor e educando

O Professor que conhece seus educandos, suas dificuldades, rotinas, família e comunidade, é o que a maioria responde quando perguntamos o que o profissional deve apresentar quando trabalha em um projeto social. Compreender a realidade de seus educandos deve servir para proporcionar estímulos mais próximos de suas reais necessidades.

Além disto, é exigida a postura comprometida do Professor, que deve ser um exemplo positivo:

> Acho que ser for um projeto social, tem que ter uma preocupação cem formar pessoas, em ser exemplo, é inevitável, os educandos vão olhar para esta pessoa e vão dizer: " puxa, quando eu crescer eu quero ser assim, eu quero fazer isso!"

O Professor também deve demonstrar disponibilidade e vontade de auxiliar na formação dos jovens. O objetivo do profissional deve ser contribuir para a formação do jovem antes da própria formação ou sucesso. Como diz uma jovem:



> Colocar Professores que tenham o mesmo tipo de pensamento, o mesmo tipo de força de vontade[...] De fazer a gente querer crescer, e não crescer em cima da gente.

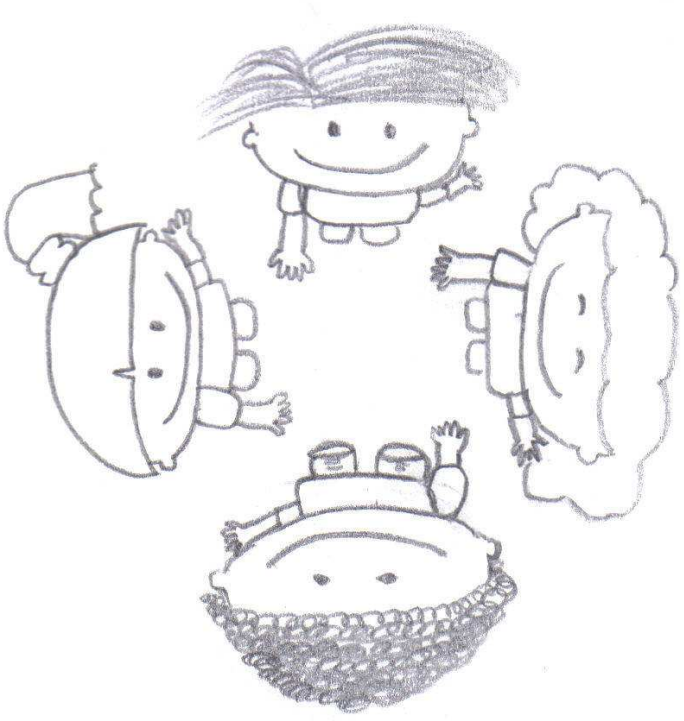
A proximidade se dá ao ponto de destacar a visita do Professor à própria casa dos educandos, oferecendo, desta forma, maior entendimento da realidade vivida pelas famílias da comunidade. Além disto, esta ação dá à família e ao próprio educando um sentimento de valorização pela presença de alguém preocupado e compromissado com a sua formação. Veja o que diz uma jovem quando perguntada se tinha alguma lembrança marcante para deixar registrada:

> Ah, tem. Foi quando o Professor foi atrás de mim, na minha casa, falar com minha mãe. Isso é uma característica que está faltando no nosso projeto agora. O Professor dava mais importância ao educando e não a si próprio.

3- Pertencer a um grupo

O fato de pertencer a um grupo com objetivos claros e desafios a serem superados apareceu nos depoimentos como uma situação muito destacada entre os jovens.

Estudos indicam que pertencer a uma turma ou grupo faz parte da formação do caráter e personalidade do jovem. No entanto é importante para os pais perceberem quais são os valores cultivados por tais turmas. Como se sabe, muitos grupos se envolvem com ações negativas como violência, furtos, preconceitos.



No caso do projeto esportivo, os valores desenvolvidos em grupo afirmados pelos jovens foram a amizade, inclusão, trabalho em equipe, responsabilidade coletiva.

O ambiente construído foi colocado como tão positivo que o projeto se tornou uma extensão da própria casa, ou, como disse uma jovem, a 2ª casa:

> Com certeza. A gente chamava ali de segunda casa. A gente se sentia bem lá dentro.

Professores, mães e liderança entrevistados afirmam que este sentimento de grupo e de amizade é visível até hoje, após pelo menos 2 anos de encerramento das atividades esportivas por estes jovens. Ela é confirmada através dos encontros constantes dos jovens e a participação em eventos afirmada nos depoimentos:

> Liderança: [...] então eu acho que teve um crescimento deste ponto de vista, a gente não pode ignorar, que não foi partindo de um processo, de um trabalho, de uma idéia, tanto é que eles estão aí, tem uma festa, está lá o grupo, a turma do bolinha.
>
> Professor: Eu acho que esta equipe que existia naquela época ainda existe. Não a equipe em jogo, mas a amizade, o cuidado entre eles. O grupo ainda existe. [...] Eu pelo menos, só encontro eles aos bandos, parecem umas maritacas! [...] quer dizer, eu nunca encontrei eles sozinhos.

O sentimento de pertencer a um grupo também proporcionou aos jovens benefícios à auto-estima, como afirma uma Professora:

> Eu acho que a própria valorização, não da comunidade, mas deles como pessoa, não sei se é auto-estima, mas é o valor, eles se cuidam na relação com drogas, eu não vi nenhum deles envolvido com isto. Eu não sei se o nome que se dá a isso é valor, mas eu consigo ver no cuidado com eles mesmos, no amor por si próprio. É isso que eu enxergo, que eles se gostam, que independente da situação eles conseguem se auto valorizar.

Reflexões finais

É possível afirmar que os projetos sociais em comunidades periféricas oferecem uma série de estímulos importantes para seus moradores.

Mas é preciso pensar também com muito cuidado e carinho em como e no que oferecer. Exigir qualidade nas atividades propostas.

Alba Zaluar, estudiosa no assunto, afirmou ter encontrado uma prática que dizia que em projetos sociais para crianças carentes qualquer coisa oferecida estava bom. Acreditamos que a lógica deva se inverter. A qualidade deve estar sempre à frente nas propostas socioeducativas, sejam realizadas através ou não do esporte.

E, conforme verificado na pesquisa, para se ter qualidade é necessário:

-Conhecimento da comunidade na qual o projeto está inserido.

-Oferecer profundidade e continuidade no aprendizado, pois existe o desejo de aprender cada vez mais.

-Que os Professores sejam pessoas compromissadas com a missão de transformar, colaborar com a formação, sejam disponíveis, próximos de seus educandos e que represente um bom exemplo a ser seguido.

-E finalmente, que se oportunize a formação de um grupo com objetivos a serem alcançados, seguindo valores que colaborem positivamente para a sua formação e que ofereça o orgulho de pertencer a uma turma que se respeite e que se reúnam pela amizade.

Estas considerações foram levantadas a partir do estudo específico de um grupo reduzido de jovens. As afirmações não podem ser consideradas como regras ou leis em todo ou qualquer projeto socioeducativo, mas esperamos que possa pelo menos servir de base para discussões e reflexões na busca da qualidade das propostas que nossos jovens moradores de comunidades periféricas tanto necessitam e principalmente merecem!

Obrigado!

Prof. Leopoldo Katsuki Hirama

Prof. Dr. Paulo Cesar Montagner

